REGINA BEATRIZ GUIMARÃES NETO

GRUPIARAS E MONCHÕES

Garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso - primeira metade do século vinte.

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de doutor em História à Banca Examinadora da UNICAMP, sob a orientação do Professor Doutor Paulo Miceli.

CAMPINAS - SP

1996

97o513g

G947g
30176/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE IFCH
N.º CHAMADA:
UNICAMP
G947g
V. Ex.
TOMBO BC/ 30176
PROC. 28.1.97
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 15/05/97
Nº CPD

CM-00099467-5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTEGA DO IFCH - UNICAMP

G947g

Guimarães Neto, Regina Beatriz
Grupiaras e monchões : garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso-primeira metade do século vinte / Regina Beatriz Guimarães Neto. - - Campinas, SP: [s.n.] , 1996.

Orientador: Paulo Miceli.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Urbanizacão. 2. Diamante- Minas e mineração. 3. Migração interna. 4. Cidades e vilas. I. Miceli, Paulo II.Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

À memória de Alcir Lenharo,

mestre, amigo e luminar.

Aos meus pais, João Antônio Neto e Eva Balbino Guimarães Neto,

personagens que deram vida a essa história.

"...para a vida, se nasce de tantos modos, de tantas formas... Árvore ou pedra, água ou borboleta... ou mulher... E que se nasce também personagem!"

Luigi Pirandello, *Seis personagens à procura de um autor*

ÍNDICE

Apresentação..... 1

INTRODUÇÃO..... 6

I. PELAS ROTAS DOS SERTÕES..... 22

Povoamento e história..... 22

Artes da memória e as fontes históricas..... 42

II. DO TEMPO DAS FAZENDAS..... 56

III. DO CAMINHO DOS NORTISTAS..... 100

A migração..... 100

O sul do Pará: fragmentos da passagem nordestina..... 117

O *tropeiro* dos sertões: rumo aos garimpos de Mato Grosso..... 130

A viagem pelo rio Araguaia..... 142

IV. A CIDADE DO GARIMPO E OS ARTIFÍCIOS DE CIVILIDADE..... 158

Lageado: cenários..... 158

Poder e comércio do diamante..... 172

Imprensa e imagem citadina..... 193

V. A MEMÓRIA E OS ESPAÇOS DA CIDADE..... 213

Lembranças do colégio..... 215

Letrados e imprensa literária..... 228

Leituras, teatro, informações e artes cotidianas..... 240

Festas: espaços de santos e de homens..... 258

VI. BIBLIOGRAFIA..... 277

VII. ARQUIVOS E BIBLIOTECAS..... 283

VII. ANEXOS..... 284

APRESENTAÇÃO

Desde muito criança vivia ouvindo as histórias de minha mãe e suas irmãs sobre os "tempos das fazendas". Histórias que me embalavam e me faziam sonhar na doce quietude da imaginação; outras que me deixavam suspensa no ar, povoando meu mundo com fantasias que me eram *reais*, impressionando-me profundamente .

Minha mãe e suas irmãs - ao todo onze mulheres - estavam sempre a lembrar; um encontro familiar aqui, outro ali, desfiavam histórias e lembranças que se emendavam umas às outras, trazendo risos e prantos (e só agora me dou conta de que seus cinco irmãos só aparecem nessas histórias pela fala das mulheres). E eu, ali, a espreitar, acabava por viajar entre tempestades e ondas brandas, transportando-me para os *tempos das fazendas*, e como também ainda passeava, esforçando-me por acompanhá-las pelas ruas das pequenas cidades, introduzindo-me em seus encontros, suas festas, afligindo-me com suas decepções, mas solidária em suas alegrias... Minhas tias mais velhas passaram por sofrimentos inigualáveis em suas vidas: sem recursos médicos, viram filhos morrer em seus braços, morando em lugares de dificil acesso; em meio a opções muito limitadas, foram mulheres de maridos extremamente rudes, abrutalhados; e, diante de uma mão-de-obra escassa, as tarefas femininas sendo pesadas, tiveram trabalho dobrado. E muita solidão... Mas todas elas - mulheres invejáveis - gostavam de contar histórias, sempre a ensinar que a vida se enfrenta com astúcia e *ligeireza*, não se deixando petrificar sob o olhar da Medusa. Diziam que o segredo da vida está em nossa capacidade ilimitada de sonhar, pois assim podemos sair de onde estamos e sobrevoar outras paisagens...

Meus avós e tios paternos já contavam outras histórias. Tinham vindo, igual a muita gente, de lugares distantes, do Maranhão, da Bahia, para os garimpos de diamantes de Mato Grosso (antes

passando pelo sul do Pará - ponto de encontro dos "nordestinos da borracha"). Também conheceram dificuldades, entre um porto e outro, à beira do Araguaia, morando em cidadezinhas embrenhadas nas matas, esperando melhorar de vida. Meu avô era o homem que havia naufragado no grande rio Araguaia, perdendo todos os seus bens; minha avó - órfã aos dez anos de idade - foi a menina que desde cedo teve de aprender, pela dor, a enrijecer seu espírito. Mas, essencialmente, todos eles participaram da época da formação dos primeiros povoados mineradores dessa parte de Mato Grosso e, depois, do crescimento das pequenas cidades.

E assim me vi tentada a retomar essas histórias, eu que havia nascido do encontro de duas famílias - das fazendas e dos garimpos - que formaram os dois segmentos principais da formação social dessa parte do Estado de Mato Grosso.

Minha mãe, Eva Balbino Guimarães Neto, imagem luminosa, guiou-me pelo mundo das fazendas, com descrições que procuravam assinalar a aventura de viver naqueles tempos cheios de mistérios, medos, jagunços, transportando a atmosfera passada para o presente. Esteve sempre ao meu lado, ajudando-me com as fotografias, incentivando-me a escrever da melhor forma possível as histórias e demonstrando profunda solidariedade à minha pessoa nos momentos mais difíceis.

Meu pai, João Antônio Neto, descrevia os cenários da cidade com tal capacidade que parecia levar-me através dos tempos, fazendo-me sentir tanto o cheiro da poeira dos garimpos - chegando a ouvir o sibilar das balas que passavam - como o ar asséptico do colégio dos salesianos (que promovia a educação e a cultura nessas paragens do sertão mato-grossense - imbuídos de sua missão *civilizadora*). A sua experiência sempre esteve ligada a atividades culturais, desde o seu tempo de menino, nas escolas, escondendo-se para ler romances e estudar seus livros prediletos e, até depois, mesmo no exercício da magistratura, dedicando-se, toda a sua vida, a escrever poesias, contos e ensaios, e, hoje,

elaborando uma história do poder judiciário em Mato Grosso. Foi o interlocutor mais rico, dono de memória inesgotável, uma companhia alegre e cheia de *arte*: ajudou-me o tempo todo. Acompanhou com especial cuidado o percurso desse trabalho, corrigindo, sugerindo maior clareza ao texto e, fundamentalmente, estimulando-me com a ferramenta da coragem a continuidade do estudo aqui desenvolvido.

ALCIR LENHARO, lembrança indescritível, acompanhou-me nessas histórias, em grandes tempos da mais generosa amizade (sempre muito marcada por suas iniciativas solidárias), divertindo-se como só ele sabia fazer, apreciando o passado de todos os casos aqui relatados, surpreendendo-se a todo momento. Foi dele o estímulo que tive para transformá-las em estudo, mesmo considerando as dificuldades para lidar com a memória familiar. Mas isto não poderia impedir a realização do trabalho - dizia sempre, pelo contrário, era um desafio para o historiador, aguçado por sua curiosidade, quando percebe diante de si o espetáculo quase sempre comovente da vida, ou simplesmente pelo seu desejo de conhecer mundos diferentes. Orientador exigente, discutiu minuciosamente o trabalho comigo, formulando novas questões, fazendo correções e ajudando-me a dialogar com os depoimentos. Mesmo nos momentos mais difíceis procurou estar sempre por perto. Talvez seja por isso que a sua presença está inscrita nas páginas desta tese: em cada personagem vejo um pouco de seus gestos, de um riso ou uma dor, sobrepondo-se infindavelmente. Alcir Lenharo foi surpreendido pela morte fazendo o que mais gostava: orientando os seus alunos, esforçando-se, como nunca, em nos ajudar, permanecendo sempre em nossa lembrança.

Meu agradecimento especial ao Paulo Miceli. Acompanhou-me nos passos finais, em um momento difícil. Sua ajuda e presença afetiva foi inestimável. Por vários motivos. Em primeiro lugar,

encontrei um historiador lúcido que conhece verdadeiramente a arte da escrita da história e sabe conduzir-se com rara elegância para sugerir alterações e correções, que foram fundamentais para a finalização desse trabalho. E, depois, sua amizade e respeito pelo trabalho do Alcir foi uma forma de conhecê-lo melhor, aliás, seu livro[1] - infelizmente só agora fui lê-lo - trouxe-me alegria e confiança, pois também me senti à vontade com este historiador que gosta e se deixa seduzir pelos perigos e desafios da história.

Agradeço, ainda, a colaboração de amigos e colegas de trabalho que me permitiram melhorar o texto: Oswaldo Machado Filho, Clementino Nogueira Neto, Alfredo da Mota Menezes, Carlos Américo Bertolini e João Mariano de Oliveira. Com certeza, o estímulo e o carinho mais direto da Ana Maria de Souza, Ev. Praxedes, Eudson de Castro, Pereira da Viola, Marlene Xavier, Maria das Graças Custódio, Regina Célia Lisboa, Maurília Valderez, Darcy e André Ferreira, Tina e Tereza Balbino, Vane e Ricardo Barini e da Carlinha, foram fundamentais e insubstituíveis. Muito próximos, não posso deixar de mencionar a beleza e a ternura das palavras de Ivã e Solange, Fábio e Marilu, Augusto e Eduarda, amigos sempre.

Cláudio, Marcelo e Sérgio, companheiros dessa longa jornada, dividindo angústias, descobertas e alegrias, sabem que nada teria sentido sem eles.

Gilton infundiu - poeticamente - força criadora a este trabalho, sempre questionando e procurando sugerir "saídas", suas sugestões foram muito valiosas, compartilhando comigo todos os momentos de sua realização. Além disso, de suas palavras pude extrair grandes emoções e, essencialmente, entender que se pode escrever uma tese pensando a vida como "obra de arte".

---

[1] MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos - viagens e viajantes na história da expansão e da conquista.* São Paulo, SCRITTA, 1994.

A colaboração do Daniel e do Beto, para o trabalho de editoração do texto, foi imprescindível, pelo que aqui vai meu agradecimento.

Finalmente, também sou grata à PROPEP e ao Departamento de História da UFMT pelo afastamento concedido, assim como à CAPES pelo suporte financeiro.

INTRODUÇÃO

Ao apresentar este estudo sobre *garimpos*[2] *e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso* (primeira metade do século vinte), gostaria de indicar alguns pontos de referência que me permitiram delimitar a sua análise e tornar mais claros os caminhos percorridos. Entendo que para acompanhar o movimento de constituição dos povoados mineradores e, mais de perto, de uma das cidades que mais se destacou nesse processo - Guiratinga (antiga Lageado) - foi preciso, em primeiro lugar, recusar abordagens totalizantes e análises causais.

Procurei focalizar, antes de tudo, as ações humanas voltadas para criar condições de permanência num determinado espaço, possibilitando o surgimento dos pequenos núcleos urbanos. Mas, quero precisar logo de saída, foi pela análise de certos aspectos de sua organização e práticas sociais que me guiei, perscrutando tanto os *modos de proceder* das populações, frente a regras concebidas para planejar um modo de vida condizente com a instauração de um espaço urbano, orientando os comportamentos e os costumes dentro de padrões considerados *civilizados*, quanto de uma pluralidade de práticas sociais dispersas, pouco visíveis, em que ... "O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*."[3] Na verdade, selecionei alguns *pontos luminosos* reveladores de imagens da vida nas pequenas cidades da mineração (inclusive, em sua relação com as fazendas),

---

[2] O garimpo se realizou através de duas formas principais: o MONCHÃO e a GRUPIARA. Monchão é a mina em terrenos secos, 'a margem dos rios, geralmente nos cerrados; a grupiara é aberta nas barrancas, em contato com as águas. A primeira palavra, viria de "manchão", aumentativo de "mancha", ao rico depósito diamantífero; grupiara, é palavra Tupi, de GRU (seixos) + PIARA (seguir): depósito de cascalho.

[3] CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1994, p. 38.

acolhendo circunstâncias e personagens singulares, condições específicas e formas próprias de sobrevivência. Sem dúvida, a intenção passa por um tipo de enfoque que me faz lembrar, de imediato, essas palavras, sempre oportunas, de Simone de Beauvoir: "Tenho uma preferência particular por monografias. Tal como em Roma, no Aventino, através de um buraco de fechadura descobre-se um jardim e a cidade inteira, fixando minha atenção num pequeno ponto da terra, percebo mais além todo um país e suas relações com o mundo" [4]. Talvez, de uma maneira mais próxima a Leibniz, a noção de mônada é o que mais importa aqui, isto é, colocar em foco "uma pequena região luminosa"[5], propiciando a formulação de um ponto-de-vista, através do qual se exprime o mundo. Ora, tudo isso que permite explorar as singularidades implicadas e constituintes de uma formação social, para, enfim, investigar a própria invenção da vida (sua trama) que, enquanto tal, se encontra em comunicação com uma rede de acontecimentos - e ressonâncias - em outras experiências vivenciadas no interior do país.

Este estudo, portanto afasta-se dos grandes temas e de narrativas que têm como suporte uma continuidade histórica esquemática (*parecendo* que a história tem uma articulação natural), sempre voltado para a idéia de progresso, incapaz de estabelecer ligações históricas mais ricas. Isso pode ser facilmente observado nas construções da tradicional historiografia mato-grossense que apressa a indicar o surgimento das cidades, primeiro, em sua dimensão mítica, em função do "esforço heróico de milhares de nordestinos" em busca da riqueza das "lendárias lavras diamantíferas" - expressão do

---

[4] BEAUVOIR Simone de. *A força da idade*. Rio de Janeiro, Ed.Nova Fronteira.

[5] "É a proposição mais conhecida de Leibniz: cada alma ou sujeito (mônada) é inteiramente fechada, sem portas nem janelas, e contém o mundo inteiro no seu fundo muito sombrio, apenas iluminando uma pequena porção deste mundo, porção variável para cada um. Portanto, o mundo está dobrado em cada alma, mas diferentemente, já que existe um pequeno lado da dobra iluminado. DELEUZE, Gilles. "Sobre Leibniz". In: *Conversações*, tradução de Peter Pál Pelbart, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 195.

desenvolvimento futuro do leste e de todo o Estado. E, depois, dimensão factual mais estreita (inclusive, extremamente pobre em "dados"), a zona dos garimpos aparece marcada palas "agitações no leste", conflitos entre "coronéis", "desobediência" ao Estado, "desavenças" entre grupos de garimpeiros, mortes e assassinatos...[6]

Levando-se em conta essas considerações, as análises aqui desenvolvidas apontam para outra direção. Buscam romper com um método historicista que tem na *pesquisa da origem* uma de suas bases mais importantes, produtora e articuladora de verdades - saberes *inquestionáveis*. E, mais precisamente, a crença numa *origem* do povoamento só redunda na criação de "mitos fundadores" que, depois, muito naturalmente, remete para o seu desenvolvimento e resultado futuros, partindo de *falsos*

---

[6]Portanto, na bibliografia mais tradicional da história de Mato Grosso, as referências a respeito do povoamento e da constituição das cidades, na *zona diamantífera do leste*, são extremamente esparsas, sempre de caráter geral, meramente descritivas e muito mais interessadas em mitificar a escalada do povoamento e o aparecimento das cidades na região, podendo-se citar entre elas: CORRÊA FILHO, Virgílio, *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1969; MENDONÇA, Rubens de. *História de Mato Grosso*. Cuiabá, F.C.M.T., 1982; PÓVOAS, Lenine C. *História de Mato Grosso*. Cuiabá, Instituto Histórico de Mato Grosso, 1985. Nessa linha, não poderia deixar de citar os livros do ex-senador Váldon Varjão: *Barra do Garças no Passado*. Brasília, Gráfica do Senado Federal, 1980; *Balisa Etéreas Reminiscências*. Brasília, Gráfica do Senado Federal, 1981; *Barra do Garças (Migalhas de sua História)*. Brasília, Gráfica do Senado Federal,1985. Pode-se citar, ainda, o livro de - SILVA, Hermano Ribeiro. *Garimpos de Mato Grosso (viagens ao sul do Estado e ao lendário rio das Garças)*. São Paulo, Impressora Commercial, 1936 - um tipo de "viajante moderno" - que andou por toda a zona dos garimpos do leste, na década de trinta, observando e anotando os costumes, a linguagem, as lavras de diamantes e as povoações, atestando sua "face inculta, atrasada, selvagem" (aguardando a *civilização*) - Outro livro que se destaca nesse sentido, contemporâneo aos acontecimentos, é o do médico que vivenciou o território garimpeiro, e teve como objetivo propalar as riquezas, "os costumes" e a "necessidade" de desenvolvimento da região, detalhando um cotidiano à espera do progresso, mas em meio aos conflitos e mortes nos garimpos - RIBEIRO, Luís Felipe Sabóia *Caçadores de Diamantes*. Rio de Janeiro, EPASA, 1945. No entanto, surgiram, nesses últimos anos, dois trabalhos acadêmicos que tratam da zona dos garimpos, focalizando a cidade de Poxoréo: a tese de doutorado do geógrafo americano, transformada em livro - BAXTER, Michael. *Garimpeiros de Poxoréo*. Prefeitura de Poxoréo/Brasília: Editora Centro Gráfico do Senado Federal, 1988; e historiadora - CONTIJO, Nicosina Maria de Campos - *O Brilho e a Miséria. A Exploração de Diamantes em Poxoréo- Mato Grosso*. Brasília, Dissertação de Mestrado/ U.N.B, 1988. Porém, estes dois autores, apesar de se deterem mais na história da cidade em sua relação com a produção mineradora, enfatizando as relações de mercado (no caso de Contijo) partem dos mesmos referenciais postos pela bibliografia mato-grossense (principalmente Baxter).

problemas (parecendo ter dado grandes saltos, sem ter saído do lugar), e mais, como diz J. Le Goff: "... em fonte ou origem se insere de algum modo uma idéia de desenvolvimento obrigatório, eu diria quase automático, coisa que não me parece corresponder às situações históricas concretas." [7] Porém, Michel Foucault, ao analisar a questão da *origem* em Nietzsche (opondo a pesquisa genealógica à pesquisa da origem), é ainda mais incisivo: "Procurar uma tal origem é tentar reencontrar 'o que era imediatamente', o 'aquilo mesmo' de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira."[8] Trata-se, para esse autor, de criar movimentos opostos e deter-se para investigar e "...se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos..."[9]. O que leva definitivamente a conceber de uma nova maneira o acontecimento; captá-lo não como parte de um *encadeamento natural* entre o início e o fim - movimento teleológico -, mas sim em sua intensidade própria, "...inseparável dos tempos mortos...", que "... mesmo breve, mesmo instantâneo, se prolonga"[10]. Um tempo também extratemporal, que pode ser inalcançável, irredutível às racionalizações, inviabilizando construções que reduzem o jogo das ações humanas a relações de causa e efeito. Mas, nesse tipo de procedimento ou esquema *banalizador* da história - traçando continuidades, perdendo-se a dimensão mais rica das rupturas, descontinuidades e múltiplos deslocamentos - existe uma intenção muito clara: "Há toda uma tradição da história (teleológica ou

---

[7] *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Lisboa, Edições 70, 1985, p.21.

[8] "Nietzsche, a Genealogia e a História". In *Microfísica do Poder*, organização e tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 17.

[9] *Idem*, p.19.

[10] DELEUSE, Gilles. "Sobre Leibniz". In: *Conversações*. *Op. cit.* p. 198.

racionalista) que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal - movimento teleológico ou encadeamento natural"[11]. Este é um posicionamento vigoroso, que precisa contar com as práticas do "fazer história", atuando *localizadamente* e recusando construções históricas que mais se encontram no terreno das *mitologias*. No caso estudado aqui, a amplitude desse acontecimento - a descoberta das lavras diamantíferas e o aparecimento das pequenas cidades... - não se explica pela dimensão *heróica* dos pioneiros em busca da riqueza, e nem de seu significado para o "futuro da região" -, mas pelas práticas de habitabilidade e organização social que dali resultaram - da ação de homens interessados em constituir práticas de convívio social - um espaço que depende ou é efeito de transformações essenciais[12].

Foi preciso, sem dúvida, distanciar-se de métodos descritivos que consideram suficiente anotar e quantificar o número dos povoados, elencar a origem dos migrantes (sempre generalizante), ou mesmo registrar as construções nas cidades, número de casas, telhados e paredes nuas, etc. Não que tais dados sejam desprezíveis, mas a questão está numa espécie de autonomia dos objetos descritos, como se fossem "unidades" portadoras de verdades, suficientes para explicar os contextos históricos dos quais são elementos importantes. Ora, segundo Paul Veyne "Só a ilusão de objeto natural cria a vaga impressão de uma unidade; quando a visão se torna embaciada, tudo parece assemelhar-se..."[13] negando um campo de visibilidade às práticas sociais das quais resultam os objetos. E ainda, por outro lado, "dirigir-se ao objeto" procurando seu sentido nele mesmo (como portador de *verdades*), sem

---

[11] FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a Genealogia e a História". In *Microfísica do Poder*. *Op. cit.*, p. 28.

[12] Aqui utilizo a noção de *espaço*, segundo Michel de Certeau: "Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais." *A invenção cotidiana*. *Op. cit.*, p. 202.

nenhuma interpretação dos signos que emite, é tarefa fadada ao fracasso. Isso nos torna, de acordo com Deleuze, impotentes para apreender os signos mais evidentes e verdadeiramente observar e descrever[14], porque (utilizando-se do exemplo do *nouveau roman*): "Os métodos de descrição do objeto (...) só têm sentido em relação com as modificações subjetivas que eles servem para revelar e que sem eles permaneceriam imperceptíveis"[15]. Mas, mesmo sendo "difícil, em qualquer campo, renunciar a essa crença em uma realidade exterior"[16], uma boa maneira de nos servirmos das descrições é fazer delas grandes guias, principalmente quando estamos equipados com uma *lupa*, investigando os contornos possíveis, procurando descobrir indícios de uma história *real*, intrigante, articulada a mil outros fatos. Pode-se tomar aqui outro belo exemplo, na literatura. É muito interessante observar como o *Marco Polo* de Ítalo Calvino diz a Kublai Khan que é impossível falar de uma cidade apenas por meras descrições de suas edificações, de suas ruas, da forma de seus pórticos, pois isto seria muito pouco, como ele mesmo afirma: "A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado: a distância do solo até um lampião e os pés pendentes de um usurpador enforcado (...) A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não

---

[13] *Foucault revoluciona a história*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, p. 169.

[14] DELEUZE, Gilles. "O Aprendizado" - *Proust e os signos*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987, p. 32.

[15] DELEUZE, Gilles. "O Aprendizado" - *Proust e os signos*. *Op. cit.*, p. 33. M. Proust ainda diz: "... a literatura que se cifra a "descrever as coisas", a fixar-lhe secamente as linhas e superfícies, é, apesar de denominar-se realista, a mais afastada da realidade, a que mais nos empobrece e entristece, pois corta bruscamente toda comunicação de nosso eu presente com o passado, do qual as coisas guardavam a essência, e com o futuro, onde elas nos incitam a de novo gozá-lo." *O tempo redescoberto*. 10ª ed., São Paulo, Ed. Globo, 1990, p. 163.

[16] DELEUZE, G. *Proust e os signos*. *Op. cit.*, p. 32.

conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras" [17].

Nessa *geografia fantástica* a cidade surge plena de significações, distante de uma descrição vazia e "objetivista". Os guias são os acontecimentos, como "cruzamentos de itinerários possíveis"[18]; os critérios são as matérias em que os signos estão inscritos. Por isso, pode-se colher melhores resultados observando certos ângulos de uma história do povoamento e da constituição das cidades, considerando-os em relação aos signos que emitem[19], tentando captar em cada detalhe um significado, um sinal de um mundo próprio e as minuciosidades labirínticas dos *começos*, os quais caracterizam mais especificamente o surgimento das cidades e marcam certas passagens.

Trata-se, evidentemente, de buscar outros caminhos e poder se debruçar sobre as "janelas" das pequenas cidades, conhecer um pouco de sua vida (trechos fragmentários), esmiuçando maneiras de viver e de pensar de seus habitantes. Sob condições muitas vezes previsíveis e outras completamente adversas e inesperadas, consegue-se perceber nos meandros de sua realidade tempos de ousadias e também tempos de vigilâncias; tempos de trabalho e tempos de invenções e estratégias cotidianas de

---

[17] CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. São Paulo, Companhia da Letras, 1990, pp. 14-15.

[18] VEYNE, P. *Como se escreve a história*. *Op. cit.*, p.30.

[19] Aqui utilizo-me da noção de signo, tal como em Deleuze:"...o que se poderia chamar de Idéias são essas instâncias que se efetuam ora nas imagens, ora nas funções, ora nos conceitos. O que efetua a idéia é o signo." "Dúvidas sobre o imaginário" (*Conversações*. *Op. cit.* p.83). E ainda: "Não existem significacoes explícitas nem idéias claras, só existem sentidos implicados nos signos; e se o pensamento tem o poder de explicar o signo, de desenvolvê-lo em uma Idéia, é porque a Idéia já estava presente no signo, em estado envolvido e enrolado, no estado obscuro daquilo que força a pensar (...) *Não há Logos, só há hieróglifos*. Pensar é, portanto, interpretar, traduzir." (*Proust e os signos*. *Op. cit.* p.96 e 100)

enfrentamento do mundo, tornando a experiência desse espaço social passível de ser estudada em sua singularidade.

Contudo, os traços que caracterizam as cidades da zona de garimpo só podem ser compreendidos se relacionados a uma situação histórica real: desempenharam um papel fundamental na ordenação do *novo espaço*, uma vez que, a partir delas, organizavam-se e definiam-se de maneira específica as relações existentes entre os diversos atores sociais e onde as dependências que se estabeleciam entre os indivíduos engendravam códigos e comportamentos próprios (ainda que fazendo parte de modelos culturais mais gerais).

Não se pode deixar de assinalar, nesse domínio histórico, a configuração da cidade enquanto fundamento de *civilização*, vista, naquelas paragens, como ponto avançado de desenvolvimento (núcleo de *civilização no sertão*). Projetava-se a *cidade* como o lugar das transformações políticas e sociais, assim como do progresso material e *espiritual* - por conseguinte, como o lugar da história. É, aliás, esse paradigma que orienta e traz a outra face da imagem do *sertão*: um mundo selvagem, pré-histórico (pré-político). Nesse tecido cultural é que se produziam os signos sobre o *sertão*: mesmo que "estivesse ali", "encostado" à pequena cidade, seria visto como perigoso, bruto, indomável, e, indiscutivelmente, atrasado (do índio e do homem sem lei).

As implicações mais visíveis, ou a "ponta do iceberg": os grupos mais bem posicionados na escala social, e não somente eles, queriam viver como nos grandes centros. Inúmeros artifícios eram criados para que se produzissem "identidades comuns" e, por outro lado, "criações culturais próprias" que se ofereciam como contraponto a padrões estéticos dominantes. Mas, o lema fundamental era o de sempre: "da província para o mundo". Desse modo, sobre a cidade recaíam todas as expectativas como fonte de realização de progresso - de futuro - produzindo-se um referencial homogeneizador: inscreve-

se a sua história, voltada, evidentemente, para relatar o desbravamento heróico dos que primeiro chegaram até ela, fazendeiros, garimpeiros, "homens que cortando o Brasil de norte a sul, de leste a oeste", registraram, nesse imaginário, a *conquista da região*. Criava-se a imagem - artifício - da tradição heróica. E, partindo do mesmo núcleo de idéias, a *história da cidade* projetava-se para o futuro; o passado, enquanto tal, surgia como marco do desenvolvimento contínuo e acumulativo (apoteótico). A cidade tornava-se emblemática: trazia sinalizada em seu rosto a ampla esfera da novidade - aparição de tudo aquilo que é apresentado como aperfeiçoamento técnico e material e, principalmente, desenvolvimento político; a cidade como portadora de progresso[20].

Contudo, ao poder observar a *cidade* como uma experiência privilegiada da vida social, deve-se estar atento a tudo que nela se organiza e gira em torno de um conjunto de saberes que estabelecem entre si relações de verdades e valores determinados, definindo obrigações e deveres, códigos de condutas, produzindo modos especiais de compreensão e visão do mundo. Mas, por outro lado, também a tudo aquilo que não se enquadra, nem se denomina, reapropria-se do espaço, foge, oferece combate: a cidade na posição *invertida* dos que a vêem e a tratam como lugar das ocasiões, onde cumpre realizar os seus pequenos e mudos desejos diários.

*

[20] Essa idéia de progresso é assimilada à moderna noção de história. Raymond Williams enfatiza que: "... é significativo que a imagem comum do campo seja agora uma imagem do passado, e a imagem comum da cidade, uma imagem do futuro (...) A idéia do campo tende à tradição, aos costumes humanos e naturais. A idéia da cidade tende ao progresso, à modernização, ao desenvolvimento" *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 1989, p. 397.

Meu interesse neste estudo voltou-se, portanto, para entrevistar pessoas que compartilharam *experiências comuns*, tendo em vista o povoamento e o crescimento das cidades - considerando, principalmente, as décadas de vinte, trinta e quarenta. Diante disto, o procedimento adotado aqui foi o de trabalhar com a "memória individual" e a "memória familiar", na perspectiva de uma memória grupal e social. Desse modo, certos referenciais foram determinantes para orientar-me em relação aos depoimentos, procurando aproximar-me um pouco mais de tudo aquilo que as pessoas diziam "guardar na memória", interessando-me pela riqueza de suas experiências, pela sua maneira de "olhar o passado" e *interpretá-lo*: em um primeiro momento - sem ordem de importância -, entrevistei as pessoas que foram à procura das terras devolutas do Estado, os fazendeiros e demais moradores das fazendas, depois, ou concomitantemente, as pessoas que percorreram os mesmos caminhos migratórios, desde os Estados do nordeste e norte (focalizando, especialmente, o sul do Pará, pois Conceição do Araguaia, após a experiência da borracha, tornou-se um dos pontos de partida mais importantes para seguir em direção aos garimpos de diamantes de Mato Grosso), e participaram da formação dos primeiros núcleos urbanos. Depois, aquelas que já nasceram em Mato Grosso, nos anos vinte e mesmo inícios de trinta, e ainda puderam vivenciar, como jovens, esse espaço social, pelas décadas de trinta e quarenta.

Meus pais, avós, tios e tias foram informantes muito importantes, assim como outros, que sem nenhum grau de parentesco, também ofereceram informações preciosas para este trabalho. Mas, desde já, é preciso dizer que é muito difícil estabelecer os limites de parentesco nessas pequenas cidades, considerando os tempos de sua formação. Muitos que para lá se dirigiram eram parentes de tantos outros que continuavam a seguir; alguns se uniam pelo "meio do caminho", como foi o caso de meus avós paternos, que se casaram em Conceição do Araguaia (ela maranhense, ele baiano). Evidentemente, quando chegavam a se estabelecer nas cidades dos garimpos, membros de uma mesma

família casavam-se com os de outra, inclusive com membros das famílias de fazendeiros que ali já se encontravam (como, por exemplo, meus pais). Ora, em uma cidade pequena, recentemente formada, as relações entre as pessoas eram muito próximas, resultando em enlaces matrimoniais entre famílias comuns (na verdade, uma rede da parentesco se estendia por essas pequenas cidades...).

Neste trabalho, o método de abordagem caracterizou-se pela utilização de uma linguagem comum, simples e direta, com base na espontaneidade e confiança que se pôde estabelecer entre o entrevistador e os entrevistados, procurando deixá-los "livres" para contar as *experiências passadas*, segundo seu ponto de vista. Ecléa Bosi, trabalhando com as lembranças de velhos, disse aquilo que considero fundamental ao fazer uma pesquisa que utiliza como uma de suas ferramentas as entrevistas: é preciso alcançar a "compreensão plena de uma dada condição humana" (ao ter como referência a *comunidade de destino* de Jacques Loew)[21], estabelecendo ligações entre um querer-ouvir e um querer-falar no campo das *verdades* essenciais. Mas, isto só é possível se também o pesquisador compreender perfeitamente que está lidando com interpretações, leituras que as pessoas fazem de suas próprias vidas. Além do mais, sempre tive em vista de que, ali, era uma "visitante", e como tal colocava minha curiosidade para perguntar, detalhar e buscar entender um pouco desse mundo desconhecido (nos dois sentidos: primeiro, como qualquer pesquisador deve sentir-se; depois, muito cedo, ainda na idade infantil, afastei-me do ambiente familiar da minha cidade natal).

Não é preciso dizer que as entrevistas foram longas, respeitando o fluxo da memória dos entrevistados, assim como as interrupções (dadas pelas emoções e cansaços), que podiam durar minutos, horas ou dias. De todo modo, este trabalho com as fontes orais não teve a pretensão de

---

[21] *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, reimpressão 1983, p. 2.

abranger o universo totalizante da vida das pessoas, nas fazendas e pequenas cidades, mas apenas quis dar vida a certas imagens produzidas por palavras, pensando aqui em William Faulkner: " O objetivo de todo artista é deter o movimento, que é vida, por meios artificiais e fixá-lo, de modo que daí a cem anos, quando um estranho olhar aquilo, ele se mova novamente, pois é vida."[22]

Contudo, as fontes orais não se restringiram à memória familiar. De dezembro de 1992 a março de 1993, realizei uma pesquisa envolvendo as cidades de Guiratinga (antiga Lageado) e Tesouro; fiz longas entrevistas com mulheres de mais de sessenta anos que participaram dos primeiros tempos das cidades, assim como pequenos comerciantes e alguns poucos garimpeiros que ainda restavam, todos que tinham em comum a experiência do povoamento; procurei por fontes impressas, jornais, revistas, e qualquer tipo de documentação escrita, mas somente pude constatar que, nessas pequenas cidades da mineração, com uma história mais recente, ninguém se preocupava em guardar documentos, constituir arquivos, etc. Ainda bem que a fotografia havia feito seus avanços: os álbuns de família são os registros mais ricos que a cidade podia oferecer. E não posso deixar de denunciar e lamentar: bibliotecas pessoais riquíssimas - como a de Raimundo Maranhão, escritor local, dono de jornal, homem que procurava registrar a história da cidade - foram perdidas.

Portanto, é imprescindível dizer que toda a matéria das **lembranças** aparece, neste estudo, entremeada com as fontes escritas, tais como **jornais** e alguns raros documentos escritos pesquisados no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso; Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - UFMT; e na vasta biblioteca de João Antônio Neto, em Cuiabá. Além de ter recolhido algumas revistas e trechos de jornais dispersos, também beneficiei-me de um levantamento que fiz no

---

[22] *Os Escritores*: as históricas entrevistas da Paris Review(seleção Marcos Maffei); tradução Alberto Alexandre Martins, Beth Vieira. São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 50.

Arquivo Edgar Leuenroth - Unicamp, levantando alguns números que aí se encontravam da *Vida Doméstica* (Rio de Janeiro), uma das revistas mais lidas pela população do interior de Mato Grosso. Por fim, esta tese ficaria incompleta se não contivesse um trabalho detalhado com os mapas, localizando os principais pontos de concentração de garimpos e núcleos urbanos, e ainda, como não poderia deixar de ser, as fotografias de época (abundantes) que me foram valiosas.

O cotidiano das pessoas trazido pelos relatos, perscrutado em anúncios, opiniões e notícias de jornais e revistas, mais as fotografias de época, propicia contatos ricos com um quadro de dimensões sociais múltiplas, que se amplia mais e mais com as histórias de famílias, memórias, fontes literárias, etc. Tudo isto, que pode servir para revelar as delicadas, mas tenazes, filigranas das vivências, desejos e emoções que marcam uma experiência social.

***

Parti de algumas observações, portanto, que considerei mais importantes, ou mais instigantes. Apresento-as como resultado de uma investigação necessariamente fragmentária e disseminada pela vida social, porém delineadora de caminhos possíveis. Tratei de desenvolvê-las da melhor maneira que pude, descobrindo e redirecionando pistas, ricamente urdidas na textura da vida cotidiana. Procurei, dessa forma, apreender certas condições nas quais os indivíduos "problematizam" o seu mundo, dando valor a determinados comportamentos, a uma "maneira de morar", de vestir, de sonhar, etc., relacionados a um conjunto de práticas que caracterizam um tipo específico de sociedade. Exponho-as, portanto, como possibilidades de leituras no emaranhado das diversas falas: interpretações que se dão como testemunhos que pretendem retratar a "verdade" ou o "real" *daquele tempo*.

Mas, se essa história se compõe de fragmentos, seria mais importante agora uma visão do conjunto deste estudo, delineada pelas estratégias segundo as quais me conduzi ao longo da tese, procurando formular questões para cada capítulo, ou colocando-me um conjunto de problemas a discutir em cada um deles. Desse modo, orientei-me por uma distribuição que tinha como meta tematizar o povoamento em seus começos, os caminhos percorridos pelas levas de migrantes em direção a zona mineradora e destacar as cidades em sua proposta *civilizadora*.

No primeiro capítulo - apoiando-me nos testemunhos dos dois tipos sociais mais importantes que participaram da formação social aqui sob enfoque - tive a intenção de caracterizar e cruzar as diferentes experiências, correlacionando atividades diversas, mas constituintes de um mesmo terreno histórico. Tal procedimento levou-me a discutir a relação entre *memória e história*, entendendo que a *memória* não é um arquivo morto, nem um ponto de chegada - repleta de verdades desconhecidas e reveladoras -, mas é instrumento de aprendizagem, com o qual se opera para dar movimento a certos fragmentos, iluminadores de estruturas e acontecimentos que tiveram lugar em uma determinada sociedade. No âmbito dessas questões, não poderia deixar de problematizar a fonte oral que, como também ocorre com a fonte escrita, deve ser lida como um "texto" indicador de leituras e discursos.

Focalizando o "tempo das fazendas", no segundo capítulo, dediquei-me a colher histórias que circundavam e surgiam de seu ambiente - emitindo signos múltiplos *dos sertões* -, colocando em relevo acontecimentos marcantes para a vida dessas populações, como a passagem da Coluna Prestes, as invasões de jagunços de grupos políticos em conflito (que saqueavam as fazendas), etc. Mas, procurei destacar tudo aquilo que assinalava as relações comerciais das fazendas com os centros de abastecimento urbanos, como também relações de dependência *cultural* com as cidades (sobretudo através da rede escolar e mesmo das festas).

"Do caminho dos *nortistas*" - o terceiro capítulo - é o resultado de um trabalho onde quis apreender, diante do *silêncio* das fontes, um pouco da experiência anterior dos migrantes que se dirigiram para as zonas dos garimpos de Mato Grosso, entre um ponto e outro, nos povoados à beira do Araguaia. Mas, basicamente, procurei trazer informações e relatos de viagem sobre os principais caminhos percorridos pelos migrantes (valendo-me de mapas confeccionados a partir desse estudo), assinalando experiências que puderam sugerir pistas enriquecedoras para melhor compreensão dos deslocamentos migratórios, seus impasses e escolhas. Além do mais, tais procedimentos possibilitam a nós, historiadores, contrapor-se a uma memória celebrativa num Estado em que, devido a interesses oligárquicos, sempre presentes, de lideranças políticas tradicionais (muitas das quais de descendência *nordestina*), busca-se enaltecer o *homem nordestino* - jamais visto por sua situação de trabalhador pobre, explorado e expulso de suas terras - para apontar a descendência de uma "raça heróica e tenaz (o mito do *novo* bandeirante).

Nos dois últimos capítulos dediquei-me a estudar os núcleos urbanos, focalizando a cidade de Guiratinga (Lageado), do ponto de vista de sua importância como centro organizador e articulador da vida social, destacando-se na *zona diamantífera do leste*. Mas não só isso. Ela aparece com uma imprensa atuante (1933), denunciando "falhas" na organização do espaço, opinando por uma "moralização" dos costumes, liderando campanhas para a "melhoria" da cidade, constituindo-se, na verdade, em um instrumento de civilidade que ali estava sendo gestada - peculiar da vida urbana. Corolário dessa expressão de *civilização* é a fundação do jornal literário o *Novo Mundo*, em dezembro de 1945, que chegou a se comunicar quase regularmente com escritores europeus e americanos, principalmente com os dos Estados Unidos, México, Cuba, Chile, Argentina e Uruguai.

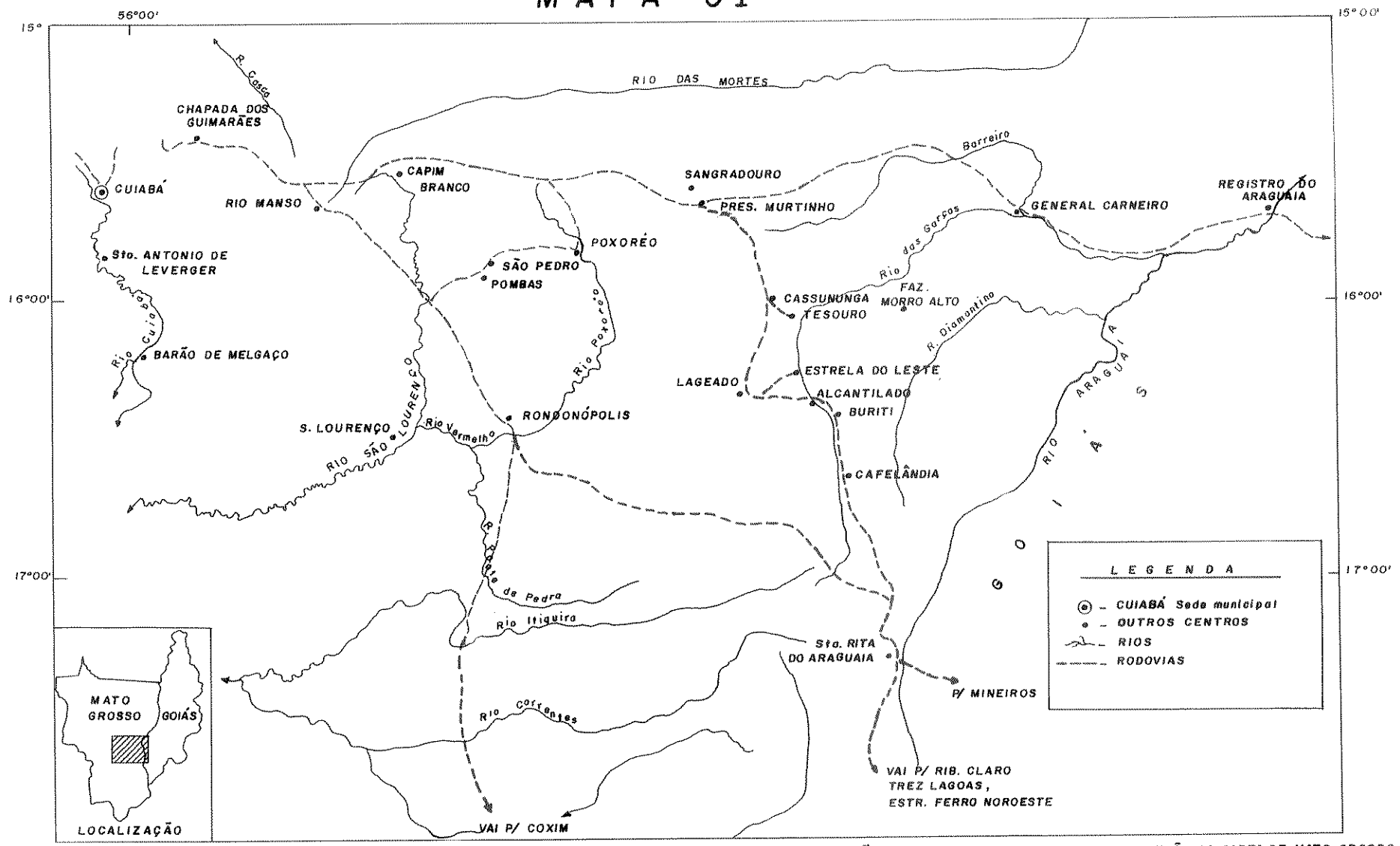
Contudo, num plano mais geral, procurei narrar práticas comuns, através das experiências individuais, mas sempre tendo em vista a experiência mais ampla da pequena cidade[23]. O objetivo era o de investigar práticas do espaço, onde se inventavam mil artifícios para a cidade viver o seu dia a dia, antídotos contra a monotonia e a solidão: teatro, saraus, leituras de romances e poesias, mais as *festas populares*, como as festas de santos e os carnavais, que envolviam quase toda a comunidade. Nesses momentos - suspensão do tempo - ou como quer Mikhail Bakhtin (Rabelais), "tempo do riso"[24], fundava-se um espaço festivo, integrando ruas e casas: parecia que as pequenas cidades perdiam, nesses dias, seus "limites naturais", para depois retornarem aos domínios da *vida provinciana*. Expressões claras e ambivalentes, paisagens de largos horizontes e gestos aprisionantes talvez, marcam o cenário das pequenas cidades.

---

[23] Michel de Certeau demonstra que "...a análise mostra antes que a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais." *A invenção do cotidiano*. *Op. cit.*, p.38.

[24] *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Hucitec, 1987.

MAPA 01



MAPA 01 — LESTE DE MATO GROSSO, FINAL DOS ANOS 20, BASEADO NA CARTA DO ESTADO DE MATO GROSSO E REGIÕES CIRCUNVIZINHAS — SERVIÇO DE CONCLUSÃO DA CARTA DE MATO GROSSO — CANDIDO MARIANO DA SILVA RONDON — 1952 (1:1.000.000).

CAPÍTULO I

PELAS ROTAS DOS SERTÕES

1. POVOAMENTO E HISTÓRIA

"Sou Juca Balbino de Morais, filho de João Balbino de Morais. Nasci em 1901. Cheguei aqui em 1905.

O primeiro a vir para o leste de Mato Grosso, para esses lados, foi meu pai. Ele trouxe para essa terra mil e duzentas reses de criar e viveu aqui, depois que se mudou, dezesseis anos. Morreu novo, com cinqüenta e um anos de idade.

Morreu de problema de coração. Escarrava sangue. Aí deixou cinco mil e quinhentas reses, em três fazendas de gado. Quando mudou pra cá, a mudança foi trazida de carro-de-boi. Naquele tempo, não tinha nada, não tinha caminhão, não tinha estradas. Passou lá por Lageado, Serrante, Araguaiana, Corrêa, Sete Volta, São João, Marreco, Gargalo, Ponte de Ferro, Diamantino, Barro Branco, Toriparo... Tudo ele mesmo fez, até estradas para passar carro-de-boi. Ele ia fazendo e atravessando.

Tinha cova que era um buraco fundo, precisava de fazer cava para o carro descer e subir. A viagem demorava muito; tinha que colocar os bois para descansarem. Depois, bem mais tarde, para ir buscar sal com um bom carro-de-boi, durava uns trinta e dois dias, uns quarenta dias, para Cuiabá.

Até hoje, lembro-me da boiada carreira. A primeira boiada carreira que entrou aqui para o leste de Mato Grosso foi a dele, até hoje eu sei por onde foi, dos nomes dos bois, o lugar de trabalhar, dos nomes dos companheiros. Até hoje eu sei, vinte e oito bois. Ele era meio doido para botar nomes nos bois, mas era assim: Fervido, Esquisito, Galope, Alembrado, Cinturão, Coragem, Cintão, Mimoso, Lambari, Riachão, Rochedo, Brandão, Retrato, Interior, Delicado...

Meu pai não sabia de nada daqui; primeiro veio com uns três peões, em 1904. Ele foi olhar, foi andar por aí; depois é que ele veio de mudança. Não sei que notícia ele tinha daqui; não podia ter noção de nada, porque aqui não tinha ninguém, ele foi o primeiro. Chegou em Morro Alto, já arrumou jeito de descer a serra pra cá, gostou do campo e aí parou em Morro Alto. Depois que já tinha vindo e olhado, começou a trazer o gado e a fazer a casinha aí, a primeira casinha feita no Morro Alto, está lá até hoje, foi em 1906. Quando estávamos mudando, minha mãe morreu; isso foi antes de vir para o Morro Alto; eu fiquei com dois anos de idade; o Moca, com sete meses. Morreu. Não tenho nenhuma lembrança dela. Meu pai casou de novo, com uma parenta nossa. Ela foi boa, só que gostava um pouco de bater, mas foi boa, ajudou muito meu pai. Quando ele morreu, só no inventário, ela ficou com duas mil e quinhentas reses, botou tudo fora, acabou com tudo!

Na minha infância, o que eu mais fazia era mexer com carro-de-boi, com gado. Na roça eu não ia não, não me mandavam para a roça. Eu gostava era dessa vida de carro-de-boi e gado.

Quando meu pai conheceu esse mundo aqui, só tinha mato e onça. As onças pegavam o gado. Meu pai foi contando as onças que ele matava, foi contando, até chegar em cem. Então largou de contar! Tinha onça demais, se brincasse um pouco, tinha onça que pegava bezerro até dentro de casa, na porteira do curral a gente via bezerro morto que elas pegavam. Era uma berraria sem fim! Era tudo um sertãozão. As estradas aparecendo aos poucos, como as que meu pai foi abrindo. Depois que já estava no Morro Alto uns dois , três anos, é que começou a vir gente, esses

Gabriel, Salvino, esse povo aqui, os Gabriel de Morais. Foi formando o povoado ai.

Os garimpeiros começaram a vir aos poucos, a garimperada que vinha de Goiás parava no Morro Alto para conversar com meu pai. É que tinha um lugar que chamava Garimpo Velho, o mais velho garimpo de Mato Grosso, deu diamante mais que tudo, dava para encher litro! Aí é que veio gente, veio vindo mais, foi amansando a zona, a zona ficou mais mansa, já tinha estrada e veio vindo mais gente. Os índios já não eram mais problema, só uma vez que ficamos sabendo que atacaram um povo lá no córrego Matula.

Era uma época de muita insegurança, muitas vezes aparecia gente à toa e fazia o que não era preciso. O Chico ficava com a cartucheira cheia de bala, revólver pendurado, de um lado e de outro. Se tivesse que brigar eu topava. Meu pai era homem forte, perigoso, mas de muita sorte, nunca precisou matar, foi sorte!

O medo não era do garimpeiro, era de gente que chegava com faca, com outras intenções. Era de um povo que não tinha responsabilidade, matava os outros a troco de nada... Teve um que chegou lá com uma faquinha na mão e o povo todo com medo... Muitas vezes a gente tratava deles.

Naqueles tempos, a maior dificuldade era a falta de gente para trabalhar, e o sal muito longe... açúcar vinha da Baliza e de Mineiros, Goiás. Tinha que ir buscar de carro-de-boi, comprava para passar o ano todo, depois, só ia comprar no outro ano. Trazia carrada de açúcar, açúcar de barro. Esse açúcar de hoje não tinha não! Só começamos a conhecer esse cristal vindo da Baliza.

Nessas viagens, a gente levava arroz, feijão, carne e farinha. Matava uma vaca e levava a carne da vaca todinha, carne seca. Não tinha nenhuma hospedagem pelo caminho, as tralhas de comer iam no carro e dormíamos todos no acampamento. Era tudo sertão. O que não era mato, era campo limpo, tudo sertão!

Eu vi isso aqui tudo nascer. Lageado só tinha umas quatro, cinco casas. Quando vi isso aqui, já era casado, só tinha uma casinha aqui, outra acolá! Conheci a primeira casinha de comércio, depois é que foi criada a casa de comércio do Pedrinho Ferreira. Aqui eu conheci tudo".[1]

***

"Vim da Bahia há mais de cinqüenta anos. Só de casado tenho mais de cinqüenta. Vim solteiro e saí de lá com vinte e três anos. Casei com vinte e sete. Hoje estou com oitenta e dois anos. Sou de 1893.

Saí da Bahia e atravessei Goiás. Entrei cento e cinqüenta léguas no Estado da Bahia, até o Jalapão. De lá vim para Couto de Magalhães. Passei em Jussara, que era pouso antigo. Cheguei em Porto Franco (Couto de Magalhães), que ficava do lado goiano do rio Araguaia, próximo a Conceição do Araguaia, do lado do Pará. Vim mais o povo do Triac. Eu tinha um tropeiro e sete burros.

Quando cheguei em Porto Franco, o Dodô, meu irmão, estava de saída para Novo Horizonte, no Estado do Pará, para onde o acompanhei. São quarenta léguas de mata! Fui com a tropa. Entrava nas beiras da mata... entrava, aí tinha os pontos de pouso, viajava o dia todinho com as tropas; quando era às seis horas chegava no pouso, aí dormia e botava os burros no pasto e, de manhã, tornava a arriar e entrava na mata...

Com a mesma tropa fiquei viajando. Viajava também de balsa, buscava sal, café, e outros mantimentos lá de Porto Franco... Também viajei até o Maranhão.

---

[1] Relato do Sr. Juca Balbino de Morais, que nasceu em Mineiros/GO, em 1901. Foi um fazendeiro muito prestigiado no município de Guiratinga, nas décadas de trinta, quarenta e cinqüenta, quando, após a morte de sua mulher, com a divisão de bens, decaiu economicamente. Não se registra em sua história nenhum envolvimento político-partidário (mas foi simpatizante da UDN). Entrevista concedida durante os meses de maio e junho de 1988, Guiratinga/MT.

Já fixado em Porto Franco, arranjei umas canoas pra vir para cá, para o Mato Grosso, subindo o rio Araguaia, negociar com mercadorias. A primeira viagem foi em 1923. Mas em uma das viagens, tempos depois, quando cheguei na altura de Santa Maria, sofri um terrível naufrágio, ao atravessar as corredeiras chamadas "Sete Portas": vi o batelão virar! Perdi tudo o que tinha. Voltei para Porto Franco. Mais tarde, subi de novo, com duas canoas, foi nesse tempo que apareceu algumas mulheres como passageiras, vinham "ganhar a vida", mas depois se tornavam "mulheres de respeito" das cidades aqui do leste de Mato Grosso. Sempre vinham passageiros. Vinha-se de barco até Baliza, em Goiás, na divisa com Mato Grosso, depois é que seguíamos pelos caminhos terrestres para Cassununga, Guiratinga, Tesouro... depois Poxoréo e tantos outros povoados do leste. Nessa época, eu já estava casado. Tive vários filhos lá, goianos, o João, o Pedro, a Didi, o Tonho, o Marcino (filho fora do casamento). Morei por pouco tempo também em Conceição do Araguaia, depois em Araguaiana (Registro do Araguaia), na beira do Araguaia, onde nasceu o Natal. De Araguaiana viajava sempre, passava muito tempo negociando na zona dos garimpos, meses e meses, ia de tropa vendendo de tudo em qualquer ponto de garimpo do leste. Assisti muitos acontecimentos, até que fui estabelecer moradia em Lageado, no meio dos garimpos do Garças".[2]

***

[2] Relato dado pelo Sr.Pedro Antunes de Souza aos seus filhos, em fita gravada, em julho de 1975, pertencente aos arquivos da família. Pedro Antunes tornou-se um pequeno comerciante, estabelecendo casa comercial em Lageado e Tesouro.

Apresentei esses relatos como exemplo dos dois segmentos sociais mais importantes que fizeram parte do afluxo migratório para o leste de Mato Grosso[3], nas primeiras décadas do século vinte. O "fazendeiro" - originário de uma população rural que procurava pelas terras do Estado, visando a formação de fazendas - e todo aquele que se deslocava em direção aos garimpos, o garimpeiro e, mesmo, o pequeno negociante - o mascate dos garimpos.

Eles possuíam atividades muito diferentes, cada qual com estilos próprios de vida. No entanto, partilharam de uma mesma experiência histórica: era a época das migrações para o leste de Mato Grosso. Terras devolutas e descobertas de diamantes, no lendário vale do Garças (afluente do Araguaia), davam a tônica à migração. Os "fazendeiros" constituídos principalmente por goianos e mineiros, e os garimpeiros de diamantes, contingente em sua imensa maioria formado por uma população vinda do Nordeste, afugentados pela miséria.

Uma nova paisagem desenhava-se nesses campos contrastantes do leste de Mato Grosso. Nota-se um começo de povoamento a partir de certos agrupamentos de moradores, em vários pontos de passagens; primeiro, de forma muito escassa, decorrente da vinda de "fazendeiros", desde o final do século XIX, território antes dominado, principalmente pelo povo Bororo; depois, e concomitante, um povoamento provocado por garimpeiros, nas primeiras décadas do século XX, imprimindo maior dinâmica ao fluxo migratório. Práticas itinerantes - efeito da diversidade - percorriam e marcavam a face desse espaço: população das fazendas e das áreas de mineração; concentração em torno dos primeiros núcleos urbanos (depois cidades) - movimento que se dava às custas do afastamento dos povos indígenas.

Porém, mais do que proceder a uma reconstituição do povoamento, seguindo os passos de um e de outro, num dado tempo (obsessão cronológica), parece-me fundamental, primeiramente,

---

[3]A designação *leste* de Mato Grosso, está em concordância com as fronteiras do antigo Estado de Mato Grosso, antes de sua divisão, e é a que servia de referencial para o momento histórico aqui trabalhado.

tornar visível o lugar de transformação de um espaço em objeto de operação de práticas narrativas que inscrevem sobre seu campo uma certa história. Elaboração que se realiza nas linhas racionais de uma escrita - o texto - que se revela diferenciando-se de determinados elementos míticos (o *selvagem* e as *lendas*), substituindo representações tradicionais, para refazer o seu próprio movimento, repondo o mito da origem, agora numa prática "científica". Como exemplo desse "registro", dos tempos iniciais, vou utilizar aqui o trecho de artigo publicado em um dos jornais de Lageado que traz o depoimento de um dos fazendeiros *pioneiros do leste*, João José Morais de Cajango, colocando em movimento cenas da *história do povoamento*:

"O capm. André, certa vez quando eu e minha mulher nos encontrávamos sentados em frente de nossa casa desfructando a fresquidão da tarde, aproximou-se o velho cacique de minha Senhora e começou a olhar cuidadosamente uma medalha de ouro, que lhe pendia do pescoço, animando-a de um lado para outro, acabando por perguntar-me num português misturado de seu dialeto:

"Isso é tirado do Mótto?"-(chão)

Respondi-lhe que sim.

Então ele adiantou: "Vi muito maggare", em tom de admiração, isto é, *vi muito disso*.

Diante desta revelação, indaguei-lhe onde se encontrava a cousa parecida com aquelle metal (merire), ao que negou a princípio, allegando que por haver descoberto o tori-cuiêge (diamante) do Garças, os brades (civilizados) apropriaram-se de suas terras, talaram suas florestas, entulharam os seus rios, enchendo suas terras de gente, que afugentava suas caças e seus peixes, e os tratava mal e por fim, tomando conta de tudo, de tudo que era seu, não lhe davam cousa nenhuma. Com bôas maneiras, promessas de enterrar o segredo que me fosse confiado, o capm. André prometteu levar-me ao lugar exacto onde abundavam fartas e pesadas pepitas, não sem me adiantar por alto "que nas águas do S. Lourenço", em pleno "chapadão" existe um corrego que vai cair num aparado de serra, na fralda da qual ha uma matta, despencando a agua do corrego dentro de "caldeirões" profundos que cobrem uma pessoa e, dentro destes "caldeirões" muito ouro. Até hoje não pude saber qual esse corrego, porque o capm. André antes de cumprir a sua promessa foi victima de uma rebelde pneumonia"[4].

[4] A íntegra deste relato encontra-se em um dos artigos da série "Ensaio sobre o povoamento do Leste Mattogrossense", reunidos em "Ensaios sobre os Índios Bororo - II". O *Garimpeiro*, Lageado, 15 de fevereiro de 1938 (Anno I, número 11).

Certamente não há como comprovar a veracidade desse fato, e nem esse é o interesse aqui. O que importa é que tal acontecimento aparece como referencial em outras narrativas, que têm como fim estabelecer a *origem da região* - pelo descobrimento da riqueza dos diamantes - na produção de um cenário voltado para o progresso[5]. Destacam-se, nesse campo circunscrito "ao início" da *história do leste*, Cassununga como uma das primeiras áreas de grande concentração de garimpeiros do leste (ver mapa 1); e João José Morais de Cajango, o fazendeiro que, através dos índios, soube da existência das minas e repassou a notícia àqueles que - remanescentes da borracha - procuravam pedras preciosas. Com essa articulação pretende-se reconstituir o real: o *índio, corpo originário* da terra, é o que tem o conhecimento das suas riquezas naturais e de seus segredos: elo de ligação entre os *pioneiros* e o *novo lugar*, oferta de um tempo primeiro. Apreende-se aí um gesto fundador, de valor mítico, o qual estabelece o começo e o legitima, através da figura do índio (que nesse momento já aparece incorporado ao discurso de "destruição da natureza" pelo "homem branco"). Mas tudo converge para a idéia de *abundância* (sua busca e seu passado), *escrita* que prevalece sobre a zona diamantífera, esboçada nos passos do fazendeiro e do garimpeiro:

> ... porque foi guiado por suas informações que Cajango transmitiu aos primeiros mineradores a alviçaneira nova da existência do Diamante nestes longes mattogrossenses, servindo-se delle para conduzir a Feliciano Cesilio e seus companheiros, em 1903, ao ponto certo e positivo, onde o diamante brilhava nos "piões" da bateia, em tanta profusão, que os menos configurados, pouco alvos, utilizava o garimpeiro Paulo Vasconcelos, á guisa de chumbo com que carregava sua espingarda, dando roucos tiros pelo ar. Ainda hoje no Garimpo Velho, primeiro núcleo formado pelo velho sertanista se vêm algumas árvores com cicatrizes pontilhadas de 'Chibios'[6].

---

[5] Luís Sabóia Ribeiro, em os *Caçadores de diamantes*, também relata a existência de um Bororo chamado André, que informou a João José Morais de Cajango sobre a existência do diamante, em áreas próximas: "O velho cacique, entremeando palavras com gestos, relatou que num dia de pesca no pontal do Caçununga com o Garças viu das ribanceiras cair no rio, uma pedra tão brilhante que lhe ofuscou a vista. Talvez fôsse o que chamam em sua língua o toricuiêge, ou em tradução, 'pedra que brilha como estrela'. *Op. cit.*, 42-43.

[6] *Idem, ibidem.*

Imagens que produzem a "nova terra", na qual os colonizadores irão distinguir-se através de sua capacidade de transformar e construir os *espaços*, traçando sua própria história. Nesta configuração, combinando vários elementos, efetua-se uma separação entre o passado *selvagem* e o presente - representado agora pela figura dos *novos povoadores* em marcha. A apropriação conquistadora desse espaço, impregnada de positividade, abrindo o meio "natural" à possibilidade de civilização, produz, o tempo todo, cenas inaugurais. Na imprensa local, com o intuito de reconstituir o "passado recente", identificava-se, em retrospectiva, os tempos de violência e as práticas reveladoras da *barbárie* - que marcavam as relações do povo indígena com a população que adentrava o "novo" território:

"...os bororo começaram a atacar as monções, as fazendas e assaltarem aos transeuntes con-vizinhos dos seus aldeiamentos, commetendo depredações as mais bárbaras, trucidando e escorraçando a população civil que procurava os centros ruraes, aprehendendo todo do metal que encontrava em poder das suas victimas..."[7]

Na realidade, este tipo de relato só acentuava o corte entre o "mundo indígena" e o de uma sociedade que ali se organizava, tendo em vista a implantação de *outros* costumes, que viessem sobrepor-se a hábitos incivilizados. O discurso apontava para esses tempos *pré-históricos*, registrando conflitos entre os próprios fazendeiros (que, provavelmente, eram constantes, em disputas por terras, rebanhos de gado, aberturas de passagens pelas terras, etc.) e, ao mesmo tempo, destacando a "participação perversa" de grupos indígenas, como manipulação do "branco". Em matéria intitulada "Ensaios Biográficos", homenageando os *desbravadores do leste*, o jornal que trazia a biografia de João José de Moraes Cajango afirmava:

---

[7] *Idem.*

"Sua permanência nesta fazenda foi das mais curtas (fazenda "Bom Fim"), desgostoso com os acontecimentos de 13 de outubro de 1899, na "Fazenda Estrela", hoje de propriedade de Jeronimo Luiz de Moraes, dos quais resultou a chacina do fazendeiro José Chico e mais 13 membros de sua família, perpetrada pelos bororo.

Não só a chacina era de molde a horrorizar ao mais empedernido dos corações como por que as "conversinhas" dos vizinhos menos convenientes, atribuiam o lamentável morticínio como produto da maquinação invejosa de Cajango que, no dizer deles, se enciumara da prosperidade da vítima."[8]

Em uma breve passagem, anterior a esta, cita-se outro acontecimento, para melhor situar e ilustrar o *heroísmo* do fazendeiro Cajango:

"Não foi das menos heróicas e decididas a sua penetração, quando os acontecimentos da época, v.g. a perseguição encaminhada da viúva de José Manoel Vilela, pagando 5$000 por orelha de bororo, de algum modo era bastante ousada, dado que os animos dos índios se acoavam agastados com as perdas que sofriam em consequência da morte do então patrão."[9]

Ninguém duvida de tais práticas nesse movimento de conquista de um território pouco explorado. Todavia, no silêncio daqueles que não puderam falar, expulsos de seu território ou marginalizados, ou daqueles que em pouco tempo apareceriam bêbados nas redondezas das pequenas cidades (cenas comuns), as narrativas, por pequenas e esparsas que sejam, acabam por assinalar alguns passos, rastros dessa luta que os Bororo travaram contra aqueles que reconheciam como invasores[10].

---

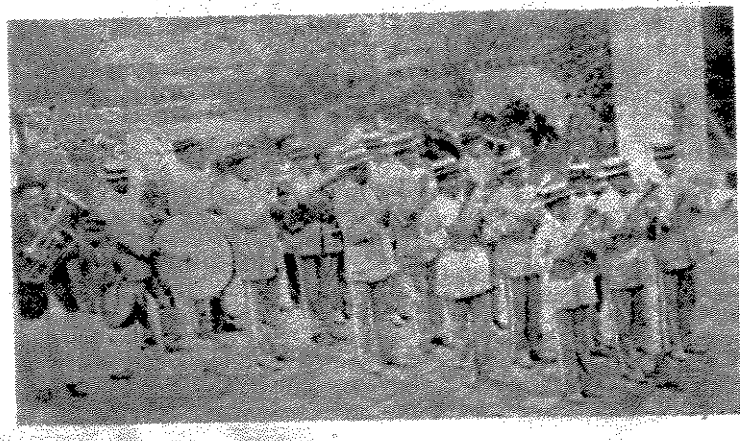
[8] *Idem.*

[9] *Idem.*

[10] Outros exemplos de conflitos interétnicos podem ser dados, evidentemente, mas a escolha recaiu sobre esses trechos aqui focalizados, em função de serem relatos inéditos e porque minha intenção não é a de arrolar os inúmeros casos, mas a de fixar certas passagens que colocam em cena conflitos com os Bororo e algumas imagens constantes do imaginário sobre o povoamento. A esse respeito - conflitos interétnicos e informações mais gerais sobre as relações dos Bororo com a sociedade nacional - ver: VIERTLER, Renate Brigitte. *A Duras Penas: Um histórico das relações entre índios Bororo e "civilizados" no Mato Grosso.* São Paulo, FFLCH/USP, 1990.

Os Bororo no jornal *Novo Mundo* - Guiratinga. Fotos de 1947.

O Bakourorou — Dança típica dos Boróros



Banda de Música, com indios Boróros

Grupo de Boróros, em Guiratinga

Mas, de qualquer maneira, quando os *índios* aparecem no discurso dos que vão falar dos "primórdios" do povoamento do leste, produzindo-se a imagem/face do território apresentado pelo marco fundador de seus desbravadores, perpetuando uma memória de *atrocidades e selvagerias* que nos dão notícias a seu respeito, eles só entram em cena sob a ótica (domínio) dos *povoadores*.

A partir desses pontos referenciais, que delimitam um espaço de poder, situado em cenas fragmentárias, mas representativas dos começos do povoamento, pode-se compreender a tendência que se verificou a todo momento na historiografia mato-grossense de exagerar o movimento populacional pela migração, o aparecimento das pequenas cidades e sua importância (como pressuposto). Dessa forma, operações descritivas engendram um tipo de história para as áreas de mineração, com a clara intenção de demonstrar quadros de desenvolvimento, o que não quer dizer, evidentemente, que não se deva investigar as transformações históricas, deter-se em seus meandros e apontar, sob outra ótica, certos aspectos do surgimento dos vários núcleos populacionais. Desse modo é que, tendo em vista a pluralidade dos itinerários que atravessavam a área de povoamento em questão, observando-a de diversos ângulos, fica muito claro o fato de que esses "novos espaços" sociais centralizaram, pouco a pouco, as atividades econômicas, políticas e sociais de toda a zona dos garimpos, incluindo as fazendas. Além do mais, é nesse âmbito que aparecem, de forma especial, alguns traços reveladores das iniciativas de "fazendeiros" e de todos aqueles ligados às atividades dos garimpos, para se estabelecerem tanto nas aglomerações mineradoras quanto nas áreas ocupadas pelas fazendas.

No entanto, como pôde ser visto pelo relato do primeiro fazendeiro apresentado (Juca Balbino), a sua experiência, nos inícios do povoamento, é com o universo do *sertão*, pois as *cidades* aparecerão somente um pouco mais tarde (pós-década de vinte). Suas lembranças são marcadas

pelos primeiros tempos, fazendo questão de chamar nossa atenção para as enormes dificuldades tidas com os caminhos, não só para se chegar até às localidades escolhidas - sede das fazendas - mas, principalmente, para, depois, poderem manter linhas de comunicação com outras cidades de Mato Grosso e, até mesmo, de outros Estados (Goiás, sobretudo), a fim de estabelecer e sustentar as ligações comerciais que, de certa forma, garantiam a sobrevivência das fazendas.

É importante esclarecer que, com o deslocamento migracional do início do século para o leste do Estado foram ampliadas, além de serem abertas novas frentes, direcionadas cada vez mais, para as áreas dos garimpos. Porém, as relações comerciais pelos caminhos terrestres entre Mato Grosso e Goiás remontam à época da **Colônia**, com os dois Estados integrados ao mesmo conjunto: o complexo da mineração[11]. A partir do século XIX, as notícias que se têm informam que: "Como auxiliar, o caminho terrestre, passando por Goiás, continuou variamente freqüentado, até que, afinal, monopolizou, meado o século último, todo o movimento de importação e exportação de Mato Grosso"[12]. A versão que predomina na historiografia, assim como na literatura antropológica, é a de que toda a zona do leste só foi tardiamente colonizada, e por isso "menos freqüentada", devido à presença *bravia* dos índios Bororo, "resguardando" uma área que, até então, não oferecia maiores atrativos. No entanto, sem que possa deter-me nessa questão, pois isso exigiria outra pesquisa, o certo é que, a partir de finais do século XIX, pressões migratórias forçaram passagens correntes sobre essa mesma área, ocupando maiores extensões de terra, resultando na

---

[11] A respeito dessa ligação terrestre entre Cuiabá e Goiás (a antiga estrada data de 1737), e sua função mercantil - século XVIII - atrelando o comércio local de Mato Grosso aos principais centros de importação e exportação da Colônia, colocando-a em contato com o Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia, ver LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente oeste de colonização*. Cuiabá, UFMT-Imprensa Universitária - PROEDI, 1982. Consultar também o relato do cronista Joseph Barboza de Sá - "Relaçaó das povoaçoens do Cuyabá e Mato Grosso de seos principios thé os prezentes tempos." Cuiabá, Edições FUFMT, 1975.

[12] CORRÊA FILHO, Virgílio. "Comércio e navegação". In: *Mato Grosso. Op. cit.*, p. 14.

situação que se conhece: os Bororo foram para as missões e Rondon realizou sua "obra pacificadora".

Contudo, já com a penetração cada vez mais constante de fazendeiros e a emergência dos garimpos, no século vinte, novas rotas de abastecimento foram abertas. Nesse quadro, as relações comerciais entre o leste e os centros de abastecimento de Goiás acentuavam-se. Os fazendeiros de Mato Grosso procuravam pelos mercados, onde podiam obter gêneros de primeira necessidade, deslocando-se até às cidades goianas que se integravam ao "novo" complexo minerador, como Mineiros e Baliza[13]. Mas ainda, foi bastante significativa a procura pelas áreas mais prósperas dos garimpos por parte de muitos fazendeiros de Goiás, a fim de ali negociarem diversos tipos de produtos, como se pode apreender deste depoimento:

"Nós carregávamos um grande carro-de-boi, com a carga maior que se podia aguentar, viajava dias e dias, até chegarmos a uma área de garimpo. Levávamos carne salgada, aguardente, farinha e tudo que se podia transportar, acampávamos, vendíamos tudo e voltávamos para nossas fazendas. Eu vi essa região aí toda crescer, Guiratinga... Vim muitas vezes!"[14].

Quanto às viagens, eram realizadas com os carros-de-boi, e chegavam a durar mais de mês, sem hospedagens - os pousos - pelos locais de passagens: "Tudo um sertaozão!", como diz Juca Balbino, no primeiro relato. Diversas "estradas" foram abertas por eles mesmos, traçados que depois serviriam de caminhos aos garimpeiros, que viriam em montarias ou a pé para a zona mineradora e que fariam deles, os fazendeiros, observadores privilegiados da marcha de

[13]Baliza, Goiás: à margem direita do rio Araguaia; Balizinha, Mato Grosso: à margem esquerda do Araguaia. Na época aqui tratada, Baliza era mais importante que Balizinha; as melhores casas de comércio ficavam do lado de Goiás; contudo, mais tarde, Baliza entra em decadência e Balizinha a supera em importância, tornando-se a atual cidade de Torixoréu-MT.

[14] Depoimento dado pelo Sr. Goiano Resende, fazendeiro residente na cidade de Mineiros, Goiás. Fevereiro de 1992.

garimpeiros. Estes, geralmente muito pobres, chegavam à procura das lavras de diamantes, de qualquer jeito, maltrapilhos, arranchados em volta das fazendas; fazendo percursos que tinham os fazendeiros por testemunhas, e que nunca apareceram nos mapas; verdadeiras linhas perdidas em uma memória sem registro.

Trilhas, estradas, passagens... Tudo que tinha a função de interligar e quebrar a inacessibilidade ao território era buscado, emergindo daí um mundo rude, marcado pelas vastas distâncias, de um morador a outro, de uma fazenda a um povoado ou a uma cidade. No espaço das fazendas, produziam-se homens ensimesmados, considerados muito supersticiosos, com medo de "gente que matava os outros a troco de nada", senhores de outros critérios para designar a violência; mulheres que tinham de tomar conta das fazendas, sozinhas, enquanto os homens saíam para os vastos pastos, ou pior, quando se iam para as longas viagens.

Das onças, dos perigos e temores, dos carros-de-boi que gemiam pelos cerrados afora e pela mata adentro, das viagens, do gado pelos pastos sem tamanho, as histórias dos fazendeiros mais antigos nos remetem para uma determinada imagem do sertão. Imagem que emite signos de um mundo que expressa um espaço-tempo sem fim[15] e vem colada aos relatos, contando não somente das situações em que viviam e das quais dependiam, mas, principalmente, dos acontecimentos que mais não são do que longos fios enredados que nos levam a visitar o cotidiano das fazendas e a perscrutar aquele universo singular. O sertão atravessado por alguns poucos povoados, lugarejos e fazendas é o seu território. Aqui a noção de sertão, com todos esses matizes, tem um sentido preciso: faz parte da experiência de quem o aponta, isto é, o narrador interessado, comprometido com a experiência, é a referência.

---

[15] João Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*, nos dá o melhor exemplo da abundância de signos que, nesse sentido, o sertão a todo momento emite.

Trata-se, porém, de compreender que essa grande área territorial que vinha abrigando o largo mundo fechado das fazendas, misturava-se agora ao mundo dos garimpeiros, dos comerciantes e mesmo de determinados profissionais liberais (muitos dos quais eram "práticos"). Mas é preciso não simplificar os relatos, e sim melhor caracterizar esse entrelaçamento importante entre os habitantes das fazendas e os das povoações. Ao longo desse trabalho, poder-se-ão averiguar várias situações que dizem respeito a esse intercâmbio, que se dava principalmente pelo comércio, pela educação formal e informal (a cidade e os padrões dominantes de comportamentos), pela religião, pelas festas, animadas por pessoas tanto de um lugar, quanto de outro, para não mencionar já os inúmeros casamentos ocorridos entre os filhos de fazendeiros e pessoas das cidades, muitos dos quais arquitetados nas referidas festas, uma das mais pontuadas facetas desses encontros.

Os garimpos de diamantes comandavam o novo tipo de povoamento e direcionavam o fluxo da migração - os baianos que, dos fundos do sertão da Bahia, avançavam, mesmo a pé, atravessando o Estado de Goiás, formavam a maior parte: "... população de um arraial baiano, inteira, que marchava de mudada - homens, mulheres, as crias, os velhos, o padre com seus petrechos e cruz e a imagem da igreja - tendo até bandinha-de-música, como vieram com todos, parecendo nação de maracatu! Iam para os diamantes, tão longe, eles mesmos dizendo:...nos rios... Uns tocavam jumentos de almocreve, outros carregavam suas coisas - sacos de mantimentos, trouxas de roupas, rede de caroá a tiracol. O padre, com chapéu-de-couro, prà-tra-sado. Só era com procissão sensata enchendo estrada, às poeiras, com o plequêio das alpercatas, as velhas tiravam ladainha, gente cantável. Rezavam, indo da miséria para a riqueza"[16].

[16] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo, Abril Cultural, 1983, p.44.

Depois vinham os nortistas (os nordestinos também eram, muitas vezes, designados por "nortistas") que chegavam em grande quantidade, muitos dos quais já trazendo consigo a experiência da borracha (principalmente aqueles que haviam passado pelo Estado do Pará). Contudo, dos signos da riqueza ao cortejo da miséria, não deixa de ser curioso, nesse momento, contrapor a saída dessa população a sua chegada às áreas dos garimpos, na década de trinta, como conta uma moradora das fazendas:

"Os maleiros nos davam medo e quando eles apontavam na estrada nós todos saíamos correndo e nos escondíamos... eram homens feios, sujos, descabelados e maltrapilhos, com malas nas costas... eram nordestinos chegando para os garimpos. Eles só queriam uma pousada, água, e comida, mas nós tínhamos medo de que fossem loucos"[17].

Aos caminhos terrestres vinha juntar-se o do rio Araguaia, principal via para essa população em deslocamento. É nesse contexto que, com o mito fundante "da miséria para a riqueza", panacéia de todos os males, o vale do rio das Garças (afluente do Araguaia), constituir-se-ia em lugar privilegiado para a cata ao diamante e, portanto, favorecendo o aparecimento das corrutelas e das pequenas cidades da mineração. Em termos de ocupação ininterrupta, apesar da fragmentação, da fluidez e das rápidas mudanças de um lugar para outro, o processo de povoamento acelerou-se, a partir da década de vinte. Nas descrições ufanistas chegava-se a configurar o movimento para os garimpos como algo que se aproximava do espetáculo das "carroças de colonos" que se punham a caminho, fundando os "povoados do faroeste", que o cinema norte-americano imortalizou, dando ensejo a notícias que circulavam pela capital do país, como essa:

[17] Depoimento de Eva Balbino Guimarães Neto, moradora, nessa época (anos trinta), de uma das fazendas - Divisa - que se localizava em uma área de passagem de migrantes, em direção aos garimpos. Cuiabá, janeiro de 1992.

"Engenheiro Morbeck (Lageado) era a pequena capital da nova Califórnia que emergia no coração dos sertões do Brasil Central"[18].

Nesse mesma linha, o rio Araguaia aparecia enaltecido como "o Mississipi do oeste brasileiro", levando os nordestinos - em marcha - a cumprir o seu papel edificador de **novos bandeirantes**: não tanto no sentido de alargar fronteiras, mas no de "aprofundar" os territórios desconhecidos, trazendo à *civilização* os "vastos sertões".

Sob outra perspectiva, a rota pelo Araguaia constituía-se em uma via de penetração inigualável, mas seu percurso só se generalizou e se aperfeiçoou em função de novos recursos, quando a navegação tornou-se mais freqüente, interligando-se a um amplo *sistema* de estradas e caminhos diversos, favorecendo diretamente a abertura de novos contatos com os pontos emergentes dos garimpos de Mato Grosso. Estes apareciam por todos os lados, progrediam e o cenário geográfico modificava-se, configurando-se um quadro de povoamento[19].

O fato é que, efetivamente, de meados da década de vinte para a década de trinta, os garimpos expandiram-se no leste. Acampamentos improvisados logo transformavam-se em corru-

---

[18] *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1924. Chegaram até a quantificar o número das currutelas existentes - quarenta e quatro para a zona do garimpo - numa projeção alardeadora.

[19] Os indícios mais visíveis, no entanto, da procura pelos campos diamantíferos do vale do Garças, já datam de 1914, pois, aí, nesse momento, aparece, pela primeira vez, na legislação sobre a mineração em Mato Grosso a obrigatoriedade imposta aos garimpeiros do pagamento de uma taxa anual de ocupação, sob a lei número 681, de 23 de julho de 1914, art. I. Sem entrar no mérito da eficácia da lei e sem atentar, neste momento, para outros desdobramentos da legislação sobre a mineração, importa aqui anotar o fato de que a presença do garimpeiro não podia mais ser ignorada pelo Estado, apontando à necessidade de novos mecanismos de controle da exploração e produção mineradora. O certo é que, até esse momento, a pequena produção garimpeira não era alvo de qualquer regulamentação pela legislação corrente, pois a mineração era considerada atividade exclusiva de companhias privadas - "Carta Régia", de 12 de agosto de 1817 (Ver ELLIS, Myriam. "A Mineração no Brasil no século XIX". In: *História Geral da Civilização Brasileira*. Direção de Sérgio Buarque de Hollanda. São Paulo, Difel, 1971, tomo 11, 4, p.12.)

telas, e, com o avanço garimpeiro, espalhavam-se "ranchos" ao longo dos afluentes do Garças, formando as povoações de Cassununga, Chico França, Bandeira, Lageado, Estrela, entre os mais importantes (ver mapa 1)[20]. O vale do Garças formava, então, o grande centro aglutinador de mineradores em função da extração diamantífera[21]. Nesse período, portanto, já era possível perceber, pelas narrativas mais detalhadas a respeito dos garimpos do Garças, que todos os seus afluentes tinham sido prospectados. Os da margem esquerda seriam os mais ricos e, neles, em seus vales, é que se concentraria a maioria dos povoados.

Foi por essa época que Pedro Antunes de Souza - negociante dos garimpos - que nos deu o segundo relato incluído no início deste texto - subiu o rio Araguaia para Mato Grosso, não sem antes fazer o percurso de muitos baianos. Primeiro, fixar-se à beira do rio Araguaia, em local de cruzamento, como eram Conceição do Araguaia - no Pará - e Couto de Magalhães ou Porto Franco - em Goiás (hoje Estado do Tocantins). Ali encontravam-se baianos, piauienses, cearenses, pernambucanos, maranhenses - "os nortistas" - e outros. O próprio Pedro Antunes, baiano,

---

[20] "Em Janeiro de 1924, quando inspeccionou os garimpos do rio das Garças, o Capitão M. Pereira da Silva mencionou em seu relatório, entre os mais importantes, os nucleos de:
Cassununga, com cerca de 2.000 habitantes.
Cafelandia, com cerca de 800 habitantes e algumas casas de telha.
Lageado, com cerca de 250 habitantes e algumas casas de telha.
Chapadinha, com cerca de 500 habitantes.
Bandeirópolis, com cerca de 500 habitantes."

Apud CORRÊA fILHO, Virgilio. *Á Cata de Ouro e Diamantes.* Emp. Graphica Editora - Paulo Pongetti & Cia., Rio de Janeiro, 1926, pp. 66-67.

Contudo, não se tem dados oficiais a respeito do número de migrantes que seguiam rumo aos garimpos. Os relatos orais falam de um número que varia entre dois a três mil garimpeiros entrando por ano, pela década de vinte, circulando entre os pontos principais da zona de exploração mineradora, aumentando para mais que o dobro pela década de trinta.

[21] A atividade mineradora no Garças era mais fácil do que no Rio Araguaia, onde o diamante aparecia mais abundante no leito profundo do rio. Era o chamado garimpo de "golfo", a mergulho, ou em escafandros. Já no Garças, predominava o "monchão", espalhado pelos cerrados marginais ou as "grupiaras", nas barrancas de cursos d'água, como o Bandeira, Diamantino, Estrela, Agua Suja, Chico França, e, principalmente, o rio das Garças.

encontrou em Porto Franco sua mulher, Ineizila, uma maranhense. Ainda lá, antes de ir tentar a sorte nos garimpos do Garças, Pedro Antunes já havia seguido as trilhas dos tropeiros para Belém, juntamente com seu irmão, que também negociava pelas bandas do Xingu, pontuando toda uma imensa rede de relações mercantis voltada para o Norte, levando a tropa pelas beiras da mata, viajando sempre, mascateando, buscando café e, até mesmo, chegando ao Maranhão em busca de sal: - "Ele ia por esse mundo afora comprar café, sal, mantimentos... O sal, muitas vezes, era adquirido da cidade de Balsas, no Maranhão, e levado até à beira do Araguaia em tropas de burros. Pedro fez muitas vezes essa viagem"[22]

Mas, com o crescimento das corrutelas e o aparecimento subseqüente daquelas que se firmaram como as primeiras cidades da zona garimpeira de Mato Grosso, os negócios dos tropeiros ampliaram-se, dirigindo-se, agora, para "o sul", dividindo a sorte com muitos que vinham à procura das áreas de mineração, levando as mercadorias, de um ponto a outro, noite e dia, acompanhando o fervilhar das novas descobertas - vasculhadores das rotas pelos sertões. Pedro Antunes, por exemplo, fez sua primeira viagem para Mato Grosso em 1923 e daí por diante passou a viajar freqüentemente por todo o leste, estabelecendo relações comerciais com os garimpos de Poxoréo e até com os de Jauru, no sudoeste do Estado, seguindo o fio condutor do brilho dos diamantes (trajetórias que serão abordadas no 3° capítulo) - apesar de ainda manter sua família em Couto de Magalhães até 1929. Depois mudou-se definitivamente para Mato Grosso, fixando-se, em 1930, em um dos povoados mais promissores da zona diamantífera.

***

[22] Depoimento de Ineizila Antunes de Souza, esposa de Pedro Antunes de Souza. Cuiabá, maio de 1992.

Até aqui, procurei traçar um esboço mais geral dos caminhos pelos sertões tanto dos fazendeiros quanto dos homens que desenvolviam atividades nas áreas de mineração, principalmente no vale do Garças. Baseando-me em relatos orais (e algumas referências escritas), procurei articular alguns dados sobre as rotas comerciais[23] e as povoações que surgiam, a partir de um território indígena considerado "pacificado" (memória da violência). Contudo, preocupei-me muito mais em fazer uma leitura desses "tempos iniciais", nas linhas da construção de uma "nova terra", que aparece com a riqueza dos diamantes (uma atividade da escrita da história que instaura o começo a partir de um tempo novo que, iluminado pela razão, separa-se do *passado*), trazendo à luz alguns fragmentos onde foi possível assinalar seu valor mítico.

[23] Que serão mais aprofundadas no 3° capítulo.

2. *ARTES* DA MEMÓRIA E AS FONTES HISTÓRICAS

Trazer o tema do *povoamento* à luz, através de uma investigação que tem diante de si um terreno fugidio e incerto, tomado pelos rumores de uma história celebrativa, implica, em primeiro lugar, na eleição de um conjunto de questões teóricas e métodos articulado a pontos de vista fundamentais que possibilitem uma ruptura com as abordagens históricas tradicionais.

Em seguida, os relatos orais que compuseram este capítulo e a tese, de maneira geral, colocam, de imediato, a questão da construção do passado mais recente, quando uma das principais fontes disponíveis é o testemunho oral. Quero, a partir deste momento, delinear alguns referenciais e contribuições que me permitiram matizar as investigações da pesquisa realizada, no trabalho com as fontes orais que nortearam meus passos.

Um primeiro posicionamento se impõe. Não defendo a existência de uma história *oral*, como uma forma particular de história; acho pertinente discutir, sim, a utilização das fontes orais na construção do tempo histórico. Assim, é necessário precisar de que forma as fontes orais entram nas operações cognitivas que levam ao entendimento histórico do tema proposto.

Algumas determinações mais evidentes dirigem as primeiras reflexões, ao enfrentar os problemas com as fontes orais:

1. Como não poderia deixar de ser, é preciso dispensar às fontes orais o mesmo tratamento crítico que se tem com as fontes escritas, entendendo-se que a crítica aos relatos orais deve constituir-se em instrumento de investigação das suas próprias condições de produção, como se procede com os demais documentos escritos (e não só os escritos).

2. A importância de se situar o testemunho, na perspectiva de Paul Veyne, insistindo na constituição de uma determinada **trama histórica**[24], o que pode tornar-se impossível se não se caracterizar a especificidade do testemunho histórico, mergulhá-lo no contexto, armar as ligações necessárias, confrontá-lo com outras indicações, trazê-las à transparência do texto e, de volta a ele, o testemunho, entender sempre que, por mais rica que seja qualquer trajetória individual, realmente o que importa é a sua especificidade.

3. Chamar a atenção para as técnicas de entrevistas, assinalando o seu caráter parcial, subjetivo e comprometido com os interesses do "autor" e do próprio depoente (alguns pontos de vista a esse respeito já foram colocados na Introdução)[25]. Em todo caso, também gostaria de indagar em que medida as fontes escritas estão livres dessas determinações: questões que requerem um debate mais aprofundado.

Mas, gostaria de assinalar dois aspectos, de igual força, para refletir a respeito da relação entre fonte oral e história. Primeiramente, é preciso deixar claro que a fonte oral não é o *outro* da fonte escrita: fazem parte, tanto uma quanto outra, do sistema escriturístico moderno, operando com os mesmos códigos de referência cultural (sem postular uma origem única). Michel de Certeau, referindo-se a essa questão, traz a idéia fundamental da abrangência da escritura na época moderna, contextualizando um mundo que já não pode ser pensado sem a escrita, ele mesmo retomando a

---

[24] *Como se escreve a história. Op. cit.*

[25] Acho oportuno chamar a atenção aqui para essa observação de Eric Hobsbawm:

"Ali onde os historiadores tentam se defrontar com um período para o qual existem testemunhas oculares vivas, dois conceitos de história bem diferentes se chocam ou, no melhor dos casos, completam-se mutuamente: a acadêmica e a existencial, o arquivo e a memória pessoal. Pois todo mundo é historiador de sua própria vida passada consciente, na medida em que elabora uma versão pessoal dela: um historiador nada confiável, sob a maioria dos pontos de vista, como bem sabem todos os que se aventuraram pela "história oral", mas um historiador cuja contribuição é essencial." *A era dos impérios*. RJ, Ed. Paz e Terra, 1988, p. 18.

reflexão de François Furet, para quem a *modernidade* é a escritura[26]. A oralidade não pode mais ser restabelecida como forma de comunicação privilegiada, como foi na época medieval, onde os textos escritos eram produzidos tendo em vista sua forma predominante de transmissão oral. Não pensamos mais, não operamos com textos escritos para serem lidos em voz alta: a leitura segregou-se (certamente, novos sistemas de comunicação estão aí a transformar tudo). Portanto, a fonte oral de que podemos dispor não pode ser tratada como reconstituição de um "elo perdido" com a oralidade (o que não impede de nela observarmos e retirarmos ligações matizadas, relações duradouras e especiais com as tradições); e se escrever é, antes de mais, produzir um texto, a operação oral (contar, falar) também não deixa de ter uma relação primeira com a produção de textos e discursos. Em suma, quero assinalar a importância de se levar em conta o relato oral como um texto onde se inscrevem desejos, reproduzem-se modelos, apreendem-se fugas; em síntese, um texto passível de ser lido e interpretado e, da mesma forma, um texto articulador de discursos.

Outro aspecto fundamental a considerar é a relação da fonte oral com o tempo, colocando em relevo a memória. Ora, a história é o campo de conhecimento que acolhe a narrativa (tanto oral quanto escrita) segundo critérios de ordenação temporal (sem querer reduzir a história a uma narrativa cronológica de acontecimentos). Mas creio que a organização inteligível de uma narrativa encontra-se em consonância com sua organização temporal, pois segundo Paul Ricoeur: "O mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. Ou, como será freqüentemente repetido nesta obra: o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal."[27]

---

[26] CERTEAU, Michel de. "Ler uma operaçao de caça". In: *A invenção do cotidiano. Op. cit.*, pp. 259-273.

[27] RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, tomo 1. Campinas, SP, Ed. Papirus, 1994, p. 15.

Ora, por sua própria natureza, enquanto forma de memória, o testemunho oral aponta para a descontinuidade temporal, fazendo emergir do fluxo do tempo os fatos mais significativos, é claro que do ponto de vista do intérprete da sua própria história. Contudo, na narrativa, essa descontinuidade se organiza, parte de referências significativas, aponta para as ações humanas, buscando dar inteligibilidade às trajetórias. E assim, os "fatos da memória" constituindo-se como imagens, apresentando articulações próprias e únicas, estabelecem ligações efetivas (e ressonâncias) com uma teia mais ampla de acontecimentos, com os quais teremos que operar na construção da narrativa histórica. Assim, pode-se considerar que a narrativa sobre a qual incide um ponto de vista histórico, é o campo onde as imagens das ações humanas - e os signos que emitem - ganham movimento e podem, talvez, respirar a sua plenitude. Mas, essas imagens, não se pode esquecer, apresentam-se como resultados de uma interpretação.

Portanto, o trabalho histórico com a fonte oral deve considerar, como reflexão primeira, a particularidade do "tempo da memória", procurando questionar os laços mais importantes, ou a natureza dessa relação, das "artes da memória" e do tempo histórico, entendendo que as "histórias relatadas" são, antes de tudo, vidas ou acontecimentos lembrados, isto é, as recordações não são meras exposições da memória, mas um olhar através do tempo, um olhar que interpreta, decifra, revela e permite a transmissão de um tempo a outro e, principalmente, trazem a possibilidade de atualização do passado no presente. Mas, sobretudo, é poder compreender o passado, também, como ficção do presente - para usar a expressão de Michel de Certeau[28].

Levando-se em conta o papel da memória para a "compreensão" do passado, evocarei Marcel Proust por oferecer um dos acessos mais ricos à sua discussão. A exploração da memória, apesar da fecundidade das lembranças, não se confunde com o esforço máximo para trazer à tona as

[28] "Escritas e Histórias". In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982, p.21.

recordações; a memória, no caso de Proust, é vista como instrumento de uma aprendizagem[29],. Os signos da memória são, como ele mesmo demonstra, condutores especiais para a *redescoberta* do tempo (as "verdades" são sempre temporais). Para Proust, assim como para Platão, aprender é relembrar e relembrar é aprender, mas aprender é expor-se à violência dos encontros com os signos, sabendo-se que em Proust, diferentemente de Platão, a inteligência vem sempre depois. Jorge Luis Borges diz que, segundo a doutrina platônica, "inventar" e "descobrir" são palavras sinônimas, e que inventar e descobrir é o mesmo que recordar (note-se aí o elemento da aprendizagem). E mais, explica que, quando o poeta concebe a obra, ele segue descobrindo-a ou inventando-a, como se a obra preexistisse, "...as coisas já se encontram ali. Mas estão ali escondidas e meu dever de poeta é descobri-las"[30]. Inventar, descobrir, aprender: combinam-se na riqueza da recordação. Aliás, recordar, palavra latina (*re*: de retornar; *cor*: de coração), exprime a imagem do retorno pelo coração, e só se retorna pelo coração a tudo aquilo que nos tocou profundamente, em busca do seu sentido: mais uma vez, a questão dos signos ganha relevo. De acordo com Proust, o esforço da recordação pura e simples não é nada; só se recorda/aprende por necessidade: "O acaso do encontro é que garante a necessidade daquilo que é pensado. Fortuito e inevitável"[31]. A idéia de descoberta e invenção, não como algo que nunca existiu, mas como aprendizagem e interpretação das coisas, objetos e seres, emitindo signos a serem decifrados, interpretados, é de suma importância. Assim também a noção em Borges de que as coisas preexistem - "como se esse poema

---

[29] Mas sempre tendo-se em vista que a *Recherche* "é voltada para o futuro e não para o passado". O passado em si mesmo nada vale e "por mais importante que seja o seu papel, a memória só intervém como o meio de um aprendizado que a ultrapassa tanto por seus objetivos quanto por seus princípios." DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. *Op. cit.* p. 4.

[30] BORGES, Jorge Luis. "A Poesia". In: *Sete noites*. São Paulo, Editora Max Limonad Ltda., 1983, p.124.

[31] DELEUZE, G. *Proust e os signos*. *Op. cit.*, pp. 16-17.

preexistisse em nós"[32]; e em Proust, de que as coisas se acham sob encanto[33], o passado oculto, "em algum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca"[34]. Por isso a força do encontro em Proust - enigmática e violenta - dependendo disto a "libertação da alma" aprisionada nas coisas materiais, condição de se ter acesso à experiência de nossa vida; e a força poética do pressentimento em Borges - "sentir a presença da poesia" - preexistir em nossa memória o que está oculto na vida, dar vida "às almas cativas", condição de felicidade: uma experiência estética.

Certamentem, é por isso que Walter Benjamin, ao refletir sobre "A imagem em Proust" dá ao acontecimento lembrado o caráter de infinitude: "...o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois"[35]. O acontecimento, nessa concepção, interrupção do tempo, faz explodir pelos ares o *continuum* da história e traz um tempo carregado de "agoras", rompendo com a noção de um presente que é transição, presente que pára no tempo e se imobiliza[36]. Para ele a história é, antes de tudo, *presente*: um presente que recolhe do passado situações ou acontecimentos como "pontos de concentração" que têm o poder de

---

[32] BORGES, J.L. "A Poesia". In: *Sete Noites. Op. cit.*, p.125.

[33] M. Proust evoca, nesse caso, a crença céltica, segundo a qual "...as almas daqueles a quem perdemos se acham cativas em algum ser inferior, em um animal, um vegetal, uma coisa inanimada, efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar por perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e, logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. Libertadas por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco". *No caminho de Swann*. São Paulo, Ed. Globo, 1990, p.48.

[34] *Idem*, p.48.

[35] BENJAMIN, Walter. "A Imagem de Proust". In: *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985, p.37.

[36] BENJAMIN, Walter. "Sobre o Conceito da História" - *Cf.* Teses XIV, XV e XVI. In: *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. *Op. cit.*

revelação, opondo-se à memória perpetuadora dos "grandes feitos", no âmbito da dominação de classe: a "recordação é a única maneira de barrar o caminho à repetição do Mesmo..."[37] É por isso que, para Walter Benjamin, a força rejuvenescedora em Proust está nas reminiscências[38].

E assim, diante de toda experiência individual e coletiva, a memória tanto pode intervir como um meio de aprendizagem quanto como um instrumento político: dupla face que dimensiona a experiência humana. Aprender também diz respeito a uma "memória" que tem em si o poder de entreabrir o passado. Ora, para Walter Benjamin, tudo aquilo que a *ciência* pôde definir e dar por acabado, dentro de uma linha historicista, na qual se "apresenta a imagem eterna do passado", só a memória pode modificar, e rebelar-se contra todo aquele que a quer posse sua, triunfo[39].

Outro acesso à reflexão sobre a função da memória no campo da ação humana, independentemente do que acabei de expor, é a que faz parte da própria concepção grega de história, na qual a memória é também revelação de vida e busca de eternidade. Em Heródoto, fica claro que as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens formam a matéria da história. Seria, assim, sua tarefa salvar os feitos humanos do esquecimento, garantindo-lhes um certo caráter de permanência, impedindo-lhes seu inexorável perecimento. Somente a recordação -

---

[37] Essa questão é abordada por Olgária C. F. Matos com uma maior abrangência na primeira parte do seu livro: *Os Arcanos do Inteiramente Outro - A Escola de Frankfurt, a Melancolia e a Revolução*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989. Citação: p.59.

[38] BENJAMIN, W. "A Imagem de Proust". In: *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. *Op. cit.* Deleuze também diz: "Proust nos fala da plenitude das reminiscências ou das lembranças involuntárias, da alegria celestial que nos dão os signos da Memória e do tempo que eles nos fazem bruscamente redescobrir" - *Proust e os Signos. Op. cit.*, p. 54.

[39] Ver: MATOS, Olgária C. F. *Os Arcanos do Inteiramente Outro - A Escola de Frankfurt, a Melancolia e a Revolução. Op. cit.*

Mnemósine - considerada a mãe de todas as musas - poderia vir socorrer os homens de seu insignificante destino, marcado pela transitoriedade[40].

E como nada pode sobreviver ao momento de sua realização mesma, os homens teriam de encontrar os artifícios adequados para superar essa efêmera condição humana: "A tarefa do poeta e historiador (postos por Aristóteles na mesma categoria, por ser o seu tema comum **práksis**) consiste em fazer alguma coisa perdurar na recordação."[41]

Hannah Arendt chama a atenção para uma das mais belas passagens da Odisséia, em que Ulisses consegue resgatar o seu passado e reconhecer a sua história - poeticamente - quando, na corte do rei dos Feácios, ouviu a narrativa de seus próprios feitos e pesadelos, sua vida exposta, "...agora algo fora dele próprio, um 'objeto' para todos verem e ouvirem. O que fora pura ocorrência tornou-se agora 'História' (...) A cena em que Ulisses escuta a estória de sua própria vida é paradigmática tanto para a História como para a Poesia; a 'reconciliação com a realidade', a catarse, que segundo Aristóteles era a própria essência da tragédia, constituía o objetivo último da História, alcançado através das lágrimas da recordação."[42] Os gregos entendiam a história dos eventos humanos como **interrupção** do ciclo do eterno retorno: "Essas situações únicas, feitos ou eventos, interrompem o movimento circular da vida diária no mesmo sentido em que a **bíos** retilinear dos mortais interrompe o movimento circular da vida biológica. O tema da História são essas interrupções - o extraordinário, em outras palavras" [43]. Dos eventos e ocorrências singulares, doravante, ocupar-se-ão historiadores e poetas - "E o fazem traduzindo **práksis** e **léksis**, ação e

---

[40] ARENDT, Hannah. "O conceito de história - antigo e moderno". In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.

[41] *Idem*, p. 74.

[42] *Idem*, pp. 74-75.

[43] *Idem*, p.72.

fala, nessa espécie de **poiesis** ou fabricação que por fim se torna a palavra escrita."[44] A solução encontrada pelos gregos para "imortalizar" os grandes feitos humanos, através das palavras, aproximou, no campo da criação, a história e a poesia, embora para Aristóteles "...a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere-se aquela, principalmente, ao universal, e esta ao particular."[45] A história porque diz das coisas que sucederam e a poesia das que poderiam suceder - "representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade"[46].

O poeta, para Aristóteles, deve ser um fabulador, mesmo que venha a fazer uso do real, pois pelo fato de imitar ações, "...nada impede que algumas das coisas que realmente acontecem sejam, por natureza, verossímeis e possíveis e, por isso mesmo, venha o poeta a ser o autor delas."[47] Se a tarefa do historiador consiste também em relatar ações e feitos, acontecimentos que efetivamente ocorreram, deve ser um "descobridor"/ artífice da palavra - numa interação com a ação (**práksis** e **léksis**) - a fim de poder fazer perdurar e fixar à memória os feitos humanos. Mesmo o poeta deve ter uma consangüinidade com as coisas reais ("segundo a verossimilhança e a necessidade"), do cont_ário pode vir a ser um **mau poeta** - ou deixar de **parecer maravilhoso** - segundo Aristóteles[48].

Os historiadores também podem deixar de empreender bem a sua tarefa, e se acaso enfastiarem aqueles que o irão ler, o seu intento não será cumprido, na medida em que nada se

---

[44] *Idem*, p. 74.

[45] ARISTÓTELES. "Poética". In: *Os pensadores,* volume Aristóteles. Tradução de Eudoro de Souza. Abril Cultural, São Paulo, 1973, p. 451.

[46] *Idem*, ibidem.

[47] *Idem*, ibidem.

[48] *Idem*, pp. 451-452.

grava, nada se guarda na memória, nenhuma lembrança enternece, nenhum **feito se salva**, se a escrita da história não consegue articular as ligações essenciais entre o "real" e o relato (problemática da relação entre narrativa e história). Em um belo trabalho, um texto crítico sobre Borges, Ítalo Calvino trata exatamente de ressaltar essa questão ou até mesmo esse tema: "Assim, o poder da palavra escrita se liga ao vivido como origem e como fim. Como origem, porque se torna o equivalente de um acontecimento que de outra maneira ficaria como não tendo ocorrido; como fim, porque para Borges a palavra escrita que conta é aquela que tem um forte impacto sobre a imaginação, enquanto figura emblemática ou conceitual, feita para ser lembrada e reconhecida em qualquer aparição passada ou futura."[49] Mas sem se esquecer que, como observa Hannah Arendt, "jamais deixaria qualquer vestígio sem o auxílio da recordação"[50].

Acredito que é no âmbito dessa discussão que se situa o que disseram Duby e Lardreau, ao afirmarem que a história deve ser colocada sob o ângulo da arte literária, pois é criação de um discurso que, necessariamente, tem que ser bom[51]. Ainda, pode-se desenvolver um pouco mais essa idéia, seguindo as palavras de Duby, no prefácio de seu livro *O domingo de Bouvines*, quando declara que a primeira razão da sua escolha foi "a atração do prazer"; a segunda, "explorar o acontecimento" de uma forma muito própria (nesse sentido a primeira escolha se adere à segunda) - "...pelo próprio fato de ser excepcional, o acontecimento faz emergir, no afluxo de palavras que ele libera, vestígios que, se não nos detivéssemos nele, permaneceriam nas trevas, despercebidos, os

[49] "Jorge Luis Borges". In: *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Ed. Cia. das Letras, 1993, p. 251.

[50] "O conceito de história - antigo e moderno". In: *Entre o passado e o futuro. Op. cit.* p.74.

[51] DUBY G. e LARDREAU G. *Dialogues*. Paris, Flammarion, 1980.

traços mais banais de que raramente se fala no cotidiano da vida e sobre os quais nunca se escreve".[52]

A meu ver, pode-se destacar dois pontos essenciais dessas afirmações colocação de Duby: primeiro, que o acontecimento deve apresentar-se com força suficiente para fazer jorrar palavras, as quais "ele libera", a fim de arrancar do desconhecido, do "despercebido", aquilo que pode dar significado à vida dos homens; segundo, quem relata o acontecimento tem de o fazer com força suficiente para que as palavras fluam, como um rio solto, abrangendo os detalhes e o curso principal (de acordo com os caminhos que se abrem). Ora, "o texto como tecido de palavras, imagens e significados"[53] é o resultado do trabalho de artífice do autor e, no caso do historiador que lida com acontecimentos que de fato ocorreram[54], estes, os acontecimentos, devem emergir de uma trama histórica articulados por uma escrita eficaz.

Creio que, nessa perspectiva, depende da própria armação do acontecimento[55] - que implica numa organização inteligível da narrativa - aquilo que foi tão caro aos gregos: salvar os feitos humanos do esquecimento ou da banalidade, conduzindo à ousadia o destino humano.

---

[52] DUBY, Georges. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1993, pp. 10-11.

[53] CALVINO, Ítalo. "Jorge Luis Borges". In: *Por que ler os clássicos*. *Op. cit.*, p. 250.

[54] É bastante conhecida a posição de Paul Veyne, que valoriza o papel do historiador como "construtor" da trama histórica: "... os historiadores narram acontecimentos verdadeiros que têm o homem como actor; a história é um romance verdadeiro." *Como se escreve a história*. Lisboa, Edições 70, p. 10. Sem querer entrar aqui na polêmica se a história é uma ciência (como o é para Le Goff) ou não (como para Veyne).

[55] Cada vez mais essa discussão vem à tona nos dias de hoje. E a propósito da história cultural, Lloyd S. Kramer afirma: "De fato, o único traço verdadeiramente distintivo da nova abordagem cultural da história é a abrangente influência da crítica literária recente, que tem ensinado os historiadores a reconhecer o papel ativo da linguagem, dos textos e das estruturas narrativas na criação e descrição da realidade histórica." Aponta, em seu texto, às contribuições de White - La Capra, na reflexão sobre "a dimensão literária da experiência social e a estrutura literária da escrita histórica", em que questionam "as fronteiras que separam a história da literatura e da filosofia (e os leva) a contestarem aquilo que percebem como as tendências dominantes da historiografia, a focalizarem o papel decisivo da linguagem em nossas descrições e concepções da realidade histórica." - "Literatura, Crítica e Imaginação Histórica: O Desafio Literário de Hayden White e Dominick

Por tudo isso, também, ao se utilizar as fontes orais no trabalho histórico, é preciso ter em mente que, primeiramente, lidamos com um *tempo* especial: o tempo da *memória oral*; em segundo, considerando a importância das recordações para "salvar as ações humanas do esquecimento", os relatos orais serão "reconstruídos" na forma de uma história *escrita*.

***

Se a memória, segundo Walter Benjamin, tem o "dom de despertar as centelhas da esperança", considero essencial apreender nas histórias narradas os fios de tensões, as linhas contraditórias, talvez muito mais ambíguas, linhas de fuga que formam um quadro complexo, porém sedutor, para a pesquisa histórica. Aqueles que relatam as histórias aqui focalizadas são os migrantes nordestinos, que se dirigiram para as aglomerações garimpeiras ou para os núcleos urbanos emergentes, ou ainda os fazendeiros, dispostos a cercar os novos campos. Procurei colher as lembranças dos moradores, tanto das fazendas, quanto das cidades: os primeiros, aqueles que vieram de uma relação com a terra, mais sedentários, contam histórias do sertão e suas tradições; os outros, vivendo a experiência do nomadismo por contingência, foram aqueles que vieram de longe, os nordestinos, grandes contadores de histórias, viajantes que de porto em porto vão tecendo, nas urdiduras do tempo, o seu passado.

É deste entrecruzamento que surgem os dois principais arquétipos da estrutura narrativa mais antiga: o viajante (o marinheiro e o mercador) e o habitante de sua terra (o lavrador sedentário e o artesão): "A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois

---

LaCapra". In: *A nova história cultural* (org. Lynn Hunt). São Paulo, Editora Martins Fontes, 1992, pp. 131-173.

grupos"[56]. E ainda, "o conhecimento do lugar distante" e o "conhecimento do passado" caracterizam, nessa relação, o encontro mais fecundo: "Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento."[57]

As experiências entrelaçam-se e constituem, desse modo, a matéria da memória[58], compreendendo-se que só há experiência em sentido mais estrito quando entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo. A intenção aqui, neste trabalho, de maneira geral, foi a de trabalhar com o matéria da memória, fornecida tanto pelos moradores das fazendas, quanto pelos que vieram de muito longe, em busca dos garimpos - os moradores da cidade -, entremeando-as, fazendo surgir narrativas que trazem as histórias e as experiências passadas como fontes que energizam a tessitura da vida social e dão o toque mágico ao mundo vivido. Um passado, não como memória acumulativa, mas que emite signos que vale a pena "decifrar". Muitas vezes, meras lembranças, reminiscências, que aparecem como fiapos desgarrados, mas essencialmente condutores de revelações. Contudo, para essas histórias, deliberadamente, não existem heróis, embora alguns possam aparecer como tais em outras histórias: relatos de uma

---

[56] BENJAMIN, Walter. "O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. *Op. cit.*, p. 198.

[57] *Idem*, p. 215.

[58] "Experiência", proveniente da *repetição* e do hábito, matéria da recordação: "Memória inintencional (Freud) e memória involuntária (Proust) constituem este conceito de Benjamin." "História e repetição". MATOS, Olgária C. F. *Os arcanos do inteiramente - a Escola de Frankfurt, a melancolia e a Revolução*. *Op cit.*, p. 93 (nota 1.).

ocupação, de uma lei, de um tempo e um mundo próprios. E embora as palavras de Guimarães Rosa soem como as batidas em um velho sino, chamam nossa atenção para essas personagens dos enigmáticos sertões: "Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universozinho nosso aqui"[59].

Mas, recontar as histórias entra, a meu ver, na dimensão da invenção da experiência humana.

[59] ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. *Op.cit.*, p.17.

CAPÍTULO II

DO TEMPO DAS FAZENDAS

Lugar das histórias de onde emergem imagens fantásticas, mas de traços pouco iluminados em uma experiência cotidiana sem registro escrito, procurei abrir passagens por entre espaços de difícil acesso. Investiguei esses tempos, tentando apreender, ou melhor, fazer uma leitura do modo como os moradores das fazendas podiam interpretar a realidade social da qual faziam parte, construíam e tranformavam, ouvindo-os falar a respeito de suas tarefas cotidianas - o fazer das mãos entrelaçado às narrativas de aventuras, dos começos das fazendas, das *lendas*, etc. - e dos acontecimentos *inevitáveis* sob circunstâncias que, na maioria das vezes, não escolheram, mas definiram as suas vidas. Porém, fundamentalmente, deixei-me conduzir pelos relatos como estratégia de descrição dos espaços, mantendo sempre sua relação essencial com as práticas neles desenvolvidas, reveladoras de uma dada perspectiva de mundo. Falam de coisas simples e importantes, dos tempos mais antigos aos mais atuais, das aventuras e expectativas sempre presentes. Um quadro de lembranças onde as pessoas aparecem trazendo as histórias que elegem para falar da época de formação das fazendas:

" - Começo a contar um pouco da história dos povos que vieram para desbravar o sertão de Mato Grosso.

Um dos muitos conhecidos foi João Balbino de Morais, meu avô, que veio em 1904, trazendo seus filhos já crescidos. João Balbino foi um grande desbravador, de grande coragem; caçador de onça, pronto para tudo que dependesse de esforço, de persistência, para passar a noite em claro. Enfrentava todo tipo de trabalho; só que morreu muito novo, com seus cinquenta anos.

Deixou tudo para que os filhos continuassem o seu desejo, de o sertão tornar-se grandes fazendas, com seus enormes rebanhos de gado.

Meu avô foi um homem duro, enfrentou o desbravamento com muita coragem, junto com os filhos. Era caçador de onça, com seu filho Jerônimo. O tio Jerônimo era tido como homem perigoso, matava onça de todo tamanho; ele chegava a ter manada de cachorros ensinados para essas caçadas. Tinham esse costume por prazer, porque naquele sertão não havia nada de divertimento; era só trabalho e muita solidão. Usavam o couro da onça para forrar suas montarias, pois ali era tudo difícil para se adquirir. Para eles era muito importante ir buscar o sal, no comum, levavam até mês nessas viagens, com os carros-de-bois; enfrentavam muitas dificuldades.

Eles contam que, nesses tempos, haviam aves enormes e que, de uma certa vez, uma delas - uma ave negra muito grande - voou na direção do peão, um trabalhador que ia passando lá pelas várzeas, e as suas enormes unhas atravessaram o braço dele, precisando até cortar o pé da ave para salvar o homem[1].

Tiveram que enfrentar muitas dificuldades, como na ida dos revoltosos para aquelas fazendas em que judiaram muito dos fazendeiros, e eles tinham que se esconder[2]. Quando descobriam os esconderijos deles, tomavam tudo, se não entregassem o que pediam, eram surrados. Na maioria das vezes, tinham tempo de ser avisados; então escondiam-se no mato. Em uma dessas

---

[1] O gavião como figura anunciadora do mal ou associado a algum mau presságio é comum no universo cultural das populações dos sertões, como em Guimarães Rosa: "E gavião, corvo, alguns, as feições deles já representam a precisão de talhar para adiante, rasgar e estraçalhar a bico, parece uma quicé muito afiada por ruim desejo." *Grande sertão: veredas. Op. cit.* p. 12.

[2] Os *revoltosos*, aqui indicados, de fato, eram os jagunços dos bandos de Morbeck e Carvalinho que, pela metade da década de vinte, entraram em luta armada no leste de Mato Grosso; invadiam as fazendas saqueando tudo, atirando em quem apresentava a menor resistência. Contudo, o termo *revoltosos* designava os homens da Coluna Prestes, e que também passou por essa zona do leste entre vinte e seis e fevereiro de vinte e sete. Mas, sem dúvida, através de entrevistas com a população das fazendas, não contemporânea a

vezes, a minha mãe, no meio do apuro, esqueceu minha irmãzinha de meses dentro da casa; num nervosismo sem fim, com os jagunços já entrando na casa, voltou rápido até lá e pode pegar sua filhinha, sem que eles a vissem. Foi umas das coisas de que me lembro, que minha mãe contava, que mais nos emocionavam, porque ela dizia que foi um dos maiores apuros de sua vida.

Em um outro dia, o peão foi tirar leite bem cedinho; quando estava lá bem quieto, eles chegaram e foram atirando, mas como nossa fazenda tinha uma mata nos fundos dos currais, ele saiu correndo, pulou no córrego e depois escondeu-se na mata; foram tantas aventuras nessa época em que os revoltosos andaram por lá!

Numa das vezes que estavam escondidos no mato, meu pai, minha mãe e irmãos, os revoltosos viram uma fumaça de longe; foram seguindo seus sinais, até chegar perto, onde estavam meu pai com a família; as filhas estavam catando frutinhas no mato e quando os viram, saíram correndo com medo, mas eles gritaram: - "parem, senão atiramos!" E foram dando tiros para o alto. Eles amedrontavam as pessoas de todo jeito, com muita maldade; quando encontravam as casas sem gente, pegavam as roupas e jogavam no chão, quebravam ovos, sujavam tudo!

Nosso pai era mais habilidoso com eles. Quando chegavam, já iam pedindo as armas que se tinha, cavalos, arreios, todo tipo de montaria e meu pai sabendo que tinha que entregar mesmo, dava logo, antes que apanhasse e eles praticassem violência Meu tio Jerônimo já era tido como valentão. De uma vez, não quis entregar nada a eles. Então foi amarrado e levado, apanhando, espancado quase sem poder andar. Levaram para longe da casa dele, amarraram seus pés e suas mãos e o deixaram ali amarrado, dizendo que mais tarde iriam matá-lo, e foram dormir. Esse homem duro que era meu tio ficou mordendo as cordas e esfregando uma na outra, vendo se

---

esses acontecimentos, faz parte de seu imaginário o mesmo referencial de violência tanto para as tropas de Luís Carlos Prestes, quanto para os bandos de Morbeck e Carvalinho.

conseguia desatar os nós. Com muito esforço, pedindo a Deus que o ajudasse, ele conseguiu, levantou-se devagarinho, foi até onde dormia um deles, deu um soco nesse, pegou a arma e foi dando tiros, matou um deles, os outros saíram correndo e esconderam-se no mato. Meu tio pegou um dos cavalos, conseguindo depois de muito esforço jogar-se em cima, pois estava muito machucado, voou para longe. Levou um mês para se curar de tudo, do espírito e do corpo."[3]

Assim, Eva Balbino introduz seu relato sobre a vida nas fazendas - pelas histórias que ouviu e pelas imagens que trouxe dos *tempos do desbravamento*, do antigo leste de Mato Grosso. Imagens estas, implicadas em uma vivência muito própria nas fazendas - das onças, dos jagunços, dos andarilhos "perdidos" e dos fazendeiros-desbravadores - mas que também recoloca em um plano *mítico* os acontecimentos nos *sertões*. E mais que isso, envolve-os com as *artes mágicas* da natureza, do sobrenatural, dos *sinais reveladores*, quando observadas sob um olhar etnológico, "insistindo em seus aspectos quotidianos", como assinala Jacques Le Goff[4].

Ela continua a contar que quando criança sonhava com as histórias que falavam dos perigos pelos quais seus pais haviam passado - "queria muito que aparecessem mais revoltosos à fazenda, que pudéssemos sair correndo, no maior alvoroço, para nos esconder no mato, passar por aquelas aventuras! Mas não, na minha época isso não mais aconteceu." No entanto, faz uma ressalva que recoloca a imaginação na ordem da experiência real: "De qualquer jeito, minha infância

---

[3] Depoimento de Eva Balbino Guimarães Neto, uma das filhas do fazendeiro Juca Balbino de Morais e de Bercholina Guimarães, que nasceu na fazenda da Divisa, em 1927 e, depois, morou na fazenda do Morro Alto até se casar, aos vinte e três anos de idade. Casou-se com João Antônio Neto, filho mais velho de Pedro Antunes de Souza. Cuiabá, janeiro de 1992.

[4] Lembrando também das lições que a etnologia pode nos dar, diz: "Fazer história etnológica significa, além disso, revalorizar na história os elementos mágicos, os carismas". "O historiador e o homem quotidiano". In: *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Lisboa, Edições 70, 1985, p. 192.

foi povoada por essas aspirações, histórias e lembranças, como se elas tivessem existido, pois éramos preparadas para aprender a olhar e a reconhecer os perigos, que eram muitos..." Porém, durante os tempos de formação das fazendas o estado de insegurança que as cercavam era grande, dado o isolamento das sedes, poucos moradores, contando com uma mão-de-obra predominantemente familiar (apenas um número muito reduzido de agregados e peões, talvez três ou quatro). A *desconfiança*, portanto, não era mero resultado da imaginação, mas fazia parte de uma prática cotidiana, inserida em um contexto de controle de espaço.

Acreditava-se que qualquer um que aparecesse pelas fazendas podia ser um andarilho louco, um jagunço, um criminoso, homens capazes de tudo (as mulheres, por exemplo, eram sempre orientadas a se esconder). Por isso é que, independente de existirem ou não, duplicando ou multiplicando o espaço imaginário, passaram a fazer parte das histórias - sempre marcadas pelo desejo de aventura - que Eva Balbino ainda reconta nos dias de hoje.

As histórias sobre os *revoltosos* trazidas por ela, já constituem parte da roda giratória das imagens mais densas dos sertões, em que os grupos armados emitem os mesmos signos, de violência e arbitrariedade, não interessando muito a origem ou as diferenças entre eles. Porém aqui, elas nos remetem, de fato, aos conflitos entre os grupos de jagunços, seguidores de Morbeck e Carvalinho, que invadiam as fazendas à procura de armas, montarias e víveres. O que mais interessa perceber é que se espalhavam o medo e praticavam uma violência desnuda, produziam também signos de aventura, do acontecimento inesperado, da situação que podia transformar a vida e quebrar a lentidão morna do sertão, e depois, passavam a fazer parte da vida-memória, lembranças dos tempos das fazendas.

Entretanto, Juca Balbino recoloca a questão dos *revoltosos* no âmbito da realidade vivenciada por ele, contemporâneo aos fatos, quando, realmente, recebeu as tropas de Luis Carlos

Prestes em sua fazenda: "O que mais me lembro, desses tempos antigos, foi dos revoltosos, do Luís Carlos Prestes. Início de 1927. Os seguidores de Luíz Carlos Prestes queriam mudar o regime, lá em São Paulo, mas não pode, não deu conta, e, então, resolveu sair e foi para o Rio Grande do Sul. Lá ele conseguiu mobilizar duzentos revoltosos e aí saiu andando, esperando poder arrebanhar mais gente que se juntasse a ele, depois ficou aguardando a anistia, e esta anistia nunca vinha e ele ficou fora. Até o acompanharam setecentos homens. Acabaram chegando até a nossa fazenda, quando ele cortou aqui o leste. Não queriam mulher de ninguém, dinheiro de ninguém, só queriam armas de fogo, munição e tropa. Era só isso que eles queriam. Quando chegaram, não vieram todos, eles andavam de bloquinho. Acompanhava o Luís Carlos Prestes um bloco que chamava Estado Maior, agora, esse bloquinho saía arrebanhando nas fazendas o mais que podia de armas de fogo, munição e tropa. Nunca vi o Luís Carlos Prestes, só o povo dele. Com os outros é que conversei. Falavam que não queriam nada, só queriam tropa, arma de fogo e munição. O que eu tinha, dei tudo. Quando eles chegaram e disseram que eram os revoltosos, eram sete, parece, pediram: - "Cadê seu revólver, sua carabina? Então eu falei: - "Tá tudo aí! E fui falando: " - Tá tudo aí! Ele entrou na casa e a velha Bercholina, minha mulher, estava lá no vizinho, porque sabia que eles tinham ocupado a casa. Sabia que eles iam lá. Então eles entraram, apanharam revolver, apanharam carabina, apanharam munição, apanharam tudo que queriam, e o homem falou: - "Cadê a tropa?" - E eu logo respondi: - "Taí, por que?" - "Então vai trocar!", ele mandou. Fui mais um revoltoso procurar onze cavalos e dois burros. Tudo foi vendido, não pegaram nada sem pagar. Mas deixei a cabeceira da tropa escondida lá em Diamantino (já sabia que eles iam querer).

Eles não matavam, mas se não desse o que queriam, desciam o pau. Batiam e faziam entregar na marra. Tem o caso do meu irmão Jerônimo. Quando o povo do Prestes voltou para a estrada da Bolívia, vindo do Estado de Goiás, pela fronteira de Goiás, nesse tempo, pegaram o

velho Jerônimo, porque ele botou uma manada de homens lá em casa, tudo armado, aí os revoltosos chegaram e prenderam o velho Jerônimo. Andaram com o velho pra lá e pra cá, por aí, até que um peão do velho Jerônimo atirou num revoltoso, o revoltoso ficou baleado e não pode mais andar. Parece que eles eram em seis. Andaram um pouco mais, e aí, o baleado não aguentou mais andar, porque já estava de noite, então resolveram pousar. No pouso, três armaram a rede, lá no cerrado, e dois estavam conduzindo o velho Jerônimo. Botaram o pelego assim no chão e deitaram um de lá, outro de cá e botaram o velhão deitado no meio... O velho Jerônimo deixou que eles dormissem bem, estavam um pouco cansados, e arribou o pelego e tirou os dois revolveres, um dele e mais um do outro, botou o trinta e oito aqui na mão e ficou em pé. Chapeou a pestana de grude e a bala entrou na cabeça. Fui eu que enterrei a ossada deles. Aí ele atirou nesses dois e - "oh! ...o baleado falou assim: "Pare aí baquiano! - "Parar o quê moço!" E o baleado desceu doido de rumo, uma pindaíba lá em baixo!

Depois, o velho Jerônimo teve que tomar banho de sal por muito tempo, para passar, de tanto que tinha apanhado dos revoltosos. E os outros três depois que viram os companheiros mortos, pegaram as tropas e foram embora. O Estado Maior estava bem aí, mas eles não sabiam... E o velho Jerônimo escapou por isso."[5]

Mas a diferença entre os *revoltosos* da Coluna Prestes e os bandos de jagunços era claramente visualizada pelo fazendeiro Juca Balbino, reservando aos primeiros admiração e aos segundos, seu desprezo: "Aconteceram também, as lutas dos bandos de Morbeck e Carvalhinho. Esses aí eram gente à toa, invadiam e quebravam tudo. Uma vez, tivemos que nos esconder deles, ficamos uns dias acampados no mato, à beira de um córrego. Quando voltamos à casa da fazenda, encontramos a casa toda em desordem, ovos e coisas quebradas por todos os lados, pelo chão;

[5] Depoimento de Juca Balbino de Morais, citado.

pisaram nas roupas de cama e tudo, deram tiros, e como não acharam ninguém, foram embora. Quem quebrou e saqueou era povo à toa! O povo do Luis Carlos Prestes não, tinha muito advogado, tinha gente das Forças Armadas e eles queriam mudar o regime..."[6] Uma das filhas mais velhas de Juca Balbino interrompendo-o, ainda traz uma imagem romântica dos *revoltosos*, da fama que ganhavam, dizendo assim: "...tinha um moço famoso, um militar muito bonito, que andava com eles, mas não consigo lembrar-me do nome..."[7]

Portanto, os *revoltosos* ou seguidores de Prestes foram homens que passaram e deixaram muitas histórias, em que cada um contará, depois, de sua própria maneira, narrando-a de diversas formas. Já os *jagunços* gravaram as marcas da violência no imaginário das populações rurais. Porém todos que ouviram e participaram dos acontecimentos desses tempos, da Coluna, dos jagunços de Morbeck e Carvalhinho, vão recontá-los sempre. O certo é que o ambiente das fazendas era propício às conversas em meio tom, misturando-se aos finais de tarde, quando os homens tinham voltado do campo, ou quando as mulheres acabavam os afazeres domésticos, nos bancos das portas das casas, ou nos terreiros, próximos aos regatos que caminhavam silenciosamente até os monjolos, com seu rítmo invariável (as histórias e as conversas parecendo acompanhar essa mesma cadência)[8]. As "confabulações" quase sempre guardavam um ar de mistério, desenrolando uma história aqui, outra ali, em que as aventuras iam sendo contadas, umas

---

[6] *Idem*.

[7] Maria Francisca, que se encontrava junto ao pai quando realizei uma das entrevistas com Juca Balbino, em maio de 1988.

[8] Guimarães Rosa disse assim: "Nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias. Desde pequenos estamos escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos num mundo que, às vezes, pode se assemelhar a uma lenda cruel". Trecho de uma entrevista concedida a Gunter Lorenz, 1965.

sendo esquecidas e outras retomadas[9]. Walter Benjamin caracteriza esse tipo de narração, em conformidade com as tradições (repetição no tecido da memória coletiva): "Ela não está interessada em transmitir o 'puro em-si' da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso"[10]. As histórias se conformavam às experiências passadas e misturavam-se às fantasias dos moradores das fazendas, como ainda a outros acontecimentos mais recentes, principalmente na vida dos mais jovens, tecidas nas artimanhas da sua solidão. Mais ainda, tinham uma função importante, sobretudo a de aconselhar as pessoas a se comportarem convenientemente perante situações difíceis; gostavam das histórias exemplares, explorando as astúcias e as iniciativas perspicazes. É por isso que em todas elas há o envolvimento com uma realidade quase mística, atravessada de sinais enigmáticos, exigindo sempre decifração.

Quanto a importância do depoimento-memória, nesses casos, posso dizer que os relatos orais são insuperáveis (com o apoio das fotografias), não só pela falta de documentos existentes, quanto pelo tempo, já exíguo, em recolher lembranças de pessoas que nasceram no início do século[11], como de Juca Balbino, e depois, de suas filhas. Privilegiei ainda, o ponto de vista feminino, por seu olhar microscópico, esquadrinhador do ambiente da casa, das tarefas domésticas inseridas na organização da produção de subsistência; e por sua própria posição mais constante e centralizada

---

[9] Jeanne Marie Gagnebin assinala a importância dessa dimensão da narrativa - "movimento de abertura na própria estrutura da narrativa tradicional" - tão cara à obra de Benjamin. "Walter Benjamin ou a história aberta". Prefácio a *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. *Op. cit.*, pp. 7-19.

[10] "O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. *Op. cit.*, p. 205.

[11] Nessa perspectiva a leitura do texto de Leny Caselli Anzai é muito enriquecedora: *Vida cotidiana na zona rural do município de Goiás - 1888-1930*. Goiânia, Dissertação de mestrado, ICHL/Departamento de História da Universidade de Goiás, 1984.

nas fazendas (os homens lidavam com o gado, em deslocamentos pelos pastos ou mesmo em longas viagens). De fato, nesse contexto, as mulheres eram observadoras diretas dos acontecimentos mais corriqueiros que constituiam o quotidiano da vida, dos movimentos em torno das fazendas, prestando atenção aos passantes, visitantes e aventureiros. Sua imagem particular se sobressai, não só nos trabalhos domésticos e manuais, mas ampliando-os, cuidando dos pequenos cultivos nos quintais, nas pequenas indústrias caseiras para a produção de alimentos como carne-seca, linguiças, biscoitos e doces que podiam durar meses. Mas há uma dimensão ainda mais rica que envolvia a ocupação das mulheres, pela própria especificidade do seu trabalho: a arte de contar as histórias passadas, entrelaçando-as com as novas, que os homens traziam das viagens ou das suas passagens pelos campos. E depois, as mulheres eram imprescindíveis para falar dos sonhos e das eternas esperas que certamente traziam no olhar, pousado em longínquos horizontes.

As notícias que nos passam são reveladoras desses tempos, pois expressam um mundo desenhado por fortes traços de um viver muito próprio dos sertões, focalizando a formação das fazendas, os caçadores de onças ("até por prazer..."); retendo o olhar dos fazendeiros em fazer "o sertão tornar-se grandes fazendas"; dos negros gaviões e das aves estranhas, fantasmagóricas, e das demais crenças do sertão que, até hoje, quando contadas, nos deixam perplexos e ressoam de maneira misteriosa.

Percebe-se claramente nisso tudo que as histórias interagem com os costumes, comportamentos e atitudes das famílias; com as práticas de reprodução da vida familiar inscritas nos trabalhos domésticos (ligados à produção de subsistência), assim como no interior das velhas casas, ou no espaço de convivência mais amplo dos moradores das fazendas e de seus arredores.

As regras de um certo modo de vida aparecem definidas nas atitudes tomadas pelo "chefe de família", em relação a mulher e aos filhos, aos negócios, etc. Por exemplo, ao tratar da

"independência" dos filhos, os fazendeiros procuravam normalmente arrumar os casamentos no mesmo círculo social dos "conhecidos". Isso era importante para a manutenção do grupo familiar e integração econômica das terras, ressaltando que, nos primeiros tempos, era tratada de forma muito mais rígida. Assim Eva Balbino explica como aconteceu ao seu pai:

"Meu avô era um homem que gostava de organizar tudo. Quando os filhos completavam seus dezoitos anos, ele queria que cada um fosse cuidar de suas vidas, casando e montando suas fazendas. Por isso meu pai casou-se aos dezoito anos.

O meu avô era amigo do marido da mamãe, este tinha falecido cedo, devido a uma queda de cavalo. Por lá não existiam meios para um tratamento rápido de pneumonia; era longe dos recursos.

Passados uns meses, o pai dele disse: - "Juca vamos arrumar esse casamento com a viúva, ela é bonita e tem dinheiro!" Só de gado possuía mais de duas mil cabeças e muita terra. Meu pai ficou interessado, queria conhecer. Quando a viu, ficou desanimado: ela havia sofrido a gripe espanhola, estava abatida e feia! Mas como o pai queria, ele obedeceu, acertando bem, porque foi uma grande mulher, que soube ajudar em todos os momentos."

Aparece aí outro elemento que complicava a vida nas fazendas: a falta de meios adequados para o tratamento de doenças e, principalmente, para socorrer acidentes quotidianos, causando muitas mortes e levando, constantemente, homens e mulheres a um estado de viuvez - situação bem característica desses lugares. Mas logo procuravam resolver esse problema, através dos casamentos entre as famílias do mesmo grupo social, atendendo a seus interesses. Aos dezoito anos estava mais do que na hora de Juca Balbino constituir sua própria família e nada melhor que

uma viúva nova e com dote - muito gado - mesmo que não impressionasse nada bem, depois da "gripe espanhola".

E ele também dá seu testemunho:

"Aquela foi a primeira mulher. Nunca namorei, nunca dancei, não sei o que é dançar! Depois do casamento (casamos em Mineiros, Goiás) viemos para a fazenda do Morro Alto, de meu pai. Eu era muito criança, então - todos se lembram - meu pai deixou que lá ficássemos parados somente por um dia e logo foi dizendo: - "Pode ir cuidar da sua vida!"

Arriei o meu cavalo, era um tal de Chião, botei a malinha na garupa e fui para a fazenda da Divisa, que era da mulher. Depois meu pai é que foi fornecer pra nós arroz, farinha. Não tínhamos nada!"[12]

Ora, a lei do casamento impõe que cada um assuma o seu papel, estabelecendo condutas determinadas: aos homens formar as fazendas e garantir o espaço, cuidar do gado; às mulheres destinavam-se as "provações" da criação dos filhos, frente a todas as dificuldades, criação de um espaço doméstico - abrigo dos homens dos sertões (apesar dos imprevistos):

"Nesses tempos mais antigos, minha mãe ficava muito só em casa; a fazenda era grande, meu pai saía cedo com os peões, cada um com sua sacola de rapadura com farinha, e iam olhar os gados e tudo o mais, só chegavam à tardinha. Num dia desses, minha mãe cuidando das galinhas, observou muitos piolhos (não havia defensivos contra esses bichinhos), ela se viu obrigada a por fogo nos ninhos das galinhas; a casa era feita de capim-sapé; ventou muito e pegou fogo na casa,

[12] Depoimento de Juca Balbino de Morais, citado.

não dando tempo para tirar quase nada de dentro. Havia os baús fortes, feitos de madeira maciça; eram tão resistentes que o fogo não queimou, dando tempo de retirá-los; outros queimaram, atingindo as balas que ali estavam guardadas pelo meu pai - virou o maior tiroteio! Ele, escutando os tiros, correu pra casa, mas quando chegou, estava tudo destruído, restando só os malões que ainda conseguiram tirar de lá. Minha mãe levou tanto susto! Ficaram sem nada. Nesses baús, minha mãe guardava todas as cobertas tecidas nos teares; foram feitas por minha avó, nas fazendas de Mineiros, em Goiás. Lá, eles plantavam o algodão, faziam as linhas e confeccionavam até roupas. Cada coberta lindíssima! Combinavam todas as cores! A maior parte dessas belezas foram destruídas pelo fogo; ela teve uma grande paixão por tudo isso."[13]

O que mais se destaca desse tipo de situação, além da fragilidade das primeiras construções (em que não se pode vacilar) é a constatação de que, nesses começos de vida, as casas de sapé guardavam verdadeiros tesouros. Eram os baús que muitos moradores traziam consigo e que tinham o poder de desdobrar de dentro de si outros tempos, contando outras histórias, de fazendas mais equipadas, de onde vinha a mulher de Juca Balbino, D. Bercholina, trazendo cobertas, colchas, todas feitas pelos teares domésticos (desde a linha, produção local), das fazendas do interior de Goiás, informando já a migração para as terras do Mato Grosso, no início do século.

Entretanto, a atmosfera que envolvia essas fazendas era de muito mistério, certamente contribuindo para isso o grande isolamento em que se encontravam:

"Essa fazenda em que foram morar, da minha mãe, foi a fazenda da Divisa, um lugar onde tudo de superstições aconteceu ali.

---

[13] Depoimento de Eva Balbino Guimarães Neto, citado.

Meu irmão, mais velho dos homens, era um rapazinho sensível, meu pai não entendia isso! Era o Antônio, que vivia nos protegendo. Uma vez, o papai mandou que ele fosse buscar os cavalos nos pastos mais longe. Mas ele ficou pensando... então chamou minha irmã para ir juntos, ele tinha medo daquelas taperas, onde os negros já tinham morado, pois contavam que eles apareciam para quem andasse por lá! Mas papai não deixou que ela fosse, disse que o Antônio tinha que dar conta do recado, porque era homem! Ele ficou triste, sempre pensando em não ir; arrumou o cavalo, foi saindo devagar e pensando em uma história; demorou escondido, deu um tempo... Nesse lugar havia dois córregos, uma distância de um quilômetro um do outro; ele foi até lá e veio numa disparada só, para deixar as marcas dos cascos do cavalo, que mostrasse muita carreira. Chegou em casa e foi logo contando para a mamãe que não pôde ir porque uma voz, no primeiro córrego, disse para ele: - "Não vá, meu filho!" E ele continuou indo, até que chegou no segundo córrego, e novamente a voz disse: - " Eu te como!" Então ouviu um grande barulho! Ele voltou correndo assustado! Minha mãe ficou meio desconfiada, mas disse - "Vamos lá ver direito o que houve!" E vendo que o cavalo correu mesmo, acreditou! Chamou a todos nós, e fomos rezar um terço. Ficando para aquele lugar a lenda de mal-assombrado. Daí por diante, todos os fazendeiros tinham receio de passar por ali. Quando ele ficou homem de verdade contou-nos as histórias que inventava!"[14]

Dessa maneira o relato de Eva Balbino remete a narrativa, não só aqui, mas em diversos momentos, para um universo de outras dimensões: as "coisas mal-assombradas" estavam por detrás de todos os lugares, em todos os caminhos, conforme as vozes sobrenaturais que aconselhavam ou ameaçavam, como se houvesse um mistério que a tudo circundasse. As histórias dos homens armam-se com as histórias de Deus e do Diabo, numa contigüidade reveladora de tempos que se

[14] *Idem.*

conjugam - o tempo da terra e o tempo do "outro mundo". Somente nesse contexto é que as invenções do Seu Antônio poderiam obter credibilidade, se fossem "comprovados" os sinais do acontecimento relatado, oferecendo dados plausíveis. Invenção à parte, o seu próprio medo caracteriza os limites imprecisos entre esses dois mundos, é o liame entre o *real* e o sobrenatural.

"Lá, todos nós partilhávamos de muito medo, havia muita lenda, da mula sem-cabeça, do pé-de-garrafa, do lobisomem. Eram dessas coisas que a gente tinha mais medo na semana santa. Não se podia passar perto das grandes serras que ficavam bem perto de nossa casa, ali, com certeza, a mula-sem-cabeça aparecia. Essas serras eram cheias de mistérios, por ali também apareciam os pés-de-garrafa, que eram coisas mal-assombradas, imitavam as vozes dos amigos dentro do mato, chamando-os, e quando realmente iam ver, pegavam as pessoas.

O lobisomem era o mais temido. Uma vez, fomos até a bica d'água lavar os pés, quando estávamos lá no meio do terreiro vimos um bichão preto cabeludo (era semana santa), voltamos correndo, para avisar a mamãe, ela chamou um peão e fomos ver o lobisomem. Chegando perto, era um cachorrão! Era muito mistério naquilo tudo.

Ainda por causa das supertições da semana santa, meu pai não deixava ninguém tocar nos animais. Numa Sexta-feira santa apareceu, no quintal onde as galinhas estavam comendo, um enorme gavião; todo mundo ficou olhando admirado, porque eles eram bravos, só ficavam nas matas. Os meninos queriam jogar pedras, meu pai não deixou, o gavião ficou ali no pátio, junto da casa bem tranqüilo. Depois voou para a cerca do curral e lá ficou até o anoitecer. Isso fez com que supusessem que fosse o diabo, tentando a família. Outra vez, quando éramos bem pequenos, fomos pegar goiaba num goiabal que havia junto da mata (que ninguém conseguia andar lá por dentro), e existia um córrego que nasceu nas cabeceiras dessa mata, era uma água tão limpa e saudável... Então, quando estávamos pegando as goiabas, apareceram as manadas de macaquinhos, pedindo as

goiabas, fizeram um barulhão na mata nos assustando, ficavam pulando e dando com as mãos e dando uns gritinhos. Nessa época, nunca tínhamos visto macaco, saímos correndo, deixando tudo, pensando que fossem uns capetinhas. Chamamos a mamãe, ela foi lá e disse: - "Minhas filhas, são macacos!" Ficamos maravilhadas com os bichinhos, aprendemos a gostar deles.

Durante toda a semana santa, a gente cumpria um ritual de muita reza e jejum. Sempre meu pai buscava um velho que morava na Baliza, uma cidadezinha distante, para poder pregar os rituais da igreja. Rezava o terço, fazia via-sacra, tínhamos que ficar em silêncio até o meio-dia, jejuando. Eram tantos sacrifícios para nós que éramos crianças! Tanta reza que dava um ar místico, a gente sentia até que Deus estava ali presente. Quem fizesse danura demais na Sexta-feira santa, ficava de castigo no sábado, e a mamãe tirava aleluia. Meus pais também cumpriam, todo ano, sua promessa de rezar o terço de Santa Luzia. Tinha um negro velho, parente dos escravos, que tirava esse terço cantado, era muito interessante, todo mundo de joelhos, até acabar, doía o joelho, mas o papai não deixava que sentássemos, tínhamos que aguentar com fé em Deus. Isso tudo, fazia parecer que a gente vivia num mundo de fantasia."[15]

A tradição de "tirar o terço" nas fazendas simbolizava uma espécie de aliança com Deus, porque o Diabo estava ali a espreitar, principalmente na semana santa. Os mais velhos a ensinar os mais jovens (principalmente homens velhos que diziam ser "descendentes de escravos", acreditando que detinham certos poderes, *outras* relações com o mundo dos espíritos); além do que, respeitar os rituais era saber que para o céu tanto se sobe, quanto se desce - uma obrigação!

Entretanto, tudo aquilo que pudesse provocar rachaduras ou abrir fendas nesse estado de coisas era bem-vindo, principalmente por parte dos mais jovens em suas aspirações. A comunicação com outras pessoas era muito desejada, assim como a acolhida às coisas que vinham "de fora" - da

---

[15] *Idem*.

cidade - sempre recebidas com alegria. Achavam que podiam estabelecer a partir daí ligações com o que podia ser diferente, estimulando a curiosidade e quem sabe, abrir novas possibilidades. Os trajetos até os centros de abastecimentos mais próximos eram longos, mas necessários, principalmente para buscar o sal, viajando até mais de mês, de carro-de-boi, abrindo, muitas vezes, seus caminhos, como já foi visto. Mas o certo é que as viagens também serviam para trazer tecidos, colônias, pastas de dente, enfim "coisas diferentes", até doces em lata, industrializados, e açúcar cristal (que faziam muito sucesso); e ainda, novidades como revistas (disputadíssimas), uma espécie de entrada no circuito cultural mais abrangente, mesmo com todas as limitações imagináveis. Os contatos com esse mundo *exterior* sempre receberam muito destaque:

"Os garimpos por perto, as pessoas que de quando em quando apareciam, alguns mascates, velhos conhecidos e demais viajantes, além das idas à Baliza buscar as coisas para a casa, sempre traziam novidades. Lembro-me quando meu pai saía com o carro-de-boi: demorava muito para voltar. Quando chegava, era uma festa, trazia tanta coisa, doces em lata (acho que eram umas cinquenta), açúcar cristal a gente comia puro! Mas não me esqueço que minha mãe limpava o açúcar que se fazia de cana na fazenda e refinava esse açúcar: dizia que era para tomar com chá, importante para a época dos resguardos, após os nascimentos dos filhos. Era o mais gostoso, mais bem feito!

Quando avistávamos o carro que vinha cantando nos eixos das rodas era bonito, saíamos todos para a porta da casa, esperando o pai que também chegava alegre."[16]

---

[16] *Idem.*

Imprescindivel, dentro das condições de subsistência familiar, era a prática de armazenar certos alimentos, como banha de porco, carne-de-sol, linguiça, carnes fritas na banha - "...que depois era só esquentar". Eva continua a explicar que: "...uma parte da carne era frita (costurava-se o lombo recheado de carne moída) e da outra faziam-se almôndegas, carne-seca, e mais coisas. Guardava-se também muito toucinho de porco... Minha mãe era uma mulher caprichosa, fazia bolo, peta, pão-de-queijo, que dava para passar a semana toda. Conservava no malão para que a meninada aprendesse a ter ordem.

Não se pode deixar de dizer, que as fazendas não viviam sem estocar o arroz nas tulhas, o milho no paiol, e o feijão guardado em grandes caixotes (ensacar já era mais dificil, devido a disponibilidade de material); não ficavam sem a mandioca para a farinha; sem o melado da cana nos grandes tachos, para a rapadura e o açúcar mascavo; nem sem fazer o sabão. Por isso plantavam cana, plantavam mandioca - "... a mandioca para a farinha era ralada no ralo, tudo dificil! Meus pais tiveram uma vida de lutas.

Não só as dificuldades de locomoção serviam de justificativa para as fazendas produzirem quase tudo de que necessitavam, mas os próprios recursos dos fazendeiros atestavam uma vida regrada, envolvendo toda a família no trabalho de manutenção da fazenda, quer fosse utilizando o trabalho dos homens para cuidar do gado, quer fosse o das mulheres na produção do açúcar, do sabão, da farinha, do processamento artesanal do arroz e outros gêneros de primeira necessidade.

Portanto, todos os membros da família deveriam ter as suas obrigações, desde o menor deles ao mais adulto. Eva Balbino lembra-se de sua irmã muito pequena que, para cuidar das

panelas, precisava subir em um caixote colocado ao pé do fogão de lenha. Não existia *infância* que resguardasse alguém das tarefas:

"Naqueles tempos mais antigos os pais eram duros e criavam os filhos com muita exigência. Não tinha essa estória de criança ter infância. Ai de quem não cuidasse de seu serviço! Apesar de que as brincadeiras sempre existiam, principalmente ao entardecer e aos domingos, que tirávamos para brincar, cada um fazendo seus brinquedos."[17]

Por isso as lembranças estão sempre permeadas pelos momentos e ritmos do trabalho. Eva Balbino se recorda muito bem de quando tinham que bater, abanar e assoprar o arroz: "...ficávamos branquinhas, cheias de pó!".

O processo todo começava depois do arroz colhido na roça pelos homens e trazido nos carros-de-bois; quando era então empilhado em cima dos couros de bois (fazendo os montes) e esparramado no terreiro da casa, ou nesses couros, para secar.

"Os peões ainda batiam os cachos, ficando só o arroz misturado com a palhinha. Para tirar essa mistura, tínhamos que abanar, levar bem alto essa mistura, com isso o arroz ia ficando separado da sujeira e só depois é que se guardava nas tulhas. Minha mãe e nós, as filhas, ficávamos despejando o arroz bem alto e assobiando para o vento vir ajuntar, e *ventava mesmo*! Das tulhas era levado para o monjolo. Depois de socado, começávamos a abanar e a assoprar o arroz, tirando na peneira o farelo, que servia para alimentar os porcos e as galinhas: nós, as mulheres, é que carregávamos aqueles sacos enormes, e fazíamos o serviço da limpeza, porque os homens iam cuidar do gado.

---

[17] Depoimento de Vivi Balbino, filha de Juca Balbino. Morou nas fazendas da Divisa, Morro Alto e, depois de casada, de maior tempo, na fazenda Samambaia (todas elas situadas na *zona do antigo leste de Mato Grosso*).

Outra coisa que dava muito trabalho, é que na fazenda do Morro Alto existia muito urubú, quando matava gado, precisava vigiar a bicharada para poder secar a carne, era um serviço muito chato. Então meu pai me ensinou a atirar de espingarda, assim espantava com mais facilidade. Mas quantas surras de "vara-verde-do-mato" levamos da mamãe, por causa dos descuidos cometidos. Ninguém gostava desse serviço, pois precisávamos ficar ali horas e horas!"[18]

Para fazer o sabão, também havia uma exigência muito grande. Serviço trabalhoso, pesado, ritmo lento:

"Minha mãe produzia o sabão para a casa com o sebo das vacas que matavam. Fazia-se uma tal de "decuada", feita de cinzas, que ficavam dentro de um saco, preso no alto, molhado com água, que dali ia pingando a cinza e curtindo o sebo num tanque de madeira, até que desse para fazer o sabão (a cinza funcionava como a soda); colocava-se também folha de mamão para melhorar o aspecto e dar um tom mais verdinho ao sabão, demorava muito para dar o ponto. Tínhamos que ficar mexendo para não derramar, com muito cuidado para não se queimar. A gente não gostava desse serviço, mas a mamãe era viva, para nos despertar, contava histórias antigas, quando ela mesma não inventava outras, do mato, dos perigos, além de criar situações na hora! Uma vez, ela nos disse que uma cobra a havia mordido, nós gritamos, queríamos dar remédio, foi um pesadelo, ela fingia que chorava, nós todas ao seu redor, chorando também! Foi quando ela não agüentou e disse que era brincadeira, que alívio! Bom mesmo era quando o sabão estava no ponto, ainda quentinho, e tínhamos que enrolá-lo; fazíamos enormes bolas, que, caprichadas, ficavam

[18] Depoimento de Eva Balbino Guimarães Neto, citado.

muito bonitas. Já nos tempos mais modernos, quando se começou a fazer sabão com soda, impressionávamo-nos e todo mundo dizia : - "É sabão de soda... tem um cheiro melhor!"[19]

Este é um aspecto da vida nas fazendas, particularmente importante. Nos pormenores aqui oferecidos, percebem-se as artimanhas da mãe para prender a atenção das filhas, caracterizando o trabalho artesanal. Pois que, enquanto se trabalha, no próprio ritmo do trabalho, enredam-se, como se fossem fios a tecer em conjunto, as histórias, e mesmo as estratégias dos "sustos", a interromper o tédio, igualmente incorporados ao movimento do trabalho (talvez funcionando como "solavancos" a imprimir tempos diferentes). As tarefas iam sendo executadas e o entretenimento, passava a ser a arte que as compunham. Walter Benjamin diz que a arte de narrar encontra-se no âmbito das mais antigas formas de trabalho artesanal e articula o dom de narrar ao de escutar implicado no ritmo do trabalho com as mãos, assinalando a importância da entrega mental de quem escuta àquele que continua narrando. E assim afirma: "Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo."[20]

Tais momentos são muito especiais, em que as histórias passadas se sedimentam na memória dos moradores, transmitindo os tempos dos antepassados, como verdadeiros artefactos nas mãos dos mais velhos, e também, a fabular sobre a abertura e a formação das fazendas, concorrendo para a produção de imagens prodigiosas. Ora, esse é um mecanismo criador para que

---

[19] *Idem.*

[20] "O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política.* Obras escolhidas, vol. 1. *Op. cit.*, p. 205.

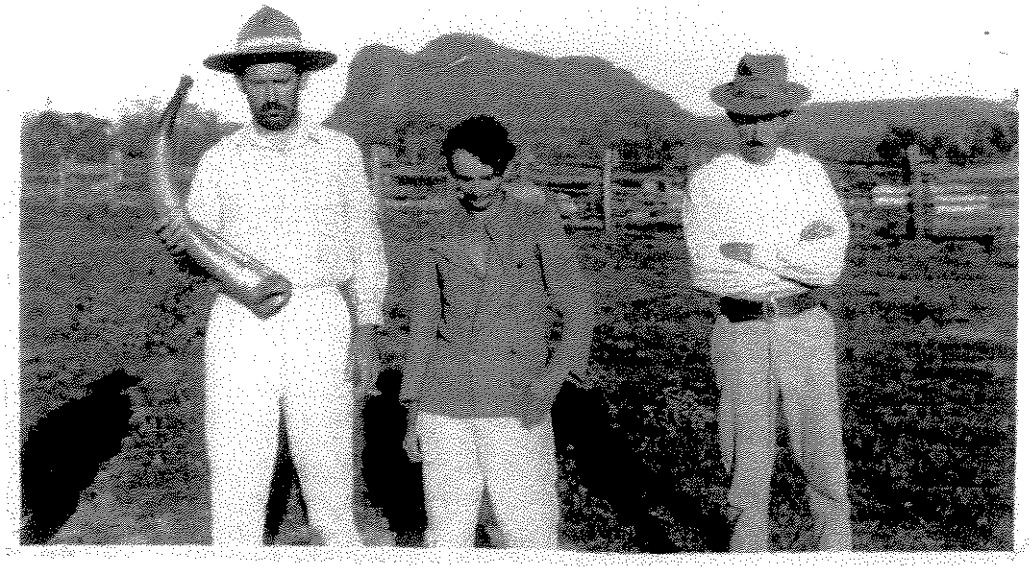
a imaginação corra solta, através das histórias dos antigos e dos novos, dos jagunços, das onças, dos perigos inescrutáveis.

As mulheres tiveram um papel fundamental na organização da vida nas fazendas. De fato, preparavam condições de habitabilidade naqueles que eram vistos como os mais belos e duros sertões, e não só em relação ao que estava compreendido no âmbito dos afazeres domésticos (de caráter mais restrito), mas com um tipo de educação (a "criação", como se dizia), percebida na atuação da mãe junto aos filhos.

"A mamãe era só pra olhar essa filharada toda (teve cinco homens e onze mulheres), e então ensinava as mais velhas a olhar os menores; cuidava para que não faltasse um vestuário adequado. Mas quando fomos usar sapatinhos, já tínhamos de seis para sete anos, então ficávamos olhando para os pés o dia todo: foi para nós um acontecimento e tanto! Fomos criados sem malícia do mundo. Brincávamos de marido e mulher, só tínhamos um irmão por essas épocas, então tínhamos que arrumar outros homens. A gente inventava. Pegávamos as fronhas de rendas da minha mãe, para fazer saias; fazíamos grinaldas de flores do mato - era um tempo muito diferente!"

As brincadeiras e as fantasias em casa, nos enormes quintais, as aventuras no mato, o medo dos desconhecidos, as esperas para "ver gente", marcam com cores próprias as lembranças que fazem parte dessas "preparações" para a vida. Preparações essas que resultavam, mais tarde, nos casamentos, aflorando de forma aguda nas enormes dificuldades que, ao nível emocional, encontravam. Ou seja, saiam de um mundo quase que estritamente familiar, com referenciais afetivos bastante demarcados, e eram lançadas para o seio de outra família, a partir de conhecimentos superficiais, muitas vezes sem qualquer laço sentimental. As mulheres falam muito

FAZENDA DA DIVISA



Juca Balbino com o berrante na mão. 1929.

A família de Juca Balbino. 1937.

dessas mudanças em função dos casamentos, em que apontam um vida de trabalho cruel, responsabilidades além de suas forças, criação dos filhos, e muita falta de afeto[21].

Tais sentimentos são descritos de forma muito presente, ainda hoje:

"Aquele mundo, naqueles tempos, parecia um mundo de fantasia, cheio de mistério e de solidão. Um mundo livre, só nosso, os irmãos. Apegávamo-nos tanto uns aos outros, por falta de convívio com outras pessoas, que quase morríamos quando os mais velhos iam se ausentando, como meu irmão que foi prestar serviço militar, a mamãe até adoeceu, foi a maior tristeza na casa. Uma de minhas irmãs quando se casou, foi a maior choradeira, meu irmão menor agarrava-se a ela e pedia, desesperado, que não o deixasse. Mesmo para quem estava deixando a casa, sempre ia com o coração partido. E ainda, como no caso de minha irmã, uma das mais velhas, que nao queria o casamento e o papai forçou porque o noivo era gente conhecida, parente de Mineiros (Goiás), e ela pedia para não casar; casou chorando e foi embora, sem quase nada, porque na sua época não tinha nem enxoval. Uma outra também sofreu muito ao ter que ir com o marido para a sua nova fazenda, um homem genioso, "bruto mesmo", que só queria dela o trabalho[22]: E Vivi, a irmã nos conta: "... eu chorava muito nos primeiros tempos do casamento, e quando chegava o entardecer, na fazenda, depois de tanto trabalho, ficava muito tempo olhando sozinha para os campos à minha frente, tempos e campos infindáveis..."[23] "As mais velhas - diz Eva Balbino - passaram por sortes piores, pois não tiveram escolha".

---

[21] Baseado no depoimento de Dora Balbino (1920), filha de Juca Balbino.

[22] Depoimento de Eva Balbino, citado.

[23] Depoimento de D. Vivi, uma das filhas do S. Juca Balbino de Moraes. Janeiro de 1992.

Contudo, os tempos da infância repõem a alegria, a inocência e a ousadia, e trazem imagens do ambiente da fazenda:

"Minha mãe pegava as meninas em cima das árvores brigando, puxando os cabelos, por causa das frutas. Lá, nesses lados, existia tanta fruta do mato: mangaba, croadinha, puçá, gabiroba, pitanga, era muito gostoso! Minha mãe saía conosco bem de tardezinha, íamos procurar frutas, às vezes encontrávamos manadas de porco-espinho, era um bicho valente, veados, queixadas e às vezes até umas oncinhas. Vínhamos correndo para casa! Lá na fazenda da Divisa existia muito coco, uma qualidade que nem se vê mais, dava num cerrado baixo, a gente ia pegar esses cocos do outro lado da mata; lá passava a estrada que ia do Tesouro para a Baliza, passava gente de todo jeito. Quando vínhamos vindo, se avistávamos um cavaleiro ou garimpeiro, corríamos e deitávamos no chão, para que não nos vissem. Era um deserto tudo aquilo ali, não tínhamos proteção de ninguém, cada um por si, e depois, havia muito medo e apreensão. Achávamos que lá pelo lado das serras havia muita assombração. As serras eram lindas, só dois montes, bem feitos; uma era grandona, ela era de formato bonito, bem no meio dela havia um ressalto, que parecia um outro monte; era de uma beleza fora do normal. Por isso, meu pai que tinha muita imaginação, mandou fazer uma enorme cruz de aroeira, e vários homens subiram a serra, carregando-a como puderam e a colocaram no lugar em que, da casa da fazenda, a gente via melhor, no topo mais alto, ficou lindo! Só não durou muito tempo, porque deu um raio e quebrou seus braços. Foi uma pena, pois nas horas em que o sol ia se pôr, dava um lindo espetáculo, vendo por trás daquele clarão do céu, aquela cruz ali, tão só!"[24]

[24] Depoimento de Eva Balbino, citado.

Cheiros das flores e frutos do mato evocam anos inteiros dos tempos passados. Não se pode deixar de chamar a atenção para o fato de que a vida nas fazendas extraía o seu sentido de uma relação especial com o mundo da natureza. Todas as lembranças misturam-se às flores, aos frutos do mato (mangaba, croadinha, gabiroba, etc.) aos "cocos de uma qualidade que nem se vê mais", no mato, perto de estradas, que ficavam a observar gente estranha a passar, aos rios, aos caminhos, aos macaquinhos, que à primeira vista mais pareciam diabinhos a acenar! O universo cromático das superstições revelava-se entranhado nessa relação, emitindo, a todo momento, signos. O bicho escuro, o gavião negro, podiam estar anunciando o diabo, a mula-sem-cabeça, o lobisomem.

Porém, com o avançar das explorações mineradoras e o aparecimento de povoações relativamente mais próximas, as fazendas cada vez mais tornavam-se lugar de passagens, alargando os canais de comunicação com pessoas de outras regiões, com os negociantes (mascates), dentistas práticos, professores que apareciam para prestar serviços aos fazendeiros e, principalmente, testemunhavam a chegada de todos aqueles que vinham em busca dos garimpos:

"Nesses tempos, foram aparecendo os garimpeiros que vinham da Bahia, Maranhão, Ceará. Vinham da Baliza para Poxoréo e Tesouro: a passagem nessas viagens era pela estrada que dava na fazenda da Divisa. Andavam com as malas nas costas, por isso eram chamados de 'maleiros'. Quando víamos os maleiros, tínhamos medo, pois eram desconhecidos. Eles apontavam na estrada e nós saíamos correndo e nos escondíamos... apareciam muitos deles por lá, naquele mundo de solidão.

Meu pai perguntava para eles de onde vinham, eles falavam da Bahia, então meu pai dizia que podiam ficar, para trabalhar e ganhar o que comer para prosseguirem a viagem. Quando se perguntava de onde vinham e se falavam que era do Maranhão, ele não queria, porque dizia que os

maranhenses eram preguiçosos; os cearenses, ele também não gostava, porque tinham a cabeça chata, sinal de preguiça.

Foi chegando esse povo com o intuito de garimpar. Ficamos sabendo de Poxoréo, que era uma região rica de diamante. Foram formando as corrutelas de garimpeiros; várias se formaram, como Baliza, Tesouro, Poxoréo, Biongo, Criminosa. Apareceu o garimpo do córrego da Divisa, com diamantes pequenos, a que davam o nome de chibío; os garimpeiros iam vender seus diamantes que levavam dentro dos picuás, que eram feitos de um cipó (imbé) que existia por lá.

Os fazendeiros tinham receio dos garimpeiros, mas daqueles que não inspiravam confiança, pois esses eram gente de costumes diferentes, brigavam, matavam; muitas brigas eram por causa das mulheres que apareciam por lá. Quando chegavam, nós todas ficávamos nos resguardando, só meu pai que procurava conversar, para descobrir as descendências, o que queriam e para onde iam. Só uma malinha nas costas, eles diziam que vinham aventurar a sorte nos garimpos. Minha irmã, a Vivi, conta que quando se casou, por sinal muito nova, quinze anos, na fazenda dela passavam muitos maleiros, eram garimpeiros que iam para os garimpos de lá; ela corria para o mato se esconder, com medo; a fama dos garimpeiros era de matar. Muita briga acontecia nos garimpos .

Uma vez passou um garimpeiro baleado lá pela fazenda, fugindo da polícia. Pediu-nos pousada, mamãe disse a ele que podia ficar. Então, pediu-me um remédio para aliviar a dor; fui fazer um curativo e vi o tamanho do buraco; foi tiro de espingarda de chumbo. Um buraco tão grande, cheio de bicho! Ele estava sofrendo muito. Fui tratando, fazendo os banhos de malva e outras ervas que a mamãe ensinava. Foi sarando devagar, todo dia tinha que fazer o curativo. Eu gostava de fazer aquilo, pois dava alívio para o pobre homem, que andava sofrido, caminhando pelos matos, escondido; seguindo as estradas de longe, com medo que o achassem. Ficou oito dias

em nossa casa. Num outro dia, ao amanhecer, ele disse: - "É, minha filha, agora já posso ir embora. Deus te abençoa por tudo!" E a mamãe disse que era hora de ele ir mesmo, porque era perigoso esse homem lá, sem sabermos de nada dele! E foi a sorte, passaram-se somente dois dias quando os policiais apareceram à sua procura.

As pessoas não tinham muito medo por esse lado, acostumavam-se. Uma outra vez, apareceu um homem correndo por lá, para avisar-nos que vinham uns mal-encarados armados para invadir e roubar a casa. Logo fomos fechando a casa, correndo e fechando tudo. Nem apareceu nada! Acho que os medos maiores eram das lendas e das superstições que o povo criava."[25]

A experiência de viver nas fazendas fazia com que os acontecimentos ganhassem uma dimensão no tempo mais absoluta. Tudo ou nada acontecia. O tempo se alongava (as viagens) e se comprimia (nas necessidades e doenças) ou era abruptamente interrompido (no limite, a morte); as dificuldades evidenciam mais claramente esses aspectos:

"Nesses lados do leste de Mato Grosso, as pessoas sofriam muito com a solidão do lugar, era um deserto, a gente demorava para ver outras pessoas. A mamãe morava longe da família dela; tinha que andar oito dias a cavalo, carregando os filhos. Eram viagens sacrificadas; quando voltavam, ela trazia mudas de frutas, flores, hortênsias, e rosas de a toda espécie. A casa era contornada de flores e rosas que davam cachos enormes; trepadeiras de uvas, lindas, e ela colhia aquelas bacias cheias. Nos tempos em que começavam as chuvas, ela gostava dos primeiros trovões, dizia que traziam tanta saudade! Nessas viagens para a mamãe ir ver a mãe dela, indo com a criançada pequena, às vezes encontravam rio cheio, ficavam esperando até um dia, para poder atravessar. Foram tempos difíceis para eles.

---

[25] *Idem*.

Todos sofriam muito com a falta de recursos, em todos os sentidos. Nas doenças, muito mais. Quando um adoecia, até que se fosse buscar remédios, quando chegavam, já podia ser tarde! Como foi o caso de meus sobrinhos, que morreram com uma febre, de um dia para o outro, ninguém nem ficou sabendo que febre era, morreram os dois. Também tem o caso de meu irmão mais novo, que extraiu um dente com meu cunhado que era dentista prático e estava passando pela fazenda, indo para a Baliza; fêz o serviço e foi embora. À noite veio a hemorragia, a mamãe acordou e viu que ele estava perdendo muito sangue. Meu pai foi avisado, lá em Tesouro, consultou logo um dentista e veio à galope, em uma besta grandona, que se chamava Mineira, foi a salvação! O conselho dado foi para colocar algodão seco; feito isto, logo estancou a hemorragia. O menino já estava até dormindo de olhos abertos e minha mãe, no maior desespero, vendo-o neste estado de fraqueza. Ela fez tudo que ensinavam, colocava pó de café, serragem, gema-de-ovo, nada adiantava! Foi uma alegria para todos nós, quando vimos que o sangue havia parado."[26]

Porém as festas nas fazendas tinham o poder de transformar tudo e suspendiam o tempo morno da previsibilidade dos acontecimentos, muitas delas ficaram famosas e marcaram época. A festa era a rememoração, o encontro, o destino ou a liberdade (nas aspirações):

"Andávamos de carro-de-boi para irmos às festas nas fazendas dos tios. Papai dirigindo o carro que ia cantando nos eixos de madeira. Emitia um som agudo, como se gemesse, tudo isso era muito interessante para nós que vivíamos isoladas. Na chegada à casa da festa era só alegria, iam soltando foguetes, davam tiros para o ar, era uma coisa toda especial para os donos das festas. Comemoravam com baile, e mais o terço que os negros sabiam cantar o tempo todo. Depois do

---

[26] *Idem.*

terço é que começava a dança, tão animada que ninguém ficava sem dançar. Minha tia fazia a janta que dava para mais de quinhentas pessoas. Tantos doces! Esses eram em latas de vinte litros, doces bem feitos, de toda qualidade. Uma vez meu noivo teve a curiosidade de contar quantas latas; só de lata contou vinte! Essas festas varavam por dia e noite, a gente chegava a trocar até cinco vestidos por dia e noite, um para cada tempo e situação. Eram festas conhecidas por toda a região, das cidades e das outras fazendas em volta, era um acontecimento! A festa do tio Moca ninguém queria perder. Muitos namoros e casamentos foram ali arrumados.

Nessas épocas de maior isolamento, arranjavam-se as festas e faziam questão de convidar os fazendeiros que moravam mais longe, para poder ver gente. Os empregados também faziam suas festas, nas casas de palhas. Uma vez, a dona da casa fez seu filho dormir, dando pinga com açúcar; no comum, dormiam a noite toda! Numa dessas noitadas de danças, ela esqueceu a lamparina de querosene acesa e estava no maior baile, quando gritaram que estava pegando fogo na cama onde o nenê dormia. Terminou acabando o baile com o apuro do povo.

Quando fomos ficando mocinhas, a mamãe procurava ajudar, levando às festas das cidadezinhas mais próximas. Para ir ao Tesouro, que era uma das melhores, existiam muitos obstáculos: rio cheio que precisava de esperar a água baixar para poder passar; estrada ruim. A mamãe fazia de tudo para que pudéssemos participar de um mundo diferente. A gente passava o carnaval, festa junina, e muitas outras festas nas cidades. Estudamos em colégio de freiras, e os meninos em colégios de padres.

No início, quando os filhos iam crescendo, os pais providenciavam escola lá na fazenda. Mas minhas irmãs, ainda nos seus dez a doze anos, tinham tarefas de fazer bordados, a mamãe comprava aquele pano de morim bem firme e elas alvejavam até ficar branquinho, então elas faziam as bainhas à mão e bordavam, ficavam muito bonitos. Elas faziam as bonecas de pano, ficavam

lindas, faziam cavalos de argila, as montarias de arreio. Arção era para as mulheres, pois diziam que as mulheres não podiam montar em arreios, senão perdiam a virgindade. E as danuras sempre soltas: uma de minhas irmãs, a Vivi, pegou um gavião grande, que mataram, e foi assustar as galinhas, fazendo maior alvoroço no quintal, nessas horas levavam surra da mamãe.

Quando íamos para o colégio já tínhamos um bom conhecimento. A gente ficava no internato, em Guiratinga, era engraçado, existiam umas cem meninas internas. Para se tomar banho, tínhamos que vestir um camisolão, porque não se podia ver o próprio corpo. Era tanta reza, que ficávamos com os joelhos duros de tanto ajoelhar. Colégio Salesiano, as irmãs eram muito rigorosas. Na hora de dormir, rezava-se o terço, no maior silêncio, ajoelhadas ao lado da cama, depois vestia-se a camisola e deitava-se, tudo feito no escuro. A irmã continuava rezando e andando pelo dormitório, até que todas dormissem."[27]

Eis aí a manifestação de uma presença importante: o controle da sexualidade, separando, protegendo e sempre despertando a atenção. Para essas meninas que vinham de um mundo "mais solto", funcionando sob outros parâmetros, a apresentação do "sexo perigoso" determinando o que se devia ou não falar, certamente causava estranheza, mas as incitavam a pensar e a formar outro modo de encará-lo. As recomendações estavam em todos os lugares, e o interior dos colégios refletia esse tipo de "educação sexual"[28].

Mas, como não poderia deixar de ser, era um ambiente em que também ousadias e "transgressões" revelavam-se a todo momento:

---

[27] *Idem.*

[28] Muito a propósito, diz Michel Foucault: "...basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior: lá se trata continuamente do sexo. *História da sexualidade, I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1988, p. 30.

"A gente namorava os padres, quando íamos levar o almoço deles. Houve uma irmã nossa que teve uma grande paixão por um padre, foi um amor lindo, as cartas que se escreviam um para o outro eram maravilhosas!. Íamos limpar a igreja, muitas vezes abríamos a porta que dava para a rua e mandávamos recados. Eu cheguei a querer ser freira, achava aquilo tudo bonito. Mas quando as externas iam saindo, não me esqueço disso, a gente ficava olhando, com uma vontade danada de se ir junto, gostava muito da liberdade, fomos criadas assim. No começo da ida para o colégio das freiras (1940), em Lageado, chegávamos a ficar doentes, emagrecíamos muito, não comíamos direito, a comida era horrível, mas depois a gente se acostumava. E não havia férias de julho, então o ano demorava muito para passar. Roubávamos manga, apesar das irmãs controlarem tudo, mas eu gostava mesmo era de tomar chá! Quando chegávamos do colégio, íamos ensinar o povo da fazenda a ler e a escrever."[29] As fronteiras entre os mundos rural e urbano são menos perceptíveis, quando olhadas sob esse ângulo. As fazendas dependem do mercado urbano, há um vai-e-vém constante, com a circulação de mercadorias, de idéias, de mensagens. São as moças e os rapazes indo para a cidade estudar, garantindo uma mínima formação escolar; aparecem as festas e as pessoas querendo se vestir "na moda", de acordo com a cidade. E é na cidade que obtinham as melhores informações, no sentido de se darem a elas maior credibilidade, pois expressa o mundo *civilizado*.

O próprio Sr. Juca conta como foi a escolha do nome para seu filho mais novo:

"...quando foi para o meu filho nascer, o mais novo que tive com a velha Bercholina, por acaso, peguei uma revista daquele tempo antigo e comecei a ir passando, passando, e quando

[29] Depoimento de D. Eva Balbino Guimarães Neto, citado.

chegou no Getúlio Vargas, aquele "gauchão bacana", eu fui ler um pouco a reportagem dele, aí gostei dos seus feitos. O guri estava com dois ou três dias, então fui lá no quarto e falei para a mulher: - Já arrumei nome para o menino. Ela procurou que nome, e eu falei: - Getúlio!

Quando veio a Darci, a caçula, fiquei curioso para saber o nome da mulher do Getúlio, e foi aqui em Guiratingua que vim a saber, o velho Salústio que me falou o nome dela. A gente comprava aqui na cidade as revistas, ou então, uns conhecidos levavam pra gente."[30]

Esta é a fase de maior integração das fazendas às pequenas cidades do leste. As próprias fazendas funcionavam como unidades econômicas mais estruturadas, através do comércio de gado; abriam-se a um maior fluxo de informações; tinham acesso a revistas, a romances, e até mesmo, chegavam a freqüentar o cinema A importância dessa relação com os centros urbanos é compreendida pelos moradores das fazendas, da seguinte forma:

"Mais tarde, começamos a receber revistas que vinham de fora: principalmente alguns figurinos e a *Vida Doméstica*, do Rio de Janeiro. Tinha de tudo nessas revistas, notícias do mundo, do Getúlio Vargas, de moda, e ensinava um monte de coisa que ajudava muito a gente, principalmente a se comportar e a se vestir. Também começávamos a ler romances, sob a luz de lamparinas ou velas: li *A Dama das Camélias*, *Menina e Moça*, e mais outros que o meu namorado, que estudava fora, no Rio de Janeiro, mandava para mim (isso foi depois que já tínhamos ido para o colégio, a partir de 1940). Amanhecíamos com o nariz negro da fumaça, minha mãe ficava brigando para que não lêssemos até tarde da noite, porque no outro dia tínhamos nossas obrigações de casa, cada uma tinha a sua tarefa, mas aos domingos podíamos ler o dia inteiro. Uma outra coisa que era

[30] Depoimento de Juca Balbino, citado.

muito boa, tocar os discos na vitrola! Que era tocada a corda; quando essa corda quebrava, ficava todo mundo triste, sem poder ouvir as músicas. Não me lembro bem do tempo, mas sei que ficaram na minha lembrança: *Luar do Sertão*, *Índia*, *Chuá Chuá* e muitos outros. Depois, havia o xote que era o preferido da minha mãe; ela ficava dançando, gostava de dançar! Meu pai não, nem sabia dançar. Nós sentíamos muita falta do convívio das pessoas da cidade. Quando íamos para o Tesouro ou para Guiratinga, não queríamos voltar para a fazenda; procurávamos ficar na cidade, aprendendo a bordar, a costurar, e a tratar de dente. Ficávamos arrumando todas as desculpas para nos demorarmos, mas quando o papai dizia -"Venham embora, que a casa de vocês é aqui no Morro Alto", o jeito era ir.

A mamãe também nos levava, quando mais moças, para passear em Uberlândia. Lá mandava fazer belos vestidos. Nós éramos olhadas como moças educadas, pela boa formação que nossa mãe nos dava e, também as freiras ajudaram. Das festas em que íamos, nas cidades próximas, havia os bailes a rigor, eram vestidos todos brancos, os detalhes feitos em babados, ficavam bonitos os vestidos! Esse baile a rigor era o mais preferido da região, na cidade de Tesouro, comemorado na passagem do ano. Quando começamos a sair mais, indo para os colégios, muita coisa melhorou; nossa mãe procurava meios para passear nas cidades maiores como Uberlândia e também em cidades menores, de Goiás, como Rio Verde e Mineiros. Fomos tendo conhecimentos com pessoas de outros meios, pelo esforço que minha mãe fazia para nos ambientar num mundo diferente daquele em que vivíamos. Uma vez fomos para São Paulo e Rio de Janeiro. O que mais me impressionou, em São Paulo, foi um jogo de futebol no Pacaembú. Fiquei com aquela imagem de tanta gente junta, parecia uma coisa impossível, foi engraçada a emoção que tive! Outra coisa, a imagem que eu tinha do Rio de Janeiro era como de um conto-de-fadas; pensava que fosse uma beleza colorida. Fui chegando, olhando e pensando - é esse o Rio de Janeiro? Pelas revistas, a gente

via um Rio de Janeiro mais bonito. Achei interessante a viagem de trem de ferro, fiquei esperando que ele voasse como um avião, bem rápido! Mas quando fomos conhecer o mar, esse sim, achei lindo! Uma imagem nunca esquecida, tocou-me profundamente aquela beleza, vi a natureza tão diferente do nosso mundo, lá do sertão! Minha mãe disse: - "Quero ver se essa água é salgada de verdade!", abaixou-se, tocou na água e disse: - "É mesmo!". Bem me lembro de quando chegávamos dos colégios, tínhamos os jogos de vôlei no quintal da fazenda, já no Morro Alto! Saímos da fazenda da Divisa (como nasci em 1927, morei treze anos ali) e fomos para Morro Alto em 1940. Uma linda fazenda, toda formada de jaraguá, fizeram ali o campo para avião de porte pequeno."[31]

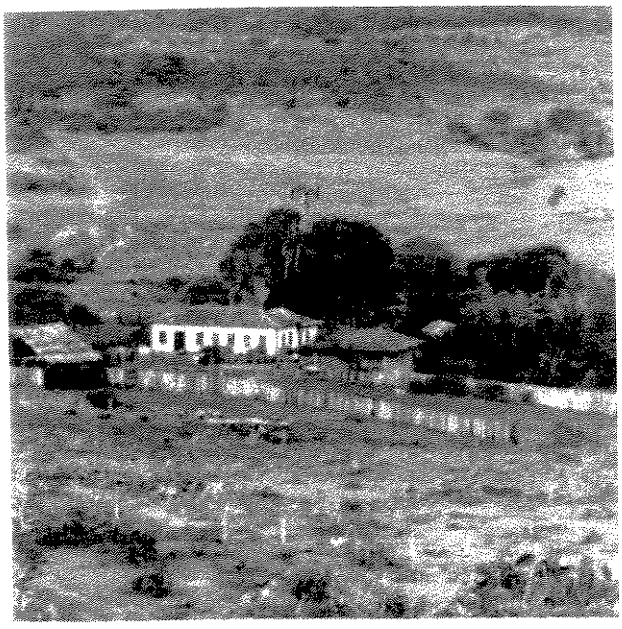
O que mais caracteriza essa fase - a partir da década de quarenta - mudando a situação econômica da fazenda, é o comércio de gado com o Estado de São Paulo:

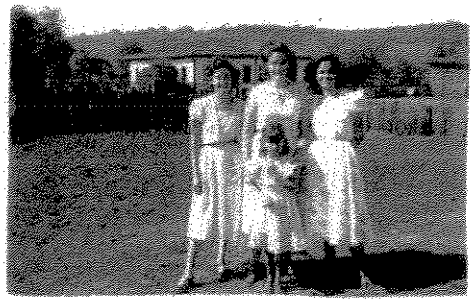
"Na fazenda do meu pai, Morro Alto, tinha uns dez peões, pois precisava de muita gente para o trabalho: cuidar do gado, da lavoura, a formação das invernadas. Mas isso foi bem mais tarde. Ele comprava os bois dos outros fazendeiros, para mandar para São Paulo, Araçatuba. Na época de mandar, ele fazia duas, três boiadas, de uns mil e duzentos bois. Vinham os boiadeiros de São Paulo, faziam os negócios e despachavam as boiadas, com a comitiva que cuidava até o seu destino. Era tão bonito a saída dos bois, ia na frente o peão tocando o berrante, chamando a boiada, meu pai ficava na janela da casa, até que sumissem de vista. Ele tocando o seu berrante, era um cenário muito bonito, que as vezes derramavam umas lagrimazinhas dos seus olhos.

Na véspera da saída, tinham que ajuntar os bois todos nos currais, para seguirem viagem cedo. Às vezes acontecia de os bois estourarem nos currais, aí arrebentavam a cerca e saíam

---

[31] *Idem.*

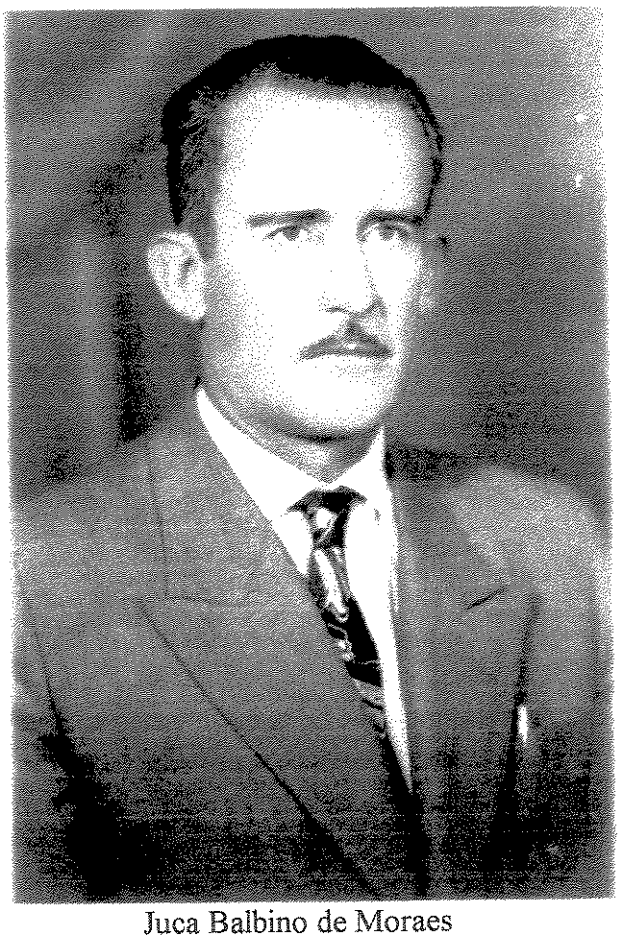




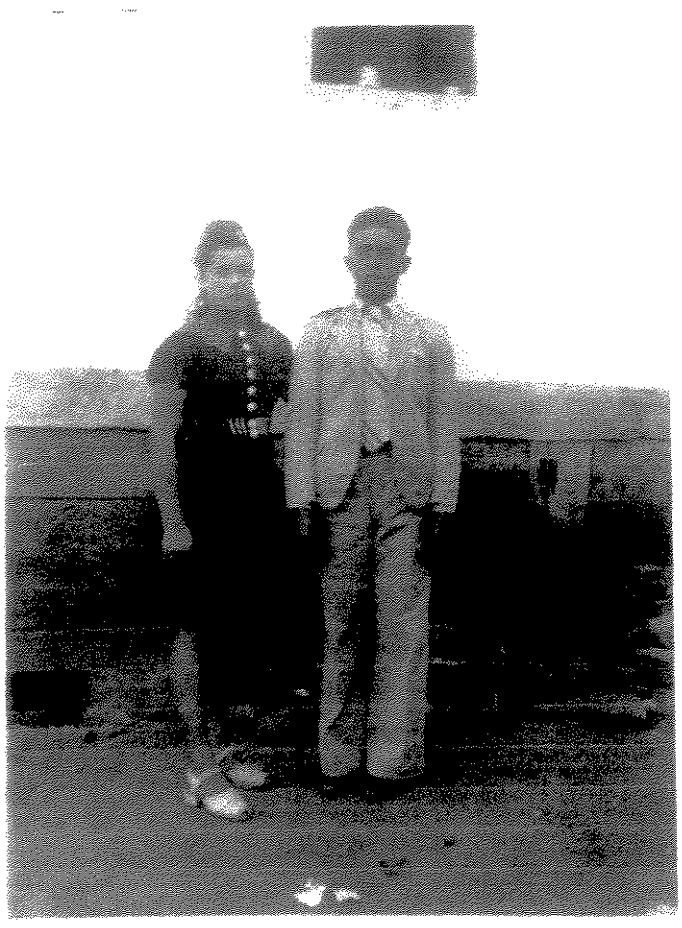
FAZENDA DO MORRO ALTO

Juca Balbino de Moraes, a esposa e as filhas.

D. Bercholina e sua filha Tina.



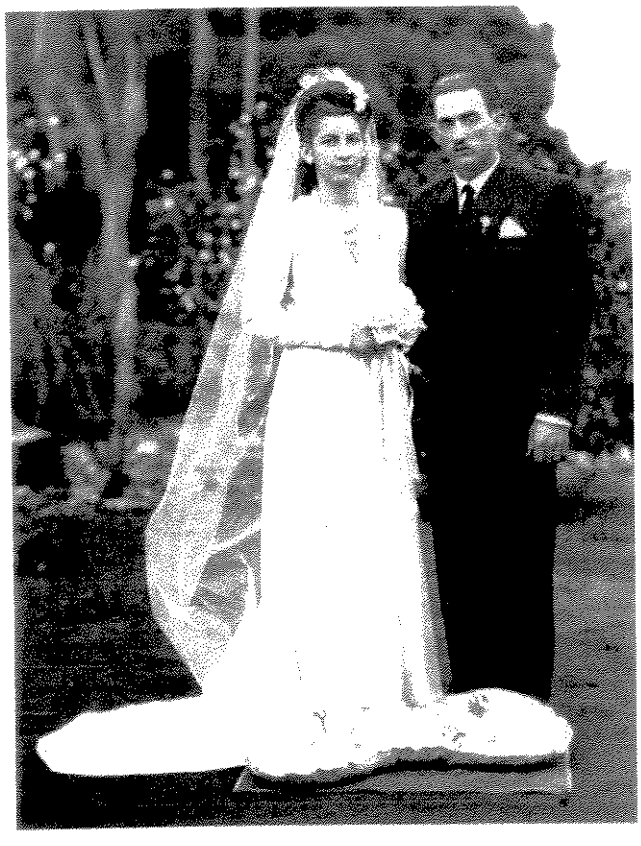
Juca Balbino de Moraes



Jovens das fazendas

As irmãs Eva e Ana.

Convidados para a festa de casamento na Fazenda Morro Alto.



João Antônio e Eva Balbino. Guiratinga - 1951.

correndo, era um barulho tão grande que a gente morria de medo. Quando acontecia isso, dava um trabalho enorme recolher tudo de novo. Então para que isso não ocorresse, precisava-se de muitos cuidados. Era trabalhosa a vida dos boiadeiros. Divertiam-se cantando modas de viola, dançavam catira, isso era bonito! A casa era de assoalho, faziam os mesmos passos ressoarem com suas esporas. Meu pai foi um homem alegre, a peonada toda gostava dele, havia muita fartura nas refeições, era justo no pagamento, nunca faltou quem quisesse trabalhar.

O primeiro avião que desceu lá, foi com minha irmã, que morava na Baliza. Nós éramos mocinhas bem novas, não sabíamos que o avião ia e voltava na pista, saímos correndo atrás do avião, queríamos ser as primeiras a abraçar nossa irmã, mas quando vimos, o avião veio voltando e nós, correndo sem parar, só fomos abraçar, bem sem-graça, quando todos já haviam dado seus abraços.

Esses campos foram feitos para servir os boiadeiros que iam lá comprar bois. Apareciam uns aviadores bonitos que as moças iam logo dando seus olhares. Uma vez, meu pai tinha ido para o Retiro (outra fazenda), lá ficava muitos dias, quando voltou, de longe, ele viu um avião de quatro lugares, tirando fino em cima da casa, tirou até folhas da mangueira mais velha (devia de ter seus cinqüenta anos ou mais). Meu pai olhou e pensou, quem era aquele doido que estava fazendo uma loucura daquelas? Quando viu, eram suas próprias filhas, uma delas namorando o aviador! Na fazenda eram raras as visitas, então se ouvíamos barulho de avião, que passava muito naquela rota, que ia da Baliza e de outras cidadezinhas, para Tesouro, Guiratinga e para outros lugarzinhos de difícil acesso (eles construíam os campos para os teco-teco), minhas irmãs mais novas corriam para o quintal e abanavam um pano branco. Os aviadores desciam para saber o que era. Minha mãe ficava brava conosco, a gente dizia que queríamos ver gente, servíamos um cafezinho, bolo, doce e tudo mais, batiam-se papos e pronto!

A primeira vez que passou um avião pela fazenda do negro Ramiro - esse negro foi um nego que ajudou muito meu pai, era um homem cumpridor das obrigações - a mulher dele, quando ouviu o barulho e viu o avião, saiu correndo e juntando os filhos escondendo debaixo da cama, ia dizendo que já era o fim do mundo, achou que o avião fosse uma coisa sobrenatural, foi um horror. Um medo grande que tiveram.

Esse Ramiro ficou uns seis meses doente, só deitado, magro, dizia que estava enfeitiçado, gemia, chorava de dor. Eu tinha de ir até a casa dele dar as injeções, porque estava muito mal, a gente não esperava que ele fosse viver. Mandaram buscar os curandeiros; o nego Ramiro dizia que tinha uns bichos na barriga, que roíam tudo e davam muitas dores. Já andava nu, não agüentando roupa. Quando os curandeiros chegaram, fizeram trabalhos, umas garrafadas, e ele tomou. Quando foi a noite, disseram, ele e todos de lá, que viram bolos de coisas que ele pôs para fora: besouro, lagartixa, tantos bichinhos que serviram de admiração para todos daqueles lados. Com isso tudo saindo, ele ficou bom de um dia para outro, acabando todas as dores.

O nego Ramiro era o carreiro que buscava os mantimentos plantados nas roças. Trazia aqueles carros-de-bois cheios de arroz que cortavam lá nas roças... Ramiro era um homem cheio de estórias, era o "tirador" dos terços. Uma vez, ele ia andando pelas estradas do Morro Alto para Guiratinga, viu um negão, parado na beira da estrada. O negão fez sinal a ele para parar, mas ele não parou, o cavalo dele estranhou e saiu correndo pelo mato e o negro atrás correndo, o Ramiro caiu e o cavalo disparou no mato. Ele ficou perdido, andou, andou, até que encontrou seu cavalo, quando já estava longe, viu o negão que ia na frente. Desviou desse caminho, andando dentro do mato, até conseguir chegar numa fazenda, aí ficou sabendo que o negão queria era roubar os diamantes que ele levava para vender. De uma outra vez, aconteceu com meu irmão, o Antônio, que foi perseguido, ficando sem dormir, estava sendo vigiado por garimpeiro que sabia que ele tinha

diamantes. Meu irmão fingia que ia por uma estrada, e foi por outra, levantando bem cedo para viajar, mas o homem também não dormiu, ficou esperando sua saída, mas meu irmão deu o golpe, indo para outro lado, foi a sorte!

Os garimpeiros eram andarilhos, se não dava diamante num garimpo, eles partiam para outro, por isso o povo tinha muito medo deles. Não importavam com nada, andavam com suas malinhas nas costas, comiam onde encontravam quem desse, mas quando pegavam diamantes mais valiosos, iam vender nas cidades maiores, onde estavam os capangueiros com posses de comprar com melhores preços. Mas eram muito explorados os coitados dos garimpeiros. Entre eles existiam muitas brigas e mortes, mais por causa das mulheres, isso acontecia nos fins de semanas, quando eles iam para as corrutelas se divertirem.

Existiam medos de muito jeito, as donas de casa ficavam o dia inteiro cuidando dos filhos, da casa, fazendo farinha, torrando café, limpando o arroz e, assim, eram muitos os afazeres delas, ficando sempre muito sozinhas. Costuravam; minha mãe tinha uma maquininha; tocava a máquina à mão, não com os pés, demorava para fazer uma roupa. Os pais iam cuidar do gado, olhar as fazendas, tudo que tinha, era muito trabalho. Eles ficavam fora, o dia todo. Acontecia, muitas vezes, de passar homens de maus aspectos, feios, sujos; outros eram doidos, punham todo mundo para fora de casa, dizendo que a casa era deles, e as mulheres iam para o mato, ficavam lá até de tardinha, quando, então, os homens voltavam do trabalho."[32]

Talvez o que mais impressiona nisso tudo é a força da solidão. A vida das mulheres não pode ser contada sem tocar neste ponto. Algumas poucas consideram-se com mais sorte, principalmente as que foram morar na cidade, mesmo que passando por situações ruins.

---

[32] Depoimento de Eva Balbino Guimarães Neto, citado.

Entretanto, existem histórias a respeito de muitas mulheres que ficavam sós nas fazendas que se aproximam dos contos de horror, como de uma família muito conhecida na região, de maranhenses, em que a mulher, enquanto o marido estava fora, morreu esquartejada por um louco, isso tudo na frente dos filhos, ainda crianças. A história foi contada dessa forma: a mulher foi amarrada pelos cabelos aos pés da mesa; depois arrastada para fora da casa e dependurada, pelos cabelos, em uma árvore. Foi encontrada sem partes de seu corpo, pedaços depois encontrados esparramados, à beira de um riacho. Contam (pessoas contemporâneas ao acontecimento) que a família da mulher encontrou o homem que havia feito isto e enterraram-no vivo[33].

As pessoas, nas condições das fazendas, passavam por situações que custavam muita dor, como a de uma das filhas do Sr. Juca, Dora, que perdeu dois filhos num só dia, um porque já se encontrava doente, sem médico, sem remédio indicado, e o outro porque foi tomar vermífugo em comprimido e engasgou, morrendo nos braços da mãe. Creio que, para falar dessas mulheres temos de ir ao encontro das grandes e pequenas tragédias quotidianas que marcaram o compasso de suas vidas. Perdas, desilusões, nada veio fácil. Somente o tempo, arrastando tudo, desmanchando tudo, veio. Tornaram-nas duras e piedosas. Hoje têm sulcos nos rostos, caminhos de desafetos, de violências diárias, de amores nunca tidos - faces quebradas por tantos sonhos desfeitos. Os cavaleiros que nunca chegaram. De todas as mulheres entrevistadas e das que se pôde ter notícias pelas próprias entrevistas, foram pessoas que tiveram vidas muito dificeis, cruéis, pode-se dizer. Quase todas perderam filhos em condições trágicas, ou tiveram filhos esquizofrênicos, ou surdos-mudos (era comum casarem-se com parentes), maridos violentos ou que as ignoravam. Além das histórias de tirania dos próprios pais. Nem todas tiveram o "privilégio" das filhas de Juca Balbino, que tinham pais que não faziam uso de instrumentos de violência corporal e mais preocupados com

[33] A família pediu para não revelar o seu nome.

o seu bem-estar, apesar de vários desmandos e vontades impostas, pois as notícias que se têm de outras famílias, são de pai e mãe extremamente abrutalhados, como o irmão de Juca Balbino, o famoso Jerônimo de Morais. Alguns falam de homens meio loucos, truculentos, maltratando os filhos, sabendo-se de notícias de pessoas que foram trancafiadas em sótãos, caso de D. Bercholina, mulher de Juca Balbino, cujo pai a trancafiava nos porões da fazenda, talvez querendo matá-la, como declara sua filha[34].

Dora, uma das irmãs de Eva, contou que detestou o marido desde a primeira vez que o viu. Casou-se com um parente da mãe que veio da cidade de Mineiros. O pai, Juca Balbino, a obrigou. Havia antes sonhado com o cavaleiro forte que um dia a levaria dali para desbravar outras terras. Mas apareceu o parente de sua mãe, nada forte, fraco no olhar e no falar. Queria se casar com a filha de Juca Balbino. Junto iria muito pouca coisa no enxoval, não era costume na época (1930), mas receberiam várias cabeças de gado.

Dora casou-se chorando, desesperava-lhe a idéia de passar as noites com aquele homem. O casamento foi feito em um altar improvisado em casa mesmo. E logo as agruras começaram. Dirceu não gostava de trabalhar e Dora tinha de se desdobrar nos trabalhos de casa e mesmo com aqueles que não eram de sua obrigação, cuidando da pequena fazenda. Tinha sido acostumada a trabalhar. Muitos filhos foram nascendo. E ela ia ficando cada vez mais sozinha, em casa e na alma, no meio do sertão bravo. Muitas vezes forasteiros apareciam e ela morria de medo. Era muito comum surgirem pessoas não se sabe de onde, loucos, homens baleados, esfarrapados, em busca de trabalho, ou de passagem para os garimpos, todos falam.

Contou que, em uma dessas vezes, pressentiu o real perigo. Foi quando um homem todo esfarrapado chegou até o interior da casa, e lá perguntou de quem era a fazenda. Quando ela

---

[34] Depoimento de Eva Balbino Guimarães Neto.

respondeu, dizendo o nome de seu pai, ele disse que não era verdade, que era sim, tudo dele. Enquanto o homem estava falando, ela fêz sinal a sua filha mais velha para que já pegasse o caminho do fundo da casa, e foi saindo com todos os filhos, devagarinho, até que alcançaram a trilha que ficava junto à cerca. Mais adiante, abandonou a trilha, virou bruscamente à esquerda (de acordo com ela, seguindo seus instintos) e foram se esconder debaixo de uma enorme moita no meio da mata, lugar cheio de onças, colocando a mão na boca das crianças, explicando por sinais para não fazerem barulho. Pouco depois apareceu também a cachorra, e com o coração na mão, fêz-lhe sinal para ficar quieta e "a cachorrinha não deu nenhum latidinho, aquilo, para mim, foi obra de Deus". Soube-se depois que o homem esfarrapado a seguiu pela mesma trilha, ao lado da cerca, perdendo-a justamente no ponto em que ela dobrou à esquerda para o interior da mata. Dora só voltou depois que estava anoitecendo, ficando bem posicionada a observar a casa, e poder ver quando o marido e o peão voltaram.

Tempos depois, quando o marido já havia acabado com tudo e foram para a cidade, Dora teve que sustentar sozinha a família, com a única coisa que sabia fazer muito bem, das mulheres nascidas e criadas para casar - cozinhar. Montaram uma pensão em que fazia queijos, pães e doces. Mas da sua vida nunca deu jeito, contou de muitas infelicidades. Depois de algum tempo morando na cidade, foi abandonada pelo marido, pelo fato de tê-la flagrado com outro homem na pensão, causando um verdadeiro escândalo na cidade. Isto marcou a vida de toda a família, principalmente das suas irmãs, que passaram a ser alvo dos preconceitos provincianos (sobretudo das famílias dos respectivos maridos). Mas a sua própria vida foi destruída, sempre pobre, carregando o estigma de "mulher separada" no meio daquela cidadezinha que foi Guiratinga (a antiga Lageado). Sob os olhares vigilantes da população local, nunca mais conseguiu "recuperar" sua aceitação social. Ela foi uma mulher muito bonita.

Há uma cena bastante expressiva de toda essa história, trazida por sua irmã, Eva. Ela conta que logo em seguida ao *adultério*, uma outra irmã se casou, em meio ao escândalo (o casamento não pôde ser adiado); a família estava reunida em sua casa, com todas as irmãs envolvidas na arte de fazer os doces para a festa. Enquanto colocavam os doces para secar fora de casa, havia um vaivém de choro, de tristeza, de vergonha. E para culminar, o "marido traído" ainda fez questão de comparecer ao casamento, todo de preto e barba por fazer, causando uma verdadeira comoção na igreja.

Por essa época Juca Balbino já era um fazendeiro muito conhecido, talvez por isso o fato tenha tido tanta repercussão, além do significado de toda a moral do casamento em uma pequena cidade que fazia questão de expor os casos exemplares.

Entretanto, apesar de Eva Balbino ter ido morar na cidade depois de casada, passar pelos alegrias e dissabores da vida, o motivo maior de suas lembranças encontra-se ainda em sua experiência de viver nas fazendas, considerada, por ela, marcante na sua forma de "sentir o mundo" e estabelecendo para si um certo modo de ser:

"Mesmo com tudo o que veio de diferente em nossas vidas, uma coisa de que não me esqueço e que até hoje sinto, foi a melancolia da solidão na fazenda, gravada na nossa imagem, minha e de minhas irmãs, nas janelas de nossa casa, à espera de algum cavaleiro, ou de ouvir algum som, de cascos de cavalos, e ficávamos ali, a sonhar e a fantasiar...

Mas talvez a imagem mais forte seja a da minha mãe: era uma mulher que sonhava e admirava as belezas da natureza, muitas coisas raras que se viam naquele sertaozão. Nas épocas de lua cheia ela ficava na janela do seu quarto, olhando o reflexo do luar nas águas que corriam pelo

quintal. Chamava-nos para ver, e ficava falando umas trovinhas; eram momentos tão suaves que a gente ficava embebida na beleza da lua. Parece que estou lá, vivendo esses momentos da vida!"

*

Eis que diante de uma exposição em que se procurou dar visibilidade a certos *detalhes* que contornam maneiras de viver, quero ainda acompanhar o movimento preciso de um poeta que fala de imagens e de fantasias que se aderem às lembranças, lente com a qual se pode observar os tempos aqui descritos:

> Em face de outros mil disfarces
> Que o tempo reassume a cada passo,
> .....
> Movido sou por fantasias que se enredam
> Ao redor dessas imagens, e a elas se agarram:
> A noção de algo infinitamente suave
> De alguma coisa que infinitamente sofre.[35]

[35] ELIOT, T. S. "Prelúdios". In: *Poesia*. Tradução de Ivan Junqueira, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1981, página. 67 (os dois primeiros versos) e página 69 (os outros quatro versos).

"As reminiscências são metáforas da vida", como escreve Deleuze, e se nos fazem "retornar pelo coração", é porque somos pressionados pela necessidade do sentido. A memória não é simplesmente o ponto de chegada, ou um mero arquivo de cópias, ela é fundamentalmente caminho, "um meio de busca", como já disse Proust, aprendizagem. As reminiscências, como signos sensíveis que são, porque ainda dependem de uma certa materialização das coisas, nos trazem imagens talhadas nas coisas e verdades implicadas e envolvidas.

Eva Balbino ao se transportar para o lado da mãe, retendo a imagem do regato que refletia a lua cheia, embalada pelas trovinhas prateadas, revela todo o encanto daquele tempo que, desgarrado de seu presente, presente daquele passado, traz para esse presente atual "a plenitude da redescoberta do tempo", sentindo o quanto doce era estar "embebida na beleza da lua".

"Parece que estou lá vivendo esses momentos da vida!" - talvez, expresse aquilo que o poeta diz como ninguém, desencarnando-se da matéria e penetrando no mundo das essências: "A noção de algo infinitamente suave/De alguma coisa que infinitamente sofre". "Infinitamente sofre", talvez, pela impossibilidade do retorno ao mesmo, e "Infinitamente suave", pela presença do retorno diferente.

"Infinitamente" pode ser o tempo da eternidade: "A memória involuntária nos dá a eternidade, mas de tal forma que não tenhamos a força de suportá-la mais do que um instante, nem o meio de descobrir-lhe a natureza. O que ela nos dá é, antes, a imagem instantânea da eternidade"[36]. Deleuze ainda esclarece que para os neoplatônicos "A eternidade não lhes parecia a ausência de mudança, nem mesmo o prolongamento de uma existência sem limites, mas o estado complicado do próprio tempo (uno ictu mutationes tuas complectitur)[37].

---

[36] DELEUZE, G. *Proust e os signos. Op. cit.*, p.63.

[37] *Proust e os signos. Op.cit.*, p.45.

O relato de Eva Balbino é todo ele permeado pelo tempo que foi, mas que se sente "agora". E para Deleuze, a partir de Proust: "O passado tal como é em si, coexiste, não sucede ao presente que ele foi"[38]. A riqueza do depoimento/memória só pode advir dessa compreensão, que decididamente rompe com uma concepção de tempo "homogêneo e vazio"[39], obrigando o pesquisador a perscrutar o mundo daquele que revela suas lembranças.

[38] *Proust e os signos. Op. cit.* p.58.

[39] Noção tão cara a Walter Benjamin em "Sobre o conceito da História". In: *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. *Op. Cit.*

CAPÍTULO III

DO CAMINHO DOS NORTISTAS.

1. A MIGRAÇÃO

"Sou de novecentos, de mil novecentos. Nasci em Carolina, no Maranhão. Eu vim do Norte para cá. Meu pai me deixou pequenininha, nem me lembro dele. Quando saí de Carolina eu tinha três anos somente. Mudamos para perto de Belém; minha mãe casou com outro homem, mas não se deu bem; largaram, e ela foi morar em Santa Isabel. Depois de ficar por um ano só em Santa Isabel ela desceu para Conceição do Araguaia, ao encontro da sua família (quando morreu eu tinha dez anos de idade, teve uma dor e morreu). Lembro-me daqueles lugares por onde passávamos (muitas vezes íamos fazer comida), das enormes árvores que varavam o céu. Não me esqueço de quando chegamos a Porto Franco, descendo a cavalo... E íamos descendo a cavalo para chegar até as casas. Então passamos por um lugar alto e havia aquele corregozinho lá em baixo, correndo... E minha mãe disse assim: - "Você sabe o que é aquilo minha filha? Você está vendo?" Eu era pequena, mas lembro-me bem dessas palavras: - "É o Araguaia"![1]

Avistaram o rio Araguaia, benção da terra, para os que vinham dos áridos campos dos sertões. Aquele trecho de paisagem jamais poderia ser esquecido por nenhuma daquelas minúsculas figuras humanas; eram os "nortistas" que chegavam, adentrando a imensidão da floresta amazônica, acompanhando o movimento migratório para um dos centros aglutinadores do *boom* da borracha, no sul do Pará.

---

[1] Depoimento de D. Ineizila. Cuiabá, maio de 1992.

Famílias inteiras, com a sua história de vida e morte, abandonaram sua terra, procurando fugir à miséria, à fome, à seca; lutando contra as adversidades do meio físico e o esmagamento político, fizeram-se errantes. Levavam em sua bagagem não só a miséria que se restringe à penúria econômica e à exploração subumana do trabalho, mas a que também pode ser vista em outra dimensão: aquela que faz dos homens "seres moventes", jogados de um lado a outro, aprisionados a incessantes construções míticas. Essa *busca*, que tanto impulsionou os homens a se lançarem às estradas, aparece sempre definindo-se pela possibilidade de vida e fé na existência de uma longínqua "terra sem mal"[2], mas que expressa, fundamentalmente, o sentido nômade dessas populações, à mercê dos acasos, dos sonhos - dos artifícios da produção de riqueza.

"Do norte para o sul" e para o oeste: essa foi a direção que muitos nordestinos, embrenhando-se pelos sertões, tomaram, no final do século dezenove e início do século vinte[3]; levas e mais levas de trabalhadores sujeitaram-se às frentes pioneiras de trabalho, articuladas em função do extrativismo

---

[2] Alusão ao livro de Hélène Clastres, *Terra sem Mal (o profetismo tupi-guarani)*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1978. Trazendo uma contribuição mais específica para o caso da Amazônia, Alfredo Wagner B. de Almeida, em seu texto - "Movimentos Sociais na Amazônia", faz referência ao movimento das chamadas *bandeiras verdes*: "... dirigir sempre para uma terra onde as folhas nunca secam. Mais ou menos o sul do Pará e o oeste do Maranhão, onde as folhas nunca secam, onde as águas sempre correm." In *Amazônia: Mito e Desencanto*, Revista Debate, Publicação CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), Salvador, Bahia, Janeiro de 1995, pp.83-115.

[3] O motivo amplamente apontado para a migração em direção à Amazônia foi o *boom* da borracha, desde as últimas décadas do século XIX, associado à grande seca dos anos 1877-80. Ver PRADO, Maria Lígia Coelho e CAPELATO, Maria Helena Rolim. "A borracha na economia brasileira da primeira república". In: *História geral da civilização brasileira, Tomo III - O Brasil Republicano, 1º volume - Estrutura de poder e economia (1889-1930)*. São Paulo, Difel, 1975, pp. 287-307; FURTADO, Celso Furtado. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, Fundo de Cultura, 1964; IANNI, Otávio. *A luta pela terra*. Petrópolis, Editora Vozes, 1978. Sob outra perspectiva - a produção da *seca* no discurso - ver ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *O engenho anti-moderno. A invenção do nordeste e outras artes*. Campinas, Tese de doutoramento, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1993.

vegetal ou mineral, principalmente. Mas é bom lembrar, também, de toda uma trajetória desses caminhantes, que se prolonga até hoje. Além dos registros que se têm, do migrante nordestino, à *procura do sul* pela cidade industrial, assinala-se o seu itinerário pelas terras ditas de *fronteira agrícola*, como Espírito Santo e Paraná e, mais recentemente, pelas *novas terras* da Amazônia, pós-60[4].

Na verdade, o mito de uma *terra de riqueza*, "sem contornos, sem limites", sob o signo da abundância, alimentou, desde sempre, o movimento migratório de trabalhadores pobres, no Brasil.

Assim sendo, mais especificamente, para o sul do Pará confluíram os "nordestinos da borracha". Para lá acorreram homens das terras do norte e do nordeste; de longe apareciam os caminhantes e para mais adiante, muitos deles acabavam seguindo, dirigindo-se para os lados do Xingu, do Tocantins e, depois, mais tarde, engrossando as fileiras da migração no sentido Pará - Goiás - Mato Grosso, rumo aos vales dos garimpos (a rota que mais interessa a este trabalho).

Sob essas circunstâncias, com gente chegando de todos os lugares, Conceição do Araguaia e a fronteiriça Porto Franco (depois Couto de Magalhães), do outro lado do rio Araguaia, no Estado de Goiás[5], possibilitavam toda a sorte de encontros; nesse território, homens e mulheres podiam compartilhar destinos quase indissolúveis[6]. Foi o caso da jovem maranhense depoente, que conheceu o

---

[4] Em uma pesquisa que realizei, tendo em vista uma das áreas de colonização privada que mais se destacou na Amazônia, extremo norte de Mato Grosso, Alta Floresta, noventa por cento dos colonos que para lá se dirigiram eram constituídos por "paranaenses", ou seja, tinham vindo do Paraná. Todavia, uma grande parte desses "paranaenses" eram nordestinos de origem, ou filhos de nordestinos. *A Lenda do Ouro Verde*. Campinas, Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1986.

[5] Atual Estado de Tocantins.

[6] Conceição do Araguaia é de fins do século XIX (1897). Já Porto Franco - Couto de Magalhães - era uma espécie de satélite de Conceição, sua "irmã pobre" do lado de Goiás; tanto uma quanto a outra tiveram sua história atrelada ao "ciclo da borracha amazônica" (látex do caucho). O nome desta última se deve ao General Couto de Magalhães, que tentou a navegação a vapor no rio Araguaia e Tocantins. O povoamento dessa região

rapaz baiano, Pedro Antunes de Souza[7], logo que este chegou a Porto Franco, em 1918. Casaram-se em 1919, tecendo suas vidas pelas rotas das migrações.

Ele viera para negociar como tropeiro, por toda essa região do Pará, viajando pelo sertão, ganhando mais aqui, menos ali, levando mercadorias como o sal, o café, entre outros produtos, ainda tendo em vista os agrupamentos de homens remanescentes do surto da borracha amazônica, agora em crise.

O certo é que, de estrada em estrada, para o norte, para o sul, diversos atores, grandes e pequenos, trabalhadores anônimos, até mesmo pequenos proprietários, mercadores ambulantes, passavam ou ficavam (até certo tempo) em Conceição do Araguaia, num entrelaçamento de interesses, solidariedades, dividindo entre si existências, destinos. E se tomarmos outros exemplos, ver-se-á mais alguns fios dessas histórias que se enredam, num dado momento histórico, inclusive, acrescentando elementos singulares, como a presença do imigrante italiano, nas terras da Amazônia:

"O papai, que tinha vindo de Barra do Cordas, no Maranhão, conheceu a mamãe quando ela saiu de Riachão, também do Maranhão, e foi para a casa da tia Laura, em Conceição do Araguaia. A tia Laura foi casada com Henrique Antonio Pedemonte, um fotógrafo italiano que tinha vindo da Itália. Este, quando chegou em Belém (de navio), e viu toda aquela mata verde, ficou doido e entrou para o interior, no lombo de um burro. Conheceu a titia Laura em Riachão, porque passou tirando fotografias

---

teve como marco a fundação do presídio de Santa Maria, em 1812, no lado goiano do rio Araguaia, depois recebendo aí a Nova Missão de Santa Maria (Companhia de Jesus do Brasil, cerca de 1859), ficando o povoado com o nome da Santa Maria do Araguaia, só mudando para Araguacema (porto do Araguaia), à época de Getúlio, quando foi elevada a cidade. Sobre Conceição do Araguaia, destaco a síntese mais geral de Otávio Ianni, nos primeiros capítulos de seu livro - *A Luta pela terra. Op. cit.* Ver também - AUDRIN, Frei José M. *Os sertanejos que eu conheci*. Livraria Jo_e Olympio Editora. Consultar, a nível informativo, ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. *Dicionário do Brasil Central - subsídios à filologia*, São Paulo, Ed. Ática, 1983.

[7] O seu relato sobre a vinda para Mato Grosso encontra-se no 1° capítulo.

e por lá começaram o namoro. Casaram-se. Estavam já em Conceição, e a mamãe, que era moça, foi para lá. Ele tinha um amigo que veio junto, o Humberto, outro italiano e fazia força para casar o Humberto com a mamãe. Mas ela conheceu o papai nesse tempo, e interessou-se por ele; terminaram casando-se nessa ocasião, em 1912. Nasci por lá, em 1914."[8]

Este é o aspecto, no que toca a essas localidades, que mais interessa assinalar aqui: sua importância como "novo ponto de partida" para o movimento migratório, em direção aos famosos garimpos do leste de Mato Grosso, constituindo, nesse sentido, uma espécie de passagem para maranhenses e baianos, principalmente.

Mas, é necessário considerar que Conceição chegou a ser uma cidade com uma certa proeminência social; tinha uma Prelazia, era cabeça de Comarca e falava-se em luxo e "dinheiro solto" pela cidade, a essa época da expansão da borracha. Seus antigos moradores relembram os melhores anos, porque impressionavam-se com o casario, e por tudo que a cidade se diferenciava em poder, na região, permitindo, inclusive, oferecer maior conforto às pessoas; já Porto Franco chamava a atenção pelas boas condições de seu porto: livre de corredeiras, de pedras e acidentes naturais. Circunstâncias que, por certo, definiam a sua própria existência econômica e social. Costumam dizer ainda, que as duas cidades, banhadas pelo rio Araguaia, uma do lado do Pará, a outra do lado de Goiás, ficavam a olhar-se, uma defronte a outra, testemunhando interesses comuns...

Nesse contexto, tendo o rio Araguaia como via de acesso fundamental à penetração dos sertões, Conceição e Porto Franco também desempenharam um papel comercial indispensável, como centros de distribuição de gêneros, considerados de primeira necessidade. A ligação mais importante

---

[8] Depoimento do Sr. Berorocã Figueira, que se tornou um "dentista prático" muito conhecido em toda a área de povoamento do *leste* de Mato Grosso. Entrevista realizada em Cuiabá, maio de 1990.

era com a cidade de Belém, de onde provinham as mercadorias, seguindo o sentido Tocantins - Araguaia, através de grandes e pequenas embarcações. Dessa forma, entravam por ali os mais diversos tipos de mantimentos (inclusive remédios), principalmente produtos que podiam suportar longos trajetos (durabilidade), na dependência das quais viviam as povoações e os agrupamentos de seringueiros, embrenhados na floresta amazônica (na época do auge da borracha, vão também suprir de "artigos de luxo", o gosto das populações...). Não se pode desconsiderar que o povoamento dessa região, em decorrência do ciclo da exploração da borracha, viu não só a cidade de Conceição crescer, mas também resultou em um alargamento do extrativismo por toda a região. O Frei José M. Audrin assim se refere àquele momento de expansão: "...mas os arredores continuavam a povoar-se com extraordinária rapidez. Os campos das Arraias viam multiplicar-se os sítios e as fazendas. As próprias matas do caucho iam sendo ocupadas. Em cada passagem de ribeirão, em cada "cabeceira", em cada "campestre" fixavam-se moradores, animados pelos fartos lucros provenientes do trânsito ininterrupto de comboios de seringueiros."[9] Inclusive, não devem ser esquecidos os acessos que se abrem, por essa época, entre o Araguaia e o Xingu, através dos caucheiros e seringueiros, seguidos sempre pelos negociantes.

Contudo, Conceição do Araguaia, devido a suas características comerciais - zona distribuidora - acabava por assumir um papel econômico que ultrapassava as dimensões das áreas sobre as quais tinha maior influência, em função da expansão da borracha. Pois logo após, quando se desencadeou o fluxo da migração para os garimpos de Mato Grosso, foi de Conceição do Araguaia e

[9] *Os sertanejos que eu conheci. Op. cit.*, p. 31.

Couto de Magalhães (Porto Franco) que os negociantes, primeiramente, se abasteceram a fim de levar as mercadorias às áreas de exploração mineradora.

Nesse sentido, os tropeiros e mascates, desde antes, foram presenças marcantes, encarregando-se de fazer negociações pelos caminhos dos itinerantes, distribuindo mercadorias que as embarcações traziam, por trajetos que só eles conheciam - "beirando as matas", como diziam .

Pelo que tudo indica, foi com esses objetivos em mente que o Sr. Pedro Antunes de Souza resolveu fixar-se em Conceição do Araguaia e Porto Franco, pois afigurava-se aí um campo propício para negócios com pequenas tropas. Mas, como ele, muitos outros baianos continuavam a chegar ao sul do Pará, fosse para seguir procurando pelos seringais, "tornando-se seringueiro" ou apenas comerciando, fosse para continuar em frente, pelo rio Araguaia e outros caminhos que se abriam rumo aos "tesouros do leste". Pois já tomava força, nesse momento, por volta dos anos vinte, o movimento migratório em direção aos vales dos rios Araguaia e Garças.

O fato é que esse deslocamento rumo a oeste se intensificou, impulsionado não só pelas precárias condições de sobrevivência econômica, mas somadas a isso, também, as intensas lutas travadas pelas facções de coronéis do sertão baiano. De lá, muita gente saía, fugindo às constantes brigas, em disputas políticas pelo controle de território. Principalmente nos anos vinte, pequenas cidades chegavam a ficar inteiramente sitiadas por forças repressivas, constituídas de jagunços e soldados, comandadas pelos governos estaduais, aliados a esse ou àquele coronel. O caso de Horácio de Matos - Zona das Lavras Diamantinas - é exemplar: passou, entre outras lutas, de janeiro a março de 1925, sitiado na cidade de Lençóis, pelas forças repressivas do governo estadual de Goés Calmon, quando o próprio Horácio, inclusive, mandou retirar da cidade mulheres e crianças. Vencedor desta e

de outras "revoltas", o coronel Horácio de Matos estabeleceu a sua autoridade sobre toda a Zona das Lavras, região de muitos dos baianos que vieram para Mato Grosso, os quais fazem constantes referências a sua pessoa e à impossibilidade de viver sob o fogo cerrado dos coronéis. Para as jazidas dos diamantes do leste veio nada menos que o irmão de Horácio de Matos, Arquimedes de Matos e, em Lageado, o principal "farmacêutico" da cidade, Adalberto dos Martins Alves, fora homem de confiança do comando de Horácio de Matos, assim como outros, atraídos pelos garimpos[10].

Entretanto, para Ineizila, a maranhense que se havia estabelecido a mais tempo em Porto Franco, nos anos do auge da borracha, o encontro com o rapaz baiano foi decisivo. Ao casar-se com Pedro Antunes, pôde dar um destino próprio a sua vida, dependente sempre que ficara das pessoas, órfã de pai e mãe e rejeitada pela avó. Seus primeiros tempos, em Porto Franco, ainda na infância, são reveladores de situações que focalizam atitudes próprias de um mundo rude, sujeito a constantes mudanças, marcado pela transitoriedade das coisas e da vida:

"Fiquei com minha avó... e era brava! Xingava e brigava comigo e era assim... não gostava de mim! Morei um tempo com ela, depois me mandou ir embora. Jogou minha rede no mato: - "Lá, lá fora, vai dormir pra lá!" Apanhei a rede, mas as meninas que também tinham parte na casa - eram duas famílias que moravam na mesma casa - pegaram minha rede e armaram lá junto com elas. Penduraram, ajeitaram e fiquei lá, comendo também, porque minha avó não me dava comida. Ela fazia a comida, comia, acabava e botava o resto para o cachorro. E tinha um tio que era sapateiro; não queria me dar calçado. Muitas vezes me dava calçado velho com as pontas dos pregos voltadas para cima. Só depois é que fui morar com o tio Augusto Perna e a tia Marta, esses foram bons para mim, até me casar.

---

[10] Tal situação todavia, não configura uma extensão do poder regional do coronel baiano, pois em Mato Grosso as forças políticas locais já se encontravam aglutinadas em torno de suas próprias lideranças, as quais também protagonizavam disputas acirradíssimas, com destaque especial a José Morbeck, sobre o qual falarei mais adiante. Ver sobre o coronel Horácio de Matos: CHAGAS, Américo. *O chefe Horácio de Matos*. São Paulo, s.c.p., 1961. MORAIS, Walfrido. *Jagunços e heróis: a civilização do diamante nas lavras da Bahia*. R.J., 1963. CARONE, Edgard. *A República Velha - I - (Instituições Sociais e Classes Sociais)*. São Paulo, 3° Edição, 1975. MACAULAY, Neill. *A Coluna Prestes*. R.J., Difel, 1977. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, SP, EDUSP/FDE, 1994.

Quando a minha avó foi embora de Porto Franco, fui até ela para pedir a sua bênção, mandou que eu tomasse benção ao diabo, e disse assim: - "Diabo é que é sua madrinha!" E não abençoou!"[11]

Desse universo microcósmico, ela apreende a lembrança que revela a dor pelos pregos voltados para cima, nos velhos sapatos da menina, afim de que causassem pequenos e diários martírios, e da avó que a maldizia na hora da bênção - órfã aos dez anos de idade, jogada para fora de casa com uma rede nas mãos. Fala com os olhos de um outro tempo, insondável pelo nosso. Somente seu peito enrijecido, expressa a força daquela menina. E ela chora.

Um recanto do mundo que revela a avareza, a mesquinhez, os desmandos dos "pequenos senhores", coisas que Graciliano Ramos nos deixou irretocáveis, para o exprimir dessas populações que vêm de um mundo miserável, avaro e grotesco, imerso em condições de profunda insegurança; um universo que mais lembra a "alma agreste" de *São Bernardo*, da dramática desconfiança que faz sucumbir o amor. Mas que, também, diante da ambigüidade da experiência humana, como em *Vidas Secas*, é capaz de desnudar a inocência e o titubeante desejo de descobrir outros mundos ("metidos naquele sonho"), como vir para o Sul.

A história de D. Ineizila, assim como de muitos migrantes, traz "...o peso de incontáveis gerações atrás de si e nenhum parentesco de que se vangloriar...", para usar as palavras de Joseph Conrad, em seu *Nostromo*. Mesmo com histórias quase inaudíveis (a não ser os raros testemunhos isolados que se podem obter), seus passos ressoam pela floresta, pelos caminhos percorridos, pelos povoados erigidos, sob as amargas contingências políticas que definem privilégios e dividem o mundo,

---

[11] Depoimento de D. Ineizila, citado.

Acima, à esquerda. Ineizila Antunes e sua mãe. - 1910.

Acima à direita. Pedro Antunes de Souza. - 1938.

Abaixo à esquerda. Ineizila Antunes - 1943.

condenando muitos a viverem, de um lugar a outro, em busca de moradia; enquanto não se estabelecem, fixando-se conforme os códigos sociais, são vistos como figuras malditas.

Como vidas entrelaçadas na história do movimento migratório de nordestinos para os garimpos de Mato Grosso, a maranhense e o baiano que se uniram, tomados aqui como exemplo, representam dois fios tecidos no mesmo ponto. São representativos de grande parte dos migrantes que procuraram a zona de povoamento resultante da exploração diamantífera; e são vidas reveladoras de condições ou de experiências que operam tanto no plano individual quanto coletivo.

Contam-nos um pouco de tudo que se passou com eles, fragmentos iluminados de um passado que antecipa o presente, define faces e caracteriza indivíduos dentro de movimentos históricos. Pedro Antunes aparece fustigado não só pela pobreza e a procura de novas terras para negociar, mas também chega trazendo histórias sobre as "revoltas políticas" do interior do sertão baiano, comando dos coronéis. Já D. Ineizila é a maranhense, personagem saída das histórias de avareza e dureza que a miséria propaga, como diz Antônio Cândido (quando analisa o mundo das personagens de Graciliano Ramos) - "colorindo e deformando" a vida[12].

E, justamente, por nos colocarmos em seu encalço, focalizando essa história de D. Ineizila e o Sr. Pedro, é que se pôde ir tomando informações sobre o quotidiano desses migrantes que se destinaram a percorrer os caminhos para Mato Grosso, revelando hábitos e comportamentos, elucidadores de suas escolhas, percursos, percebendo-os enfim, como pessoas que buscam e lutam por modificar situações que os mantém atados a sistemas imobilizadores. Daí que, talvez, a observação que possa combinar e valorizar as experiências individuais, somada às condições de vida de uma população

---

[12] *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 28.

e seu trajeto, propicie interpretações mais eficazes para romper com um modelo de análise linear e exaltador da história do povoamento de uma região. E por que não, poderia também ser uma das formas de romper com o anonimato que o termo *migrante* impõe.

Hannah Arendt já chamava a atenção para situações em que os homens não podem ser identificados em seus atos: "Sem a revelação do agente no ato, a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer. Na verdade, passa a ser apenas um meio para atingir um fim."[13] Com efeito, o movimento migratório foi reiteradamente apresentado, nos discursos, como uma empresa de grandes proporções, voltado para assegurar *certos fins* - em nome da expansão territorial, em nome da nação, do progresso, ou da garantia de civilidade.

Não se pode perder de vista que as correntes migratórias para a Amazônia, de uma maneira geral, alinhavaram-se na trama de conteúdos míticos e técnicas de propagandas do Estado, projetando poderosas imagens, nas quais se produziram *bandeirantes, soldados da borracha, soldados do trabalho, novos bandeirantes*[14]. Portanto, os regimes de poder, em seu próprio funcionamento, exigiram e produziram um discurso mítico sobre a "terra prometida", ajustada às "necessidades nacionais" (em suas diferentes versões); e os migrantes, culturalmente desterritorializados, apareciam,

---

[13] *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, Rio de Janeiro: Salamandra, São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981, p.193.

[14] O Estado Novo foi exemplar, confeccionando trabalhadores em migrantes, dando-lhes o sentido de "os novos construtores da nacionalidade brasileira". Ver a respeito - LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, Ed. Papirus, 1986. Por outro lado, as áreas dos garimpos do leste sofrerão o impacto discursivo de Vargas, pois é a partir de trinta que se passa a construir a "imagem do passado" - na marcha do espírito bandeirante - das cidades que nasceram com o diamante.

pois, como "conquistadores de novos territórios"; "construtores da nação"; e "pioneiros na fundação de cidades"[15].

Por isso, é preciso não somente elaborar a crônica da expulsão dos trabalhadores de suas terras - exploração e "escravização" pelas oligarquias, mas fundamentalmente trazer à tona as condições históricas sob as quais se sustentou e produziu-se um discurso sobre a migração nordestina e sobre a figura do migrante (quebrando com a noção de causalidade e evidência histórica). Tudo aquilo que obriga a desmontar a "história da seca" e do movimento migratório sob outros pressupostos analíticos. Contudo, esta não é a questão central da pesquisa aqui desenvolvida; apenas considero essencial deixar claro certos referenciais que norteiam um conjunto de idéias que se adensam sobre a migração nordestina, levando em conta a sua importância para o povoamento da zona dos garimpos de Mato Grosso.

Ademais, é preciso tentar quebrar com essas operações que realizam uma espécie de captura das experiências históricas para diluí-las em discursos que visam certos fins, no caso aqui, a migração como fonte de desenvolvimento e o "diamante como propulsor de civilização na zona do Leste"[16], naturalizando os objetos. As marcas desse acontecimento, o movimento migratório de nordestinos para o leste de Mato Grosso, nas primeiras décadas do século vinte, assim como devem contribuir para elucidar as estruturas sociais nas quais estão inseridas, precisam afirmar a força do acontecimento, trazendo à cena esses homens pobres em constantes mudanças, focalizando seu percurso - os caminhos

---

[15] Ressalte-se esse artifício político como estratégia de dominação dos trabalhadores rurais. Para o período getulista: cf. os capítulos iniciais do livro de LENHARO, Alcir. *Sacralização da política. Op. cit.*; e, para o período mais recente, através da colonização particular na Amazônia, desenvolvo essa idéia em minha dissertação de mestrado - *A Lenda do Ouro Verde. Op. cit.*

pelos sertões - suas opções, e caracterizando, até mesmo, suas atitudes, diante do mundo no qual estão inseridos e produzem modificações. Tal procedimento poderia ajudar a melhor entender o processo migratório em sua dinâmica própria, aberto aos seus desdobramentos, acolhendo o inesperado e nunca como um movimento acabado. Na verdade, esses deslocamentos migratórios são muito mais complexos, verificando-se quebras, vacilações e tentativas outras, principalmente quando, nesse decurso, a população seguia assentando-se ora num, ora noutro lugar; continuando aqui, interrompendo ali. O cenário é de um *caminho vivo*, trazendo o movimento das pessoas (pessoas comuns), e não uma "linha em evolução" num mapa previamente dado.

Gostaria de poder evidenciar agora, de maneira esquemática (orientação que pode ser acompanhada pelo mapa 1), o trajeto principal daqueles que vieram do norte e nordeste para Mato Grosso, constituindo-se na rota por excelência do movimento migratório, a partir de Conceição do Araguaia e Couto de Magalhães até Registro do Araguaia, em Mato Grosso - um extenso trecho pelo rio Araguaia, com mais de 900 Km.

Ao longo dessa rota, subindo o rio Araguaia, entre os Estados do Pará e de Goiás (hoje Tocantins), até atingir o Estado de Mato Grosso, quando este passa a dividir as margens do rio Araguaia com Goiás, apareciam vários núcleos de povoamento, alguns mais antigos, como Santa Maria (PA), e bem mais adiante, depois da Ilha do Bananal, Santa Leopoldina (GO). Não muito longe, em território mato-grossense, destacava-se Registro do Araguaia (antigo presídio militar) como um dos locais mais importantes do caminho, tido como um posto avançado, dando suporte material à penetração do sertão. De fato, alcançava-se nessa etapa a antiga estrada terrestre dos tempos da

---

[16] Afirmação de RIBEIRO, Luís Sabóia. *Op. cit.*, p.16.

Colônia que fazia a interligação Cuiabá-Goiás e que, agora, iria servir de forma muito especial à articulação dos fluxos migratórios e caminhos mercantis da zona garimpeira.

Desse ponto para a frente, podia-se avançar, em direção ao sul, com vantagens, até Baliza, do lado goiano do rio Araguaia. Baliza já era um dos mais importantes núcleos de garimpo, com um comércio que abrangia um grande espaço regional, funcionando como centro abastecedor, inclusive, servindo a muitos fazendeiros de Mato Grosso, como já foi visto no 1° capítulo.

De Registro, ou então de Baliza, o fluxo migratório praticamente se dirigia e se ramificava em "três frentes": os garimpos do rio Araguaia (Deixado, Baliza, Ponte Branca, Joaquim Luciano e outros); os garimpos do vale do rio das Garças (Lageado, Tesouro, Chapadinha, Estrela, Alcantilado, Cassununga, Batovi, Cafelândia, entre os mais importantes); e os garimpos do vale do rio das Pombas e do rio Poxoréo (área da cidade de Poxoréo). Todos muito próximos, sendo que os garimpos mais distantes, em relação ao rio Araguaia, eram os de Poxoréo (aproximadamente cem quilômetros), compondo a zona diamantífera do antigo leste de Mato Grosso.

A questão básica é que essa rota migratória foi, sem dúvida, uma linha referencial para o povoamento do leste de Mato Grosso, mesmo para todos aqueles que não passaram pela experiência da borracha. Como, por exemplo, para grande parte dos baianos que vieram diretamente atraídos pelos garimpos e nem mesmo chegaram a passar pelo sul do Pará, atravessando o Estado de Goiás e alcançando o rio Araguaia em uma linha mais ao sul, na altura de Registro do Araguaia, quando podiam continuar rumo às áreas diamantíferas, tomando a antiga estrada terrestre ou, ainda, seguindo até Baliza. Muitas vezes o rio Araguaia permitia a navegação de Registro até Baliza; outras não, e os

migrantes podiam reiniciar seu percurso, montados em cavalos e/ou jumentos, ou mesmo a pé, pelas principais trilhas abertas entre este ponto de concentração e os diversos garimpos do vale do Garças.

A demarcação dessa rota é importante não só para a compreensão do povoamento da zona diamantífera, no antigo leste de Mato Grosso, como ainda para um melhor delineamento das vias comerciais que cortavam os *sertões* dos Estados aqui citados, compreendendo a migração nordestina.

***

As rarefeitas menções bibliográficas ao percurso que os nordestinos utilizaram em seu movimento migratório, tendo em vista os garimpos de Mato Grosso, são esclarecedoras do tratamento que a historiografia tradicional lhe reservou, visto como parte de um acontecimento que se deu de modo natural e previsível[17]. Nessa ótica, a questão principal não é o nordestino migrante, pobre, *caminhante*, mas o progresso dessa parte do Estado - a idéia de progresso inevitável - impulsionando a conquista da nova terra. Do *sertão nordestino*, os baianos, por exemplo, serão apresentados de tal forma que mais parecem "monitorados", atendendo prontamente ao apelo dos garimpos.

Ora, tudo isso exige outra abordagem. Foram caminhos árduos, opções penosas, reveladoras de situações políticas desastrosas para homens destituídos de bens. Muitos vieram a pé, como se sabe, com um saco nas costas - nem mesmo acesso pelo rio Araguaia puderam ter: não dispunham de

---

[17] Pode-se encontrar notícias a seu respeito em: RIBEIRO, Luis Sabóia - indicando alguns pontos de povoamento ao longo da rota, pelo rio Araguaia. *Caçadores de diamantes. Op. cit.*; CORRÊA FILHO, Virgílio - fazendo referência somente à via fluvial do Araguaia - *À cata de ouro e diamantes (Monographias Cuiabanas -vol. III). Op. cit*; VARJÃO, Valdon - mencionando as embarcações que navegavam pelo rio Araguaia, entre os portos de Belém e Baliza - *Barra do Garças no passado. Op. cit.*

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

dinheiro, ou de qualquer outro meio para adquirir uma embarcação (a não ser quando conseguiam ajeitar-se com os mercadores que subiam o rio). Geralmente, em todas as famílias, algum de seus membros ficou para trás, ou o pai, ou a mãe, ou um dos filhos morreu. Não se esquecendo que, para uma grande parte, desde que saiu de seu lugar de origem, o processo de deslocamento levou vários anos, até o momento em que foi se fixar nos garimpos do leste (e se realmente lá se fixou!).

E, em contrapartida, o que existe é a representação simbólica de um nordestino resoluto e destemido - heróico - do qual todos falam, mas cuja memória ninguém se ocupou em registrar. Poderíamos nos surpreender com tal constatação, sabendo-se que a referência da migração nordestina é muito forte para Mato Grosso, tendo em vista que grande parte de seu território foi, e continua a ser, "povoado" por nordestinos.

O questionamento sobre a ausência de documentação e a própria debilidade das fontes constantes da historiografia tradicional porém, desfaz as surpresas e traz uma primeira evidência: a prática de ignorar a memória dos trabalhadores pobres, instaurando-se uma verdadeira "zona de silêncio" nas fontes[18]. Fabrica-se, na verdade, um "nordestino" imaginário, quase sempre dotado de qualidades desbravadoras, e outras vezes transformados em destemidos garimpeiros e pistoleiros - "maranhenses, piauienses, cearenses, paraibanos, pernambucanos e baianos" - que serão chamados de "os caçadores de diamantes". E de outro lado, quem se atreveria a averiguar os rascunhos desenhados no espaço pelos "nordestinos de alparcatas"? Seria confirmar o indizível.

---

[18] Destaco as contribuições fundamentais a essa reflexão - "os silêncios da história" e a ausência de documentos (bem como a sua crítica): CERTEAU, Michel de. "A operação historiográfica". In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1982, pp. 65-119; VEYNE, Paul. *Como se escreve a história. Op. cit.*

Em suma, o que existe a respeito dos caminhos e rotas que levam às áreas de garimpos, são apenas referências em fontes secundárias, que se empobrecem não só pelo fato de serem esparsas e casuais, mas por fazerem parte de interpretações - em uma historiografia celebrativa - que mitificam o povoamento e preestabelecem o movimento migratório, num quadro mais geral de *progresso* para Mato Grosso.

Vali-me, neste capítulo, principalmente do relato oral, apoiado por outros dados, mais dispersos e fragmentários, para poder acompanhar a trajetória de uma dessas famílias que se deslocaram para Mato Grosso. Observando-se que, mesmo sofrendo perdas, enfrentando vicissitudes de toda a ordem, ensaiando outras tentativas, demorando-se em certas passagens, assim como tantos outros migrantes, essa família movimentou-se em direção à zona garimpeira. Porém, a partir de sua união em Couto de Magalhães (Porto Franco), ainda levou onze anos até se estabelecer nos povoados dos garimpos do *leste*. E se as referências mais específicas ao principal caminho fluvial encontram-se diluídas em descrições que têm por objetivo representar o *surgimento* e a *opulência* dos garimpos como um fato natural dos desbravamentos dos sertões (amplamente farta na historiografia mato-grossense), pode-se encontrar, nos depoimentos da passagem pelo Araguaia, observações mais pormenorizadas sobre as condições dos viajantes que o utilizavam.

Convém, todavia, dizer que não se trata de instaurar uma única forma de abordagem histórica, ou o império de uma determinada *verdade*, a partir de um certo tipo de relato, pois, valendo-me das reflexões de Roger Chartier: "Fica claro que as escolhas feitas entre as diferentes escritas históricas

possíveis - e que relevam do género narrativo - constróem modos de inteligibilidade diversos de realidades históricas pensadas de maneira diferente."[19].

Procurou-se relacionar a memória oral e o passado (o discurso sobre o passado), investigando-se pistas e vestígios que, entrecruzando-se com outras informações (considerando as realidades que as produziram), pudessem oferecer possibilidades diferentes para interpretar o movimento migratório em direção aos garimpos e o seu sentido para a constituição dos povoados e pequenas cidades do antigo leste de Mato Grosso.

2. O SUL DO PARÁ: FRAGMENTOS DA PASSAGEM NORDESTINA

Aqui, apenas gostaria de chamar a atenção para certas atitudes e iniciativas daqueles que vieram do Maranhão, da Bahia, e de outros Estados do nordeste, quando se estabeleceram em Conceição do Araguaia e em Couto de Magalhães. Procuro destacar que o processo de deslocamento migratório produz modificações importantes nos hábitos e costumes dessa população, pressupostos em novas práticas sociais, principalmente levando-se em conta a experiência da cidade.

Sem dúvida, acho pertinente investigar os procedimentos dessas pessoas nos espaços sociais onde tentaram se acomodar, tendo em vista que grande parte de suas vidas esteve implicada em longos

---

[19] "O passado composto. Relações entre filosofia e história". In: *A história cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990, p. 83.

trajetos migratórios, percorrendo enormes distâncias, principalmente, dirigindo-se do campo para a cidade. Mesmo levando em conta as áreas de garimpos, pois, em geral, estas provocaram o aparecimento dos pequenos povoados, que se estruturaram segundo referenciais urbanos. Certamente, evidencia-se, nesse quadro, uma experiência social profundamente transformadora[20]. Mas, no momento, o que se torna mais importante ressaltar, no caso de Conceição e Couto de Magalhães, são as práticas quotidianas dessa população que aí se instala, participando da produção de uma nova experiência. Apresentam-se situações novas, que exigem posicionamentos diferentes.

Ainda assim, é bom lembrar, as pessoas quando para lá se mudaram haviam saído de mundos que guardavam uma proximidade entre si: histórias de vida e práticas sociais que possivelmente não seriam estranhas a uns e outros; uma vivência marcadamente rural e sobre a qual se exercia um mesmo tipo de poder político. E, principalmente, possuíam uma linguagem comum sobre o passado, tecida nas malhas das lembranças, sob as contingências das partidas.

E ainda, devido a fatores econômico-sociais, e notadamente por sua condição flutuante, esse tipo de população afirmava-se numa experiência em que a transmissão oral tinha um papel importante a cumprir. Os seus próprios interesses giravam em torno de toda uma corrente de notícias e informações que os compeliam para pontos de aglomerações em atividades de exploração; ou mesmo quando os homens já se encontravam embrenhados pelos sertões, as notícias que pudessem vir de volta a suas famílias acabavam aparecendo na "boca de um e de outro".

---

[20] Ecléa Bosi tratou, de forma especial, as implicações da perda de referenciais culturais para aqueles que estão sujeitos às constantes mudanças. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. *Op. cit.*

Mas, de qualquer forma, a experiência da cidade oferecerá acesso à educação formal e, nesse âmbito, a comunicação escrita passa a ser a referência mais importante, mesmo que continuem a manter, com os de longe, os laços da transmissão oral. E mais que isso, o "novo lugar" configurava um mundo social que implicava transformações quotidianas: na vida familiar e na moradia; na educação dos filhos e nas atitudes para com a saúde; e em outras formas de sociabilidade. Tudo aquilo que exigia um novo campo de aprendizagem e que, decididamente, influenciaria, um pouco mais tarde, na experiência social dos povoados da zona dos garimpos de Mato Grosso.

Vejamos. Na vida familiar o papel da mulher sobressaia, como nunca visto antes. Eram mulheres de homens que estavam sempre fora. Como no caso de Ineizila - mulher das longas esperas, que não podia contar com o marido no dia a dia. Enquanto ele, Pedro Antunes, seguia infindavelmente para as áreas dos seringais e depois, dos garimpos, negociando de um canto a outro.

Não tenho uma lembrança muito constante do meu pai, quando criança. Ele viajava quase permanentemente. Quando comecei a perceber bem as coisas, em torno de mim, encontro sempre minha mãe... Papai se deslocava, através do Araguaia, para as terras de Mato Grosso, demorando, ausente, às vezes, muitos meses[21].

A mulher era a figura sempre presente, cuidando sozinha dos filhos, mesmo quando um nascia e outro morria, ou ela própria padecia de algum mal:

---

[21] Utilizar-me-ei, no desenvolver deste capítulo, do relato de Jõao Antônio Neto, primeiro filho de Pedro Antunes de Souza e de Ineizila, que viveu os primeiros nove anos em Couto de Magalhães (a antiga Porto Franco), de 1920 a 1929. Foi o único filho que não se dedicou ao comércio, formando-se em Direito e seguindo a carreira da magistratura.

Nasceu a Eduarda, e ele não viu; morreu, aos quatro anos de idade, de sarampo recolhido, e ele não viu; tive impaludismo, fiquei muito doente, quase morri, mas ele não podia vir. Quando retornou eu já estava boa[22].

Mas estava ali, coordenando o trabalho de subsistência familiar:

A mãe era mesmo a dona-de-casa, onde fazia tudo. Até o leite que tomávamos, era da nossa criação doméstica de cabras. Não havia pão. Comíamos beiju, petas, uma grande variedade de bolos de tapioca. Só vim a conhecer o pão, em 1928, em Conceição do Araguaia e pagou a pena, pois até hoje tenho o seu sabor inteirinho na minha boca e parece que até o seu cheiro...[23]

Por outro lado, não deixa de ser interessante o próprio sentido que adquirem as viagens dos homens. Voltam de longe e têm sempre notícias a dar, cumprindo, inclusive, essa outra função essencial nesse mundo, que era a de repassar informações, circulando notícias, principalmente, sobre as novas descobertas de diamantes que começavam a alvoroçar os interesses dos sertanejos. Indo um pouco mais além, o elemento da aventura ainda devia ser levado em conta, instigando os homens, em um quadro de incertezas, procuras e novas avaliações para essa população que se tinha posto nas estradas.

"No entanto não me esqueço que meu pai gostava de contar histórias das suas inúmeras viagens, especialmente as referentes às suas vindas a Mato Grosso. E nas descrições dessas viagens - para todo mundo, amigos e vizinhos - ele falava das peripécias extraordinárias que vivera até na região dos garimpos de Poxoréo, quando estes começaram a explodir."[24]

É interessante, nesse contexto, de viagens, de mudanças, de notícias que vem de muito longe, chamar a atenção para a constituição de um mundo muito próprio que, inclusive, pode ser apreendido

---

[22] Depoimento de D. Ineizila, citado.

[23] Depoimento de João Antônio Neto, Cuiabá, março /abril /maio de 1992.

[24] *Idem.*

no quotidiano das crianças (uma aproximação possível da maneira de viver dessas populações). Não se pode esquecer que a própria infância não é pensada como uma fase especial da vida, separada das atividades obrigatórias do trabalho da família. Esse quotidiano vem refletindo as atividades dos pais, o que de certa forma contribui para reproduzir, no seio familiar, as atividades predominantes do chefe da casa, consolidando experiências "de pai para filho" (dos cinco filhos do sexo masculino de Seu Pedro, somente João Antônio não se dedicou ao comércio), além de propiciar um modo de avaliar o mundo sob certas dimensões. No caso tratado aqui, ressalta-se o imaginário das crianças, comportando a vivência das trocas nos sertões, refletido em suas brincadeiras:

"Nossos brinquedos tinham relação com as atividades do meu pai: comércio, navegação, tropas.. Sei que fazíamos burrinhos de buriti e pequenos barcos da mesma matéria; sobre os burrinhos eram postas caixas de fósforo vazias, como cargas... Brincava sozinho e com os outros, fazia por exemplo loja para a Didi comprar pedacinhos de pano... brincava com osso, ossos de perna de boi, eram brinquedos desse tipo![25]

Compreende-se que, como o relato privilegiadamente indica, "... ninguém é mais sóbrio com relação aos materiais que a criança: um simples fragmento de madeira, uma pinha ou uma pedra reúnem na solidez e na simplicidade de sua matéria toda uma plenitude das figuras mais diversas."[26] Figuras estas que, no mundo perceptivo da criança, representam escolhas criativas abertas aos jogos, ou às encenações, que trazem para o universo da brincadeira sua relação com os mais velhos (repetição de traços característicos da geração anterior); com o mundo adulto (a experiência de utilidade); com a fantasia (interelação misteriosa do conhecido com as invenções, produzindo coisas novas e originais). E

---

[25] *Idem*.

[26] BENJAMIN, Walter. "História cultural do brinquedo ". In:, *Mmagia e técnica, arte e política.. Obras escolhidas, volume I Op. cit.*, p. 246.

além do mais "...o brinquedo infantil não atesta a existência de uma vida autônoma e segregada, mas é um diálogo mudo, baseado em signos, entre a criança e o povo. Um diálogo de signos..."[27]

Mas todos pensam que é necessário conduzir a imaginação infantil, pretendendo-se controlá-la para um mundo que o adulto vê como necessário e útil. Nesse mundo não existe diálogo, mas direção, também aqui as mulheres, enquanto estavam a "chefiar" a casa, tinham sob os seus cuidados a educação dos filhos:

"Fui para a escola com sete anos, já sabendo ler, escrever e decorar muito bem. Aprendi a ler em casa, a mãe é que ensinava, como era o costume."[28]

Um papel que ajuda, inclusive, a desmitificar um tipo de visão do migrante "sem eira, nem beira", considerando-se que, mesmo movimentando-se ora de um lugar para outro, era muito importante para as famílias poderem proporcionar o mínimo de escolaridade para os filhos. Pelo relato ficamos um pouco a par do modo como isso acontecia, ainda em Conceição e Couto de Magalhães - em que "todo mundo já ia para a escola sabendo ler" e a disciplina era "garantida pela palmatória". A "sabatina era de pé" e a "matemática cantada"; não havia quadros-negros, por isso mesmo "o uso da ardósia era uma necessidade, colocada individualmente em cima dos bancos, para os cálculos aritméticos". O estudo da matemática sobressaia, porque no vai-e-vem de homens e mercadorias, aprender "fazer contas" era considerado básico, útil, aparecendo misturada no emaranhado dos interesses comerciais:

---

[27] *Idem*, p. 248.

[28] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

"Matemática não era livro, matemática era tabuada, essa tabuada me lembro dela direitinho; era oferecida aos comerciantes, vinha nas caixas de tinta ("Tintas Sardinha", era o nome), vinha aquele monte de tabuadinhas, cobrindo os tinteiros... Era uma caixinha de papelão, dividida também por tiras de papelão com os vidrinhos de tinta enfileirados e por cima dos vidros, para firmá-los, colocavam-se as cartilhas e as taboadas; ficavam sempre à mostra, essa parte grátis. A gente tinha um interesse todo especial de ver o que tinham as caixinhas...Meu pai, por exemplo, recebia essas caixinhas. Também vinha o ABC. Aquela mesma "Tinta Sardinha" que oferecia as tabuadas, vinha também com o ABC, um livrinho lá de umas 20 ou trinta páginas, não sei ... As letras, as primeiras sílabas, as primeiras frases ... começavam ali no ABC, e desde o começo treinando para escrever.[29]

As caixinhas que vinham com as tintas, trazendo o ABC e a tabuada, podem também ser apreciadas ao se extrapolar o seu significado meramente mercantil, pois os comerciantes, nesse sentido, não deixavam de ser os portadores do "mundo lá de fora", distribuindo em caixinhas - surpresas, as letras, os números, tudo aquilo que emitia signos de lugares diferentes e aguçava a curiosidade e a imaginação.

Contudo, o curso de **paleografia**, obrigatório, marcava os estudos com uma tal seriedade, que mais parecia uma excentricidade "fora de lugar":

Para a paleografia tinha um livro, de umas setenta a oitenta páginas, todo impresso em escrita manual, com os mais diversos tipos de caligrafia. Era a falta da máquina de escrever; tinha que se ler correntemente as caligrafias mais estrambóticas que se possa imaginar: lindas, bonitas, regulares, outras tortas... O livro era todo feito só disso, não tinha os caracteres comuns de imprensa. Eram especialmente cartas, a comunicação direta, interpessoal. Aquilo era um desastre para o aluno; a maioria tinha medo era daquela matéria, não da matemática, porque ler aquilo não era brincadeira![30]

---

[29] *Idem.*

[30] *Idem.*

É possível considerar diferentemente este comentário. Esse fato, um menino de oito ou nove anos obrigado a aprender paleografia, sobressai de um universo cultural em que ainda se buscava preparar pessoas para serem úteis na decifração da escrita manual, marcando a diferença entre um mundo mais dependente da habilidade manual e o dominado pela máquina. E mesmo que isso ocorra em uma cidadezinha, nos confins da mata amazônica, terra de seringueiros, migrantes nordestinos, servido principalmente por aquela estrada fabulosa que era o rio Araguaia. São apenas cenas especiais que se pode ter do interior da região amazônica, na década de vinte.

Afinal, a ordem do mundo impõe que cada um esteja implicado na extensa rede cultural que mantém um tipo de sociedade; é nela que os indivíduos se entendem e criam suas referências básicas. Naquele lugar, também acredita-se que se tem de tudo do mundo, que precisam dominar o "saber", que dali sairão homens aptos a participar do jogo social. Não importa a floresta, as condições difíceis, ali também pode haver um "piano de cauda alemão e tocar Chopin"[31] nem que para isso seja preciso ultrapassar as barreiras consideradas intransponíveis.

No entanto, deve-se ter cuidado para não incorrer em generalizações grosseiras. Evidentemente tudo é muito curioso, mas tudo não pode ser transformado ou reduzido a curiosidades. O que não significa que as experiências não abriguem o extraordinário, o raro, o estranho. Mas acho importante observar que as situações aqui descritas também fazem parte de uma experiência cotidiana específica.

---

[31] Como a personagem **Consuelo** de Márcio de Souza, em *Mad Maria*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1983.

Entretanto, nessas pequenas cidades, debruçadas sobre o Araguaia, mais do que salas de aula, espaços interiores, a vida das pessoas integrava-se aos espaços "de fora". Tudo era muito expressivo, nesse sentido. A própria cidade e sua disposição espacial: as ruas principais levando as pessoas em direção às águas, aos portos, e aos locais dos mercados. Ponto de encontro, à espera das embarcações, agitava a vida de seus habitantes, pois tudo vinha de Belém: mais gente, notícias e mercadorias.

O Araguaia sempre causava grande impressão: tranqüilo, em sua imensa largura. Fazendo parte no que de muito próprio os pequenos povoados inventam e reinventam à beira dos rios: onde se toma banho, lavam-se as roupas, tira-se o que comer, as pessoas se encontram, tecem as suas histórias, as mercadorias chegam e o "mundo fica conhecido". Pelo que tudo indica, era o lugar por excelência da atualização da vida de cada um. Fuxico, intrigas, alianças, ali podiam ser feitos ou desfeitos; as histórias "corriam soltas" como dizem as pessoas que falam desse tempo. E como não poderia deixar de ser, o "passeio público", com as diversões que envolviam os seus habitantes, desenrolava-se à beira de seu rio. Como o relato aponta:

"O povo se reunia na praia, muitas vezes. Faziam-se brincadeiras, nas noites de luar, nas praias beira rio; estas eram cobertas de areia alvíssima e um pouco de cascalho miúdo, também muito branco. As brincadeiras de roda, cantorias, guarda-do-anel, reuniam as donas-de-casa, as moças feitas e as meninas[32].

O uso desse espaço à beira-do-rio, lembra-nos as análises de Michel de Certeau, quando fala da enorme capacidade das *pessoas comuns* inventarem o seu quotidiano, com as "artes de fazer", astúcias que permitem criar resistências a códigos sociais, assim como reapropriar de espaços e dar-lhes

[32] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

identidades ou formas, de acordo com o "seu jeito"[33]. Um tipo de vivência que, depois, servirá de referência para essa "população em mudança", nos povoados dos garimpos, já em Mato Grosso.

Quanto à navegação do rio Araguaia, até Conceição e Couto de Magalhães, vindo do norte, era de maior calado; os barcos, os vapores, como eles chamavam, eram maiores; daí para a frente, em direção a Goiás e Mato Grosso, o rio era mais difícil, menos fundo; então subiam embarcações um pouco menores, a não ser quando se apresentavam condições mais favoráveis. Os portos, para atracar as embarcações, eram considerados muito bons; referem-se ao porto do Landí, do nome desta madeira e o porto da farinha-seca (uma frutinha silvestre). As embarcações menores paravam no ancoradouro do Landí e as maiores, como batelões e a lancha "Gazita", perto do porto da farinha-seca, à altura onde ficava o mercado. E as embarcações estavam sempre a chegar:

"No meu tempo, era famosa a lancha "Gazita" e essa lancha era uma espécie de distribuidora; ela chegava e largava os produtos em Porto Franco e Conceição do Araguaia. Dali, outras embarcações menores e todo o tipo de negociante pegavam e saiam a revender, inclusive para Mato Grosso. Por isso que, naquele tempo, quem fornecia também coisas aqui para o Mato Grosso, para o leste, e Baliza principalmente, era o Pará. Por exemplo: sal vinha por ali, açúcar vinha por ali, o açúcar de Mato Grosso vinha pelo rio Araguaia, os derivados do açúcar, pinga, rapadura, essas coisas, tudo subia por ali. O remédio, por exemplo, era todinho do Pará. Aqueles remédios famosos antigos, Ventre-Livre, Elixir de Inhame, pílula contra estupor, etc. ... chegavam de Belém![34]

Remédios, gêneros alimentícios, a cidade e o seu mercado serviam de referência para toda aquela zona de povoamento. E já se apresentam, pelo relato, as ligações comerciais do Pará com Mato

---

[33] *A invenção do cotidiano: artes de fazer. Op. cit.*

[34] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

Grosso (fato que explorarei um pouco mais adiante). E não se pode deixar de assinalar, especialmente, a sua importância no desenvolvimento de uma nova teia de sociabilidade.

Nesse sentido, Conceição e Couto de Magalhães, a partir de outras condições, que não só ponto de ligação comercial, mas também como prestadoras de serviços e atendimentos diversos aos seus habitantes, acabavam por revelar, inclusive, muitas das maneiras dessas populações em lidar com suas crenças e costumes; por exemplo, em sua forma de ver as "doenças" e de tratar com a "autoridade" dos médicos, etc. Vejamos esta situação aqui descrita:

"O médico que vinha também era do Pará. Ficava em Conceição. Sempre foi o polo principal: Conceição. Vinha o médico, parava, fazia temporada ali, e a clientela toda ia. Eu me lembro do nome de dois médicos famosos do meu tempo, um era o Dr. Tamandaré, e o outro era Dr. Herman Klee, um alemão. Até, há uma história interessante a seu respeito: ele consumia uma quantidade espantosa de vinho e cerveja, e atendia o povo em Conceição do Araguaia e aí houve lá um cidadão chamado Sr. Benjamim; era uma das personalidades da cidade e tendo feito consulta com o Dr. Herman, recebeu a sentença: - a 6ª feira tá morto"! E o homem morreu mesmo. O médico era um fenômeno e, um dia, entrou no consultório (aliás, minha mãe estava no consultório, pois era cliente dele), chegou, e virou para todo mundo e disse: - "todo mundo mal, todo mundo vai morrer"! E foi uma choradeira danada, uma desandada terrível, ele disse que todo mundo ia morrer se a lancha não chegasse, porque estava trazendo remédios e coisa e tal... Mas o caso é que essa lancha - ele tinha esgotado o estoque de cerveja e de vinho da cidade - é que trazia a remessa de vinho e cerveja de Belém, e a viagem era penosa, tinha que passar os "travessões", as corredeiras... Então ele decretou que todo mundo ia morrer, se a lancha não chegasse dentro daquele prazo. Todo mundo ficou assombrado, saiu todo mundo chorando e torcendo para a chegada da lancha. Já o Dr. Tamandaré causou o maior assombro lá porque um dos filhos do Cavalcanti estava com uma febre violentíssima e ele mandou pôr uma bacia d'água grande no sereno e deu um banho no menino com a água gelada! Então isso causou o maior assombro na cidade! Por sinal, o menino ficou bom, depois do banho gelado.[35]

A cidade, além de centralizar relações comerciais, viabiliza também práticas sociais como a medicina, que têm como suporte o fenômeno da urbanização (nas sociedades modernas, esse fato teve

[35] *Idem.*

como um dos resultados importantes a inserção das mais diversas práticas de cura, destacadas como crendices e superstições, na normalização da medicina). E o médico representa um agente que intervém não só na ordem das doenças, mas também na ordem da higiene (da alimentação e do *habitat* principalmente), na ordem dos comportamentos (o sexual, aglutinador dos discursos sobre a saúde), etc. Assim a conduta médica é legitimada socialmente, em contraposição às práticas consideradas atrasadas, tidas como atributo da população rural (população esta que carrega o estigma de hábitos desqualificados...).

É fundamental não perder de vista, porém, que ao mesmo tempo em que o poder médico age no sentido de desmontar práticas de curar tradicionais, faz questão de demonstrar um "conhecimento popular", ou de se inserir no mundo mais próximo da população rural e interiorana (o que lhe asseguraria maior poder de influência). Uma das formas mais importantes de tal contato se dá quando, ao "prescrever" novas ervas, utiliza uma linguagem familiar e comum às práticas quotidianas rurais, reforçando, aliás, toda uma maneira das pessoas encararem seus procedimentos com uma forte dimensão de magia. É por isso que, no dia a dia das consultas, repassavam, principalmente, informações sobre as plantas, próprias da região:

"O Dr. Tamandaré andou ensinando ao povo o uso de chás, folhas de várias plantas. Lembro-me bem de que recomendava chá de broto de barriguda, era um remedião! Havia muita barriguda por lá (a painera)."[36]

O fato é que essa gente tinha a sua medicina, vinha de uma experiência de grupos rurais em que os conhecimentos da arte de curar eram repassados tradicionalmente pelas famílias e vizinhança

[36] *Idem.*

Mas o encontro com outra terra exige uma nova aprendizagem frente ao ambiente diferente e, especialmente, o aparecimento de outros tipos de doenças, decorrendo daí que, necessariamente, outras maneiras de lidar com as enfermidades e de tratá-las vão se sobrepondo às antigas práticas, sem contudo eliminá-las.

Estou chamando a atenção aqui para o fato de que o deslocamento migratório implica novos cuidados com o corpo e estratégias diferentes para o *tratamento* ou "cura" das mais diversas moléstias. É nesse sentido que o ambiente da cidade tem maior penetração sobre os costumes da população, como por exemplo a inserção da doença no funcionamento geral do saber médico.

Contudo, nada disso era fácil, pois nem sempre havia uma correspondência entre *novas* práticas e maneiras ou hábitos de viver, considerando, principalmente, as condições de moradia dos próprios habitantes, reveladora dos "bens" que dispunham para suas longas jornadas. Era muito comum as pessoas se amontoarem em uma mesma casa, às vezes, mais de uma família, dormindo em redes, dividia espaços e vivências. Quando muito, e expressando uma condição econômica melhor, somente os pais tinham acesso a uma cama. E, em geral, nas casas não havia banheiros, sistema sanitário, etc. O banho, por exemplo, era no rio.

Mas a preocupação se volta aqui, para traçar algumas características de uma população que mais está "de passagem", incorporando novas práticas sociais, do que para aquela que acaba por se estabelecer, criando outros laços com a estrutura da cidade. De interesse para este trabalho, a vida dos migrantes, de Conceição e Porto Franco, destina-se a seguir "em frente", procurando pelos montes, vales e rios dos afamados diamantes.

Afinal, as cidades dos garimpos do leste de Mato Grosso irão reunir personagens desse mundo, vivenciando experiências comuns, reencontrando-se como antigos conhecidos, compadres, vizinhos, moradores.

3. O *TROPEIRO DOS SERTÕES*: RUMO AOS GARIMPOS DE MATO GROSSO

Nos primeiros anos da década de vinte, Pedro Antunes de Souza, assim como outros mercadores itinerantes, começava a acompanhar as levas de garimpeiros que se espalhavam, subrepticiamente, pelos afluentes do rio das Garças e do Araguaia e até mais além, à procura das grupiaras e monchões diamantíferos, embrenhando-se pelo vale do rio das Pombas e Poxoréo[37].

Ao longo desse tempo, com o alargamento das áreas de garimpo, novas linhas comerciais foram sendo lentamente ativadas, a partir do Pará, redirecionando-se dos múltiplos pontos de exploração da borracha - já em crise - para as áreas emergentes da mineração. Com efeito, o caminho fluvial do Araguaia determinava essa rota de comércio: Belém - Conceição do Araguaia - Registro do Araguaia (podendo ou não chegar até Baliza).

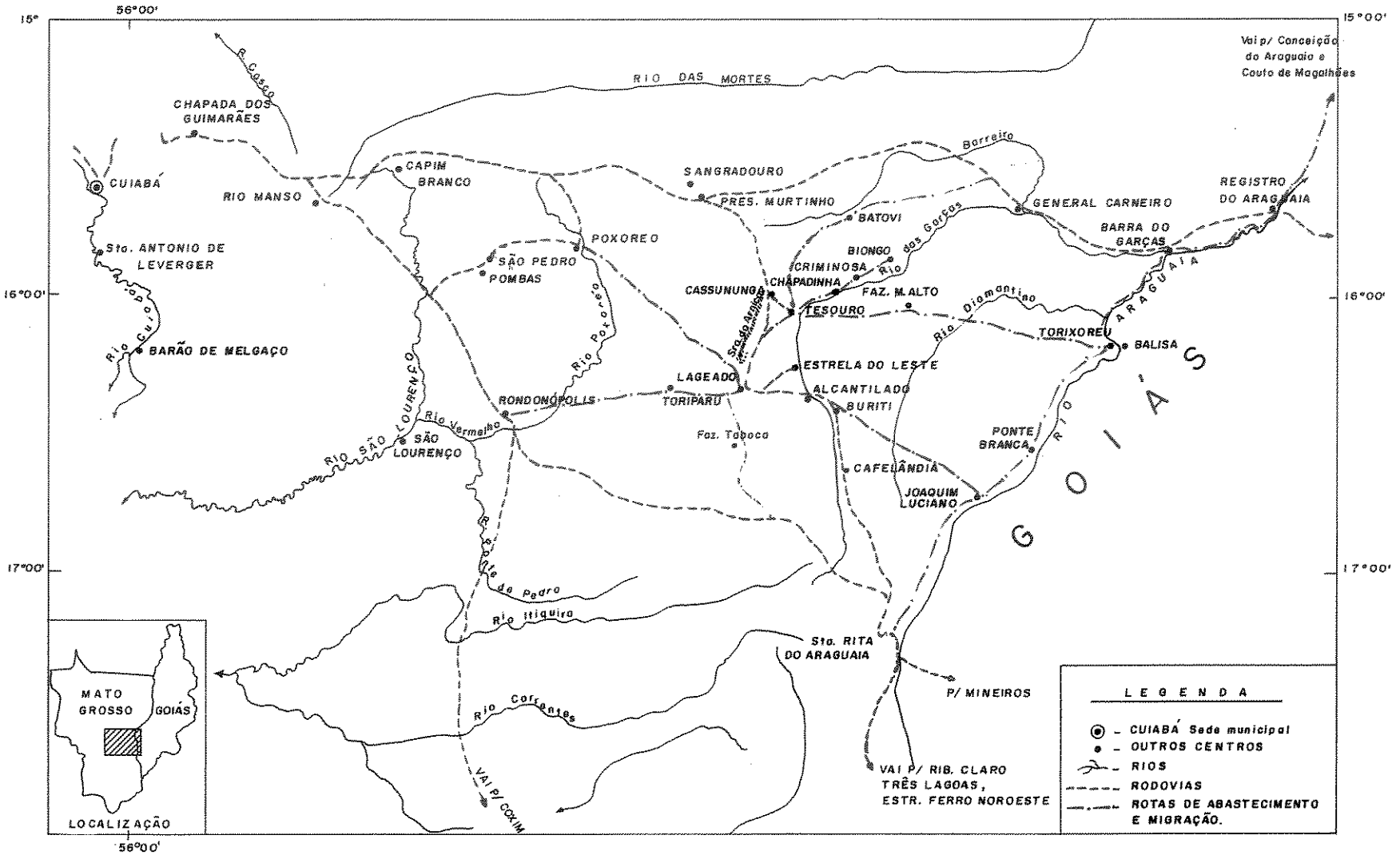
---

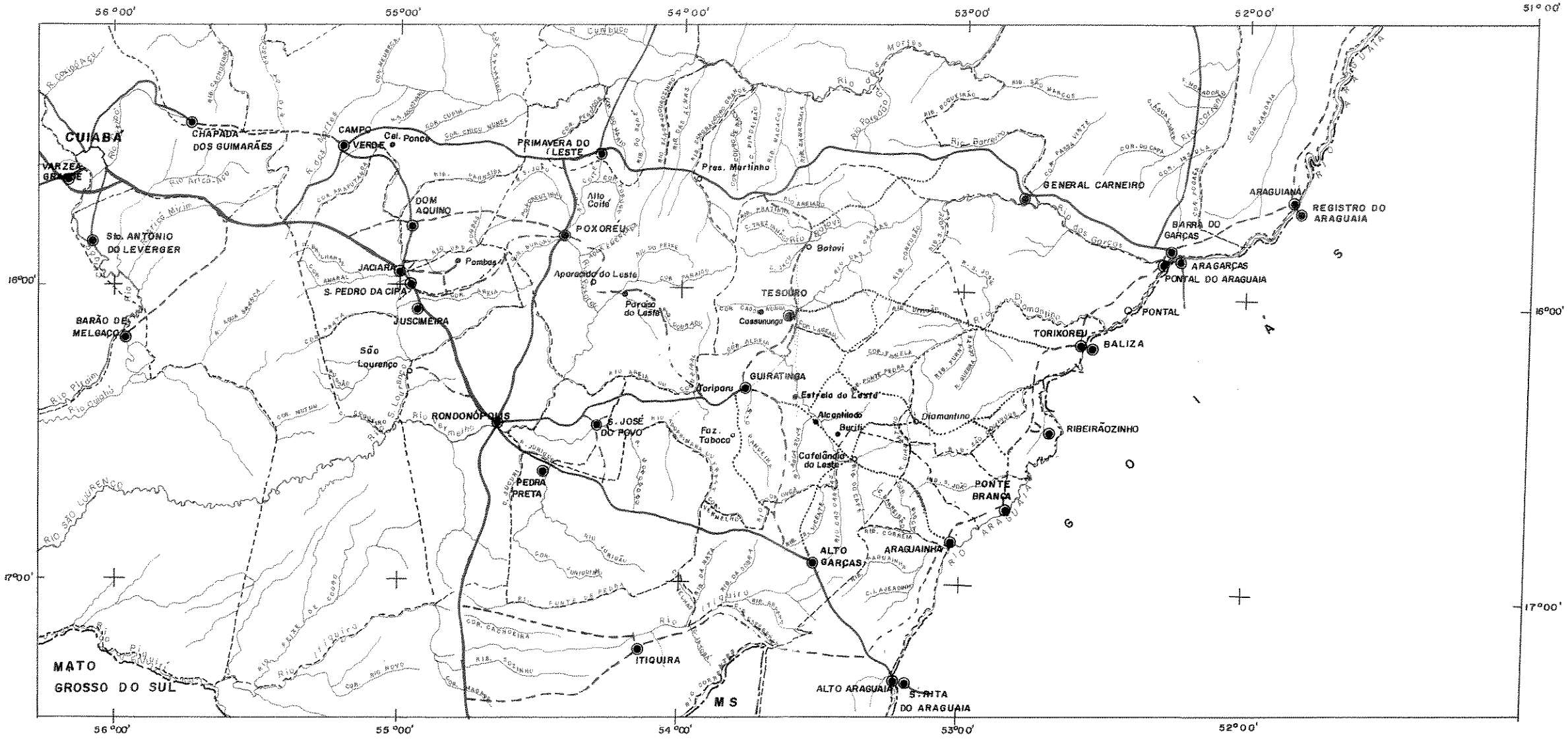
[37] Sobre Poxoréo e as descobertas diamantíferas, consultar - BAXTER, Michael. *Garimpeiros de Poxoréo*. *Op. cit.* Dissertação de doutorado em geografia, com ênfase na descrição dos tipos de depósitos de concentração mineralógica das áreas de garimpos de Poxoréo, bem como do sistema de garimpagem e caracterização dos garimpeiros dessa localidade. Nos dois primeiros capítulos faz uma abordagem de cunho mais geral sobre o povoamento, porém sem nenhuma inovação nas fontes, destacando a migração nordestina para Poxoréo, principalmente de baianos.

Iniciava-se, assim, uma maior movimentação das embarcações que saíam de Belém, abarrotadas de mercadorias, em direção a Conceição e Couto de Magalhães, já visando os novos mercados que se abriam na zona dos garimpos do leste mato-grossense. Algumas embarcações de maior porte chegavam a prosseguir pelo Araguaia, de Conceição até Registro e Baliza, como a lancha **Gazita**; porém, na maioria das vezes, eram os pequenos negociantes, tropeiros, mascates, que se encarregavam da distribuição de mercadorias.

Costuma-se dizer que lá onde se abria uma clareira para a mineração o mercador podia alcançar, seguindo as pegadas dos garimpeiros com seus animais de carga - jumentos, burros e mulas - negociando gêneros de primeira necessidade. Os *tropeiros dos sertões* eram, assim, figuras extremamente úteis nessa função, apesar do encarecimento dos produtos, que justificavam pelos sacrifícios enormes a que estavam sujeitos, pois enfrentavam obstáculos de toda a ordem. Obstáculos naturais, ao avançar pelo sertão, em terra, através de trilhas recém abertas, sem nada com que pudessem contar pelo caminho, a não ser algumas poucas fazendas distribuídas em centenas de quilômetros; e o acesso aos rios, onde quer que a navegabilidade o permitisse, também podia trazer riscos enormes, como atestam os inúmeros acidentes pelos percursos fluviais de que temos notícia, em que os mercadores chegavam a perder tudo. Juntem-se a isso as relações com os povos indígenas, que exigiam avaliações importantes: contatos amistosos com uns, como os Carajá e afastamento de outros, principalmente dos Xavante.

Caracteriza-se, assim, um modo de vida dos tropeiros: enfrentando todos os riscos, entre aventuras e planos determinados em função dos lucros nos sertões, eram os que apanhavam as mercadorias e as levavam para revender onde as embarcações e as estradas precárias não conseguiam


56°00'
15°
15°00'
16°00'
17°00'
R. Cascão
RIO DAS MORTES
Vai p/ Conceição do Araguaia e Couto de Magalhães
CHAPADA DOS GUIMARÃES
CUIABÁ
CAPIM BRANCO
RIO MANSO
SANGRADOURO
Barreiro
PRES. MURTINHO
BATOVI
GENERAL CARNEIRO
REGISTRO DO ARAGUAIA
BARRA DO GARÇAS
Sta. ANTONIO DE LEVERGER
POXOREO
SÃO PEDRO
POMBAS
BIONGO
CRIMINOSA
Rio das Garças
CHAPADINHA
CASSUNUNGA
FAZ. M. ALTO
TESOURO
Rio Diamantino
ARAGUAIA
Rio Cuiabá
BARÃO DE MELGAÇO
Rio Poxoreo
Sta. Ana do Araguaia
TORIXOREU
BALISA
ESTRELA DO LESTE
LAGEADO
TORIPARU
ALCANTILADO
BURITI
RONDONÓPOLIS
Rio Vermelho
SÃO LOURENÇO
RIO SÃO LOURENÇO
Faz. Taboca
PONTE BRANCA
Rio G
CAFELÂNDIA
JOAQUIM LUCIANO
GOIÁS
Rio Arareute
Rio Itiquira
Sta. RITA DO ARAGUAIA
P/ MINEIROS
Rio Correntes
VAI P/ RIB. CLARO TRÊS LAGOAS, ESTR. FERRO NOROESTE
VAI P/ COXIM
MATO GROSSO
GOIÁS
LOCALIZAÇÃO
LEGENDA
CUIABÁ Sede municipal
OUTROS CENTROS
RIOS
RODOVIAS
ROTAS DE ABASTECIMENTO E MIGRAÇÃO.



LEGENDA

- Estrada Pavimentada
- Estrada Implantada
- Leito natural
- Rios , córregos
- Limite Intermunicipal
- Limite Interestadual
- Sede de Município
- Distrito
- Outros Centros Urbanos

FONTE:
- MAPA POLÍTICO, RODOVIÁRIO E ESTATÍSTICO DO ESTADO DE MATO GROSSO. ESC. 1:1.500.000 - ANO 1995.

MAPA 03

- MAPA DA ÁREA DE ESTUDO -

- NOVA DIVISÃO POLÍTICA -

ESCALA - 1:1.500.000

DATA - 06 / 11 / 95

alcançar. Nesses tempos iniciais, desempenharam, sem dúvida, um papel decisivo para o abastecimento dos garimpos.

Procurando melhor apreender essa rede mercantil que se estende à zona diamantífera e acompanhar certas passagens que conduzem até ela, utilizarei a trajetória de Pedro Antunes, as suas andanças pelos núcleos dispersos, para destacar alguns aspectos que marcam os cenários da vida nos garimpos. Ao lado disso, um dos principais interesses é levantar informações sobre os trajetos mais importantes, dentre os múltiplos pontos de venda, que surgiam no rastro dos garimpos - uma rede mercantil que abrirá espaço para, depois, empreendimentos comerciais, mais organizados, estabelecerem-se, garantidos pela implantação de novas estradas (Ver mapa 3). E, ademais, os caminhos dos tropeiros são indicadores da própria constituição das povoações que proliferaram pela *zona diamantífera do leste* (Ver mapa 1 e 2).

Trata-se, também, de tentar explorar um tipo de relato indicador de uma determinada vivência - mercantil - sob as condições históricas da movimentação pelos garimpos[38]. Porém, se tal depoimento traz notícias mais gerais das rotas comerciais que alcançavam as áreas emergentes, detalha também passagens importantes do caminho principal: a própria experiência da viagem, subindo o rio Araguaia, ainda no final da década de vinte (valorizando um testemunho raro)[39]. E, para completar as informações sobre todo o trajeto, o depoimento traz, após a mudança da família de Registro do Araguaia em direção

[38] Mesmo sendo um testemunho indireto, pois basea-se no depoimento do filho mais velho do Sr. Pedro Antunes, João Antônio, revela-se de grande valia, na medida em que não só o filho ouvia do pai sobre as condições dos garimpos, mas chegava a acompanhá-lo em suas andanças, por diversas vezes.

[39] O registro dessa viagem vai além da memória individual, alcança a memória social, familiar e grupal.

às áreas mais efervescentes dos garimpos, uma breve descrição da viagem por terra até Lageado, já vista como a cidade mais importante do *leste*.

***

Portanto, tropeiros como Pedro Antunes seguiam com os produtos em batelões pela via do Araguaia, desde Conceição ou Couto de Magalhães, até postos mais avançados, como era o caso de Registro, ou de Baliza, de onde se partia para a penetração do sertão. Nesses pontos eram adquiridos os animais da tropa, continuando, depois, pelas vias terrestres, em direção às diversas áreas de garimpos:

> Meu pai movia-se em direção ao sul, no início dos anos vinte, já atraído pelos garimpos, que se localizavam no Araguaia, tendo por base a cidade de Baliza, em Goiás, na divisa com Mato Grosso. Não havia estrada que viesse diretamente para o Mato Grosso, e ainda hoje, as estradas são precárias; a estrada era pelo rio Araguaia e aqui eles chamavam o Mato Grosso de "o sul", e realmente era viajando para o sul, porque subia o rio Araguaia vindo do Pará, para o sul mesmo, até a Baliza. Assim, primeiramente, floresceram os garimpos do Araguaia, em lugares como Baliza, Pacú, Chambioá, Deixado, a própria Araguaiana (Registro do Araguaia); Registro do Araguaia era outro entreposto, parava-se ali e daí se partia para outros pontos de Mato Grosso, geralmente passando por Baliza. Dali vieram, já por terra, os modernos povoadores do leste mato-grossense até Pombas, Poxoréo, Lageado e, até mais longe, para os lados do Jauru. Já por esse mundão todo....[40]

Acompanhando esse movimento "para o sul", Pedro Antunes transportava desde tecidos e outras mercadorias miúdas que faziam pouco volume, guarnecendo o "luxo" dos garimpos, como lenços de seda, perfumes, sabonetes, etc., até produtos como a carne-seca, cachaça, açúcar, sal e café

[40] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

"... as mais diversas mercadorias, que eram drenadas para os garimpos de diamantes da bacia do Rio das Garças"[41].

E assim, diante de longas jornadas, seguindo a dinâmica dos garimpos, com o giro rápido do aparecimento das lavras e, inúmeras vezes, do seu desaparecimento, o tropeiro, para enfrentar embaraços de toda a ordem, era obrigado a locomover-se com uma tropa ágil (de doze a quinze burros e mulas, como no caso de Pedro Antunes), facilitando os contínuos deslocamentos. Procurando manter a linha de seus negócios, cuidavam para não tomar parte de disputas políticas ou intrigas locais, a fim de não comprometerem suas vendas, assegurando livre trânsito pelo mercado; da mesma forma, sua postura *sobranceira e senhoril* - para usar aqui as expressões de Sérgio Buarque de Holanda[42] - tinha como referência ou garantia das transações, a palavra empenhada (valendo por sua assinatura).

Podem-se destacar vários aspectos da vida nos garimpos, de que os tropeiros foram testemunhas diretas. Situações, em primeiro lugar, que refletiam conflitos corriqueiros entre os garimpeiros, culminando nas inúmeras cenas de mortes que presenciavam (desavenças comuns em "defesa da honra", por alguma mulher, por excesso de bebida, etc.); e depois, em outras vezes, também chegaram a vivenciar acontecimentos de grande impacto, como foi o caso da passagem da Coluna Prestes pelos garimpos de Cassununga.

É oportuno esclarecer que Cassununga foi palco das passagens da Coluna Prestes, em fins de 1926, perseguida por tropas de jagunços, aliadas ao governo federal. Ora, o vale do Garças chegou a

---

[41] *Idem*.

[42] "Do peão ao tropeiro". In: *Caminhos e fronteiras*. 3º ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1984, pp. 125-134.

fazer parte dos planos de Luís Carlos Prestes, visando a formação de uma base regional para a Coluna[43]. Rica de múltiplos sentidos, a história da passagem da Coluna por Mato Grosso só foi registrada pela historiografia mato-grossense como uma "frente de revolucionários" ou de "revoltosos" que levava, tanto quanto aqueles que a perseguiam, a desordem e a pilhagem, o medo e as perseguições para as aglomerações garimpeiras - "colocando seus moradores em fuga"[44].

Porém, é preciso levar em conta que tais acontecimentos sucederam-se imediatamente às lutas entre os coronéis Morbeck e Carvalinho - chefes políticos locais - em disputa pelo território da zona garimpeira do *leste*, entre 1925 e início de 1926. De fato, tomando uma dimensão política maior, as revoltas armadas que tiveram lugar nas povoações dos garimpos, servindo de base para as manobras mais importantes, ocorreram praticamente em um mesmo momento histórico. E, no caso da revolta de Morbeck e Carvalinho, as disputas catalisaram os conflitos políticos de toda a zona mineradora, redundando em uma das lutas mais acirradas da história do *leste*, opondo baianos (Carvalinho) a maranhenses (Morbeck), com a formação de grandes agrupamentos de homens armados, em sua maioria, jagunços[45]. Uma luta que coagia os garimpeiros a se mudarem, em meio a muita confusão,

---

[43] Com efeito, não se pode esquecer de toda essa mística da Coluna Prestes: adentrar as mais longínquas terras em busca do "verdadeiro" Brasil... Ver, a respeito das passagens da Coluna por Mato Grosso, MACAULAY, Neill. *A Coluna Prestes*. *Op. cit.*

[44] *Cf.* RIBEIRO, L. Sabóia. *Caçadores de diamantes*. *Op. cit.* Até o momento, não pude encontrar nenhum depoimento de garimpeiro, ou outro tipo de relato que pudesse explicitar o ponto de vista de homens e mulheres envolvidos nos acontecimentos que marcaram a permanência da Coluna Prestes na zona diamantífera do leste (a não ser o relato do fazendeiro, que apresentei no 2º capítulo). Pedro Antunes de Souza já havia falecido quando iniciei este trabalho.

[45] Na bibliografia da história de Mato Grosso, consta que o pavio de pólvora que estourou a "guerra" entre os dois chefes, foi um briga entre dois garimpeiros, um baiano e um maranhense, em um *fecha-nunca* (cabaré); a partir desta disputa localizada, a luta ganhou outras proporções, principalmente com a morte de dezoito *nortistas* - maranhenses - no acampamento de Alcantilado. Pelo que tudo indica, o governador do Estado, Pedro Celestino,

Lancha "Gazita". Anos de 1929 à 1933. *Apud* Valdon Varjão. *Barra do Garças no passado.*

Morbeck em Rio Bonito. *Apud* Valdon Varjão. *Barra do Garças no passado.*

Garimpos de Poxoréo.

saques, mortes, de um núcleo a outro, em verdadeiro pânico pelas corrutelas. Esses acontecimentos ganharam fortes matizes na memória da *população do leste*, guardando uma época de virulência política, de bandos de jagunços que matavam a esmo, servindo, ainda, para nutrir um imaginário sobre os garimpos - "fora da lei", e até mesmo, romântico - as "grandes façanhas" de todos os envolvidos[46].

Não convém, todavia, acentuar demasiadamente tais conflitos, como *causa* da *instabilidade* nos núcleos mineradores que viviam sob a influência das mudanças de moradia e de local de trabalho. Razão de infortúnios, por um lado, e de uma "avalanche" de esperanças, por outro, diversos fatores podiam provocar um rápido "esvaziamento" das povoações: principalmente as notícias de novas minas. Por exemplo, as descobertas dos diamantes do rio das Pombas, em 1924, logo depois as de Poxoréo e as de Jauru, magnetizaram grandes levas de garimpeiros das corrutelas do Garças, as quais esvaziavam-se da noite para o dia (voltando, depois, a ser "reativadas").

Além do mais, mesmo sem contar com nenhuma situação fora do comum, nesse regime de mudanças constantes, o estado de insegurança era apontado como uma das características da constituição dos núcleos garimpeiros, inerente à sua vida cotidiana:

Em Alcantilado e Mosquito não tive medo, e eram lugares perigosíssimos. Matava-se todo dia, praticamente todo dia, muita gente, tiroteio à noite, a noite toda. E a gente ficava em umas barra-

---

aproveitando-se da *rixa* aberta entre os coronéis Morbeck e Carvalinho, usou deste último, como instrumento para desmantelar o poder do Cel. Morbeck, que não se submetia a administração estadual. A derrota de Morbeck foi vista como um vitória do governo de Mato Grosso, com sua participação direta, enviando tropas para o combate final. *Cf.*: SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *O processo histórico de Mato Grosso*. Cuiabá, UFMT, 1990. CORRÊA FILHO, Virgilio. *A cata de ouro e diamantes. Op. cit.*; RIBEIRO, Luis Sabóia. *Caçadores de diamantes. Op. cit.*.

[46] Diga-se, em poucas palavras, que tais conflitos, na historia de Mato Grosso, estão recheados de acontecimentos extraordinários, personalistas, sem uma análise que dimensione o fato político no conjunto da história de Mato Grosso, nesse período.

cas, umas casinhas frágeis de tábuas, às vezes "parede de pano"! Mas, em Tesouro, no começo, tive um medo danado. Os garimpeiros eram inteiramente conflagrados![47]

Mas, de qualquer maneira, era esse o território de atuação dos tropeiros, que circulavam pelas aglomerações garimpeiras, cuidando para não ter prejuízos, resguardando as mercadorias e os mantimentos transportados, abastecendo uma aqui e já partindo para outra lá:

Acompanhava meu pai, ia como "caixeiro", acompanhei-o ao Alcantilado, Mosquito, depois em Joaquim Luciano, Alto Araguaia e finalmente em Tesouro, onde prosperou bastante. Ele fazia lotes grandes de mercadorias e ia tentar vender. Se tivesse vendendo bem, demorava mais, se menos, levantava o que tinha e ia para outro lugar[48].

O certo é que os negociantes tinham que suprir as necessidades de sustento da zona de mineração. Devido às suas peculiaridades, era difícil manter qualquer alojamento a fim de armazenar gêneros alimentícios, principalmente tendo em vista o estado material das míseras habitações - a que estavam sujeitos, também os tropeiros. O aspecto provisório imprimia-se na organização espacial e material das aglomerações garimpeiras: as próprias construções estampavam um "ar de acampamento"; ranchos espalhados, em que os materiais de zinco e folhas de buriti, forneciam portas, paredes e coberturas. A pobreza reinava nesses alojamentos. Lévy-Strauss em sua passagem pela *zona diamantífera do leste*, seguindo ao encontro dos Bororo, fêz a seguinte descrição desse estado de penúria, que marcava o interior dos ranchos:

---

[47] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[48] *Idem*.

De manhãzinha, antes de voltar a partir, fui à palhota de um camarada, na margem do rio, infestado de mosquito e outros insetos (...) O interior da palhota era tão miserável e deprimente como o local; mas, a um canto, a companheira mostrou-me orgulhosamente os doze fatos do seu homem e os seus vestidos de seda, que as térmitas devoravam."[49]

Como nunca, o funcionamento desse mundo do garimpo exigia experiência do tropeiro, para lidar com um quotidiano, difícil, perambulante, mas, também, cheio de aventuras e novidades. Um mundo que impunha um ritmo próprio, perigos e satisfações. O certo é que a prosperidade desses negociantes estava diretamente relacionada a sua capacidade de circular e de abastecer, com certa *regularidade*, as rotas dos garimpos.

É bom ficar claro que o mercadores dos garimpos não têm ligações substanciais com os fazendeiros, não dependem da sua produção de excedente, pelo contrário, mantém relações com casas comerciais localizadas em centros urbanos; levam os produtos para os núcleos de mineração e formam uma verdadeira teia comercial entre cidades e garimpos. Sua atividade - e é isso que caracteriza o tropeiro aqui em questão - encontra-se ligada ao aparecimento dos núcleos de povoamento e ao desenvolvimento das cidades.

No âmbito dessas considerações, é que se deve estar atento às especificidades dos tropeiros que serviam as áreas de garimpo do leste mato-grossense, nos primeiros tempos das descobertas, antes que os pequenos núcleos urbanos tomassem para si a tarefa de abastecer a zona de mineração e, normalmente, os comerciantes sedentários se estabelecessem (Pedro Antunes mesmo tornar-se-á um deles, montando sua loja em uma das cidades do garimpo). Nesse momento, fato importante, os

[49] *Tristes Trópicos*. Lisboa, Edições 70; São Paulo, Martins Fontes, 1979, p. 206.

proprietários rurais, donos das fazendas circundantes, também passaram a fornecer gêneros de primeira necessidade como carne, banha, açúcar, aguardente e cereais, aos núcleos de garimpos.

E é nesse conjunto de mudanças, com um quadro econômico que aponta para o surgimento de outros pólos comerciais, que novas rotas passaram a determinar os caminhos dos mercadores itinerantes. Assim, em finais da década de vinte, já tomaram outras direções, freqüentando novos ou velhos mercados abastecedores, como por exemplo, Cuiabá, buscando sal para revender:

"Mais tarde, o papai chegou de tropa até Cuiabá, em busca principalmente de sal, já pelo final da década de vinte. O sal vinha de Corumbá, nos pequenos navios a vapor que subiam o rio, até esta capital. Em Cuiabá, ele pousava do outro lado da ponte do rio Coxipó. Ali havia uma hospedagem, uma casa grande com uma varandona na frente, de pau de aroeira, onde os tropeiros e os carreteiros armavam suas redes".[50]

Com efeito, novas rotas comerciais, regularizando os fluxos de abastecimento, começaram a minar o comércio de Mato Grosso com o Pará. Interesses econômicos diretamente ligados ao sudeste do país interferiam decididamente nessa articulação mercantil: novas estradas que cortavam Mato Grosso - Goiás - Minas (o Triângulo Mineiro firma, nesse sentido, sua ascendência sobre o "leste") e Mato Grosso - Mato Grosso do Sul - São Paulo (a estrada ia de Alto Araguaia a Três Lagoas e desta a São Paulo[51]) quebravam com o domínio comercial do Pará em relação a zona diamantífera do antigo leste de Mato Grosso.

---

[50] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[51] Pode-se ter notícias dessas estradas através dos viajantes (geralmente, uma visão enaltecedora da fauna e da flora - "natureza prodigiosa" - e, por outro lado, indicadora de condições estruturais "catastróficas") Vejamos essa descrição de um viajante paulista, do trecho Três Lagoas - Alto Araguaia (computada em cento e dez léguas): "Por intermédio de duas estradas se vae de Três Lagoas a Santa Rita do Araguaia: uma é destinada a automóveis e corta por sobre o espigão divisor das bacias do Paraná, Paraguai, Araguaia; outra, a denominada

Mas o comércio de Belém do Pará com a Baliza (um dos centros de abastecimento dos garimpos), mesmo decrescendo, insiste em perdurar. Exemplo disso é este anúncio, de 1934, em um jornal da cidade de Lageado:

"IMPORTANTE - Desejando servir bem aos srs. fazendeiros criadores da margem do Rio Araguaya e a todos os srs. consumidores desta zona, facilitando-lhes uma acquisição vantajosa do producto que mais se consome, o indispensável SAL, acabamos de organizar uma empreza para compra e transporte desse producto de Belém do Pará a Balisa e no proximo fim do anno, estaremos apparelhados para abastecer toda esta zona, **com sal grosso de optima qualidade**, o melhor artigo á venda na **America do Sul** - AGUARDEM - Francisco Antonio Reynardo e Clarindo Motta"[52].

Mesmo as populações ribeirinhas do rio Araguaia procuravam resistir e envidar esforços para manter o comércio com o Pará, buscando reativar a navegabilidade do rio Araguaia. Tanto é que, em 1932, quando esta apresentava uma série de problemas e, principalmente, com a mudança das rotas comerciais, as populações de Registro e Barra do Garças mobilizaram-se para reavivar essa via fluvial pelo percurso de Conceição a Registro, passando por Barra do Garças até Baliza[53]. É por isso que se

---

carreteira ou salineira, segue pelos valles do mesmo espigão, procurando naturalmente as zonas onde há cabeceiras de água e melhores pastagens, necessárias ao sustento dos bois dos carros. A primeira delas foi construída faz três annos apenas (esta passagem é descrita pelo autor em 1931), o que não impede se encontre em pessimo estado, sendo quase intransitável na actual estação das chuvas. De tal modo, com as últimas enchentes, todas as pontes rodaram, havendo ainda um sem numero de desmoronamentos de barreiras, de sorte que os autos são obrigados a executar verdadeiras acrobacias afim de vencer unicamente duas ou três léguas por hora (...) Se assim acontece quanto à rodovia, torna-se fácil de imaginar que será a estrada carreteira, que conta longos annos de trafego incessante, pois era o único meio de comunicações que havia na região ..." SILVA, Hermano Ribeiro da. *Garimpos de Mato-Grosso*. São Paulo, Impressora Commercial, 1936, pp. 111-112.

[52] *O Araguaia*, 1° de Janeiro de 1934.

[53] Em prol da navegação do rio Araguaia foi redigido um "oficio-manifesto", comandado pela população de Registro do Araguaia e de Barra do Garças, de 8 de fevereiro de 1932 (em anexo). Em 1933, quando foi alcançado tal intento, apresentaram-no da seguinte forma: "Aquele ano (1933) foi de grande evolução; o Araguaia reviveu sua navegação sonhada por **Couto de Magalhães** com a criação da firma Emílio Kleiman, através dos barcos a motor: **Nova Pátria, Anhanguera, Expresso Goiano, Expresso Araguaia, Itatiaia** e

pôde ter notícias da lancha "Gazita" em Baliza, por essa época, quando várias referências são feitas a ela, sempre fazendo parte da memória das populações que viveram "pelos portos do Araguaia"[54]. Mas, de qualquer maneira, a lenta desativação da linha comercial com o Pará, pela via fluvial do Araguaia, concomitante ao desenvolvimento das "cidades do leste", com vínculos cada vez mais estreitos com o sudeste do país, integram um conjunto de transformações decisivo para o estabelecimento das rotas comerciais que dominam o Estado de Mato Grosso, até os dias de hoje.

Ficava evidente àqueles que viviam do comércio, mercadores de todo tipo, como Pedro Antunes, que continuar utilizando o trajeto do Pará a Mato Grosso, tendo em vista o mercado com as povoações garimpeiras do leste, era impraticável.

Acredito que esta situação contextualiza a mudança de Pedro Antunes e sua família, de Couto de Magalhães para Registro do Araguaia, em terras mato-grossenses, em um primeiro momento. Não era mais economicamente viável, de agora por diante, fazer todo o extenso percurso, difícil e perigoso, do sul do Pará a Mato Grosso, quando o acesso às mercadorias do centro-sul tornava-se relativamente mais compensador. Mas não podem ser esquecidas as contrariedades que afligiram Pedro Antunes, muito pressionado, um ou dois anos antes de partir, quando perdeu todas as suas mercadorias

---

Leão; e dos barcos: **Major Barata, Lancha Cristal, GAZITA, Motor Julieta** e outros que navegavam entre os portos de Belém do Pará até Baliza, passando por cidades de Marabá, São Vicente, Conceição do Araguaia, Porto Franco, Santa Maria, Barreira de Santana, Furo de Pedras, Leopoldina, Registro do Araguaia, Barra do Garças, Deixado e Balisa, que era a **Capital dos Garimpos** na época." VARJÃO, Valdon Varjão. *Barra do Garças no Passado*. Brasília, Centro Gráfico do Senado federal, 1980, pp. 18-19.

[54] Há uma foto desta lancha, em que aparece sendo festejada pela população de Baliza, em 1933. Faz parte da documentação apresentada pelo livro de reminiscências do senador Valdon Varjão (membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso), que mesmo tendo em vista o seu caráter, enaltecedor do passado dessa região, acaba por fornecer algumas fontes valiosas, como fotos, depoimentos, ofícios e decretos-leis referentes a Baliza e Barra do Garças, principalmente. *Barra do Garças no Passado. Op. cit.*

em um naufrágio no rio Araguaia, ainda perto de Couto de Magalhães. Seu filho aponta este fato como decisivo - "pois ficáramos pobres". Embora tenha sido esse motivo - a pobreza - o denominador comum de todos os que se lançaram em busca da riqueza nos rios e vales dos garimpos do Mato Grosso.

4. A VIAGEM PELO RIO ARAGUAIA

"O Araguaia, que daria uma segunda costa para o Brasil, na frase do imortal sertanista Couto de Magalhães, com as areias alvíssimas de suas praias, que se elevam sôbre suas ondas, é sem dúvida o local fadado para servir de **ocara** (choupana de índios) sagrada para várias nações brasilíndias - pelo seu estuário vastíssimo de comunicação do norte com o sul, pelo oeste, com uma extensão navegável rica de peixe, com seus ótimos campos marginais, além de assinaladas riquezas naturais em pérolas e diamantes. A penetração das bandeiras do litoral para leste e para o oeste, pelo sul, pelo centro de Goiaz e seus Estados limítrofes, encontrou no ouro e nos outros minerais o pretexto natural para dizimar e escravizar vários brasilíndios."[55]

Essa imagem fantástica que flui das águas do Araguaia, suas praias e riquezas naturais, aguçou a imaginação de todos quantos tiveram acesso a ela, e mais além, dos que também dela ouviram falar. E os homens de passagem - migrantes - guardaram na lembrança as cenas de paisagens e esperanças indescritíveis, reveladas ao olhar em que "...todo um imaginário pode organizar-se à volta

---

[55] CUNHA, Boaventura Ribeiro da. "Índios Carajá e Javaé". In: *Índios do Brasil - Cabeceiras do Xingu - Rio Araguaia e Oiapóque*, Vol. II. Direção do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1953, p.165. O relato aqui citado data de 26 de novembro de 1945. Na maior parte do percurso pelo Araguaia, os viajantes passavam pelas áreas habitadas pelos Carajá, que viviam instalados na parte navegável do rio.

desta ligação a um sentido, o da vista, e em torno de uma série de imagens e metáforas que são metáforas visivas"[56]. A viagem pelo Araguaia espelhava o mundo da abundância e a promessa das terras dos diamantes (quando o mundo do norte se estreitara e o mundo do sul se alargara...).

Pedro Antunes partiu com a família, de mudança para Mato Grosso. Organizou a longa viagem pelo rio Araguaia, com mais de 900 Km, a qual duraria três meses. A "caravana fluvial" compunha-se de três embarcações, um bote grande, com capacidade para carregar umas cinqüenta pessoas, chamado de "Jacaré", um menor, denominado "Jacarezinho" e uma "montaria" (um tipo de canoa de tamanho médio).

Com eles iam os *barqueiros*, uma mão-de-obra muito útil para o transporte das embarcações. Era contatada ali mesmo, nos arredores de Conceição e Couto de Magalhães; tratava-se de pessoas que trabalhavam nesse ofício e haviam adquirido, ao longo dos anos, uma habilidade especial para navegar pelo rio Araguaia[57]. Do Pará ao Mato Grosso, desde os tempos da Colônia, há uma tradição a considerar: a aprendizagem da prática das navegações com os indígenas, assim como também as técnicas de construção de barcos e canoas.

---

[56] LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval. Op cit.*, p. 20. Nesse estudo, sobre o *maravilhoso* no ocidente medieval, referindo-se ao termo *mirabilia*, com a raiz *mir (miror, mirari)*, que melhor corresponde ao nosso maravilhoso, compreendendo que os "... *mirabilia* não são naturalmente apenas coisas que o homem pode admirar com os olhos...", mas que: "...originariamente há, porém, esta referência ao olho que me parece importante...".

[57] Sérgio Buarque de Holanda já lembrara que: "À experiência dos práticos, pilotos e proeiros das canoas das monções deve-se, em parte apreciável, a abertura das comunicações regulares entre Mato Grosso e o Pará, que viriam criar mais uma linha de comércio para aqueles sertões. Essa via constitui, em realidade, um prolongamento, na direção do extremo norte, do velho caminho fluvial que avança do sul, do planalto paulista." *Caminhos e fronteiras. Op cit.*, p.151.

Nesse momento, em que se abrem as linhas de abastecimento entre o Pará e as novas áreas de mineração de Mato Grosso, os barqueiros são fundamentais para a condução dos batelões carregados de mercadorias, pois, com a prática, exímios observadores do rio, conheciam todos os riscos ao longo do percurso (lugares fundos e rasos, corredeiras, trechos com pedras, etc.). Embora, acabava acontecendo de muitos deles, contratados para esse serviço, deixarem o trabalho dos barcos e canoas para se dedicarem aos garimpos.

Mas era assim com quase todos. Sempre que possível, *navegando rio acima*, os homens e as famílias abandonavam suas moradias, arrumavam seus poucos bens e, colocando tudo que tinham nas embarcações, umas menores, outras maiores, partiam, juntando em uma mesma expectativa os desejos e os receios de um *mundo novo*. Afinal, numa mesma embarcação, navegavam não só homens, mulheres, crianças, parentes e vizinhos, animais de estimação e até mesmo desconhecidos, mas também sonhos, desgostos, procuras, histórias, matérias de vida, enfim, que compunham as experiências daqueles que migravam.

Nessa viagem, Pedro Antunes, com a mulher e os filhos, levou junto pessoas conhecidas, alguns pertences e os animais de estimação, os cães - "inclusive para as caçadas marginais, durante a viagem" - papagaios e uma cabra. Parecia que, diante de todo malogro, a vida daquela família podia caber ali, tudo naquela embarcação:

> Navegamos rio acima...
> Os barqueiros, acostumados àquelas idas e vindas pelo rio, conheciam a marcha direitinho, pontos agradáveis, perto de embocaduras de tributários do Araguaia ou locais outros apropriados ao caso, inclusive sabiam até quantas léguas deveria se andar por dia![58]

---

[58] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

Confiavam na destreza com que demonstravam os barqueiros ao lidar com as embarcações e o rio, cuidando para que o trajeto não fosse interrompido por inesperados contratempos, como virar os barcos, ataques dos índios, etc. Se é certo que subir o Araguaia tornava mais lenta a marcha dos migrantes...

"A viagem pelo Araguaia, especialmente daquele tempo, era deslumbrante. Para nós, uma aventura inesquecível, era como penetrar em um pleno e maravilhoso desconhecido. Viajava-se desde o amanhecer até à tardinha... então parava-se a viagem e começava a desembarcar o povo, acender o fogo e só se recomeçaria bem cedinho, amanhecendo o dia!

Acampava-se nas praias, normalmente. Quando não, escolhia-se um local especial, com árvores, bonito, com porto seguro e atracamento fácil. Para nós, meninos, desembarcar e correr pela praia ou ir pescar "Miguelzinho", era simplesmente delicioso! E a meninada se esparramava pela praia toda..."[59]

O deslumbramento do menino João talvez fosse resultado da forma com que a inocência vê as coisas: muito mais sensíveis, mágicas e comunicativas. "Será que há mais 'consciência ecológica', agora, - ele nos indaga, ao longo da entrevista - quando os meninos de hoje já não matam tantos sapos e os estilingues caíram de moda? Quando se apreciam os aspectos e seres que povoam a fauna e a flora, o ambiente, parecendo que só agora começássemos a ver de fato?"

Seja como for, os viajantes criavam uma relação de utilidade com a natureza, adquiriam um "gosto pelo maravilhoso" - para usar as palavras de Sérgio Buarque de Holanda - mas, havia, ao lado do deslumbramento, a preocupação e o medo dos índios "arredios" da região.

Por isso a preferência era pelas praias:

---

[59] *Idem.*

...de areias alvas, tendo algumas delas mais de quinhentos metros de largura! Em que se avistavam o mato longe...[60]

De grande vantagem aos olhos dos viajantes:

...nas áreas que eram habitadas pelos índios ferozes (os Xavante) permitia-se vê-los aproximar-se, e, se fosse o caso, prevenir a defesa... Somente os Xavante metiam mais medo, que só viviam na margem esquerda do rio. Os outros índios eram predominantemente os Carajá, pacíficos e que confraternizavam com os brancos. Outras tribos mansas, como os Tapirapés e os Canoeiro, não se localizavam nas margens do Araguaia, moravam mais para o interior. Já os Xavante se localizavam somente na margem esquerda do Araguaia, da embocadura do Rio das Mortes para baixo, até quase Barreira de Santana. Por isso mesmo não se pousava nessa margem infestada pelos Xavante, que eram bravios e perigosos. E quando o pouso era forçado por circunstâncias extraordinárias, estabelecia-se um cinturão de segurança, em torno do acampamento, com homens armados de carabinas, calibre 44. Os Xavante não moravam nas praias, mas no interior das florestas, ao contrário dos outros índios que só se aldeavam em praias. Tínhamos muito medo. Mas meu pai era o chefe da expedição!."[61]

E, como tal, Pedro Antunes, acostumado àquelas viagens, sabia, de antemão, como tratar os povos indígenas, utilizando instrumentos diferenciados em seus contatos. Sem dúvida, os comerciantes já haviam estabelecido relações amistosas com vários povos, principalmente os Carajá, peritos na arte da pesca e na construção de embarcações[62], os quais viviam na margem direita do Araguaia e lhes prestavam informações valiosas sobre o rio, sobre os *perigosos Xavante*, sobre alimentação, etc.

---

[60] *Idem.*

[61] *Idem.*

[62] A "ubá" é a grande especialidade desse povo: canoa de um tronco só: "Não se trata de simples casca de madeira, nem tão pouco de um tóro adaptado para a navegação como nas demais tribos de Mato-Grosso e alhures; a "ubá" carajá, feita de um só tóro, é duma perfeição artística admirável". Descrição de CUNHA, Boaventura Ribeiro da. "Índios Carajá e Javaé". *Op. cit.*, p. 166.

Por isso se compreendem as razões pelas quais, nos depoimentos, assinala-se sempre a intimidade e a camaradagem dos viajantes-mercadores com os Carajá[63]. O relato do filho de Sr. Pedro Antunes revela a sagacidade e a habilidade dos mercadores, atentos aos perigos do percurso, numa experiência acumulada em anos de negociações. Como fica claro aqui:

"Meu pai era já conhecido de muitas aldeias de Carajá, sendo recebido festivamente, principalmente porque trazia fumo e rapadura, como presentes e também tecidos, de que gostavam muito, sobretudo tecidos amarelos e vermelhos... Meu pai, sistematicamente, não oferecia cachaça aos índios. Mas o artigo preferido era mesmo o tabaco, que fumavam num cachimbo feito de um fruto seco e duro. "Coti no caritó" significava "fumo para o cachimbo".[64]

Da mesma forma, o relato de Boaventura Ribeiro da Cunha, o colaborador do Marechal Rondon, faz menção, o tempo todo, a essa preferência dos Carajá, pelo fumo e seus cachimbos especiais, imagens que foram registradas em várias fotos; constam aí também os tecidos e a própria rapadura, muito apreciada pelos índios, alimento que conheceram nas constantes trocas com os "brancos":

"Quando passam canoas carregadas de objetos que lhes interessam, remam em direção às mesmas, levando logo peixe seco, ou fresco, papagaios e araras ensinados, tartarugas, tracajás, ovos e enfeites".[65]

---

[63] Em outras referências, na literatura que discorre sobre o contato com as tribos indígenas dessa região, encontra-se o mesmo tipo de alusão. O próprio Sérgio Buarque de Holanda traz notícias de contatos dos Carajá com viajantes, ao citar Fritz Krause.

[64] Depoimento de João Antônio Neto.

[65] CUNHA, Boaventura Ribeiro da. *Op. cit.*, p.176.

Mas, por vezes, apareciam com notícias desastrosas sobre acontecimentos que marcaram a vida na aldeia, em seus conflitos com outros povos indígenas, principalmente os Xavante:

Encontrávamos índios (os Carajá) todos os dias. Num certo trecho da viagem, quando nos aproximávamos de uma aldeia de Carajá, vieram muitas pirogas ou ubás (canoinha de um tronco só), ao encontro das nossas embarcações, e quando estavam próximas, começou uma enorme lamentação, que se pode traduzir como "carajá morrê, tori (cristão) vira pedra". É que tinha sido morto pelos Xavante o capitão daquela aldeia, de nome cristão Fontoura, muito amigo do meu pai. Capitão foi nome dado aos caciques, pelos "brancos". Os Carajá eram divididos em diversos clãs, cada um com o seu capitão."[66]

Os Xavante não admitiam nenhuma aproximação dos Carajá em áreas de seu domínio - "território sagrado e temido". Boaventura R. da Cunha, por exemplo, fala de um desses ataques dos Xavante a um grupo de Carajá, que havia incursionado em suas terras, em que três morreram e somente um se salvou, porque se fingiu de morto[67]. Matavam com *bordunas* aqueles que consideravam invasores, principalmente os chamados "civilizados", com vários casos registrados. Inúmeras histórias - dramáticas - foram relatadas, envolvendo as tentativas de contato com os Xavante.

Esses "temíveis selvagens" desafiavam o esforço colonizador (nação e religião) - como dizem - "renegando sistematicamente qualquer contato com o civilizado". Em 1934, a morte de dois religiosos salesianos pelos Xavantes, padres Fuchs e Sacilotti, causou grande impacto. Foram encontrados às margens do Araguaia - "cingindo ao peito uma cruz" - com as *bordunas* sobre os seus corpos[68].

---

[66] Depoimento de João Antônio Neto.

[67] "Índios Carajá e Javaé" In: *Índios do Brasil- Cabeceiras do Xingu - Rio Araguaia e Oiapóque. Op. cit.*, p.177.

[68] A morte dos dois padres salesianos foi assim noticiada no *Araguaia*, em 25 de novembro de 1934:

A Heroica Morte dos R. R. P. P. Fuchs e Sacilotti

Símbolo da edificação da fé no empenho civilizatório pelos sertões, os salesianos - fundadores de missões - traziam à luz o seu trabalho missionário junto aos povos indígenas, que, como diziam, honrava a Igreja Católica com toda a abnegação cristã que lhe era característica.

Por outro lado, o processo de aculturação e a história da *catequese* junto ao povo Carajá remonta ao século XIX. No relato de Boaventura R. da Cunha, encontra-se, em destaque, os contatos diretos dos Carajá com a cidade de Conceição do Araguaia e com o Colégio de Santa Isabel, em Santa Leopoldina. Não é de se admirar, portanto, que os Carajá tivessem encontros amistosos - mantendo relações de troca - com mercadores e pioneiros. Bem cedo se habituaram às levas de homens que subiam o rio, em direção aos garimpos.

A "estrada fluvial" do Araguaia, pela década de vinte, já era bem freqüentada; por ela passava muita gente, mas principalmente os mercadores a conheciam de forma particular, pois no ir e vir com as mercadorias, exigia-se domínio sobre o percurso. Com eles, nas inúmeras viagens, sempre seguiam junto os mais diversos tipos sociais, desde homens que se destinavam aos garimpos, com ou sem famílias, ou mulheres que se deslocavam, procurando pelas zonas de prostituição dos povoados e corrutelas.

Entretanto, o que mais importava a todos os viajantes era assegurar, em seu longo trajeto, uma subida tranqüila, livre dos perigos, dos ataques dos Xavante, atrás de seus interesses. E que

---

Chavantes mataram Padres João e Pedro à margem direita do Rio das Mortes ...

O Padre João Fuchs (...) Puxado pelo espírito de sacrificio e de fé, á seu pedido, foi removido para a catechese dos indios Bororos (...) (Afasta-se em razão de doença) Porém a sua sede de sacrificios, o seu zelo pela salvação das almas, ainda uma vez o fizeram abandonar a vida civilizada para internar-se nas mattas virgens e nos sertões desconhecidos do Rio das Mortes, em procura dos lendarios Indios Chavantes...

O Padre Pedro Sacilotti (...) Director do Collegio de Registro do Araguaia, que dirigiu 7 annos, deixando-o para reger a nova Missão do Rio das Mortes, iniciada pelo R. P. Fuchs...

ninguém se esquecesse das terríveis piranhas-de-papo-amarelo, as mais vorazes e temíveis. Quando se penetrava em sua zona - conhecida dos barqueiros, por vários sinais - redobravam-se os cuidados, para evitar as conseqüências dos seus ataques.

Eram tão ávidas de carne fresca que vimos, muitas vezes, os práticos mergulharem pernis de catetes na água e puxá-los rapidamente com várias piranhas penduradas nos músculos dilacerados. Para ilustrar a rapidez com que as tais piranhas atacavam e descarnavam suas vítimas, os barqueiros contavam histórias de animais que entravam inteiros numa margem e saiam na outra feito apenas esqueletos...[69]

De toda forma, os acidentes que poderiam ocorrer nesse tipo de viagem eram muitos, mas, aqui, temos apenas exemplos de descuidos quotidianos:

Com a tripulação, em geral, não aconteceu nada. Mas perto já do Registro do Araguaia, um dia meu irmão Antônio, ao passar de um barco para outro, caiu no rio, em lugar fundo e perigoso, mas foi logo recolhido, com os olhos esbugalhados e com um berreiro horrendo... Nunca houve também ninguém doente - mas a filha da dona Joaquina engoliu um caroção de jatobá e quase morreu asfixiada; expeliu-o depois de levar um murro da mãe, nas costas, com esta imprecação: - "Morre, diaba gulosa!"... E o caroço saltou lá longe!...

Outra vez, essa mesma Joaquina, que fumava o dia inteiro por um cachimbo de barro cozido, deu com ele sobre a cabeça de um dos filhos e... ficou o resto da viagem sem pitar aquela indefectível coisa fedorenta e encardida...[70]

Uma das condições vitais, no entanto, para o desenrolar favorável da lenta viagem era a alimentação, em que os próprios índios forneciam informações preciosas:

---

[69] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[70] *Idem.*

"Na aldeia do finado Fontoura, foi onde fiquei conhecendo o "berarubú": abria-se uma grande cova na areia bem seca e ali se amontoavam os peixes frescos, especialmente o tucunaré; cobriam-se os peixes com areia e depois se fazia, durante toda a noite, uma fogueira por cima. Os peixes ficavam assados com o calor da areia ardente; aí era só tirar a escama com a pele, jogar fora as vísceras e saborear a carne cozida. Os índios a comiam sem tempero algum, nós preparávamos molhos; os índios comiam de qualquer jeito; nós não."[71]

A alimentação básica era arroz-feijao-carne, esta última resultante da caça e da pesca e reforçada com a carne-de-sol que se trazia do ponto de partida. Eram também reforço a farinha e a rapadura. Sobre produtos de origem vegetal, comiam-se palmitos e mandioca comprada no percurso, especialmente dos índios Carajá, que a cultivavam. Assim, a comida

...como sempre muito farta. Transportava-se de tudo: carne seca, arroz, feijão. De manhã tomava-se café, comia-se farofa e às vezes beiju de tapioca. No meio da tarde, ali pelas três horas, parava-se sempre, para descanso e então havia a merenda, invariavelmente de "jacuba". A jacuba consistia em rapadura raspada, misturada com farinha a que se adicionava água; era uma espécie de pirão cru e doce, que se comia com colher. Também se comiam ovos de tartaruga e de tracajá. O ovo da tartaruga é redondo e envolvido, não de casca, mas de uma película coriácea resistente. O ovo do tracajá tem casca, como os dos galináceos. Ambos são extremamente saborosos e substanciosos, especialmente o da tartaruga.

O tracajá tanto punha os ovos na areia como em ocos de paus pendentes das margens do rio... Sempre às margens do rio e nas praias. A tartaruga sai do rio e caminha pela praia, abrindo o buraco para por os ovos a distâncias variadas da orla da praia. Depois os ovos são cobertos e em seguida a tartaruga volta ao rio, fazendo ziguezagues, para disfarçar e encobrir a rota e o local do ninho. Postos os ovos, não retorna mais ao local do ninho. A areia quente é quem vai chocar... Alguns barqueiros sabiam localizar o lugar exato do ninho, quase sem errar"[72].

Também peixe e caça. A caça era abundante - mesmo evitando-se o lado Xavante - e o peixe à escolha.

---

[71] *Idem.*

[72] *Idem.*

"Os animais silvestres mais comuns, e que eram encontrados, quando se quisesse, eram o queixada, veados, pacas, cutias, catetes; aves comestíveis saborosas como o jacu, o jaó e o mutum. Quanto ao peixe, estávamos no seu habitat mais generoso; era só escolher, também. Pirarucu, pirarara, pintado, cruvina, tucunaré, bagres de todos os tipos, uma fauna ictiológica impressionante!..."[73]

Pescava-se muito à noite - sob os luares que iluminavam as brancas areias do Araguaia[74]. E, nos preparos para os pernoites, aparecem as maneiras do povo se arranjar:

"À noite os barqueiros iam pescar. Dormia-se na areia mesmo, forrada com lonas, isto é, os tripulantes. E só se armavam redes, quando o pouso era fora das praias; nas praias não havia como fincar armadores. Nossa família toda dormia no barco maior. Arrumavam-se as redes dentro do batelão e durmíamos ali, mas os barqueiros durmiam a céu claro, na praia. É por isso que acho que viemos na época da seca, porque não me lembro de ter atravessado qualquer parte da viagem com chuva, era seca durante toda a viagem"[75].

Muitos desses fatos vividos, pelos viajantes, encontram ressonâncias em outras experiências similares e nos rememora o notável estudo de Sérgio Buarque de Holanda sobre as *monções setecentistas*, quando, entre tantas anotações valiosas, dizia-nos: "... a familiaridade quase instintiva com a natureza agreste, sobretudo com seus produtos medicinais ou comestíveis, são algumas das imposições feitas aos caminhantes..."[76].

É de se perguntar: seria exeqüível, naqueles tempos, sem bases de apoio, viagem tão lenta e difícil, sem a colaboração da fartura dos frutos naturais da região - e, de acordo com as palavras do

---

[73] *Idem.*

[74] E, para todos, "...inesquecíveis mesmo eram as noites de luar..." (D. Olga, maranhense, que veio quando moça, para Mato Grosso, Lageado, em 1934).

[75] Depoimento de João Antônio Neto.

[76] *Monções*. 2º Ed., São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1976, p. 21.

entrevistado - "opulenta de aves e peixes saborosíssimos e copiosos, duma variedade e serventia para qualquer paladar e necessidade? Sem dúvida - ele nos diz - tudo seria muito duro e tormentoso."[77]

Mas, sertão adentro, o Araguaia ainda oferecia aos viajantes, outras passagens, talvez advertindo aos viajantes, em sua fé pela riqueza, que mais adiante, encontrariam a "terra de trabalho". Revelava-se, assim, principalmente para aqueles que estavam vindo de um mundo inóspito, um universo quase irreal, marcado pela abundância:

"Ainda sobre fatos curiosos, não quero esquecer o espetáculo oferecido pelo Rio Cristalino, digno desse nome. Penetramos por ele, de canoa, por uma distância de uns quinhentos metros. É um rio fundo, uma média de três metros de profundidade; as águas eram tão claras que se viam os menores seixos ao fundo. Se fôssemos ajuntar impressões sobre coisas assim, tão soberbamente belas, nem sei como iria enumerá-las. É claro que, como criança, admirava mais os bichos, a imensidade de aves, garças, arancuãs, jaburus enormes!... Dos bichos da água, o mais querido era o boto; filas e filas de botos estavam sempre acompanhando as embarcações. Falei antes dos peixes, mas não me referi ao pacu caranha; é uma espécie maior do que o pacu do Cuiabá, chegando a pesar quinze quilos. O perarucu é a maravilha ictiológica do Araguaia; chega a dois metros de comprimento e só se pega com arpão, pois não aceita anzol. Os carajás, já naquele tempo usavam arpão de ferro, mas a maior parte era ainda de osso. Peixe curioso era o pirarara, que só pegava de noite; era grande e de carne saborosa, que se punha a secar ao sol, em mantas; a curiosidade do pirarara é que ao ser arrastado para fora da água produz um barulho muito forte, como se fosse flatos repetidos.[78]

A variedade e a beleza desse espetáculo ictiológico, que tem ao redor de si plantas e aves diferentes, curiosas e magníficas, são para os olhos algo inexprimível, cujo encanto se adensa sobre todas as coisas: o vermelho e o verde tem mais cor, as aves e os peixes são decididamente maiores e os traços muito mais nítidos. A aproximação é mágica.

---

[77] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[78] *Idem.*

E esse prazer, que invade e toma conta de todas as sensações do corpo e atenua as dores, faz com que o homem possa imaginar *outra natureza* em um *novo mundo*.

Nessa viagem não me lembro se tínhamos vontade de chegar logo. Da nova cidade a que chegamos, Registro do Araguaia, recordo-me da entrada, com muitos pés de jenipapo...[79]

***

Todavia, para grande parte dos migrantes, em seu *êxodo* para os garimpos do leste, Registro do Araguaia era apenas um ponto de parada[80]. Cidadezinha à beira do rio Araguaia, fazendo limite com o Estado de Goiás, com enormes genipapeiros à sua entrada, ostentando logo o Colégio dos Salesianos (indício de estabilidade e educação, para as famílias dos migrantes), ficava ali, acanhada, a receber gente que vinha de fora, ou simplesmente a vê-los passar.

Destacando-se de paisagens rústicas, as descrições que se têm desses lugarejos, em meio aos sertões, falam de um mundo pobre, feio e doentio, em que as crianças chegavam a morrer de "amarelão". Podia-se até encontrar algumas casas, mais centrais, de material durável, mas o resto era de sapé, construções frágeis e miseráveis.

A família de Pedro Antunes demorou-se aí, por nove meses. Para ele funcionava, provisoriamente, como sede da sua tropa, a fim de vender produtos pelo interior do *leste* de Mato Grosso, ainda negociando com as mercadorias que vinham de Belém, porém, movimentando-se cada vez mais,

---

[79] *Idem*.

procurando ter acesso a outras praças comerciais. Abandonava as relações comerciais com o norte do país, de agora por diante, iria servir-se das ligações econômicas de Mato Grosso com o sudeste.

Na metade do ano de 1930, Pedro Antunes de Souza mudava, com a família, para Lageado, estabelecendo-se definitivamente no centro da *zona diamantífera do leste*.

Outra vez, uma nova viagem. Apesar de um pequeno trecho ainda "por água", a trilha a percorrer seria por terra

***

Para se chegar a Lageado a viagem ainda era longa. Seguiram até Baliza, através do Araguaia, hospedando-se, nessa cidade, em casa de antigos conhecidos de Conceição do Araguaia, que também haviam partido em busca dos garimpos. E do mesmo modo que muitos, daí para a frente, até Lageado, foram a cavalo, alguns montados em jumentos, pelas trilhas abertas do sertão:

"Não me lembro exatamente o mês, de quando partimos de Registro do Araguaia para Lageado, embora saiba que foi em 1930. Mas deve ter sido depois do meio do ano, pois não havia chuvas. A viagem, até Baliza ainda foi pelo Araguaia, "por água", como se dizia; depois foi feita a cavalo e de jumento, deve ter durado umas duas semanas. Viajava-se em duas etapas: da manhãzinha até meio dia, quando havia uma parada para a comida; retomava-se a marcha até noitinha. Acampava-se normalmente à beira de córregos ou rios e os animais eram soltos, para pastar durante a noite - alguns deles eram peados, para não sair de próximo do acampamento"[81].

---

[80] Registro do Araguaia foi fundada próximo ao arraial fundado pelo General Couto de Magalhães, Registro de Itacaiú, dentro do seu projeto de navegabilidade do Araguaia. Município criado por Lei n . 636, de 8 de Julho de 1913, e elevado à categoria de comarca, em 12 de Janeiro de 1915.

[81] Depoimento de João Antônio Neto.

Os deslocamentos eram lentos, prevendo travessias de córregos e rios; os locais de parada bem calculados, para que a viagem rendesse e o desgaste fisico dos viajantes não fosse um empecilho para o seu bom andamento. Não se pode esquecer que havia o medo das picadas de cobras e outros animais, típicos do cerrado. Mas a imagem que o menino, nosso depoente, mais guarda na memória é a sua,

"montado num jumentinho, e sozinho na sela, enquanto meus irmãos estavam nas garupas..."[82]

Seus olhos curiosos fitavam os caminhos que se abriam. Sua imaginação acercara-se de um mundo habitado por gente que vinha à procura dos diamantes nos rios...

Tanto assim que, ao longo da estrada tomada por sua família, costumavam encontrar um povo que passava, inclusive a pé, com uma "matula" nas costas, caminhando a muitos dias, meses e, talvez, até anos de retirada:

> Esse povo vinha principalmente a pé... era no burro, no jumento e principalmente a pé (muitas vezes acompanhando tropas). Quem vinha era o mais pobre... Seca, fome, miséria. Todos tangidos pela necessidade. Para um nordestino andar a pé não é dificuldade nenhuma, ele vinha a pé, a procura das lendárias terras dos diamantes![83]

Guiavam-se pelas notícias das descobertas de novos achados, como declara este outro migrante, filho de maranhenses:

---

[82] *Idem.*

[83] *Idem.*

... a gente vinha a cavalo, entrava para os garimpos do Garças. Nós mesmos viemos a cavalo e de jumento até Cassununga (saindo de Registro do Araguaia). Era assim, você estava num garimpo com uma influenciazinha, tinha mil, mil e tantas pessoas garimpando, daí em poucos dias aquilo tudo se esfriava... dentro de dois meses eles iam pra outro lugar. Mas era assim, bastava saber a notícia que saiu uma pedra em tal lugar, eles corriam pra lá, desse modo é que era o garimpeiro""[84].

Desde logo, apresentava-se esse tipo de situação que acabava por se impor às famílias - a de continuarem em um movimento ininterrupto, acompanhando o surto garimpeiro. O giro era rápido, de informações e de mudança de rumo, mais que isso, constituíam-se vidas entrelaçadas aos próprios deslocamentos:

"Nasceu ainda em Conceição, o Frederico, em 1913; em 1914 eu; aí houve um período de dois anos e pouco, veio a Jombré; depois a Maria José e a Maria de Jesus. Já os outros são daqui do Mato Grosso, o Cuiabino é de Cassununga, porque primeiro moramos lá; o Garcito de Criminosa - Chapadinha - e a Mirtes, do Alto Araguaia. Na ocasião do nascimento do Garcito, nós estávamos em Chapadinha pra se esconder, correndo da revolução do Carvalhinho e Morbeck. Porque era maranhense contra baiano, corremos pra lá. E como a mamãe estava grávida, nasceu o Garcito, em 1926; depois é que fomos morar no Tesouro, de lá para Lageado".[85]

Porém, Pedro Antunes, depois de tantas andanças em anos de prática pelos sertões, tinha como certo o lugar onde estabelecer a família. Chegaram a Lageado, em meio a grande agitação nas lavras diamantíferas. Muita gente continuava a seguir para novos garimpos; notícias corriam de um lugar a outro...

---

[84] Depoimento do Sr. Berorocã Figueira, citado.

[85] *Idem.*

CAPÍTULO IV

A CIDADE DO GARIMPO E OS ARTIFÍCIOS DE CIVILIDADE

1.LAGEADO: CENÁRIOS

"Quando chegamos a Lageado, a cidade era pequena, resumindo-se a duas ruas, as mesmas que hoje formam o centro da cidade"[1]. Os que chegavam pela primeira vez a Lageado logo percebiam as ruas largas que se estendiam à sua frente, como grandes caminhos que se abrem, sob os olhares curiosos dos habitantes da cidade, sempre a espreitar o cortejo dessa gente que tinha vindo à procura da riqueza dos garimpos.

Quase instintivamente, começavam a indagar entre si sobre a procedência, a família, os interesses e condições de cada um. Perguntas que faziam parte de uma experiência compartilhada. Como se a todo instante estivessem a rememorar histórias e trajetórias de vida em comum, trazendo lembranças significativas que confluíam para uma imagem da cidade. As pessoas podiam não se relacionar exatamente, mas sabiam, pela inquietude dos olhares, que dali esperavam e ansiavam por tudo.

As pequenas cidades da mineração do diamante eram, assim, vistas como uma terra de oportunidades; lugares que recebiam gente de todos os lados, intersecção de movimentos migratórios, nem começo, nem fim, mas, de fato, lavras dos diamantes de Mato Grosso.

---

[1] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

No ano em que Pedro Antunes de Souza chegou com a família, a cidade estava em plena animação:

> Havia muito movimento. Lageado - do nome de um córrego vizinho - era o centro de tudo; a praça que fornecia mercadorias de todos os tipos aos povoados garimpeiros do leste do Estado, como Alcantilado, Tesouro, Cassununga, Monchão Dourado, Batovi e inúmeros outros. E era naturalmente a cidade que atendia os garimpeiros de mais perto, como do Bandeira, da Taboca, do Mosquito e do Lageadinho[2].

Garimpeiros, grandes compradores de diamantes e pequenos negociantes, estavam sempre a transitar e a dirigir o movimento das ruas e dos negócios. Aqui e ali uma multiplicidade de cores e ruídos: gente que chegava, gente que saía, uns mais pobres e outros mais ricos. Várias propagandas nos pequenos jornais nos informam sobre as casas de comércio existentes na cidade - Casa Ferreira, Casas Goyanas, Casa Garimpeira, Casa Americana, Casa Renascença, Casa Garças, entre as maiores - aparecendo também ofertas de serviços de profissionais que recentemente haviam chegado, como dentistas e farmacêuticos "práticos", e mesmo de alfaiates e "modistas"[3]. As lojas, que há pouco se instalaram, procuravam ter de tudo - "tecidos em seda, linho e casemiras, algodão, roupas feitas (roupas brancas para senhoras), calçados, chapéus e guarda-chuvas para homens, sombrinhas para senhoras e crianças; perfumarias, miudezas, ferragens, arreios e arreatas"[4], além de gêneros de primeira necessidade - a fim de atender aos habitantes das pequenas cidades, em geral, e os garimpeiros

---

[2] *Idem*. As povoações aqui citadas podem ser localizadas no mapa 1.

[3] Identificáveis no jornal *O Araguaia*, Lageado, Ano de 1934.

[4] Propaganda da Casa Renascença (Deco Maranhão & Irmãos), no jornal *O Araguaia*, 1° de Janeiro de 1934.

que vinham aos magotes, nos fins-de-semana, "fazer o saco" [comprar mantimentos] e vender pedras preciosas e aí ficavam a festejar na zona de meretrício, especialmente nos sábados à noite, freqüências essas que nem sempre terminavam sem algum derramamento de sangue. As mortes eram constantes, particularmente no *Goiás* (zona do meretrício). Lá havia muitas mulheres e muito dinheiro. Lembro-me até de um conhecido do papai, que matou a amásia com trinta punhaladas... Foi obrigado pela polícia a abrir a cova da vítima[5].

As zonas de prostituição, devido aos atrativos que normalmente ofereciam, sobressaíam-se, de forma especial, no cenário de qualquer cidade ou povoado garimpeiro, principalmente na fase inicial do povoamento. Inúmeros casos são relatados sobre crimes, tiroteios, paixões de toda espécie, num jogo quase mítico de cobiça e sedução. Porém, fica muito clara a tentativa de reduzir os comportamentos considerados *viciados e pecaminosos* - expressão da rebeldia ou da insubmissão de uma *gente perigosa* - assim como as manifestações de violência, para o espaço *próprio* da prostituição. Um lugar articulado pelo discurso para desempenhar essas "funções".

Uníssona, também, dentro desse mesmo padrão de expectativa, era a opinião de que os bordéis, os cabarés, os *fecha-nunca*, nas suas inúmeras denominações, davam o toque noturno a essas cidades e povoados, constituindo-se aí um universo de atividades indesejáveis, com todo o barulho que faziam, tiroteios e mortes. Visto como ponto de encontro quase obrigatório para as disputas existentes entre os homens, em seu "desejo incontido" pelas mulheres, bebidas e jogos. Garimpo, prostituição e violência - partes de uma relação que aparecia sempre indissociável. Em Poxoréo, por exemplo, era comum seus habitantes dizerem que, de um lado da cidade, na *rua Bahia*, ouviam-se tiros misturados ao sons das sanfonas, violões, cavaquinhos, instrumentos que eram tocados a noite toda; e do outro lado, num sistema de coexistência, as quietas ruas ficavam a

[5] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

guardar o sono de homens "e mulheres de família"[6]. Traçavam-se assim, no fazer cotidiano dessas populações, linhas imaginárias, dividindo, desde já, mundos, tempos e regras. Nomeavam-se os lugares, mediante as práticas do espaço.

Contudo, a violência deve ser questionada como uma evidência em si mesma, no quadro de verdades instituídas: não só foi considerada parte do cotidiano na *ordem natural* dessas "realidades históricas em transformação", como foi plenamente justificada - tornada *necessária* - no momento da criação de povoados e cidades. Hannah Arendt já havia assinalado essa profunda relação entre violência e *começo* no ato da fundação de novas sociedades (atestada pela tradição bíblica e clássica)[7], relação esta que traz a noção de violência ligada à idéia de progresso (mudança). Isto foi muito importante na constituição dos núcleos de povoamento do conhecido leste de Mato Grosso, ao justificar os massacres, expulsões e "pacificação" de povos indígenas, principalmente o povo Bororo, e, depois, a própria "violência inicial" nas zonas de garimpos, "até que uma sociedade organizada ali pudesse fixar-se". Confirmava-se: "... estabelecimento de um novo começo que, como tal, parecia exigir violência e violação, como se fosse uma repetição do antigo crime lendário (Rômulo matou Remo, Caim matou Abel) dos primórdios da História."[8]

Nesse âmbito, é que ganha maior significado o discurso do progresso, definindo o esforço das novas comunidades para a implantação de leis e normas, através de práticas sociais que visavam organizá-las enquanto cidades. Tudo isso, é claro, estava em conformidade com a idéia mais abrangente de *avanço civilizatório nos sertões*, que ali ganhava corpo. Mas, constantemente,

---

[6] Depoimento de uma antiga moradora de Poxoréo, D. Diouro, proprietária de uma das pensões mais freqüentadas da cidade de Poxoréo, nas décadas de trinta, quarenta e cinquenta. Entrevista realizada em Cuiabá, maio de 1995.

[7] *Da Revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Editora Ática, 1988, p. 16.

[8] *Idem*, p. 31.

denunciavam sua "evolução" contraditória, (dizia-se que) repleta de "desvios" e práticas ilícitas, legitimando toda e qualquer ação voltada para deslocar o *índio* para as missões, os garimpeiros para as áreas de exploração e as prostitutas para as zonas de meretrício. Mais do que a marginalização de índios, garimpeiros e prostitutas, o que me parece fundamental é a existência de um discurso que tem como suporte um modelo de organização racional da cidade, orientando para espaços *próprios* tudo aquilo que pudesse parecer selvagem e desregrado. É a cidade, nas dimensões desse discurso, surgindo plenamente com sua promessa civilizadora.

E, desta forma, procurava-se associar a sua realidade, sempre medida pela idéia de transformação, uma imagem de mudança que levaria à construção de uma nova ordem, contrapondo-se não só à imagem da violência, mas à da instabilidade e inconstância provocada pelos costumes das garimpeiros, atraídos por uma *vida aventureira*. Os garimpeiros eram a projeção direta do retrato de uma gente que não se prendia a coisa alguma; hoje aqui, amanhã ali, sempre atrás das novas descobertas de ouro e diamante:

> A vida garimpeira
> é uma vida vagabunda...
> Rio abaixo, rio acima,
> com a bateia na cacunda...
> Garimpeiro vai pro inferno
> e as mulher pras prefunda...[9]

Além disso, o garimpeiro era visto como *supersticioso, gastador, mulherengo*...

quando pegava o diamante não tinha mãos a medir; tanto ele gostava, como ele dava pro outro. Ele comprava uma calça de linho, mandava fazer boca larga para a calça; comprava camisa de seda; o revólver 38 SMITH... Eu vendi muito, vinha dos Estados Unidos, era importado;

---

[9] Uma cantoria dos garimpeiros de Tesouro, um dos povoados mais movimentados da zona garimpeira do leste, nas décadas de trinta e quarenta, à margem esquerda do Garças. Dizem que lá o diamante "brotava" da terra... (Pesquisa de campo realizada nas localidades de Tesouro e Guiratinga (Lageado), entre dezembro de 1992 e março de 1993).

comprava em Santos do importador, trazia pra aí, e vendia o SMITH - 05. Era americano puro, e quem comprava era o garimpeiro, pois quando pegava um diamante, não tinha mãos a medir[10].

Afinal, era corrente a afirmação de que neste mundo "reinava o desperdício", pois "o dinheiro ganho nos garimpos tinha de ser gasto ali mesmo"[11].

Contudo, era o movimento garimpeiro, nas pequenas cidades, apontado como o termômetro de sua economia: através dele, injetava-se dinheiro no comércio local, dinamizando-o; ampliava-se e diversificava-se o espaço da cidade, as construções, as habitações, etc.; e tanto trazia negociantes e homens de profissões as mais variadas, como fazia aparecer gente de todo tipo, segundo a sua população.

De fato, ocorria que os garimpos eram verdadeiros campos de refúgio para foragidos da justiça de diversos lugares e regiões do país (o que explica também as razões do forte armamento dos garimpeiros), inclusive, chegando, muitas dessas pessoas, a ocupar cargos em órgãos públicos da cidade. Podem ser citados os exemplos de Alberto de Souza e Laudelino Gonçalves, julgados e condenados a vinte e cinco anos de prisão em Bela Vista (atualmente Mato Grosso do Sul), por homicídio, foragidos da Cadeia Pública de Cuiabá, em 1932, com a própria ajuda do então Interventor do Estado, Leônidas de Mattos, que fora pessoalmente à cadeia, interessando-se diretamente pela liberação dos referidos presos e mais dois companheiros de cela. Alberto de Souza, Laudelino Gonçalves e ainda Donato Alves, depois de soltos, estabeleceram-se em Lageado, sob a proteção de Sérgio de Brum, poderoso proprietário de terras, que, em 1931, foi nomeado Inspetor Geral das Minas. Ainda nessa cidade, Alberto de Souza foi nomeado pelo prefeito tenente Francisco Fernandes dos Santos, para um cargo de fiscal da referida prefeitura; e mais, quando o mesmo

---

[10] Depoimento do Sr. Berorocã, citado. Este senhor, como já foi dito, era "dentista prático", mas também montou, em Baliza, uma das melhores casas de comércio da cidade.

[11] *Idem.*

Francisco Fernandes dos Santos atuava como Delegado de Polícia de Lageado, deu a Laudelino Gonçalves " atestado pelos bons serviços prestados à mesma delegacia na captura de um criminoso alcunhado de 'Fanhoso', pedida pelo Chefe de Polícia de Goiás, por ser foragido da cadeia daquele Estado". No mesmo processo, que tivemos em mãos, lê-se também que "Laudelino e Alberto devem possuir uma caderneta para uso de porte de arma expedida pelo Chefe de Polícia".[12]

Mas, quando "criminosos" e demais "foragidos" procuravam estabelecer-se nas zonas das novas explorações mineradoras, lá viviam o mundo das regras do garimpo. Dizem que um bandido perigoso de qualquer outro lugar podia vir a ser - nos garimpos - um homem "trabalhador", "leal" e "conciliador". Ora, o garimpo tinha suas próprias leis, e se não eram escritas, estavam fortemente enraizadas nos costumes, com o código de conduta claro, definindo-se o que era intolerável. Nesse âmbito é que se pode compreender porque um "matador" podia ser respeitado e um "ladrão" executado: - o roubo era castigado com a pena de morte e mutilação (principalmente mãos e dedos).

A punição, nos lugarejos dos garimpos, era, predominantemente sumária, marcada pelo espetáculo exemplar, demonstrando a todos que a violação ao código de honra do garimpeiro - roubar o diamante - era intolerável. Vejamos através dessa descrição, a cena pública de humilhação e violência - execução implícita - que se destinava a supliciar os que roubavam (aparecendo depois, o corpo dos "réus", quase sempre mutilados):

---

[12] Inquérito Policial. Cuiabá, 1935. Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Os trechos entre aspas, correspondem à página de nº 48 do processo. As razões da ida do Interventor à Cadeia Pública, explicam-se, no processo, pelo interesse do mesmo em arregimentar homens que, em troca da liberdade, pudessem servir ao governo no âmbito da luta da "Revolução Constitucionalista" de 1932.

"Se chega a ser preso tanto pior para ele que sabe suficientemente o destino que o aguarda. Colocam-lhe grandes cartazes nas costas, com dizeres infamantes, apontando-o como réprobo. Organiza-se uma passeata ultrajante, logo engrossada pelos curiosos. E o desonesto é alvo em todo o trajeto, de apodos e chacotas irreverentes, e dessa hora em diante não mais verá o perfil do infeliz."[13]

Essa ordem de coisas era vista como parte de uma situação dada, pois cada um deveria saber, de antemão, "o destino que o aguardava", no caso de roubo. Apreende-se aí um outro quadro de referência social para a violência. Todos estes episódios, vistos aqui, caracterizam práticas que devem ser compreendidas na especificidade da zona garimpeira. Uma experiência social, portanto, ambivalente: de um lado, as manifestações *incivilizadas*, representadas pelo *modo de vida garimpeiro*; de outro, o incremento da economia local, o crescimento urbano e um código social dentro de padrões que se pretendem *civilizados*.

Assim é que, desse contexto, surgia Lageado, sobressaindo-se como cidade importante no cenário minerador. Orgulhava-se de sua fisionomia mais organizada e disputava com Poxoréo o título de "capital da zona garimpeira do leste"[14]. Apresentava, para isso, as condições que diferenciavam seu espaço, marcado pelo contraste, simultaneidade e concentração de atividades sociais, delimitando fronteiras, removendo obstáculos e, principalmente, sempre na ordem do discurso, separando o ambiente citadino do "ambiente selvagem". A cidade aparecia aos seus habitantes com uma paisagem irreconhecivelmente alterada: aberta ao progresso.

Ninguém dirá, revendo hoje Lageado que, em cerca de doze anos, das ondulações das serras do leste araguaiano (...) os anseios de progresso de algumas centenas de homens, procedentes dos mais diferentes pontos do território pátrio, fizeram surgir da mata espessa por onde o selvícola errava na arriscada companhia dos animais selvagens, o casario alegre, aberto em largas avenidas e amplas ruas e praças...[15].

---

[13] Descrição que se encontra em RIBEIRO, L. Sabóia. *Op. cit.*, p. 76.

[14] Auto-imagem assumida pelo jornal *O Araguaia*, nº. 98, anno 3. Lageado, 1º de Janeiro de 1934.

[15] *O Araguaia*, nº. 98, anno 3. Lageado, 1º de Janeiro de 1934.

Ora, nessa descrição acentuavam-se as "peculiaridades" de sua localização geográfica, de certa forma, mais resguardada das influências diretas das grandes concentrações garimpeiras, que se encontravam um pouco mais afastadas da cidade[16]. Mas, por outro lado, é bom lembrar que cidades como Poxoréo se promoviam, justamente, por situar-se em pleno centro da exploração mineradora, "onde corria mais dinheiro", abertas ao movimento direto dos garimpos e ao comércio do diamante.

De qualquer modo, diante das transformações que apontavam, associadas à idéia mais geral de uma sociedade melhor estruturada, afirmava-se e intensificava-se a importância comercial e *cultural* de Lageado, que, em 1933, foi elevada à categoria de cidade[17].

Foi preciso reunir em um mesmo lugar negócios, construções mais sólidas, escola, família, igreja, instituições, enfim, que pudessem fazer germinar a identidade de Lageado como núcleo urbano. Prevalecia, sobretudo, a visão de uma urbe mais bem aparelhada materialmente, ressaltando-se seus traços citadinos, valorizando-se ruas e avenidas largas, bairros centrais delimitados (a própria zona de meretrício), construções de alvenaria e com telhados; deploravam-se coberturas de palha e ruas tortuosas, como se via na maioria dos povoados e mesmo em Poxoréo. De fato, fugindo à regra das cidades da mineração, notava-se maior exigência, por parte de seus habitantes por um plano urbanístico que pudesse sobrepujar os interesses individualistas daqueles

---

[16] Apesar de existirem importantes focos de garimpagem nas imediaçoes da cidade, como os do córrego Lageado e os do rio Bandeira. Porém, não compunham grandes polos de atração de garimpeiros, como era o caso das corrutelas vizinhas.

[17] A partir da expansão dos garimpos do Garças, Lageado passou pelas seguintes etapas. De início, fazia parte do novo município de Santa Rita do Araguaia, com território desmembrado do de Registro do Araguaia (Resolução estadual nº. 837, 25 de outubro de 1921) - ver, em anexo, o mapa que traz a delimitação desses antigos municípios; em 1929, outra lei estadual (nº 1023, de 25 de setembro) elevava Lageado à categoria de vila; e, finalmente, o Decreto nº 291, de 02 de agosto de 1933, transfere para a vila de Lageado a sede da comarca e município de Santa Rita do Araguaia. Lageado, em 1944, mudou seu nome para Guiratinga (Garça Branca).

que queriam as acomodações de última hora. Haveria de predominar, diante do caráter incisivo das normas sociais, os interesses da coletividade - afirmava-se constantemente[18].

Mais do que nunca desejava-se vê-la limpa e ordenada, e que seu próprio desenho estampasse civilidade. Por isso é que, quando se fala de seu traçado urbanístico, evocam-se as ligações afetivas de seus primeiros moradores com a cidade:

> Teve uma figura interessante, o Juliano Moreira, que atuou para que o plano urbano de Guiratinga (antiga Lageado) fosse o que é hoje. Ele foi quem primeiro fez o levantamento topográfico da cidade. Foi feito um traçado para a cidade e depois ninguém desobedeceu mais, é por isso que ela é quadradinha mesmo, o centro de Guiratinga é absolutamente quadrado, só tem o Goiás que faz aquela ruazinha torta, no resto, ela é quadradinha. Se chegava gente nova na cidade, ele ia lá, media, cuidava do traçado, e não deixava as pessoas saírem da linha. Cuidava da cidade![19]

Sabe-se que todos os comentários e interferências que visavam ao melhoramento da cidade acabavam por ser derivados de opiniões mais abalizadas. Certamente, pessoas ou grupos de pessoas que já haviam passado por alguma experiência citadina[20]. De todo modo, quando louvavam o plano urbano da cidade, sentiam-se "mais evoluídos", em virtude de posturas e atitudes tomadas em nome de transformações essenciais, assinalando a interferência do homem e sua capacidade de estabelecer um outro tipo de relação com a natureza. Tudo isso refletia a necessidade de formar um ambiente social civilizado.

---

[18] Várias opiniões a esse respeito, encontram-se no jornal *O Araguaia*, pelo ano de 1934. Ver especialmente os nºs 111, 114,124 e 125.

[19] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[20] Pelas entrevistas realizadas, a maioria das pessoas se refere a indivíduos que tinham uma experiência urbana, mesmo considerando cidades pequenas, e que cuidavam do alinhamento das ruas e das edificações, "não deixando que saíssem dos traçados".

Afigurava-se, desse modo, no âmbito do movimento de sedentarização das populações, uma experiência social em que a diversidade do *real* era possível de ser articulada e administrada, a partir de um *lugar*, que emitia ou gerava um conjunto de signos portadores de positividade. Daí falar da cidade em termos de um espaço, por excelência, da mudança e do desenvolvimento - engendrando o ideal de cidade como "agente civilizador", segundo as palavras de Raymond Williams[21]. Além do mais, como esse mesmo autor afirma: "À cidade associou-se a idéia de centro de realizações - de saber, comunicações, luz."[22]

Considerando essa perspectiva, a partir dos diversos significados que se atribui à cidade, era natural que ela aparecesse concentrando atividades variadas. Um *centro religioso e de ensino* (em Lageado e Santa Rita do Araguaia, liderado pelos Salesianos) que recebia os jovens dos povoados e das fazendas circunvizinhas, tratando de "levar educação" àquela população recém chegada, que acabava por se tornar os novos proprietários de terras e do comércio local[23]. Também um *centro de saúde*, com os primeiros médicos instalando-se no lugar, tendo ainda como prática o atendimento domiciliar (partos, primeiros-socorros, etc.) até surgir o hospital, em finais da década de quarenta, além de poder contar também com a atuação de dentistas e farmacêuticos, em grande parte "práticos". Os médicos mais conhecidos ficaram na lembrança da população:

---

[21] Apesar de tratar experiências históricas completamente diferentes da que estudo aqui, destaco a abordagem teórica desse autor no que diz respeito ao significado da cidade "enquanto realidade histórica em transformação - uma forma distinta de civilização". *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. *Op cit.*, p. 388.

[22] *Idem*, p. 11.

[23] Já se levantando vozes, através de artigos no jornal *O Araguaia*, em 1934, a favor também do ensino público.

O Dr. Anibal era querido da cidade, cachaceiro inveterado, bagunceiro, dava tiro pelo meio da rua, fazia escândalo, saía bêbado... adorado pelo povo! Era o médico que ia visitar as famílias meia noite, criancinha doente, amanhecia o dia na beira da cama da pessoa... visitava o doente, passava o dia inteiro percorrendo. Naquele tempo não tinha consultório, não funcionava, o médico é que ia de casa em casa, ao cliente, então, esse doutor era o homem dos pontos de rua... Já o Dr. Celso não, esse era um príncipe, arrumado toda vida, de gravata, chapeuzinho, uma pastinha. Esses eu conheci, são do meu primeiro período em Guiratinga, até 1934[24].

E não deixavam de falar da cidade como um *centro de lazer e cultura,* surgindo iniciativas para a fundação de associações recreativas, para a formação de grupos de teatro, bandas de música e introduzindo a novidade que causava a maior sensação - o cinema. Seu próprio nome, em Lageado, expressão de realidade e ficção, era *Cinema Garimpeiro,* anunciando filmes do cinema mudo: "Varietê", "Escravas do terror", "Metrópoles", entre outros[25]. A banda de música não fugia às regras, era a *Lira Garimpeira,* e que animava festividades em diversos lugarejos vizinhos, conforme anunciava-se no jornal[26]. E, por volta de 1937, ainda aparecerá um grupo de teatro de mulheres, intitulado - *Grupo Amador das Crysallidas* que promovia, além das representações de dramas e comédias, números de canto e poesia[27]. Contudo, as iniciativas culturais mais imponentes eram, de modo claro, lideradas pelo Colégio Salesiano, principalmente com os grupos de teatro, de canto, etc.

E, por fim, a complexidade do novo espaço, aglutinador de forças sócio-econômicas e, simultaneamente, lugar da mobilidade, fazia com que as cidades funcionassem como um *centro de comunicação e informação,* para toda a zona mineradora, destacando-se seus postos de correio e

---

[24] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[25] Informações contidas em *O Araguaia,* ano de 1934.

[26] *Idem.*

os acessos às melhores estradas - a cidade como entroncamento de trajetórias[28]. Vale ressaltar este aspecto, fundamental para a zona garimpeira: a cidade como lugar privilegiado da trajetória dos homens dos garimpos, seja para controle da produção e comercialização, seja como centro de poder sobre a extensa área mineradora; seja ainda como "posto policial", ou área de abastecimento. Mas, o importante é que tudo passa pela cidade: os principais caminhos cruzam-se com ela - "ou nela se chega ou dela se parte", levando-se em conta, também, aquilo que o próprio Paul Virilio considera "a característica vetorial da espécie transumante que nós somos...o "trajetivo", este ser do movimento do aqui até o além..."[29]

Em decorrência dessas características essenciais, que se cristalizaram em torno da cidade, ela era a referência para a organização de um setor de informação especializado - a imprensa escrita - encarregada de noticiar os acontecimentos mais importantes de seu tempo, funcionando, inclusive, como meio de informação sobre o paradeiro de muitos migrantes que para lá se deslocaram (prática muito comum, como, depois, vai fazer o rádio). Veja-se esse anúncio:

Aos páis do norte:

A 'Secção de Informações' recém inaugurada em nosso jornal, autoriza-nos a informar com absoluta precisão, o paradeiro de todo e qualquer filho do norte, domiciliado na zona garimpeira. Assim pois, estamos prontos a satisfazer as informações que nos forem feitas, por carta ou pessoalmente.[30]

---

[27] *O Garimpeiro*, Revista Religiosa e Literária, Lageado; os números consultados em que aparece o grupo de teatro referido correspondem aos anos de 1937-38.

[28] Lembrando aqui as análises de Paul Virilio, para quem a cidade "... não é simplesmente um lugar onde se vive, é acima de tudo uma encruzilhada." (VIRILIO, Paul e LOTRINGER, Sylvere. *Guerra Pura*. São Paulo, Brasiliense, 1984. Citação à página 66.)

[29] *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, ed. 34, 1993, p. 107.

[30] O *Araguaia*, Lageado, 7 de Janeiro de 1934.

Aliás, os órgãos de imprensa escrita assumiam, realmente, um papel de utilidade pública, fundamental para toda a zona do garimpo, mobilizando os interesses mais prementes dos garimpeiros, como por exemplo, as licenças para prospectar diamantes nos lotes requeridos para tal que eram neles publicados.

Portanto, em última análise, a partir dessa configuração da cidade como *centro de realizações*, emergia um novo ordenamento social, enquanto espaço em comum - natural e artificial - que estabelecia limites de território, diferenciações de moradia, de circulação e especialização de atividades. Organizava-se uma cidade: núcleo urbano que se instituía como modelo de vida.

Além disso, não se pode deixar de dizer que a vida da cidade, com tudo girando em torno de seu movimento, "retraçava" e atraía os caminhos para a sua direção: o mundo das fazendas acabava voltando-se para o centro de realização urbana. No caso de Lageado, os grandes fazendeiros, considerados pioneiros na região, já tinham ali seu referencial político e econômico, como os Cajangos, os Carvalhos, os Moraes[31]. Mas, a cidade enxergava o poder em um outro tipo de homem:

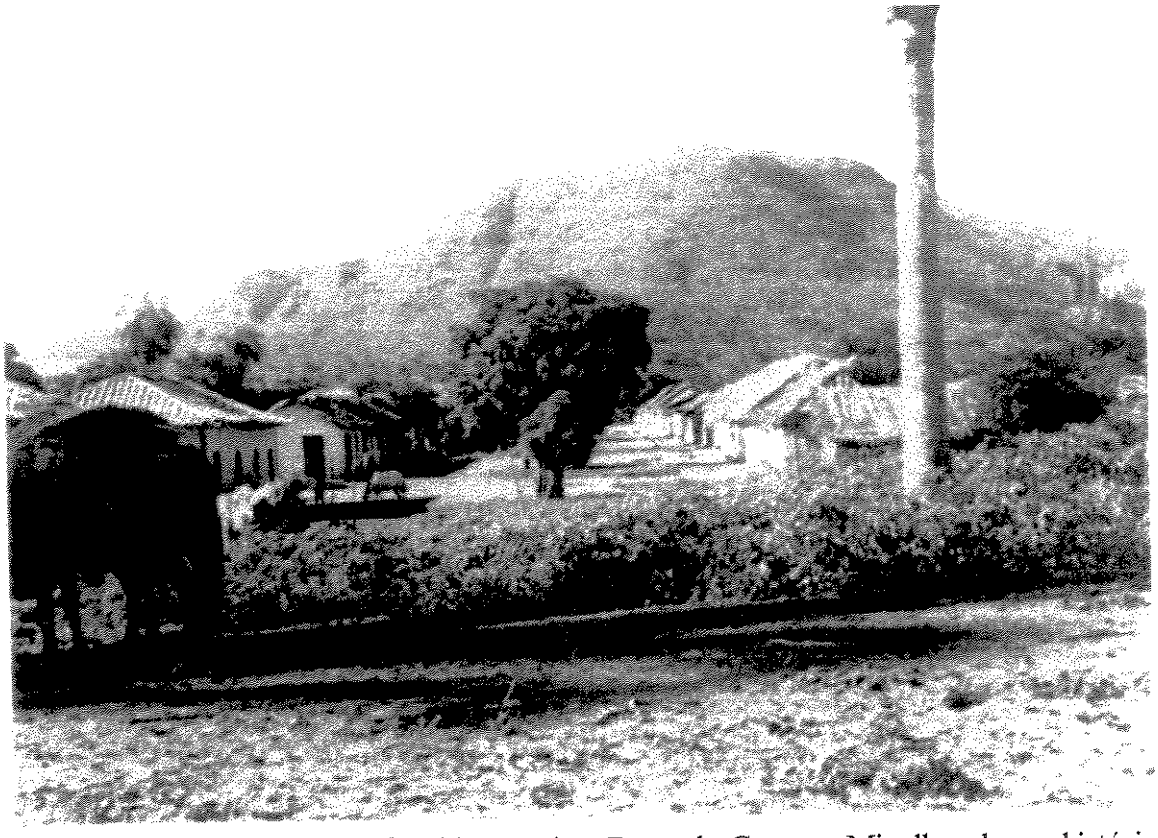
> O certo é que não se falava muito em fazendeiro, apesar de que tinham muito prestígio. Na zona do garimpo, era capangueiro e garimpeiro (além dos vários tipos de comerciantes), estes ficaram na memória da população.[32]

É bem verdade que se trata aí de uma visão em que tudo estava associado às atividades comerciais decorrentes dos garimpos, embora, efetivamente, não se possa falar desses lugares sem

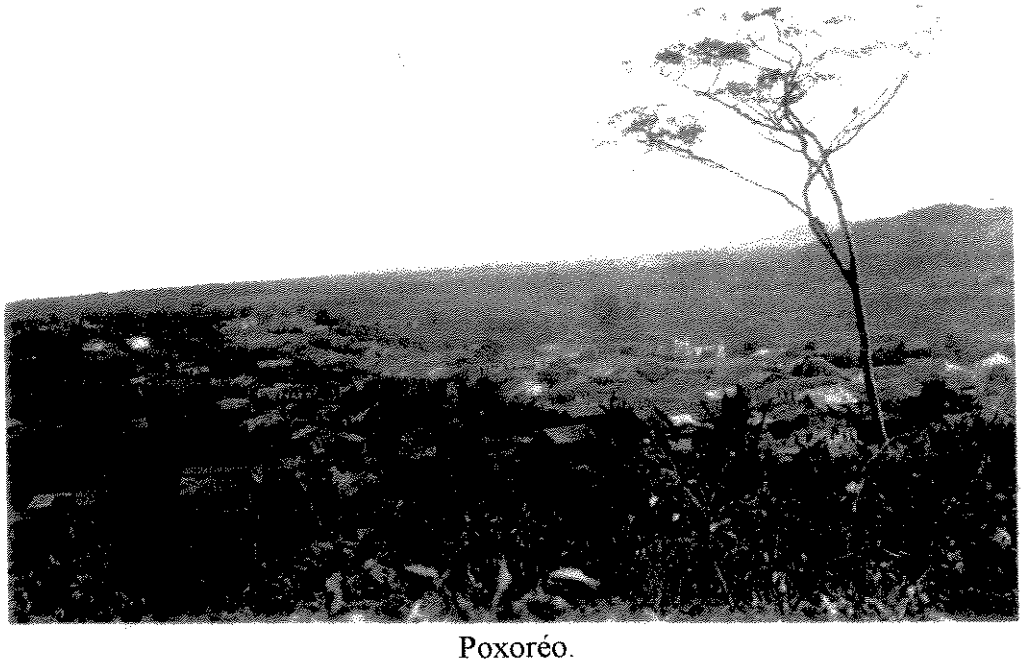
---

[31] Nesse momento, grandes fazendeiros já se estabeleceram nessa zona leste do Estado. O fato é que começavam a fornecer gado para os mercados do centro-sul do país. É bom lembrar que essa área havia sido primeiramente colonizada, ainda que de forma bastante esparsa, por fazendeiros. Em Lageado, o Sr. Augusto Alves é apontado como o mais antigo morador, instalando-se às margens do Lageadinho - "Lageado nasceu de curral de vaca", dizem os seus habitantes.

[32] Depoimento de João Antônio Neto, citado.



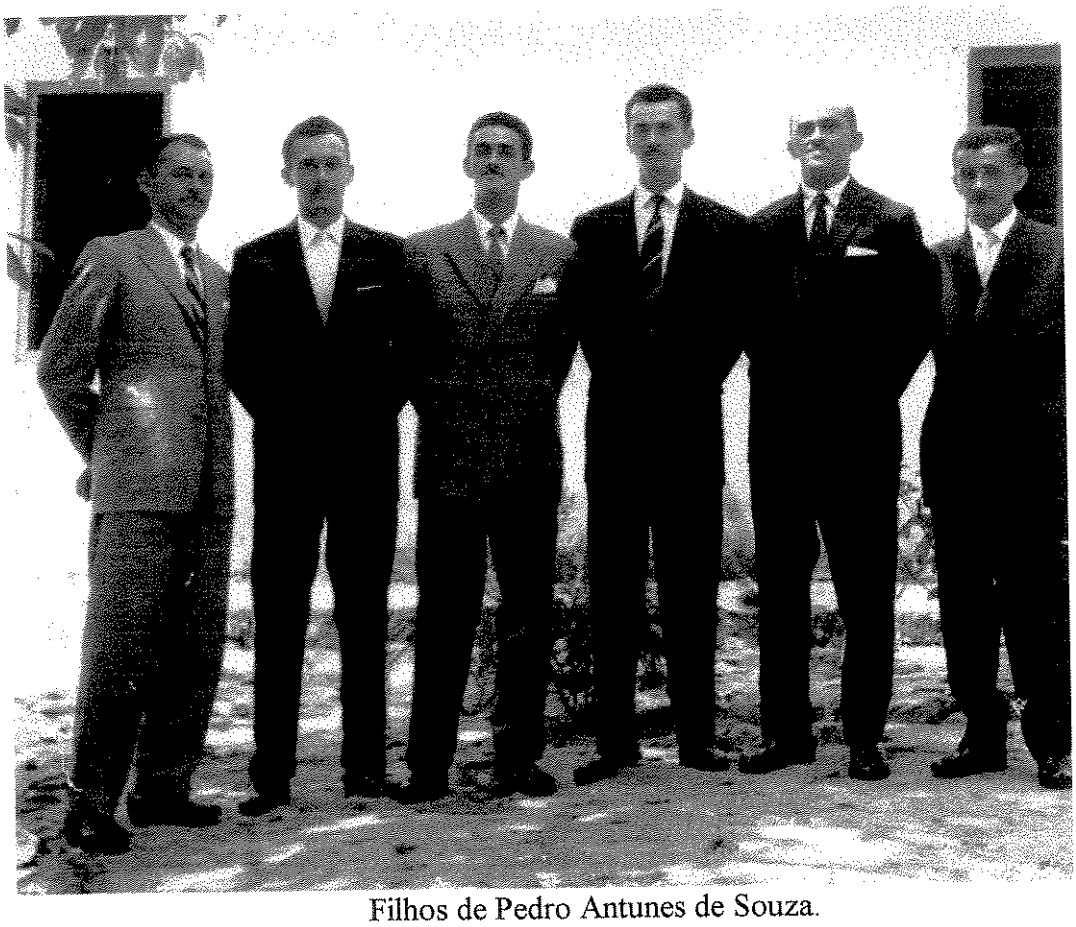
Barra do Garças - 1942. *Apud* Valdon Varjão. Barra do Garças - Migalhas de sua história.



Poxoréo.

Guiratinga - Anos 40.

"A Preferida" - loja de Pedro Antunes de Souza em Tesouro.



Filhos de Pedro Antunes de Souza.

Acima. Praça central de Guiratinga.

Ao centro. Alunas do Ginásio de Guiratinga (à direita Darcy Balbino filha mais nova de Juca Balbino).

Abaixo à esquerda. Praça central de Guiratinga no início dos anos 40.

Abaixo à direita. Foto de Eva Balbino -1947.

se deter nas figuras do capangueiro e do garimpeiro, mesmo considerando a participação, cada vez maior, dos criadores de gado, os fazendeiros, na economia regional.

2.PODER E COMÉRCIO DO DIAMANTE

A memória dos tempos triunfantes dos garimpos subsiste nos traços da cidade, em seus contornos mais sutis, havendo, ainda, nos dias de hoje, a persistência da imagem do garimpeiro e dos compradores de diamantes como figuras determinantes do momento minerador[33]. Não basta diminuir a sua importância, ou dizê-la parte de uma memória factual e personalista. É preciso tentar explicar a persistência de certas imagens e interpretações [34].

O que mais importa caracterizar diante disto, é o fato de que a estas cidades da mineração estão associadas as idéias do dinheiro e do comércio, em sua especificidade histórica, desdobrando-se em uma visão de sistema comercial e político que as articulam; seus habitantes identificam e evocam os acontecimentos que aparecem envolvidos nas tramas comerciais e disputas pelos garimpos. Tempos e imagens de violência.

Por isso, preocupando-me em não incorrer em reduções que poderiam cristalizar a imagem da cidade em arquétipos, abstraindo da enorme diversidade social e histórica apenas as

---

[33] A produção diamantífera, em torno de Lageado, começou a decair sensivelmente desde fins da década de trinta.

[34] Raymond Williams já chamava a atenção para essa questão teórica mais geral: a persistência de certas idéias e imagens"...que conservam sua força acentuada. Esta persistência é tão significativa quanto a grande variedade, social e histórica, das idéias em si." *Op. cit.*, p. 387.

ligações mais visíveis (o comprador de diamante, o garimpeiro...), pretendo tão somente trazer à luz certas práticas comerciais - práticas de poder - que submetiam o mundo do trabalho, nas lavras diamantíferas, a regras determinadas. Pode-se vê-las em sua multiplicidade, nas diversas formas que tomavam; um modo de fazer diferente do outro, mas que coexistiam, somavam-se. Descrevê-las, contudo, parte de uma intenção primeira: explicitar a inserção dessas práticas comerciais no movimento constituidor das aglomerações urbanas, seus apoios, suas bases. Entendendo que tais práticas revelam linhas de força que comandaram e atravessaram o território político dos garimpos, bem como marcaram o imaginário cotidiano das populações.

Encontra-se aí um universo material, recortado por idéias e imagens, que permite trabalhar certos elementos fundamentais, reveladores das principais práticas comerciais que se achavam envolvidas em uma rede de interesses e reciprocidades, próprias do "mundo dos garimpos". Para onde quer que se olhe, não há lugar para atitudes isoladas: os indivíduos encontram-se estabelecidos em núcleos de povoamento (principalmente as pequenas cidades), que recebiam as influências mais diversas dos compradores de diamantes.

Entendo, também, que nessa investigação, pode-se abrir caminho pelos tempos nebulosos do povoamento, levantando dados que tragam uma certa compreensão dos mecanismos de poder, predominantes no surgimento dos garimpos e das cidades, que explicam, de alguma forma, essas formações sociais. Talvez não seja a melhor abordagem - percorrer os meandros dos poderes - mas são deles que falam os habitantes das cidades; são eles a referência para os garimpeiros que os apresentam, através dos relatos[35].

---

[35] Os relatos aos quais me refiro aqui são frutos de entrevistas realizadas com garimpeiros de Guiratinga (antiga Lageado) e Tesouro, entre dezembro de 1992 e março de 1993. Também recolhi dados que apontam nesse sentido em jornais locais (*O Araguaia*, citado; *O Garimpeiro*, citado) e entrevistas com moradores das referidas cidades.

No entanto, diante de um mosaico de opções, escolho narrar *como* os capangueiros aparecem, objetivados nas figuras dos maiores compradores de diamantes da *zona leste garimpeira*. Colocá-los em cena, investigar ou apreender sua prática comercial, uma prática de poder, permite-nos não só visualizar aspectos econômicos e políticos importantes da constituição das cidades, mas, também, destacar da memória celebrativa, a que se encarrega de construir a figura dos *fundadores*, procedimentos e atitudes não tão honrosos como querem fazer crer. E, antes de tudo, faz-se necessário explicar a existência histórica dos capangueiros e retirar-lhes os "amplos drapeados", como diz Paul Veyne, vê-los na nudez de sua prática política. Talvez só assim, a parte oculta possa emergir e revelar: uma espécie de trágica separação entre o garimpeiro e o mundo que, pelo trabalho, ajudou a criar. A sociedade organizada o recusa e o silêncio sobre o qual repousa sua história só é perturbado pelo alvoroço com que falam da sua figura - imagem barulhenta, de homens devassos.

***

Com efeito, em seus poucos anos de história, Lageado, como as demais cidades e povoados dos garimpos, aparece sob a forte influência dos capangueiros[36]. Sabe-se que, ao se tornarem os comerciantes de maior expressão, no âmbito do comércio diamantífero, eram os que organizavam e direcionavam os fluxos de compra e venda das pedras preciosas, aliando-se às firmas

[36] O termo *capangueiro* designa o comprador de diamantes, em larga escala, adquirindo as pedras dos próprios garimpeiros ou de compradores de menor vulto. O nome é derivado de "capanga" - bolsa de couro, usada a tiracolo, na qual eram depositados o dinheiro e os diamantes; estes, normalmente, eram guardados em "picuás", feitos de casca de cipó imbé e nunca em vidros, que pudessem ser corroídos pelo atrito com os diamantes e carbonados. De notar ainda que, com o tempo, os grandes compradores de diamantes eram mais conhecidos como "exportadores", ficando "capangueiro" para uma espécie de segundo escalão.

exportadoras com sede na capital do país, Rio de Janeiro, e, principalmente, tratavam de garantir a exploração diamantífera, promovendo a vinda de homens pobres para toda a zona mineradora. Da mesma forma, manifestavam seus interesses, nessa época, procurando estimular pequenos negociantes e profissionais de todo tipo a seguirem em direção aos núcleos garimpeiros, bem como, investindo na estrutura de povoados e cidades, entrecruzamentos chaves à concentração de capitais. A cidade escolhida como sede de seu comércio seria, antes de tudo, centro e esteio de seu poder. Trata-se de situar agora, no conjunto específico dessas particularidades, tendo em vista a constituição das cidades, o comprador de diamantes.

O DOMÍNIO DO CAPANGUEIRO - O capangueiro que se dirigiu outrora à zona diamantífera, fez sua fortuna e poder no contexto próprio das formações sociais garimpeiras. Sua história se mistura à dos migrantes em geral, e se diferencia em seu trajeto individual, sobressaindo-se no campo de domínio restrito dos compradores de diamantes. Em Lageado, os mais importantes, de quem mais se falou, foram Antônio Pires[37] e seu sócio, Jovino Lopes, como ainda, Pedro Ferreira, baianos, que, no início da década de vinte, já se encontravam em atividade na zona de mineração. É muito conhecida e apregoada a habilidade dos capangueiros na avaliação das pedras preciosas, mostrando-se capazes de distinguir as peculiaridades comuns aos diamantes de cada área do *leste* (qualidade, coloração, tamanho), condição que era tida como imprescindível para o sucesso de qualquer comerciante do ramo.

Porém, é no conjunto das práticas comerciais (pelo menos, em um primeiro momento, sem laços com a propriedade da terra) que se deve explicar o seu aparecimento. Não só teve ele que se destacar na compra e venda do diamante e na arte de avaliar as pedras preciosas, como,

[37] Que também passou por Conceição do Araguaia, Estado do Pará.

principalmente, teve que se articular em um jogo complexo de alianças políticas, no território minado dos garimpos. Ou seja, não existe crescimento econômico de nenhum comprador de diamante sem os apoios políticos correspondentes. Ou seja, ainda, o "coronel dos garimpos", como serão conhecidos os mais importantes capangueiros, não é um tipo de homem que surge pela sua grandeza pessoal - um *objeto natural* - dotado de qualidades fenomenais, como quiseram fazer crer eles próprios e outros que deles vão se ocupar (principalmente, na historiografia tradicional mato-grossense). Trata-se de compreender, antes de qualquer coisa, que o "coronel" é o resultado de práticas determinadas, pois "...cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde (...) não há objetos naturais, não há coisas. As coisas, os objetos não são senão os correlatos das práticas."[38] Assim sendo, "os capangueiros foram os homens feitos pelo diamante", como a própria memória coletiva guarda muito bem.

No entanto, o capangueiro ao assumir a liderança do comércio do diamante - dividido em zonas de influência - sabe bem que tal liderança é expressão de um quadro de poder, compreendendo muito mais uma situação estratégica, em que acaba por prevalecer seu domínio[39]. Ora, os capangueiros nunca foram "donos" desse poder nas zonas garimpeiras, a todo momento conquistaram-no: romperam com o poder de um comprador aqui; mas perderam do próximo ali e, outras vezes, aliaram-se a uns e outros. As notícias que se têm de muitos deles, principalmente do período inicial do povoamento, confirmam esse quadro instável e trazem várias informações, de "chefes" que venceram e morreram, daqueles que foram à bancarrota e/ou saíram "fugidos" da

---

[38] VEYNE, Paul M., *Foucault Revoluciona a História*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, p. 163.

[39] Aqui é preciso trabalhar com a concepção de poder, enquanto relação de forças, e como diz Foucault: "... que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter...". *Vigiar e punir*. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Editora Vozes, 1977, p. 29.

região. É uma história que aparece marcada por relações de força como, por exemplo, de Daniel de Lima, um dos primeiros a negociar no vale do Garças, que teve seu poder desbaratado por Cândido Soares Filho - apelidado de Candinho[40] - famoso nesses garimpos. Diz-se que Cândido Soares Filho, quando teve de enfrentar Daniel de Lima, logo tratou de buscar jagunços dos bandos de chefões do sertão baiano.

Não é demais dizer que, admitindo-se tal fato, a Bahia chegava a funcionar, diante dessa situação, como uma espécie de "reservatório de homens pobres" para a zona diamantífera do leste mato-grossense: trabalhadores para os garimpos - mão-de-obra farta; e jagunços - formados nas disputas entre chefes políticos do sertão. Circunstâncias estas que revelam um tipo de violência que se exerce sobre as populações pobres.

Certamente foi no âmbito dessa história, de disputa pelo domínio dos garimpos, que os principais capangueiros se afirmaram na zona do leste. E o cel. Antônio Pires, de Lageado, por exemplo, só ganhou notoriedade nas localidades mineradoras do vale do Garças, na década de vinte, quando se apropriou do território que antes era de Cândido Soares e impôs seu poder[41].

Nessa época as áreas dos garimpos foram consideradas pontos nevrálgicos de insubmissão e passaram a exigir, da parte dos governos estaduais, condutas especiais que implicavam composições e alianças complexas com os poderes locais (devendo ser explicado, também, pelo contexto mais geral da estrutura política do país). Como exemplo desse tipo de situação, em

---

[40] Que depois se tornou um dos homens de confiança de cel. Engenheiro José Morbeck, que, até 1925, chefiava toda a zona diamantífera do leste mato-grossense.

[41] Não se têm dados para acompanhar esse seu percurso, em termos de sobrepor-se a Cândido Soares Filho. Pude constatar, pelo menos, que assinou um importante documento - pela autonomia dos garimpos - que marcava a liderança maior do cel. Morbeck, em 1925, sobre todo o leste, demonstrando que já se sentava à mesa, num jogo de alianças, com os principais coronéis. Mais à frente, farei referência a este documento. *Cf* CORRÊA FILHO, Virgílio. À cata de ouro e diamante. *Op. cit.*

meados da década de vinte, pode-se citar a própria criação da Liga Garimpeira (1925), pelos coronéis Morbeck, Carvalinho, Ondino Rodrigues Lima, Antônio Pires e outros, que impôs condições políticas ao governo estadual, com ata e manifesto remetido ao mesmo, constando de seis cláusulas, as quais determinavam ..."Fica o Governo obrigado..." que todas as suas ações no leste, estivessem em conformidade com as decisões tomadas pelo coronel Morbeck, como nomeação de chefes de polícia, agentes fiscais e coletores, e todo cargo que exigisse confiança[42]. Ao que tudo indica, Morbeck (que assina Engenheiro Agrônomo José Morbeck) foi o relator dessa ata, datada de 22 de fevereiro de 1925. Essa Liga marcou, de forma incontestável, o seu poder, por toda a zona dos garimpos do Araguaia, do Garças e até mesmo de Poxoréo. Porém, logo em seguida à formação da Liga, o poder de José Morbeck foi desbaratado, a partir da "guerra armada" entre ele e Carvalinho - "guerra de coronéis" - sofrendo a interferência direta e indireta do governo estadual. Mas, nesse jogo político, restaram ainda, daí por diante, os outros coronéis em seus domínios (mesmo os que haviam assinado a famosa Ata), mais delimitados por zona, e, mesmo, com maior observância à autoridade do Estado (sem porém, quebrar com as relações clientelistas que haviam estabelecido).

Nesse território político, empregando mecanismos chaves no controle do comércio diamantífero, é que desponta o "coronel dos garimpos", o capangueiro, infiltrando-se por toda a zona garimpeira. Aí, conduzia, como principal estratégia, a montagem de uma rede de pequenos compradores, que se estendia pelas áreas de mineração - os *faisqueiros* ou *agentes* - seus fornecedores diretos. Sabe-se que a prática predominante era a que consistia em distribuir dinheiro - contos de réis - entre seus agentes, com as seguintes ordens: - "vão comprar diamante!" A partir desse

---

[42] Termos da reunião, realizada em Cassununga, registrada em Ata de 22 de fevereiro, de 1925. Apud CORRÊA FILHO, Virgílio. *À cata de ouro e diamantes*, *op. cit.*

instante os faisqueiros montavam em seus cavalos e saiam a comprar diamante por todo lado, realizando negócios diretamente com os garimpeiros (que já se encontravam previamente comprometidos com certos capangueiros).

Nessa época, para todas as transações de compra e venda, entre capangueiros, agentes e garimpeiros, os procedimentos também seguiam a regra dos garimpos, posto que não havia recibos, duplicatas, ou qualquer outro tipo de documento formal. Ora, é comum os garimpeiros contarem que muitas de suas vendas eram anotadas em qualquer pedaço de papel ("de embrulho"), e que "aquilo valia como assinatura em cartório"[43]. O garimpo - todos deixam claro - tem suas próprias leis, e, se não são escritas, estão mais fortemente enraizadas nos costumes.

Contudo, de acordo com o funcionamento desse poder, que se vê instaurado na zona garimpeira, formalmente e "de direito", somente os principais titulares podiam fechar as transações comerciais mais importantes: eram, naturalmente, os que ditavam o preço dos diamantes, ao nível local, mesmo levando-se em conta que esse preço era controlado, em última instância, pelo comércio internacional.

Tais estratagemas parecem constituir as formas principais pelas quais a produção diamantífera fugia a qualquer regulamentação e era como que drenada para os principais compradores de diamantes do leste mato-grossense. Estes formavam, depois, segundo as regras do percurso, os lotes de diamantes que eram remetidos (contrabandeados em sua maior parte) para o funil dos maiores exportadores, em conexão com o mercado internacional.

Mas, verifica-se que os capangueiros, a fim de garantir maiores lucros, procuravam sempre forçar o preço para baixo e envolver garimpeiros e faisqueiros em um jogo de negócios tal

---

[43] Depoimento de um garimpeiro da área diamantina de Tesouro (vale do Garças), Sr Antônio de Souza Dantas, apenas como exemplo, pois este testemunho é reforçado por todos aqueles que vivenciaram a experiência dos garimpos. Pesquisa de campo, Tesouro, março de 1993.

que, muitas vezes, uma pedra chegava a perder quase todo o seu valor. Chamava-se a esse processo de "queima do diamante"[44], isto é, um capangueiro, ao receber uma pedra de maior valor, supervalorizava a mercadoria para, em seguida, dizer que não poderia comprá-la, indicando outro comprador; este logo avaliava a pedra oferecendo um preço bem menor; o garimpeiro não aceitava essa oferta, como era de se esperar, e voltava ao primeiro comprador, que não mais mantinha o preço dado inicialmente. Acontecia de os garimpeiros chegarem a fazer esse mesmo percurso - num vai-e-vem entre os principais compradores - por diversas vezes. O problema principal era o vazamento das informações; os capangueiros sabiam, de antemão, que um garimpeiro havia descoberto uma pedra valiosa e combinavam entre si a sua desvalorização, ou a impunham. Invertia-se todo o negócio e a pedra grande não tinha mais nenhum valor, relativo ao preço dado anteriormente (chegando a cair 70%, 80%). Por isso, além dos faisqueiros, que apareciam sempre inconformados por não possuírem os instrumentos próprios para entrar nos negócios, de forma livre, ou independente, os próprios garimpeiros, por mais que efetuassem grandes vendas, continuavam sempre pobres, destituídos de poder de enfrentamento junto aos meios econômicos dominantes:

> "... e se eles não comprassem quem é que ia comprar? O garimpeiro ia vender o diamante no Rio de Janeiro? Não ia, não tinha condições de jeito nenhum!"[45]

Este é um ponto de vista que expõe as regras latentes da vida quotidiana dos garimpos. Pois, neste caso, em que se examina a prática de compra e venda do diamante, conforme a dinâmica própria dos núcleos mineradores, os garimpeiros, sem outras condições de se contraporem a tal

---

[44] O diamante "queimado" transformava-se em *buzo*, coisa sem valor.

[45] Fala de um garimpeiro de Tesouro, entrevista de março de 1993.

situação, passavam a viver de acordo com essas regras, considerando impensáveis outras formas de comércio. Tal prática deve ser analisada, portanto, no interior do movimento organizador da realidade social ou cultural que se constitui, compreendendo as relações que se estabelecem e as respectivas regras sociais. E, em contrapartida, a imagem que se exterioriza, ou ressalta, aos olhos do observador, é a de uma mão-de-obra que mais representa uma *força bruta de trabalho*, e que, nas lavras, pedras e homens não se diferenciam muito: mercadorias sem lapidação...

Talvez por essa razão, para o imenso contingente dos garimpeiros anônimos, espalhados pelas margens e pelas profundezas dos rios, não tivesse sentido "trabalhar mais" sem se tornar um "esbanjador descontrolado" - no dizer de muitos -, entregando-se "aos prazeres do jogo, do dinheiro e das mulheres": "...por maior que fosse a venda, eram sempre pobres". Essa, sem dúvida, a lei que se evidenciava nos garimpos.

Mas, na verdade, o que se apresentava e imperava era o "monopólio comercial" dos maiores compradores, aliados às firmas exportadoras, ditado pelo poder do dinheiro. Quem tinha mais, dominava mais... diziam os garimpeiros, entendendo-se, é claro, que, nesta dinâmica, os instrumentos produtores de riqueza faziam parte da engrenagem da produção de poder, exibidos nos vários procedimentos adotados pelos capangueiros.

Estes homens não só não permitiam a venda de diamantes sem a sua mediação, mas também se utilizavam de outras práticas vizinhas, mais comuns, como financiar empreitadas para a exploração de lavras e equipamentos (mesmo os mais rudimentares), emprestar dinheiro e tornar-se, na realidade, credores de faisqueiros e garimpeiros, exigindo, destes últimos, fidelidade e compromisso.

Lévy-Strauss, em passagem pela zona garimpeira do leste, no início dos anos trinta, observou este tipo de relação entre o "chefe de bando", como ele denomina, e os homens sob sua dependência:

"Estão, portanto, organizados em bandos, cada um destes comandados por um chefe, que ostenta o título de "capitão" ou "engenheiro"; este deve dispor de capitais, para armar os seus homens, equipá-los com material indispensável - baldes de ferro estanhado para içar o cascalho, peneira, gamela, por vezes também capacete de escafandro, permitindo a descida aos abismos, e bomba de ar -, por fim e sobretudo, para os abastecer regularmente. Em troca disto, o homem compromete-se a não vender os seus achados senão aos compradores acreditados (estes próprios em ligação com as grandes empresas de lapidação holandesas ou inglesas) e a partilhar os seus lucros com o seu chefe".[46]

Nessas condições, pode-se perceber que, para a montagem dessa organização de poder, exigia-se capital, homens armados, agilidade e controle de informações, resultando em influências e alianças com outros "chefes de bando", os quais demarcavam territórios próprios, assegurando o "direito" de comércio do diamante.

E mais, ainda, quando se sabe que, diferentemente do que poderia ocorrer com um pequeno negociante, o capangueiro não controlava apenas uma área restrita, ou até mesmo uma cidade; mas, seu controle se dava através da formação de uma rede que abrangia povoados e cidades. Em uma propaganda da firma de Antônio Pires verifica-se esse entrelaçamento, para a compra e venda de diamante, montado entre as localidades do interior do leste de Mato Grosso (Lageado, Poxoréo, Alcantilado, Bonito, Tesouro, Cassununga), de Goiás (Baliza e Mineiros), de Minas (Uberlândia) e Bahia (Jalapão), instalando escritórios nessas praças comerciais, atrelados ao grande mercado exportador[47]. De fato, os compradores de diamantes estabeleciam múltiplas

[46] *Tristes Trópicos. Op. cit.*, p. 204. Convém esclarecer que, o "título" que os *chefes* mais importantes ostentavam era o de "coronel".

[47] Da firma PIRES & LOPES (*O Garimpeiro*, Lageado, 15 de outubro de 1937).

relações comerciais em um campo social mais abrangente, demarcando um conjunto de posições estratégicas que lhes asseguravam poder no ramo específico.

A CIDADE E O PODER DO DIAMANTE - Toda essa rede de negócios, vista em sua amplitude, só podia adquirir força se ancorada em bases que funcionavam nas cidades, ou através delas. Isto se explica: nas ramificações da textura urbana, o "coronel" instalava e exercitava o seu poder de diversas formas. Ali centralizava suas finanças, a partir do funcionamento *de escritórios chaves*, que conduziam o comércio do diamante, emprestavam dinheiro a juro, bem como financiavam inúmeros negócios que abriam a seus favorecidos. Além disso, também destacavam-se como proprietários das casas comerciais mais importantes[48].

A julgar pelos seus atos, pela sua vida prática, os capangueiros apareciam aos habitantes locais investidos de grande autoridade, mesmo no que concerne à violência arbitrária. Isto nos leva a outro ponto: as relações pessoais, conexões de influências que estabeleciam com a população local. A começar pela formação de toda uma rede de auxílios mútuos, de compadrios, e mesmo de "recrutamentos" de garimpeiros, a se estender por entre grupos de homens e famílias que se deslocavam para as zonas mineradoras. Logo que se projetou nas áreas dos garimpos, o cel. Antônio Pires, mais precisamente, procurou atrair antigos conhecidos, homens ligados a certas "profissões da cidade", como dentistas, professores e negociantes. Foi a sua vez, em 1930, de prestar ajuda ao seu antigo compadre, Pedro Antunes de Souza:

"Chegamos a Lageado em 1930 e meu pai estava em dificuldades econômicas. Foi então ajudado pelo Antônio Pires. Este havia sido parceiro de comércio do papai, em Couto de

[48] Nos jornais da cidade de Lageado, principalmente em *O Araguaia*, encontram-se inúmeras propagandas das lojas dos principais compradores de diamantes.

Magalhães; parece mesmo que meu pai é que tinha patrocinado sua saída da Bahia, chamando-o para aquela cidade. Mas com certeza, o senhor Pires foi quem deu mão forte ao meu pai, quando da sua ida para Lageado, retribuindo assim, antigas ajudas que meu pai lhe prestara. Com a sua ajuda o papai montou uma boa loja, em Lageado. Eles tinham vindo da mesma região, sertão da Bahia, ele da famosa Barra do São Francisco e papai de Jaguarari. Na década de 30, Pires já era o principal comprador de diamante da zona do Garças"[49].

Percebe-se, por entre essas relações, um tipo de ligação que é, antes de mais nada, um investimento social de grande valia para os compradores de diamantes, principalmente considerando que não se restringia a garimpeiros ou a faisqueiros, mas procurava envolver outras categorias sociais, fixadas na ordem urbana.

Este foi o caso também do Sr. Berorocã, para quem, como "dentista prático", a ajuda de Antônio Pires foi considerada imprescindível. Vejamos o seu depoimento:

"Chegando aqui, tinha o Antônio Pires, dono da firma Pires & Lopes, que era compadre do papai e muito amigo da mamãe. Quando fui aprender a profissão, em Araguari, Minas Gerais, ele falou: - "Olha comadre, se o menino aprender a profissão, eu arrumo ou vendo um gabinete, um consultório pra ele!"[50]

Isto ocorreu em 1927, enquanto ainda morava com seus pais em Alto Araguaia. Depois de "aprender a profissão" em Araguari "com um dentista muito famoso", ficando por lá uns seis anos, voltou para Mato Grosso para exercer a profissão, mas não teve sorte. Depois de algumas tentativas, a primeira, em Barra do Garças fazendo sociedade com uma dentista que ficara viúva e "gastava o dinheirinho que a gente fazia em festa no fim-de-semana"; e, a segunda, em Baliza, com

[49] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[50] Sr. Berorocã Figueira, citado.

um velho dentista que "bebia o dinheiro todinho!", voltou-se, então, para pedir a Antônio Pires que cumprisse sua promessa, indo a Lageado:

"Falei: - Sr. Pires, o senhor fez essa promessa e eu estou sem o consultório, se o senhor quiser me comprar o consultório, eu vou aceitar. Então ele me respondeu: - "Deu certo, porque eu tenho um consultório em Remanso, na Bahia, que é de um parente meu, mas que só tá bebendo pinga e nunca me pagou. Eu vou lhe trazer um consultório, volta pra Baliza e no tempo que o consultório chegar, mando lhe chamar! E o consultório chegou, justamente. Mandou-me avisar. Vim aí, no dia 07 de junho de 33, assinei o primeiro documento pra ele; uma promissória com reserva de domínio pra pagar o consultório conforme fosse produzindo, um consultório americano especial! Trabalhei muito, muito. Tudo quanto foi fazenda aqui dessa beira do Araguaia, Baliza, Barra do Garças, Ponte Branca, esse meião aqui todo... entre Lageado e as diversas fazendas. Esse pessoal todo conheceu o meu trabalho! Levei quase três anos pra pagar esses três contos e oitocentos, quase três anos!"[51]

Este relato, além de trazer detalhes sobre esse tipo de transação e forma de pagamento, sobre o tempo de trabalho que levou para pagar o consultório - quase três anos de trabalho ininterrupto, rodando pelas fazendas, corrutelas e pequenas cidades do leste - também acaba por evidenciar toda uma rede de influência, que se estendia até o interior da Bahia. Mesmo a um tempo enorme, meses, para se mandar buscar o consultório, "americano", Antônio Pires acionava os seus comandos. A Bahia, assim, novamente, tornava-se mais próxima.

Por outro lado, deve-se levar em conta, nessas relações de compadrio, as obrigações que os beneficiados tinham a cumprir, um sistema que se impunha pela troca de favores, "consideração com os compadres", mesmo que criando situações delicadas e dificeis:

"Eu mesmo, no meu tempo de estudante, levei a capanga do Pires para o Rio de Janeiro, dentro da cueca, num bolsinho falso. "O filho do compadre Pedro Antunes tinha que levar o diamante para o Pires!" Doze dias de viagem sofrendo o diabo, sem dormir direito, sem trocar cueca, sem nada... com um bolsinho cheio de diamante, costuradinho dentro de um saquinho

[51] Relato do Sr. Berorocã Figueira.

especial. Uma vez, eu me aventurei perguntar ao Pires qual era, mais ou menos, o valor daquilo que eu tinha levado e respondeu-me: 1.200 contos. Uma fortuna de 1.200 contos... Uma fortuna! Tudo contrabandeado."[52]

Nessa época, em que viviam estimulando tais condutas, movendo-se de um lado a outro pela cidade, os "coronéis" eram vistos interferindo, a todo momento, na vida quotidiana dos habitantes da cidade. Determinavam, aliás, as alianças partidárias, que chegavam às raias do *fanatismo* (os Interventores, já na década de trinta, tiravam proveito das máquinas políticas locais, assim como estas, também, buscavam projeção junto ao poder do Estado[53]). O certo é que detinham o domínio do comércio do diamante: referência de poder para a população local.

Sendo assim, não se pode perder de vista as representações de poder das quais são portadores e compunham sua prática política. Primavam pela imagem-espetáculo. O poder de mando, neste aspecto, expressava-se de diversas formas. Por exemplo, junto à polícia, chegavam a determinar prisões e solturas, liberação de armas, pressionando e cooptando uns e outros: tudo muito alardeado. Faziam questão da palavra como legitimação de poder. Uma arma apreendida no garimpo pela polícia e sua respectiva liberação sob a palavra do coronel Antônio Pires, em Lageado, significava a manifestação da *sua ordem*, ou ainda, do coronel Jovino Lopes. Pombas já havia conhecido o poderio de Reginaldo de Melo. Em Poxoréo tinha muita expressão o coronel Manoel Silva (depois assassinado em Cuiabá pelo "Mão Branca", um bandido famoso daquela região), e, ainda, também lá, contava-se com a força do "judeu", Guilherme Grunwald; em Tesouro era o coronel Carlindo Lino de Souza; em Cassununga, Quincas Laborão; em Alto Araguaia, o coronel Ondino Rodrigues Lima tinha seu espaço garantido, aliado aos Hugueney.

---

[52] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[53] Em Lageado, aparece no periodico local *O Araguaia* (15 de outubro de 1934), uma foto do Interventor do Estado junto a Antônio Pires e outras personalidades locais.

Apresentavam-se como os homens fortes, da política, da economia: benfeitores da sociedade que se formava. Nada mais natural que fossem identificados com aqueles que promoviam o aparelhamento material e humano da cidade, entendendo-se também que isto era o ponto de partida para o seu desenvolvimento:

Foi Antônio Pires que prestou ajuda a negociantes (como meu pai), que trouxe dentistas, professores, o colégio das freiras, e a maioria da gente desse lugar, esvaziando pequenas cidades da Bahia... Ia convidando esses baianos de lá, trazendo os conhecidos pra essas cidadezinhas esparramadas pelas beiras do Araguaia e do Garças. Foi ele que povoou a cidade. Pode ver, todos aqueles baianos que estão lá dentro, todos vieram a convite de Sr. Pires. Guiratinga, a antiga Lageado, deveria render uma homenagem a este homem! Desfazer uma ingratidão. Pelo menos nome de rua!"[54]

Certamente, o interesse do grande comprador de diamante estava longe das afeições descomprometidas. A cidade dependia de seus investimentos, mas eles lhes deviam muito: sabiam bem que ali estava a base de seus negócios e que dali ampliava-se sua influência e poder. Precisavam desse tipo de organização mais bem ordenada para as cidades, algo mais sólido, mais visível, mais concreto, em oposição à fluidez das aglomerações garimpeiras. O capangueiro, nesse tempo, já tomava "feição de exportador", ocupando sempre muito espaço na imprensa local, como a figura de grande proeminência, visto como "...o capitalista (...) um trabalhador incansável em prol do desenvolvimento da florescente Lageado"[55].

O principal aqui, é observar que através desse fio estendido, das trajetórias individuais, reconhece-se, também, formas pelas quais se dava visibilidade às diferenciações sociais. No

---

[54] Entrevista com D. Didi Antunes, em Cuiabá, abril de 1993.

[55] *O Araguaia* (Lageado, 21 de janeiro de 1934), referência a Antônio Pires. Observe-se que, por essa época, os capangueiros deixavam de ser assim chamados, substituindo essa denominação por "exportadores" ou "capitalistas".

garimpo, o capangueiro sentava-se à mesa com o garimpeiro; na cidade, dele se afastava, a não ser estritamente para realizar negócios, ou para fazer valer sua força, livrando-o de alguma enrascada, como "gente sua". Mas o garimpeiro, na cidade, não fazia parte da sua classe social: era preciso que o grande comerciante - "o capitalista" - se representasse em certas regras sociais.

Nesse tipo de sociedade, em que se elege a cidade como "centro de realizações", do ponto de vista do desejo de civilização, apoiando-se em múltiplos procedimentos que visam o melhoramento do "novo espaço social", o garimpeiro pobre era a grande figura excluída. Passa a ser visto como parte de um ambiente que o degenera; de doenças físicas e morais, pois mais parece carregar consigo a marca de tudo que é efêmero: era preciso separá-lo dos meios de convivência social considerados saudáveis.

E é isso que ocorrerá. Ao mesmo tempo que sofria toda a crítica moral da sociedade constituída, por ser um "homem que vivia na zona", era encorajado a permanecer em seus recintos, pois assim não se corria o risco de velo misturado às "boas famílias". Mas, não se pode esquecer que isso sofre algumas variações. Nas corrutelas e pequenos povoados, o tratamento dado ao garimpeiro é diferente, por motivos óbvios (a população é predominantemente formada por eles); mas nas pequenas cidades, como é o caso de Lageado, o preconceito é enorme, intimidador, chegando até mesmo a ser vetada sua presença em bailes, pelas "moças de família"[56].

Aquele mundo já fazia suas próprias generalizações a respeito de "modo de ser" do garimpeiro: sujo, pobre, perigoso, que não se dobrava a um comportamento mais civilizado. As notícias mais burlescas eram as de que chegavam a praticar tiro ao alvo com as pequenas pedras brilhantes, de menor valor (xibio), e buscavam ansiosamente os bordéis - prazer e morte. Além do

---

[56] Conforme relato de uma das moradoras de Lageado. Matéria de entrevista: pesquisa de campo, em Guiratinga, fevereiro de 1993.

fato de ser identificado no âmbito de um universo supersticioso que, de antemão, o desqualifica, estimulando-o a maiores gastos (devia-se gastar tudo para que a sorte não o abandonasse no amanhã), o garimpeiro também era associado à comemorações ou festejos sempre muito "estrondosos", representativos do "mundo da barbárie".

A esse respeito, faz-se necessário uma interrupção e uma análise dessas afirmações. Parece-me que se deve levar em consideração que há um mundo comercial envolvido com a constituição das áreas de mineração, não só com a compra e venda das pedras preciosas, mas, com a própria subsistência dos garimpeiros. Pois, como já foi visto mais atrás, seguindo o rastro dos garimpeiros, logo imediatamente apareciam os mascates, tropeiros e negociantes de todo tipo, com casas comerciais instalando-se nos núcleos mais promissores. E, sobretudo, os garimpeiros faziam parte de um mundo em que predominavam os estímulos comerciais, associados às referências simbólicas, num entrelaçamento entre ordem simbólica e ordem comercial: vivendo sob um jogo de verdades que determinavam as suas "maneiras de ser". Centrando-se nessa produção de identidade, o próprio garimpeiro interioriza essa representação, mostrando-se como alguém que precisa ostentar o seu ganho: a aparência de poder nas roupas, nas armas, nas companhias das mulheres, aparece ligada ao seu destino ou à sorte, como também faz parte do jogo, chorar a falta de fortuna ao lado de alguma mulher, em um *fecha-nunca* de qualquer corrutela. Também interioriza o mal e a brutalidade, vendo-se a si e a seus pares como homens rudes, talvez "relegados aos infernos", como aparecem nas cantorias (em que mulher de garimpeiro só pode ser prostituta).

Deve-se submeter à análise crítica este estatuto da superstição do garimpeiro, aliado ao seu "caráter esbanjador" e "desordeiro". Na realidade, pode-se encontrar aí uma certa inversão da ordem, não sem ambigüidades, é verdade, mas reveladora de uma outra lógica, que, para a sociedade instituída, aparece sob o invólucro da superstição. Devemos estar atentos a certos

pontos: à abundância de prazer contrapõe-se a falta de alimentos, de melhores condições de trabalho, de suporte afetivo nas áreas de trabalho duro. As mulheres, as bebidas, a idéia do dinheiro para o prazer, o riso solto, a coragem e o poder constituem um mundo de regras e hierarquias, próprias do garimpeiro, compreendendo também suas crenças e toda uma ordem simbólica, que não podem ser descoladas das suas condições de produção. O garimpeiro sempre crê que alguma sina, boa ou má, o acompanha na labuta de todo dia - havendo uma alternância entre o *bamburro*[57] e o blefe, e a vida constituindo-se, dessa forma, numa espécie de *roda da fortuna*; além do que "gasta-se hoje para que a sorte não o desampare amanhã..." E até o próprio ouro é desprezado, associado a algum mal obscuro (idéias de riqueza e fatalidade), podendo impedir o aparecimento do diamante[58].

A sociedade instituída faz a leitura desse universo do garimpeiro, impondo-lhe sua visão lógica, *civilizada*: ele é sinônimo de atraso - homem rude, supersticioso, violento, perigoso, enfim, inadaptável. Assim, essas *verdades*, construídas a partir de múltiplas coerções, num regime de poder próprio a cada sociedade, aparecem quase sempre associadas aos trabalhadores pobres, como se surgissem da "natureza" mesma das coisas, destituindo-as de fundamento histórico. Explicitam uma ordem de poder que se inscreve sobre o corpo do outro[59].

---

[57] Encontro de alguma pedra por acaso; riqueza; sorte-grande.

[58] Lévy-Strauss também assinala em suas anotações o medo do garimpeiro que "...tinha o *azar* de recolher ouro nas gamelas..." constituindo-se em mau presságio e que "... a única solução era atirá-lo imediatamente para a corrente..." *Tristes trópicos. Op. cit.*, p. 206.

[59] A esse respeito, ver, a nível teórico mais geral, CERTEAU, Michel de - "Escritas e Histórias" *in A escrita da história. Op. Cit,* pp. 13-27. E, ainda, examinar o t rabalho de Antônio Cândido - *Os Parceiros do Rio Bonito* (*3. Ed.* São Paulo, Duas Cidades, 1975), que apesar das diferenças de objeto e realidade histórica, submete à análise crítica o estatuto de homem preguiçoso e indolente, atribuído aos lavradores, em uma economia de subsistência.

Todavia, estabelecendo-se classificações, fixando-se identidades (a prática do poder que se exerce sobre os corpos dos indivíduos), na cidade tudo se passava de forma muito diferente quando se tratava dos comerciantes bem estabelecidos, reafirmando sua posição de "fundadores". Eram vistos como verdadeiros *agentes do progresso*, bem informados, "homens viajados" que traziam as novidades para esses lugarejos encravados no interior do Estado. Anos depois, mais pela década de quarenta em diante, quando outras práticas começaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, como ouvir o rádio, foram os grandes comerciantes que primeiro tiveram acesso às inovações tecnológicas, principalmente, no caso do rádio, em função da fixação de preço do diamante. Eram eles, "os capitalistas", que chegavam de avião ("teco-teco"), promovendo uma série de exibições em sua chegada, sobrevoando a cidade, pousando nos pequenos aeroportos... E, depois, suas mulheres, portando o vestuário da "última moda", recebiam flores com direito a pose, exemplo de refinamento e boas maneiras[60]. Além disso, foram os primeiros, também, a possuir os automóveis "Fords", acontecendo muitas vezes, quando chegavam de alguma longa viagem, de várias pessoas irem recepcioná-los (sinal de distinção), ainda a alguns quilômetros da cidade:

"...com foguetório e saudação gratulatórias, acompanhamento de cavalhada e outros meios de locomoção..."[61]

Tudo indica, resta a destacar, que esses comerciantes passaram a ter um poder maior de circulação e, portanto, de controle, pelos domínios das terras de garimpos, principalmente quando não mais era preciso se deslocar a cavalo, de um lado a outro, mas a contar com o avião e outros meios de locomoção mais eficientes. Eram os que podiam entrar e sair desse território, quando

---

[60] Baseando-me no relato de D. Maricota Figueira Balbino, moradora antiga das cidades de Tesouro e Guiratinga, nas décadas de trinta, quarenta e cinquenta. Entrevista realizada em Cuiabá, junho de 1993.

[61] *Idem*.

Casa do comprador de diamantes Pedro Ferreira - Lageado.

D. Coracy, esposa de Pedro Ferreira.

Casa Ferreira - Lageado.

quisessem. Por isso, as influências da "cidade grande" chegavam com eles, como todo tipo de novidade, e até mesmo na alimentação e nos comportamentos. Tenho exemplo de um comerciante de Poxoréo que usava, invariavelmente, pelos "tempos modernos", seu chapéu ao modo de Humphrey Bogart (Casablanca)[62]. Apesar de que o rádio, nesse sentido, tinha um peso determinante.

É bom que se diga que, de lá para cá, principalmente após a década de trinta, as cidades garimpeiras viverão sob o império do rádio. Nesses espaços sociais, os moradores sabem da cotação do dólar, do mais pobre ao mais rico, visando o preço do diamante. O rádio, assim, passou a determinar atitudes e comportamentos da população (que tinha formas, bastante precárias, de comunicação com o mundo exterior), a influenciar, na verdade, um tipo de *gosto popular*, como, por exemplo, as novelas e a música. A música sertaneja, dizem eles, não fazia muito sucesso nesses lugarejos, "a melhor" é a que vinha da "cidade grande" e do estrangeiro[63].

Mas não se pode perder de vista que, mesmo após a década de cinqüenta, a situação dos capangueiros (os "exportadores") apesar de não mais corresponder com a do "coronel" dos primeiros tempos, prosseguia sendo, contudo, a de homens que continuavam a ter decisiva influência política, ligados fanaticamente aos partidos políticos, como a UDN, PSD, PTB, e utilizando a violência, sempre quando julgassem preciso, de acordo com a sua ótica (inúmeros casos de assassinatos são descritos, como de vinganças, perseguições a juizes, a advogados, casos de prefeitos que ganharam eleições e não assumiram, etc.).

---

[62] Relatos de moradores de Poxoréo. Destaco, principalmente, os depoimentos da família Menezes, ligada ao comércio do diamante.

[63] *Idem.*

Entretanto, continuaram sendo apontados como negociantes empreendedores, exibindo-se como personalidades imprescindíveis para o desenvolvimento regional. Aqui como antes, na verdade, justificam seu comportamento pelo interesse em um tipo de organização social que possa assegurar estabilidade política e econômica para as novas áreas em expansão, procurando negar o intenso sentido de tudo aquilo que aparece de forma provisória e passageira, como no passado - marcado por um cenário de ranchos inteiramente de palhas, ou de "tábuas de querosene". Uma sociedade mais civilizada, com outro padrão de comportamento e costumes - almeja-se - haverá de tomar lugar nessa terra, que um dia já abrigou, como descrevem, um "bando de deserdados".

3.IMPRENSA E IMAGEM CITADINA

A cidade, portanto, aparecia elevando-se acima do *patamar* das meras aglomerações, frágeis e inconstantes, trazendo a certeza de que ali se construía uma sociedade organizada, voltada para o futuro. Os projetos de transformação e *melhoramento* do espaço urbano, assim como os ideais de representação estética, alimentavam essa expectativa em seus habitantes e traziam não só sinais de progresso social, ligado ao dinheiro e poder do diamante, mas de uma mudança relacionada aos costumes. Mas, o que importa assinalar é que as idéias que envolvem este mundo, desdobram-se em outras, como é próprio da sua natureza, trazendo uma multiplicidade de imagens, pois segundo Deleuze: "...o que se poderia chamar de Idéias são essas instâncias que se efetuam ora nas imagens, ora nas funções, ora nos conceitos. O que efetua a Idéia é o signo (...) Os signos são

as imagens consideradas do ponto de vista de sua composição e de sua gênese".[64] E nessa perspectiva, o que se quer afirmar é que os signos emitidos seriam de uma outra natureza se não estivessem nascendo de um lugar especial: a cidade. Isto é, dinheiro, diamante, garimpeiro, comerciante, gente que chega, construções, só adquiriam o significado que lhe davam, funcionando nesse *espaço socialmente organizado*, em que seus habitantes *faziam* dele o lugar que queriam para morar, ou que projetavam para tal. Assim é que a imagem de prosperidade se fundia com a imagem da cidade *planejada, administrada, limpa* e, principalmente, valorizada segundo o ideal de *embelezamento arquitetônico* - como diziam - correspondendo a um modelo social. É a referência que se tinha para contrapor-se à imagem de selvageria ou barbárie; para definir-se enquanto sociedade que caminhava na *rota da civilização*[65].

Desse modo, é que se pode dar destaque ao papel da imprensa funcionando como instrumento de civilidade. Nesses termos, sua característica marcante era a preocupação constante em utilizar uma linguagem que estivesse envolvida com a elaboração de uma imagem citadina (opondo, desde já, a cidade ao "campo" e aos núcleos meramente garimpeiros). Para isso, logo tratava de produzir uma visão de conjunto da cidade e de seus habitantes, objetivando, no final das contas, chamar os homens a assumirem uma conduta cotidiana comum a todos (ou um modelo dela) e a participarem do esforço civilizatório.

Assim, ao veicular textos que tinham a intenção de noticiar os "fatos importantes" da cidade, do seu Estado e, mesmo, do país e "do mundo", fazia questão de mostrar-se bem informada,

---

[64] *Conversações* - 1972-1990. *Op cit.*, p. 83.

[65] Norbert Elias assinala que dois elementos estão manifestos no termo *civilização*: a idéia de que "ela constitui um contraconceito geral a outro estágio da sociedade, a barbárie", e, também, a idéia de que a civilização "não é apenas um estado, mas um processo que deve prosseguir". *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994, p. 62.

a par de toda novidade que pudesse estar ocorrendo, querendo demonstrar, pois, plena autoridade para emitir opiniões e conselhos aos seus leitores. O essencial, nesse aspecto, é que esses textos apareciam sempre acompanhados por outros, que vinham com o claro propósito de formar indivíduos mais de acordo com a idéia de um padrão de moral e costumes, isto é, refinamento das maneiras, melhor trato social, mudança de comportamento em público, a educação, respeito às normas políticas e tudo o que se aproximava dessas idéias[66]. Reconhece-se aí, o interesse em divulgar a idéia da importância de "ser civilizado", orientando um tipo de comportamento que mais convinha a um habitante da cidade, ou seja, uma postura citadina.

O certo é que a imprensa, indicadora dessa experiência urbana, prescrevendo maneiras especiais de viver, participava insistentemente da construção de uma realidade histórica que abraçava a idéia de permanência, abolindo qualquer noção que pressupusesse instabilidade, ou seja, acabava por ser um mecanismo de poder que produzia essa realidade como tal - o fato urbano. Difundia, através de seus artigos, um conjunto de regras voltado para orientar e normatizar a vida cotidiana na cidade, a favor da convivência familiar, abominando a desordem na zona de garimpo. E mais: representava uma voz de imperativo histórico, produzindo a idéia de um saber localizado na cidade, o qual detinha a inteligibilidade do passado e de tudo aquilo que deveria ser pensado para o futuro, corrigindo erros e acenando para posturas ideais e racionais (uma maneira de articular as contradições perceptíveis).

Talvez fosse importante o fato de que o jornal era um instrumento "noticioso" (como eles diziam) para ser lido também nos povoados ou corrutelas, próximos às cidades que podiam dispor de uma imprensa, como Lageado e Poxoréo. No caso de *O Araguaia* (Lageado), existia uma lista

---

[66] Norbert Elias destaca essas noções, tão caras à concepção de "um tipo mais elevado de sociedade". *Op. Cit.*

de assinantes, divulgada por ele mesmo, que demonstrava sua circulação, ainda que fossem poucos os exemplares, em todas as principais corrutelas da zona diamantífera, como faziam questão de anunciar:

"O nosso jornal vem seqüentemente recebendo do dedicado, operoso e altivo povo garimpeiro as mais enequivocas provas de sympathia, e com cada qual, operario, commerciante, nas cidades, nas vilas, nos povoados, nas barracas vizinhas as grupiaras, vê-se 'O Araguaya' como elemento indispensável á vida intellectual da região"[67].

Por outro lado, comunicavam-se com milhares de redes informais, pois as notícias iam sendo repassadas para todos aqueles que não sabiam ler - organizando-se assim um circuito de informações. Na verdade, o alcance de suas matérias, com opiniões e orientações, era relativamente grande, porque, como já foi dito, circulavam juntamente com informações que diziam respeito diretamente à vida dos garimpeiros.

Mas, toda a montagem dessa rede de comunicação permitia, e isso é o que mais importa, a expansão de um modelo de moradia, de convivência e conduta social a partir da cidade - considerada esta a mais importante (expressão de seu poder regional) - para povoados e corrutelas.

Assim, através de alguns textos dos órgãos da imprensa local, privilegiados para a análise, pretendo levar em conta o que me parece indicativo de regras de civilidade, tanto no campo que se distingue como técnico-material - ordenamento do meio ambiente, decorrentes de noções de infra-estrutura -, quanto na ordem dos comportamentos - a partir de noções que compõem a idéia de uma "moralidade urbana". Porém, é essencial chamar a atenção para o seguinte ponto, tendo em vista os interesses já delimitados aqui: ao utilizar a imprensa escrita, preocupo-me em fazer emergir os seus textos, no movimento mesmo de sua formação, como um discurso que se constitui e se

[67] *O Araguaia*, nº. 115, ano 3. Lageado, 5 de agosto de 1934.

confunde com o movimento de organização da cidade, com as suas instituições básicas (da ordem pública e familiar). Isto é, a intenção é perceber a imbricação do discurso veiculado pela imprensa no processo de constituição mesma da cidade.

Portanto, é inegável que, no sentido de impulsionar as mudanças no espaço da cidade, requeridas na ordem das prioridades para o seu "desenvolvimento e progresso", a imprensa a expunha ao debate, incitando seus habitantes a interferir em sua realidade material. Isto ocorria sempre que se levantavam os problemas da cidade, como a falta d'água (distribuição de água), ou a questão da água potável (saúde pública) - que atingia a todos; mas, também, quando se apontava o problema da limpeza e o conserto das ruas; ou quando anunciavam certas exigências na área de planejamento habitacional.

Em 1934, *O Araguaia*, em uma matéria intitulada "Rumo ao Progresso", envolvendo a cidade com um discurso que retoma o princípio fundador - bandeirante -, e que, por isso, "reclama medidas as mais precipitadas, como tudo que se forma de um salto", justificando a falta de planejamento inicial, elencou uma série de "melhoramentos" que o novo prefeito de Lageado empreendera, em resposta às demandas coletivas - "escutando o sentir do nosso povo":

> Modelou um bairro, o de Higienópolis, de modo a que, em pleno leste de Mato Grosso, podessemos espairecer as vistas no ambito da sua situação topographica, tão bella quanto salutar.
> Curou de valetas, com o fito de resguardar o serviço já feito, o de protecção aos atêrros das ruas, mais ou menos niveladas e em condições de, com pouca despesa relativamente fazer-se o abaulamento e sargeteamento das ruas.
> Empreendeu o concerto do banheiro público, fazendo-o de novo e pensamos que supriu perfeitamente a sua falta.
> Limpou o rego d'água que abastece o commercio, tomando providencias para dentro de pouco melhorar esse serviço a contento do desejo de todos, a uma voz.
> De começo, mostrou carinho por nossas vias de transporte, mantendo até o momento, turma de reparação nas estradas rodoviárias ..."[68]

---

[68] *O Araguaia*, Lageado, 14 de Janeiro de 1934.

Assim a cidade espera que a prefeitura assuma o seu papel, nas questões de administração pública: construção de novos bairros, operações de limpeza e manutenção de ruas e, especialmente, operacionalização do serviço de abastecimento d'água. Mas, não se pode perder de vista que qualquer projeto de intervenção no espaço da cidade aparecia justificado pela exigência de uma organização racional, que vinha sempre associada à idéia de "civilização em andamento", a qual deveria orientar a prática do poder público e possibilitar, no modo de ver da população, a real transformação do ambiente citadino.

Mas, no caso das cidades da zona mineradora, nem tudo vinha a contento. Faltavam verbas, os custos eram altos e várias melhorias tinham que partir mesmo do interesse de comerciantes e garimpeiros abastados. Haveriam, certamente, de funcionar certos expedientes, na prática cotidiana da pequena cidade, mais de acordo com seus próprios recursos... O conserto do *banheiro público*, por exemplo, era uma das providências mais úteis para a cidade, que não contava com uma rede de encanamentos para a distribuição de água. Isto criava uma situação singular:

> O banheiro público localizava-se no Córrego das Lavadeiras, de águas muito azuladas, fluindo sob espessa e robusta mata, mas que já se acabou inteiramente; esse córrego corria de oeste para o leste e passava pelos fundos do colégio das irmãs. A construção do banheiro era uma armação de tábuas, para vedar seus usuários dos olhares indiscretos, com uma bica de agua cristalina e fria, que também servia para beber. O espetáculo mais comum, era o de várias pessoas passarem pela rua de toalha ao ombro, de manhã e à tarde, para o banho do banheiro público. As mulheres também tinham seu lugar de banho. Ficava no mesmo local onde se lavavam roupas[69].

Por um lado, pode-se pensar que nada mais distante do mundo civilizado significava essa situação aqui representada pelo cortejo público ao banho de todo dia, já que o bom comportamento das pessoas em sociedade deve seguir as normas adequadas para o aparecer em público, aconselhando-se o recolhimento desse tipo de prática para o seio da intimidade, ainda mais se se

[69] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

tratar de situações que possam estimular ou provocar atitudes promíscuas e outros "atentados à moral". Buscar água nas fontes - em praças ou em qualquer outro lugar público - por exemplo, foi objeto de todo um discurso disciplinar que orientava as pessoas a se conduzirem de acordo com a moralidade pública. O banho foi deslocado para a *casa de família*, território da privacidade, modelo de vida civilizada. Mas, por outro lado, não se pode deixar de salientar, que as bicas e os banheiros públicos também faziam parte de toda uma "iniciação higiênica" que essas cidades do interior, voltadas para a idéia de civilidade, promoviam, antes do domínio por completo dos sistemas de encanamentos. Nada mais dasabonador do que a sujeira. As roupas deveriam ser trocadas após o trabalho, e todos deviam recolher-se "limpos" para o abrigo do lar.

Portanto, para a organização do espaço coletivo, segundo critérios de higiene e princípios morais do bem viver, resguardando, principalmente, a população das doenças, a água era tida como o maior problema para a cidade do garimpo. A sua distribuição - ainda em regos, bicas - exigia cuidados especiais, devido aos transtornos que a garimpagem dos córregos principais ocasionava. Em torno desse ponto aglutinava-se um verdadeiro clamor público:

"Cidade sem água é cidade fadada a decadência. Lageado deve tê-la em abundância, de boa qualidade, não como atualmente, escassa e menos pura. A vida, a saúde de sua população assim o exigem"[70].

E em outros números do mesmo jornal, as reclamações se avolumavam. Apontavam para a possibilidade de fornecimento de água potável pelo córrego Lageado, que era completamente inaproveitável, devido às condições da garimpagem em suas cabeceiras[71].

---

[70] *O Araguaia*, 23 de setembro de 1934.

[71] *Idem*, 30 de setembro de 1934.

Numa série de reportagens, intituladas "O que nos falta" o jornal ampliava a rede de problemas e fazia uma verdadeira campanha para que se pudesse intervir no espaço da cidade e se apresentassem soluções, relacionando prioridades:

"São eles: o do abastecimento d'água; o do fornecimento de luz e energia electricas; o do embellezamento e arborização das ruas; o da fiscalização dos generos alimentícios"[72].

O problema do abastecimento de água aparece associado, como era de se esperar, à questão da saúde pública. Por instalar-se em zona de garimpo, o abastecimento de água passa a ser o veículo de discussão das condições de degradação do ambiente, revelando as ambigüidades desse tipo de sociedade: a fonte de riqueza visível era o diamante, porém nessa superfície em que cintilava o diamante, a água suja, poluída, no ato da sua exploração, colocava em causa a própria viabilidade social de seu *habitat*. No entanto, a questão passa a ser problematizada ao nível da administração pública, que deve ter para si o encargo de racionalizar a exploração garimpeira e permitir a utilização da água pela população - os interesses coletivos sobrepondo-se aos privados.

Surgiram várias oposições quanto a medidas de restrição à mineração, no córrego Lageado, pois, sabe-se pelo próprio jornal que, através das concessões de licença para uso de garimpagem nos arredores da cidade, quem ocupava essas áreas eram os garimpeiros mais pobres, pressionados, agora, a deslocarem-se. Além do que, o discurso de degradação do ambiente é distante da maioria dessa população, com o agravante de que a todo momento estavam a chegar novas levas de migrantes para garimpar. Procuravam, de fato, o *Eldorado* das minas de diamantes, improvisando moradias em ranchos e acampamentos, seguindo para os locais de garimpos

---

[72] *Idem*, 23 de Setembro de 1934.

O certo é que aparece uma série de exigências para a organização do espaço urbano, a partir de uma área de povoamento pelo garimpo. No plano da cidade, obrigava-se a população a observar os espaçamentos entre as edificações e as ruas e, da mesma forma, as fachadas deveriam ser de alvenaria e as coberturas de telhas, proibindo-se os depreciados ranchos de palha (representação estética). E, é bom que se diga, a transformação desse espaço se tornava mais complexa, pois não somente se evidenciava um aumento da população, mas também um crescimento da cidade em extensão, verificando-se a ampliação de seu mercado, com uma maior circulação de mercadorias. Tudo justificava, na ótica da população, uma intervenção racional dos poderes administrativos, para, desse modo, formar-se um meio de convivência social propício a desenvolver novos hábitos. Assim, a noção de *ambiente saudável* inseria-se na de ordenamento espacial.

Diante disso, a moradia passava a ser objeto de discussão pública: apresentavam-se propostas de intervenção no espaço da cidade, aliadas às questões de saúde pública. Moradia e embelezamento (fala-se de arborização) também vêm associadas à idéia de uma melhor circulação nas ruas, para garantir o seu funcionamento, e, principalmente, interferir decididamente nos amontoamentos de migrantes que vinham para os garimpos. Não foi por outra razão que a Prefeitura lançou mão de decreto para forçar os habitantes da "cidade do garimpo" a mudar sua "cara de rancho", e a providenciar, com urgência, a troca da cobertura das casas, de palhas por telhas, além do espaçamento entre as casas e as ruas, delimitando-os com muros ou grades[73].

---

[73] Prefeitura Municipal de Lageado. Decreto N. 10.

"O Cidadão Manoel Cruz, Prefeito Municipal de Lageado, Estado de Matto Grosso, etc., etc.

Usando das attribuições que a lei lhe confére, e

Considerando que Lageado é séde de Municipio e Comarca de Santa Rita do Araguaya, e que o esforço de sua população o vem collocando nos planos das conquistas condiscentes com a sua cultura e o seu progresso;

Aqueles que não tivessem condições em arcar com tais custos, que se mudassem, liberando os espaços, afastando-se da área central.

Da mesma maneira, sob esses referenciais, era dada atenção especial a certos lugares tidos como proliferadores de doenças: as moradias pobres - de palhas - ranchos de garimpeiros, e as casas de prostituição, ambientes associados entre si, "deformadores de indivíduos". Daí a necessidade de fixar lugares e delimitar os espaços, principalmente procurando estabelecer fronteiras entre o que era considerado conveniente ao desenvolvimento da cidade e o que se apresentava como não sendo.

É perceptível que, ao lado de uma visão que aponta o espaço urbano pela construção de ruas e "largas avenidas", a moral que emana do ordenamento das cidades exprime também uma assepsia dos costumes, tendo por base a moradia em seu sentido mais amplo, constituidora do lugar da família (o lar).

E assim, mesmo que de forma rudimentar, a cidade esforçava-se por se arrumar, se ajeitar, mexer em suas edificações e organizar também o seu comércio de gêneros alimentícios. Ainda em 1934, iniciam-se as obras do mercado público, motivo de orgulho:

Sem procurarmos encarecer a grandeza da iniciativa que a população na sua marcha pelo progresso reclama como um imperativo de suas necessidades, temos a satisfação de fazer sciente aos nossos leitores que pelo Prefeito Municipal foram iniciados, nesta semana os serviços do

---

Considerando que as administrações anteriores pouco ou quasi nada cuidaram do embelezamento architectonico da cidade;

Considerando que urge serem melhoradas as suas principaes avenidas e ruas como o reducto central e ponto de maior movimento de população:

DECRETA

Art. 1. - Ficam os moradores das avenidas 1, 2 e 4 e ruas transversaes, obrigados a effectuarem na frente de suas habitações, muros de tijolos, inteiriços ou parciaes (com grades de madeiras ou de ferro), e aquelles que as ainda tenham cobertas de palhas, fazerem-no cobertas de telhas, dentro dos prazos seguintes (...)"

E daí por diante passará a discriminar os prazos para as mudanças exigidas.

Mercado Publico. A construcção está localizada no largo denominado do Mercado, no bairro Goyas (...)

É uma obra de arte, que virá falar, por certo da capacidade de trabalho (...)[74]

A formação de um centro de abastecimento organizado era visto, como uma das soluções mais importantes para a higienização do espaço público. Em entrevistas realizadas com fazendeiros que levavam gêneros alimentícios para vender nas cidades e povoados dos garimpos, foi dito que faziam ponto em vários lugares da cidade, com seus carros de bois, abarrotados de mercadorias - carne seca, doces, aguardente, etc.[75]

Mas a questão é que, confrontando-se com elementos diversos, a "cidade do garimpo" deparava-se cotidianamente com situações complicadas de enfrentar. Formada por uma "população migrante", originária de tantas outras buscas pelos sertões (como foi o caso da borracha e de outras experiências em áreas de garimpos), esforçava-se por desenvolver, em seus habitantes, hábitos e comportamentos condizentes com outro padrão de vida, mas continuamente via-se "atrasada", para não dizer, "sem costumes", "do mato", "pobre", e, principalmente, "indisciplinada". Ainda mais que, essa população pobre continuava a chegar a todo momento, pondo em risco os já estabelecidos. Pelo próprio jornal (*O Araguaia*) aparecem a todo momento notícias de abertura de novas frentes de garimpos, vistos produtivamente[76].

---

[74] *O Araguaia*, Lageado, 8 de Julho de 1934.

[75] Destaco o relato do Sr. Goiano que saia de Mineiros/GO, com três carros de bois, e ia vender em Lageado e em outros povoados de garimpos, nos anos trinta .Citado

[76] Notícias como essas são comuns: "Procedentes da Bahia acabam de chegar para os garimpos de Alcantilado, Burity e Cafelândia dez famílias... comitiva em número de 160 pesssoas. Esses immigrantes, que fogem á sêcca do norte da Bahia, vêm para a região do Garças, fazendo penosa jornada a cavallo e a pé..." (*O Araguaia*, nº 112, Lageado, 15 de julho de 1934).

Mas, por outro lado, à proliferação de novas áreas - aumento de população - se fazia corresponder a "evidência" de um maior progresso. Estavam dadas irrevogavelmente as condições para essa nova realidade, restando à população se organizar - educar-se, a fim de garantir o "verdadeiro desenvolvimento".

Devido a isso, clamava-se, a todo momento, pela intervenção dos poderes públicos a fim de modificar e interferir na estrutura da cidade. Nessa ótica, novas práticas sociais, novas formas de moradia, buscavam transformar o "ambiente de garimpeiros" em um ambiente citadino. Além do mais, a cidade passava a ser representativa de um *padrão de moral* "mais adiantado" - em toda a zona garimpeira. Esse discurso, que assinalava o papel construtivo da cidade, estava impregnado das noções de progresso, querendo, assim, mais do nunca, sobrepujar a ameaça que podia representar o "mundo dos garimpeiros".

Evidentemente, a essa tarefa de regular e interferir no corpo da cidade, investindo nas concepções de saúde, de higiene, assim como nas maneiras de morar, nas condições de existência, enfim, vêm juntar-se ou se articulam outros mecanismos normativos e corretivos.

A cidade não só trata de oferecer e conceber um espaço, segundo concepções de "organização racional" - infra-estrutura básica, energia elétrica, estética, deslocamentos viáveis, rejeitando o que não é tratável - mas, de maneira incisiva, procurava orientar práticas de conduta morais, saneadoras, às famílias e seus jovens, prevendo uma *vida saudável*, um todo produtivo - "corpo e alma". Assim é que aparecem no jornal os artigos dedicados à educação sexual:

O silencio sexual é um crime

Pelo Dr. José de Albuquerque
(Serviço Especial do Circulo Brasileiro de Educação Sexual)

Os paes que silenciarem a respeito da questão sexual com seus filhos, commetterão um delicto e delicto grave, pois a elles, mais que a ninguém, compete zelar pela felicidade futura, dos seres de cuja vida foram autores.

Não será digno de ser chamado PAE pelo seu filho, o homem que por falso pudor, deixai-o ingressar ás cegas na estrada tortuosa da vida sexual, quando em suas mãos estavam os meios de afastar do seu percurso as pedras em que o filho porventura pudesse tropeçar, cahir, e de queda em queda, ser levado aos abysmos mais profundos.

Tal pae, não poderá ser considerado senão, como o algoz, embora que inconsciente, de seu próprio filho.

Uma das principaes finalidades da campanha em prol da educação sexual, que *ora se realiza no Brasil*, é fazer com que os paes comprehendam o alto papel que lhes cabe na educação sexual de seus filhos, para que dessa forma, não se vejam de futuro, soffrendo a dor moral de um crime, que praticaram por ignorancia inconscientemente.

Não pequeno é o numero de paes, que ao verem seus filhos acommettidos de doenças venereas, teem a sua consciencia despertada e então sentem-se culpados, considerando-se co-autores da desgraça de seus filhos."

"Silenciar a respeito da *questão sexual*", "embora que inconsciente", configurava o crime maior. E a família não poderia esquivar-se do exercício da "verdade" sobre o "sexo", que orienta as relações entre adultos e crianças e as relações familiares (autorizado pela ciência médica). A *produção do discurso verdadeiro sobre o sexo*, lembrando as análises de Michel Foucault, necessita de sua matéria prima: a fala. A sociedade burguesa, condenando o segredo (mas que, por outro lado, não deixa também de ordenar o que se deve silenciar), incita a falar, falar de si (a difusão da confissão), e a procurar na "sexualidade" de cada um a decifração do ser - condição de acesso a sua inteligibilidade, ao seu corpo e a sua identidade[77].

Dessa forma, os artigos sobre "educação sexual" que aparecem na cidadezinha vêm corroborar o desejo dos "grupos instruídos" de orientar a população, principalmente as famílias

[77] FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade, I: A vontade de saber. Op cit.*

constituídas, para uma moral dos comportamentos tidos como mais esclarecidos, ou civilizados. Isto é, através desse ponto de fixação - "o sexo" - ordenava-se toda uma produção de verdade, sobre a qual apoiavam-se normas e procedimentos disciplinares que procuravam formar os indivíduos, sujeitando-os a uma ordem moral[78]. Além do mais, falar "de sexo" era coisa de gente instruída, moderna, liberada; e, sobretudo, quem assinava os artigos era um especialista da área médica, da "cidade grande", do Rio de Janeiro...

Apresentava-se irrefutável, diante de tais estímulos e considerações, a necessidade de uma orientação sexual adequada, principalmente para os jovens, dos quais os pais deveriam ser os guardiães, se não quisessem levar para si a culpa pela "miséria irreversível" de seus filhos, quando não a sua morte. Porém, como pôde ser visto, a "questão sexual" aqui é tratada, primeiramente, como problema de saúde - aliada às doenças venéreas - mas que, de qualquer maneira acabava por trazer, implícita e explicitamente, os problemas dos *desvios* e *anomalias*, além das *práticas individuais indevidas* (principalmente o onanismo). Mas, é bom assinalar, esse discurso médico era muito oportuno, como instrumento pedagógico para os jovens da nova sociedade, pelos grupos locais, pois nas áreas dos garimpos o problema da doença sexualmente transmissível - declarava-se - era aterrador, como o caso da sífilis (não se esquecendo que isso ainda se constituía em controle da população masculina, procurando afastá-la do "mundo garimpeiro", ou de tudo que ele significava - desordem, mulheres, pobreza e doença).

Mas "o sexo", como algo comum a homens e mulheres, ambos sujeitos a todo um espectro de doenças - uma rede de causalidade sexual - trazia sempre, nessa perspectiva, riscos

---

[78] Não é demais reafirmar que estou operando aqui com a relação desse discurso (privilegiando os textos veiculados pela imprensa) e as práticas comuns de educação dos comportamentos morais, o que não significa uma população disciplinada ou atenta a todos os procedimentos disciplinadores. Muito pelo contrário, as resistências são enormes, e formas de viver muito próprias são engendradas (e que também, nem por isso, encontram-se "fora" de normas e regras voltadas para sujeição dos indivíduos).

ilimitados. Por isso era mesmo necessário que se esclarecesse também as moças sobre os perigos a que estavam sujeitas:

Educação sexual das moças

Pelo Dr. José de Albuquerque
(Serviço especial "Circulo Brasileiro de Educação Sexual)

Não são poucos os que pensam que sómente o indivíduo do sexo masculino, deve ser esclarecido a respeito dos problemas que se prendem á vida sexual, ao se installar a puberdade, e que tal tarefa no sexo feminino, só é opportuna, por ocasião do casamento, isto é, na época em que julgam ser aquella sua vida genital.

Tal conceito é erroneo, sob muitos pontos de vista. A puberdade acarreta para a mulher como para o homem, uma série de modificações no organismo: assim é que funcções até então para ambos completamente desconhecidas, apparecem de inopinado; profundas modificações do caracter, se manifestam e novas inclinações e appetites surgem, fazendo-os participar de uma psychologia em tudo por tudo differente da verificada até aquella época.

Os perigos que decorrem da entrada do indivíduo, às cegas, nessa nova phase da vida, se encontram tanto do lado de um como de outro sexo.

Si os homens podem ser victimas de sua ignorancia, igualmente as moças o podem ser, porque os perigos existem de parte a parte e em tão grande proporção num, como em outro sexo.

O aparecimento da menstruação, cujo significado as moças desconhecem, supondo-a dependente de alguma enfermidade, e fonte de enormes damnos para seu organismo, damnos esses, que as levam por vezes, a doenças gravissimas e a morte, quando procuram por meio de abluções frias, encobri-lo das mães.

As moças, que ouvindo a voz do seu sexo, cedem às suas inclinações e appetites, sem conhecer das suas consequencias, acabam muitas vezes se desgraçando para o futuro.

E, se não houvessem outros maleficios, que não cabem ser relatados num ligeiro artigo de jornal, apenas a existência destes dois, bastaria para indicar que a educação sexual das moças, tal como a dos homens, deve constituir objecto de cuidado de seus paes, ao attingirem a puberdade.

Assim sendo, os chefes de famílias, que já estão compenetrados da importancia da educação sexual para seus filhos varões, que não descuidem deste outro lado do problema, a educação sexual de suas filhas ...[79]

O discurso voltava-se para atingir seu objetivo maior: fazer com que moças e rapazes saíssem do recolhimento de seus segredos e expusessem suas ansiedades, sem que se entregassem "a voz do seu sexo", "endireitando", "corrigindo" o que poderia ser *indevido* ou *anormal*. E que

[79] *O Araguaia*, Lageado, 28 de Outubro de 1934.

tivessem a aprovação dos pais - da sociedade! - mesmo que no âmbito das "intimidades resguardadas".

Um pouco mais tarde, de 1937 a 1938, vamos encontrar em outro periódico, *O Garimpeiro*, artigos que ensinavam as moças a "arranjar marido" e a se comportar socialmente, de orientação do Colégio Salesiano. Vinham se juntar, dessa forma, os preceitos religiosos às prescrições científicas:

Segredos

"Para conquistar um noivo - para as moças catholicas"

A preocupação geral das nossas jovens é a conquista de um noivo.

Si queremos acariciar esses corações avidos de amor é só dizer-lhes: "Deus ti dê um bom noivo", parece então que esses corações respiram nova vida de esperanças de illusões e de amor.

Pois bem, vamos nas nossas palestras, descobrir os meios para a conquista de um bom noivo.

A donzella que se destina ao matrimônio, deve possuir qualidades necessárias para o desempenho santo da missão de Esposa e de Mãe.

Pois bem o primeiro segredo é a PIEDADE (...)

A mulher é naturalmente religiosa e quando não é, reveste-se de um caráter violento, ímpio (...)

Não é preciso amanhecer ou anoitecer nas igrejas ... e a piedade verdadeira é o cumprimento exacto dos deveres importantes da vida christã (...)

Como se haverão mais tarde essas jovens (que não levantam muito cedo para a missa, só quando o sol penetra em casa) quando campainhas humanas tocarem stridentes aos pés da cama?... pobres mães ou pobres filhinhos de mães preguiçosas! (...)

Demais sabemos que a mulher leva na vida conjugal um fardo bem pesado; seus dias desenrolam-se variadissimos, não são mais como os dias de noivado; os trabalhos, sofrimentos, angústias, preocupações se succedem, influindo no caracter, no genio e nos costumes, tornando aquella jovem d'outr'ora tão alegre e expansiva, hoje triste melancolica, irascivel, ás vezes até insuportavel ao marido e aos vizinhos...

Onde irá essa pobrezinha buscar força, generosidade, paciencia, resignação?

É na piedade. Caminhando passos, entrando um instante na Igreja (...) como poderá resistir a todos os embates da vida?

Serão cruzes e farão as cruzes para os seus maridos que por sua vez exhaustos procurarão desfazer-se dellas... E depois?..."[80]

---

[80] *O Garimpeiro*, Revista Mensal, Religiosa e Literária. Lageado, 15 de Janeiro de 1938.

O texto mantém velada essa advertência aterrorizante: o peso da cruz e a perda de tudo, se não se seguirem os preceitos da moral, como ordenam os ensinamentos cristãos. O pietismo católico (no caso os salesianos), contrapunha a humildade à beleza física e mostrava que não se devia deixar "corromper" pelo orgulho, estimulando a culpa, em nome da virtude; da mesma forma, abominava a preguiça, pecado do corpo (as donas de casa deveriam ser ativas!).

E assim é que a idéia de piedade aparece como substrato da noção de dever social - e é essa correlação, entre *piedade* e *dever*, que mais importa assinalar aqui. O sentimento de piedade, deslocando-se de seu campo essencialmente religioso (ou do plano divino) para o "mundo dos homens" cumpria seu papel social, na ordem da moralização dos corpos (sujeição política)[81].

Nada mais sagrado que o dever da *mãe* e da *esposa*, perante Deus e os homens. A piedade era o sentimento que levava as mulheres a se reconfortarem na *sólida* caminhada familiar. A idéia de piedade se efetuava em imagens muito fortes: a mulher abnegada, que conduzia a sua cruz a bom termo, sem pesar para o marido, pois de outro modo, correria o risco de perder tudo o que tinha, inclusive o seu próprio homem. Pairava sobre sua figura o estigma da *mulher nervosa*, aquela que não correspondia a uma presença equilibrada: era a mulher *histérica* ou, então, a *melancólica*. Mas, para as mulheres que tomavam iniciativas diferentes das que se esperavam delas, ferindo o código moral da comunidade, o futuro se apresentava incerto e, mesmo, cruel. Era o caso das mulheres que cometiam o *adultério*. Há uma história impressionante que me foi assim contada:

O adultério da Olga Matos, na cidadezinha de Baliza. Um triste delito. Não havia mais lugar para ela. Não existia volta, nada, nunca, aquela tinha que "ficar pra lá"!
A família dela era de tradição... Ela se apaixonou por um rapaz e já tinha filhos... O marido não a colocou na rua, mas isolou-a e a Olga virou como que uma parte da casa (tinham uma casa muito grande), ficou presa dentro da casa, confundida com as coisas, jamais poderia sair! Não se

[81] Hannah Arendt apontou o papel político que o sentimento de piedade desempenhou na formação da sensibilidade moderna, e a faz afirmar: "A piedade, tomada como fonte de virtude, tem demonstrado possuir uma capacidade para a crueldade maior do que a própria crueldade". *Da revolução. Op. Cit.*, p. 71.

comunicava nem com os filhos... O apaixonado dela sumiu, ninguém sabe para onde foi, uns dizem que o marido mandou matar e o jogou no rio Araguaia. Só sei que nunca mais ninguém dele ouviu falar. Foi um escândalo! Quando pessoas passavam pela sua porta tinha gente que até se benzia: - "ali tem a pecadora"! Isto ocorreu em trinta e seis, trinta e sete. Morreu cedo a Olga, dizem que adoeceu...[82]

De qualquer modo, devia-se sempre ensinar que cada uma necessitava ter a paciência e a resignação devidas ao *lar*, para que não incorresse em *erros* e destruísse sua vida. Nada de exposições a situações embaraçosas e nem de exibicionismos: todas deveriam seguir o exemplo da Virgem Maria, bela, mas intocável; a mulher Mãe!

Ou, até mesmo, incitando as mulheres a se resguardarem na elegância, contra a vulgaridade, sutileza no trato, conveniência no vestir: aconselhando a *maneira correta* de viver. A igreja aparecia com uma máxima, já em desuso, autoritária: "Vestidos mais compridos, e língua mais curta!"[83] Mas que, apesar de tudo, tinha uma influência direta, considerando o contexto da cidade pequena, com muito poder sobre as moças que deviam instruir-se, reforçada por outros canais, como a família, a escola, o padre e a freira (apesar dos descaminhos...).

Sob esse pano de fundo, tanto as normas de conduta - verbalizadas pela imprensa, como difundidas pelo corpo social - quanto os preceitos religiosos, cumpriam seu papel *civilizador*. A revista católica, por exemplo, atuava na "sociedade lageadense", assim como nos lugarejos próximos - Tesouro, Cassununga, Café, Alcantilado, e outros - de forma a interferir também, na formação de opiniões e comportamentos, mantendo sob laços punitivos e vigilantes as moças e as mulheres casadas (não se esquecendo, como já foi relatado antes, do fato de muitas mulheres terem

[82] Depoimento de D. Maricota Figueira Balbino. Entrevista em junho de 1993, Cuiabá.

[83] *O Garimpeiro*, Lageado, 15 de Junho de 1938.

chegado à área dos garimpos na condição de "mulheres de vida fácil"), salvaguardando a família - *base do desenvolvimento social*.

***

A partir dessas considerações, a imagem de uma cidade "sem lei e sem ordem", nascida dos garimpos dos diamantes, "isolada do eixo civilizatório que orienta o mundo moderno", é uma representação *naturalizada*...

É certo que, nessas cidades e povoados, ainda se encontrava a "lei" exposta na cintura dos indivíduos - calibre 38 - e a polícia que mais parecia guarda-costas dos chefões dos garimpos; disputas e tiroteios também se podiam ouvir todas as noites... De fato, essas cidades aparecem associadas a um tempo e a uma lei com regras muito próprias.

Mas, ainda nesse caso, deve-se avaliar as evidências e discutir certas noções, tão arraigadas nos sistemas políticos ocidentais, sobre o poder e a lei. Para isso, é preciso dispor de instrumentos de análise que nos permitam considerar a situação ou o cenário das novas cidades, sob outros pontos de vista e, de imediato, não reproduzir o pensamento dominante, o qual estipula que os centros desenvolvidos têm a *cidade da lei* (que, por isso mesmo, administra e atua sobre o campo das ilegalidades, definindo as infrações e a delinqüência) e os "atrasados", pouco ou quase nada *civilizados*, têm a *cidade fora da lei* (em que as ilegalidades predominariam sobre a lei)[84].

---

[84] Atentando-se para os estudos de Michel Foucault, compreende-se que os "ilegalismos tolerados" em uma sociedade podem ser "intoleráveis" em outra, e vice-versa. Tudo depende da "distribuição dos ilegalismos", da sua administração, ou de um tipo de controle sobre eles, rompendo com a oposição tradicional lei-ilegalidade (a concepção legalista, em que se baseia o Estado de direito), substituindo-a por uma correlação final **ilegalismos-lei**... Ver "Ilegalidade e delinquência". In: *Vigiar e Punir*. Op. cit pp. 239-244; e, especialmente, Gilles Deleuze, a partir de Foucault, diz: "A lei é uma gestão dos ilegalismos, permitindo uns, tornando-os possíveis ou inventando-os como privilégio da classe dominante, tolerando outros como compensação às classes dominadas, ou, mesmo, fazendo-os servir à classe dominante, finalmente, proibindo, isolando e

Seria equivocado, sem dúvida alguma, conceber esses espaços sociais apenas pelos signos da lei do mais forte, do *banditismo*, ou da riqueza efêmera dos diamantes. Importa mais chamar a atenção, a meu ver, para o aparecimento das cidades, compreendendo experiências históricas que apontam importantes mudanças estruturais. Tais mudanças dizem respeito a sua organização como centro urbano, que permite a construção de um *habitat* satisfatório, capaz de garantir a permanência de seus ocupantes - em oposição à alta rotatividade verificada nas corrutelas dos garimpos - evitando sua degradação e declínio. Mas, antes de tudo, as *mudanças* leva-nos a considerar diversos elementos constitutivos desse mundo, que sinalizam uma vida cotidiana interessada na *civilização dos costumes*.

Entendo que essas reflexões dirigem a pesquisa histórica para domínios que devem ser explorados, não com a intenção de aproximá-los dos modelos explicativos mais gerais, mas sim procurando investigar a *produção social de realidades* em seu movimento próprio, tanto no sentido de buscar a "invenção das suas diferenças", quanto no de compreender a forma pela qual essas realidades incorporam ou interiorizam práticas que lhes são exteriores - utilizando processos de escolhas e redimencionando-os na experiência comum; rompendo, portanto, com a exterioridade.

---

tomando outros como objeto, mas também como meio de dominação." - "Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir)". In: *Foucault*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988, pp. 33-53; a citação é da página 39.

CAPÍTULO V

A MEMÓRIA E OS ESPAÇOS DA CIDADE

Para além da cidade planejada e observável em espaços *próprios*, realidade-referência que se coloca na ordem de uma "racionalidade urbana", orientando e organizando condições determinantes da vida social, procurarei focalizar experiências - a partir de relatos da memória - que apresentam os *espaços da cidade* como resultado de práticas neles desenvolvidas, em concordância com o que diz M. de Certeau: "...*o espaço é um lugar praticado*"[1]. Além do mais, os relatos devem ser tratados de modo a dar densidade aos espaços nomeáveis da cidade, isto é, a partir de significados atribuídos a lugares, pessoas e fatos ocorridos (vistos como tais), cria-se a possibilidade de uma *ordenação em perspectiva* (um primeiro e segundo planos) - segundo a análise de E. Auerbach - "de modo que o presente se abra na direção das profundezas do passado"[2]. Os espaços (resultado da ação humana), dessa forma, ganham espessura na memória, trazendo as marcas dos acontecimentos, configurando paisagens onde habitam os homens - território da história. Distinção importante, principalmente porque a matéria das lembranças, ao ser trabalhada, remete-nos a uma "outra espacialidade", podendo ser compreendida em diferentes dimensões temporais, multiplicando o campo de imagens - referente aos *espaços freqüentados e vividos*. O certo é que os trajetos diários de cada um dos homens - e de todos - desenham e redesenham a memória social, passos que projetam um destino oscilante, difícil, conflitante. É por isso que M. de Certeau também diz: "Os

---

[1] *A invenção do cotidiano*. *Op. cit.*, p. 202.

[2] "A cicatriz de Ulisses". In: *Mimesis*. 2° ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987, p. 5. O autor, neste belo texto, confronta os dois tipos de narrativa que marcaram a tradição literária do ocidente: a bíblica e a

relatos (...) todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços."[3]. Assim, o ponto de vista escolhido aqui é o que faz da "experiência com a cidade" uma relação essencial com o mundo. Realidade metafórica.

Certamente o espaço "geométrico" comporta um sem número de práticas cotidianas, nem sempre designáveis, encontrando-se, muitas vezes, pouco visíveis, rarefeitas, dispersas ou fugidias, mas, de qualquer modo, localizáveis na rede urbana. Vistas assim, as cidades apresentam superficies multiformes, ou, antes, como na expressão de René Char, "superficies errantes", das quais emergem linhas ou traços, precisando passagens desconhecidas, e mesmo comuns, mas sempre reveladoras da vida social. Essa perspectiva possibilita-nos inúmeras leituras e interpretações da cidade, que levam a refletir sobre suas invenções diárias, introduzindo-nos em seu cotidiano, enveredando por histórias e artimanhas dos seus habitantes, como na cidade pequena - da moça para arranjar marido, das promessas do dia a dia, das festas e estratégias dos encontros, dos piqueniques, dos jogos e brincadeiras noturnas (sob a lua cheia), das frustrações vividas, das primeiras experiências culturais com o colégio, o teatro, a leitura de romances, contos e poesias, as revistas, do encontro com o rádio, o cinema... e, de certo modo, dando-nos a conhecer um pouco de seus aprisionamentos. Os acontecimentos da vida de cada um, transpostos para o campo da linguagem aparecem, pois, como histórias contadas, narrativas complexas, em que interagem as experiências individual e coletiva.

---

homérica, caracterizando a primeira por um estilo que cria uma espécie de perspectiva espacial e temporal e a segunda por um pleno presente espacial e temporal.

[3] *A invenção do cotidiano. Op. cit.*, p. 199.

Espaços de práticas *culturais*

Os habitantes dos povoados vizinhos a Lageado achavam que as pessoas mais importantes moravam aí. Nessa cidade - diziam - existia "gente sabida", professores, homens que escreviam nos jornais e se dedicavam a estudar a "cultura indígena", festas cívicas e religiosas sem igual, contando, algumas vezes, até com a presença de personagens ilustres, como era vista a do próprio governador do Estado. Mas, além dessas razões e das que já apresentei anteriormente, que mais condizem com a projeção da cidade como *realizadora de progresso*, a relevância do Colégio Salesiano, concentrando a vida educacional e cultural, era sem tamanho. Sobressaía sua *função qualificada* à transmissão de conhecimentos, através do ensino sistematizado - considerado um instrumento socializador decisivo.

1. LEMBRANÇAS DO COLÉGIO

Na vida dos que viveram *aquele tempo* - experiência compartilhada - destaca-se o cenário do colégio, imponente, severo... conduzindo os estudos:

E foi em 1932 que passamos a estudar no Colégio Bom Jesus, dos salesianos. O estudo realmente sistemático era ministrado no colégio, com ensino complexo e rigoroso, bastando dizer que no segundo ano primário já estudávamos francês e latim. Era muito organizado. É interessante

observar que o professor de portugues, por sinal muito eficiente e sábio, era o diretor, Pe. João Duroure, de nacionalidade francesa[4].

Não é difícil imaginar-se o efeito que causava na pequena cidade - entrecruzamento de garimpeiros - a imagem sólida do Colégio, apresentando-se com autonomia suficiente para influenciar a vida da comunidade. Em uma nota no jornal, dirigida aos "Pais de família", o diretor destacava os "bons resultados" do trabalho dos salesianos na área da educação:

"Ha um anno o Collegio Bom Jesus abrindo as suas portas vinha pedir a vossa indulgencia e confiança... O pedido foi attendido... 150 famílias mandaram-nos os seus filhos! 150 alumnos a quem o Collegio distribui o pão sagrado da sciencia, do patriotismo e da religião!... 150 intelligencias que fortificando-se ao contacto das disciplinas collegiais tornaram-se mais aptas para as lutas da vida. Tres palavras encerram o nosso programa: Homem, Brasileiro, Catholico. (P. João Douroure")[5].

Tal fala, não sem retórica - "150 famílias... 150 alunos... 150 inteligências..." - caracteriza a maneira pela qual os salesianos refletiam sua posição educadora, num sentido mais amplo, a que diz respeito à *formação do homem brasileiro*. Nesse campo de apreciação, e por que não, de convencimento, buscavam obter ressonância junto à população, anunciando sua existência inicial bem sucedida, seu *status* e sua prática educacional, que estabelecia uma correspondência direta entre homem e ciência (de caráter universal), brasileiro e patriótico, católico e religioso. Na

---

[4] Depoimento de João Antônio Neto, citado. O Pe. João Duroure, falecido em 1993, foi muito festejado em todas as pequenas cidades do *leste*, principalmente em Lageado. A referência a sua *obra cristã* é largamente difundida nos jornais da cidade, como *O Araguaia* e o *Garimpeiro*.

[5] *O Araguaia*, Lageado, 11 de nov. de 1934. As obras do Colégio Bom Jesus (público masculino) e do Colégio Santa Terezinha (público feminino) foram iniciadas em 1931 e concluídas em 1933. Mas a Missão Salesiana já havia se instalado no antigo *leste de Mato Grosso*, desde fins do século XIX, quando foi criada a Colônia do Meruri (Colônia Indígena Sagrado Coração de Jesus), em 1894, território dos Bororo; em Lageado, desde a sua fundação, na década de vinte, fazia-se sentir a presença dos salesianos, quando, inclusive, foi construída a primeira igreja do lugar, dedicada a S. João Batista e, logo depois, a Igreja da Imaculada.

verdade, pode-se distinguir aí relações de poder que tomam corpo na ordem desse saber e que tem como expressão maior a *obra missionária* dos padres salesianos, direcionada à colonização do *leste mato-grossense*, unindo fé, ciência e patriotismo: *cruzada santa no empenho civilizatório*[6]. Por isso, certos acontecimentos que apareceram de forma dramática na história da missão salesiana, vieram, muito mais, legitimar seu lugar na sociedade, tornando-se referência para a memória:

> Do meu tempo foram os padres Pedro Sacilotti e João Fuchs, os quais mais tarde seriam mortos pelos Xavante, no Rio das Mortes, *causando grande consternação na cidade*. Foram meus professores![7].

E assim, ao se delinear o perfil da cidade, em seus anos iniciais, deve-se ter em conta as práticas da instituição religiosa dos salesianos. Para melhor visualizá-las, procurarei focalizar certas experiências, através de indivíduos que participaram ativamente das atividades dirigidas pelo Colégio, e mesmo, da ressonância que tinham nos jornais da cidade. E, ainda mais que, no caso do depoente citado mais acima, privilegiando as suas memórias, a cidade só toma verdadeira importância quando evoca a sua aprendizagem escolar, nos primeiros tempos de Lageado. Possivelmente, a memória aqui se mobiliza para aproveitar o que mais interessa do "passado" (há sempre uma "escolha" na ordem das coisas vividas, seja por quaisquer razões ou pressões, para se tornarem acontecimento em uma vida). Fragmentário e incompleto, o tempo, mesmo assim, constitui um conjunto de *trechos* de lembranças: nesse caso, em particular, com as festas cívicas e religiosas, as encenações teatrais e os recitais de poesia, "por terem unido indissoluvelmente dentro

---

[6] Norbert Elias, a propósito, não deixa de assinalar essa relação: "E a despeito de toda a sua secularização, o lema 'civilização' conserva sempre um eco de Cristandade Latina...". *O processo civilizatório* (vol. I). *Op. cit.*, p.67.

[7] Depoimento de João Antônio Neto, citado. *Cf.* "Os martyres da fé e da civilização", artigo publicado em *O Araguaia*, de 8/12/34.

de mim impressões diversas" - como nas palavras de Proust[8] - ao se referir a uma determinada percepção da realidade, única para cada um de nós, em que algumas coisas têm mais força que outras, captam nosso espírito e tornam-se a lente com a qual vemos todas as demais. Coisas estas que guardam o sentido das mais caras experiências, como quadros emoldurados pelo encanto dos momentos. E como diz bem Ecléa Bosi: "Por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum."[9] Também em sua análise sobre Proust, Deleuze afirma que "relembrar é criar; não criar a lembrança, mas o equivalente espiritual da lembrança", criar o *ponto de vista* que ilumina com luz própria as imagens do passado. Assim as reminiscências trazem um *ponto de vista criador* sobre todas as coisas, tornando o que é lembrado não só diferente para cada um de nós, mas original[10]. Recordações que comunicam e exalam um mundo próprio, envolvendo paisagens e lugares que se destacam da memória: como as do menino, que estudava latim e francês e, ao mesmo tempo, ainda acompanhava o pai às corrutelas da zona diamantífera, escondendo-se das balas dos garimpeiros. Imagem preciosa, aparição de um fragmento que flutua no tempo - a mônada precisa, que capta um mundo em que se apreende a experiência individual e ao mesmo tempo a vida submetida aos processos universais da cultura.

ATIVIDADES CÍVICAS - O quadro se amplia, todavia, quando se configura a experiência grupal, valorizando-se passagens da vivência pessoal, em sua relação com as práticas coletivas. O colégio sempre foi um lugar privilegiado nesse aspecto, em que as várias atividades

---

[8] *No Caminho de Swann*. *Op. cit.*, p. 182.

[9] *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. *Op. cit.*, p. 333.

[10] Ver, particularmente, o capítulo: "Antilogos". In: *Proust e os Signos*. *Op. cit.*, p. 109.

atravessam incessantemente os indivíduos. Assim, quando se distinguem as festividades cívicas, daquele tempo - um desdobramento das práticas educacionais - a narrativa memorialista logo revela, por exemplo, a vida dos escolares, uma a uma, submetida ao tempo dos atos celebrativos que evocavam os valores nacionais - "construção da Pátria" - que o Estado de Vargas incitava. O fato é que, quando se fala desses tempos, logo vem à memória uma sucessão interminável de hinos e comemorações:

> Naquele tempo, depois da Revolução de 30, também havia o hino a João Pessoa que era obrigatoriamente cantado nas escolas, como o hino nacional e o hino à bandeira. E muitas comemorações cívicas. Muitas, como 21 de abril, 3 de maio (como descoberta do Brasil), 7 de setembro, 12 de outubro, 15 de novembro, 19 de novembro.[11]

Além do que, os temas regionais, mesclados de fervor patriótico, também eram muito visados. Havia até o hino ao garimpeiro, muito cantado, simbolizando o seu *pioneirismo* na tão propalada *conquista do oeste*[12]; insistia-se na idéia de um *trabalhador nacional* em movimento - expansão e integração territorial. A imagem da nação "resplandecia forte", mas o Estado de Vargas "necessitava" da cooperação de todos para que se pudesse cumprir seu projeto de desenvolvimento; estimulavam o sentimento nacional e procuravam sensibilizar a população[13].

Nesse aspecto, como em outros, o Colégio dos Salesianos era ponto de apoio valioso ao Estado, comandando diversas "atividades culturais", através das quais os religiosos dilatavam ainda mais a sua inserção no espaço público e promoviam interesses pessoais e relações junto às

---

[11] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[12] Informação de antigos moradores. Pesquisa de campo, Guiratinga (Lageado), em fevereiro de 1993.

[13] Não se pode menosprezar a produção de opiniões que se expressavam nos jornais da cidade, a favor de Getúlio Vargas. *Cf. O Araguaia*, ano de 1934, especialmente o de 22 de julho, nº 113, no qual um dos artigos ocupava-se em discorrer a respeito da postura de *comando* e *equilíbrio* do "chefe da nação"; e, também, *O Garimpeiro*, para os anos ferrenhos de 1937/38 (tanto de um quanto do outro, foram os exemplares a que tive acesso).

autoridades. Não se pode deixar de notar que do ambiente religioso-político que emanava da Igreja, projetava-se uma base de orientação que tomava ares de *moderno*, submetida às mudanças que o Estado propunha, como guia supremo. Assim, a Igreja, aproveitando-se desse intercâmbio, fazia prevalecer sua autoridade diante de um mundo que ansiava por progresso e civilização, aprofundando seu nível de interferência na vida local. Utilizavam, principalmente, as atas e das comemorações para criar um espaço identificado com a cultura; saíam para as ruas; mobilizavam os habitantes da cidade. No cenário urbano aparece, pois, o cotidiano dos escolares marcado pelas paradas cívicas, obrigatórias e exemplares:

> Aliás, o seu maior incentivador, no Colégio, não era padre, mas o professor de Educação Física, um mineiro, antigo marinheiro. Pedro Ferrer foi quem criou as paradas cívicas em Lageado, quando todos desfilávamos de roupa cáqui, com lenço verde no pescoço e empunhando garbosamente fuzis... de madeira![14]

Não por acaso era o professor de Educação Física o encarregado de preparar os alunos para os encontros cívicos. A Educação Física cumpria esse papel pedagógico: a modelagem dos corpos em um ambiente de exaltação à organização militarizada, dentro do espírito de formação do "homem brasileiro"[15]. O incentivo pessoal era o filtro através do qual passava um série de imagens, criando a ilusão de participação do homem na política, e os jovens estudantes eram especialmente visados:

> Foi também desse tempo meu primeiro discurso, escrito pelo Pe. Duroure, em 1933, quando o Interventor Federal do Estado, Leônidas Antero de Matos, visitou Lageado, momento em que também foi implantada a Comarca. Fiz o discurso subido em um caixote de querosene e não recordo o que o texto continha.[16]

---

[14] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[15] Ver LENHARO, Alcir, especialmente o capítulo "A militarização do corpo". In: *Sacralização da Política*. *Op.cit.*, pp. 75-105.

[16] Depoimento de João Antônio Neto.

Elementos simbólicos fundamentais encontram-se reunidos aí: o jovem fala em público, lendo um discurso feito pelo padre, em homenagem ao Interventor. Mas a farda - manifestação do *espírito cívico* - emitia também outros signos e participava de um mundo de representações que não se reduz à disciplinarização do corpo:

> A farda do Colégio era engraçadíssima: calça comprida, que era a grande coisa! Eu me lembro a emoção que tive de calça comprida, o padre não permitia que fosse de calça curta, tinha que ser calça comprida e botina! Calça comprida cáqui e camisa cáqui; dois bolsos; gola aberta, e o lenço verde amarrado no pescoço, mais o boné! Metia na cabeça, duas pontinhas. Era a farda, e o lenço no pescoço, era o máximo![17]

A evocação dos fatos políticos, matéria da memória coletiva, aparece, pois, misturada às impressões da memória individual - para Maurice Hallbwachs sempre um ponto de vista sobre a memória coletiva[18]. Todavia, a memória juvenil traz com mais força e espontaneidade as imagens coloridas das suas próprias aspirações, do que uma leitura convencional do fenômeno político. Em sua vivência pessoal o que o jovem rapaz mais guarda, com especial zelo, é a emoção de estar vestindo a farda e, pela primeira vez, usando calças compridas! O conteúdo do discurso que proferiu volatilizou-se com o tempo ("não recordo o que o texto continha"). Aliás, nos regimes autoritários, sempre impressionou menos o significado das palavras do que o impacto das imagens, o apelo emotivo e o poder de mobilização que se imprime às falas (os textos são sempre conclamativos).

Mas, de todo modo, a atmosfera política é realçada na relação do estudante com a escola, com os professores, nos atos comemorativos - domínio do espetáculo - que se inscrevem na memória da cidade, tempo social:

---

[17] *Idem.*

[18] *Cf. A memória coletiva*. São Paulo, Ed. Vértice, 1990.

Não me lembro de ficar sabendo da Revolução de 30. Mas *vivíamos sob sua influência*, empenhados em um patriotismo muito ativo, amor à pátria, etc.[19]

Talvez nada explicite mais uma ordem social autoritária que esta expressão: "vivíamos sob sua influência". O mundo é trabalhado em suas próprias disposições espaciais, referendado por uma arquitetura política hierarquizada, projetada para romper tradições e oferecer outra posição para os indivíduos. Oferece-se à visão o espetáculo da organização, nos desfiles e atos comemorativos; busca-se invadir e tomar as emoções em nome de grandes ideais, identificados com a *responsabilidade* perante *a nação, o amor e a cultura*. No entanto, grande parte das recordações traem muitos dos ensinamentos que nos quiseram impor - rebeldia da memória? Talvez. Acredito mais que seja uma questão de "vocação": "Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira (...) A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos."[20]

Ao procurar destacar certas passagens do dia a dia dos escolares, nos anos trinta, desenvolvidas no mesmo campo da fé/instrução e da política, pretendi chamar a atenção para o cotidiano dessas pequenas cidades, mais distantes dos centros decisórios do país, de como operavam em seu cotidiano as mensagens autoritárias, a (re)produção de comportamentos sociais desejáveis e, nesse sentido, a influência do Colégio dos Salesianos, assinalando a relação tão importante entre a Igreja e o Estado. E, não se pode esquecer, essa influência ainda era maior na medida em que, na cidade, os jovens iam para aprender e submeter-se às regras do ensino sistematizado; mas tomavam parte, em níveis diferentes, de "atividades culturais" que a criação desse espaço permitia ou possibilitava.

---

[19] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[20] DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. *Op. cit.*, p. 4.

Visita do Interventor de Mato Grosso, Júlio Müller, a Guiratinga (provavelmente em 1943).

Primeiro avião que pousou em Lageado.

TEATRO ESCOLAR - O Colégio não só cumpria rigorosamente o calendário das datas cívicas e religiosas, liderando as respectivas festividades, mas também incentivava a formação de grupos de teatro, de canto, recitais de poesias, etc.[21] Essenciais à organização de um espaço de sociabilidade, essas atividades comuns movimentavam e reuniam as pessoas, motivavam-nas a ouvir e a falar segundo normas gerais de convivência social, e desempenhavam, portanto, um papel fundamental para a nova cidade. Além do mais, o teatro favorecia o contato com a literatura e abria as portas para se conhecerem autores, romances, poesias. Os textos eram ali difundidos e exercitados:

> No Colégio Bom Jesus nasceu meu real interesse pela literatura. E identifico esse interesse com o teatro. Eu era um dos "artistas" do Colégio e participei da apresentação de inúmeras peças, dramas, comédias, farsas, entremezes regionais - coisas que *avivavam a imaginação e nos afinavam com a cultura e a poesia*. No intervalo entre os atos dos dramas e comédias, introduziam-se vários recitativos e foi num desses intervalos que recitei os "Meus oito anos" - "Oh! que saudades que eu tenho/ da aurora da minha vida/ da minha infância querida/ que os anos não trazem mais" - do Casimiro de Abreu.[22]

E ainda tendo a possibilidade de recitá-la novamente, quando os versos são mais que versos e traduzem o tempo efêmero e inexorável, o depoente relembra aqui, com nitidez, da figura do professor que o influenciou nos caminhos da literatura (sempre em ligação com o teatro):

> Foi também nessa época que li o "Amor de Perdição", de Camilo Castelo Branco, eu tinha uns treze anos de idade; acredito que o li, quando trabalhava na tipografia do professor Pedro Ferrer, aí por volta de 1932 ou 33. Achei o máximo! Depois, no mesmo período, li as "Noites da Virgem", de Vitoriano Palhares, um texto super-romântico... Não sei como chegaram a minhas

---

[21] Várias informações a respeito das apresentações, levadas a público, encontram-se no jornal *O Araguaia*, Lageado (números referentes ao ano de 1934).

[22] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

mãos esses livros; talvez pelo próprio Pedro Ferrer. Ele lia várias coisas assim, para teatralizar. Creio que foi dele que partiu meu impulso para ler e encaminhar-me para a literatura[23].

A aproximação com a literatura, através das representações teatrais, não só propiciava o contato com as coisas belas, estimulando a imaginação, mas *refinava o gosto*[24], influenciava os hábitos, trazia modelos para a vida e tornava o teatro um campo mágico: encontro associado à "cultura". Se por um lado, essa aprendizagem aparecia sob o controle dos religiosos - "as peças eram escritas por religiosos e tinham sempre tom moralizante"[25] - por outro, inseria-se na realidade local, partia de suas características cotidianas, explorando temas regionais (em geral focalizando assuntos dos garimpos), e aproximava-se, através desse tipo de linguagem, da experiência dos habitantes da cidade, ganhando eficácia. Ainda mais se se considerar que

"...o público não era só o da escola, mas toda a sociedade lageadense vinha para a apresentação, que se realizava onde hoje fica a capela do Colégio das Irmãs[26].

O certo é que se apreende, nessa dinâmica, a produção de um lugar importante da vida cultural que, afinal, não só quebrava a monotonia da pequena cidade, mas infiltrava-se no cotidiano das pessoas, levando idéias, atitudes e maneiras que se pretendiam civilizadas.

É por isso que, provavelmente, gostavam de fazer referências a países europeus, a pessoas que chegavam de fora com maiores recursos (dotados de uma *superioridade natural*, atributo dos que vêm da "cidade grande"), maravilhando e fazendo rir a pequena cidade:

---

[23] João Antônio Neto é, hoje, escritor de ensaios, contos e poesias, membro da Academia Mato-grossense de Letras. Atualmente, escreve uma obra sobre a história do judiciário em Mato Grosso, tendo já publicado o primeiro volume.

[24] Para Norbert Elias, o refinamento das maneiras, do "gosto", é uma das marcas fundamentais da "educação dos costumes", à medida que o homem se civiliza. *Cf. O processo civilizatório. Op cit.*

[25] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[26] *Idem.*

Além de trabalhar nos dramas, eu era também comediante e cantava, especialmente, em dueto com o Udelson Santos. Só para lembrar, houve uma comédia que fez sucesso e era seguidamente representada. Versava sobre um pintor que viera de Portugal, para trabalhar no Brasil. Era mais ou menos assim:

EU - Eis aqui pintor de fama
que ontem chegou de Lisboa,
tira retratos a óleo
baratinho e coisa boa...

CANTANDO - Chega, chega, chega
chega freguês,
que eu tiro retrato
aos dois e aos três

Então chegava o Udelson:
Aqui estou, seu pintor,
para tirar meu retrato,
uma vez que o senhor diz
que pinta bom e barato.

EU - Nada receie, caro amigo,
que há de ser barato e bom,
Mas, vá logo me dizendo:
quer a óleo ou a crayon?

O outro - Tire lá, como quiser,
só quero sair bonito;
faça o bigode bem grosso,
com pontinhas de palito.

E por aí em diante a história se desenrolava, sempre em versos, até que o retrato era concluído e quando o retratado ia ver, era uma caricatura horrível!"[27]

Todo o jogo de palavras que punha em cena o "retratista" que chegava de Lisboa, divertia as pessoas e as colocavam a par das novidades, numa época em que todos se preocupavam com os retratos individuais e de familiares, a preencher as paredes nuas das casas. Mas, ao depoimento que

[27] *Idem*.

discorre sobre a "comédia" acima, vêm-se juntar os comentários e as críticas que aparecem no jornal, falando a respeito das encenações teatrais:

Theatro Infantil
Dos alunos do "Collegio Bom Jesus"

Realizou-se sexta-feira passada, no salão do Collegio Santa Theresinha o annunciado espetaculo infantil, levado pelos pequenos amadores do Collegio Bom Jesus (...) Desde já apresentamos nossas felicitações ao ilustre director padre João Duroure e ao incansavel ensaiador professor Pedro Ferrer pelo exito alcançado na funcção levada a effeito.

Embora tenhamos observado diversas faltas perdoaveis, no decorrer dos trabalhos theatraes, notamos entretanto, notavel desembaraço na maioria dos pequenos amadores e exacta comprehensão dos papeis que representaram. Principalmente os alumnos Udelson Pereira dos Santos e João Antônio de Souza Filho[28], Clodoaldo de Godoy, Sebastião de Carvalho e Antônio Alves Ferreira merecem calorosos elogios de nossa parte. Bem ensaiados e interpretando papeis proprios ao sentimento, genio e indole de cada um, o successo do Theatro Infantil é indiscutivel.[29]

Para o grupo social, participante desses círculos culturais, era importante manter-se vigilante, levando a sério esse *espaço de aprendizagem*. Por isso, não deixavam de reclamar, mesmo aplaudindo, em tom enérgico, das posturas e de um jogo de emoções que melhor correspondessem ao *respeito* que se devia ter para com o público, numa clara alusão às regras da boa apresentação, em similaridade com a vida social:

Chamamos a attenção do ensaiador para, desde o primeiro ensaio, reprimir vehementemente os constantes risos dos personagens, posto que, desfallece todo o valor da representação (...) Educa-los em tempo (...) Ensaiando bem os actorzinhos (...) gritamos alto e bom som que o salão do Collegio é demasiado pequeno para receber os espectadores que irão applaudir de coração a troupe infantil do Collegio Bom Jesus.[30]

---

[28] Encontramos aí João Antônio Neto. O seu nome aparece com o nome de seu pai - Souza. Na verdade, seu pai, ao registrá-lo em cartório, não colocou o sobrenome da família.

[29] *O Araguaia*, Lageado, 1° de Julho de 1934.

[30] *Idem, ibidem*.

Os comentários sobre os detalhes da exibição teatral e os incentivos para uma melhor *performance* dos atores, não deixam dúvidas quanto à participação mais direta dos habitantes em torno das apresentações, e não só as que eram dirigidas pelos padres, pois também havia uma boa receptividade ao teatro dirigido pelas Irmãs de Maria Auxiliadora, embora de menor alcance (as freiras impunham uma maior vigilância corporal às alunas, limitando a liberdade da arte de representação):

> O salão do Collegio regorgitava de assistentes e tão grande foi a sympathia que os pequenos actores e actoras colheram da platéa (...) as palmas...[31]

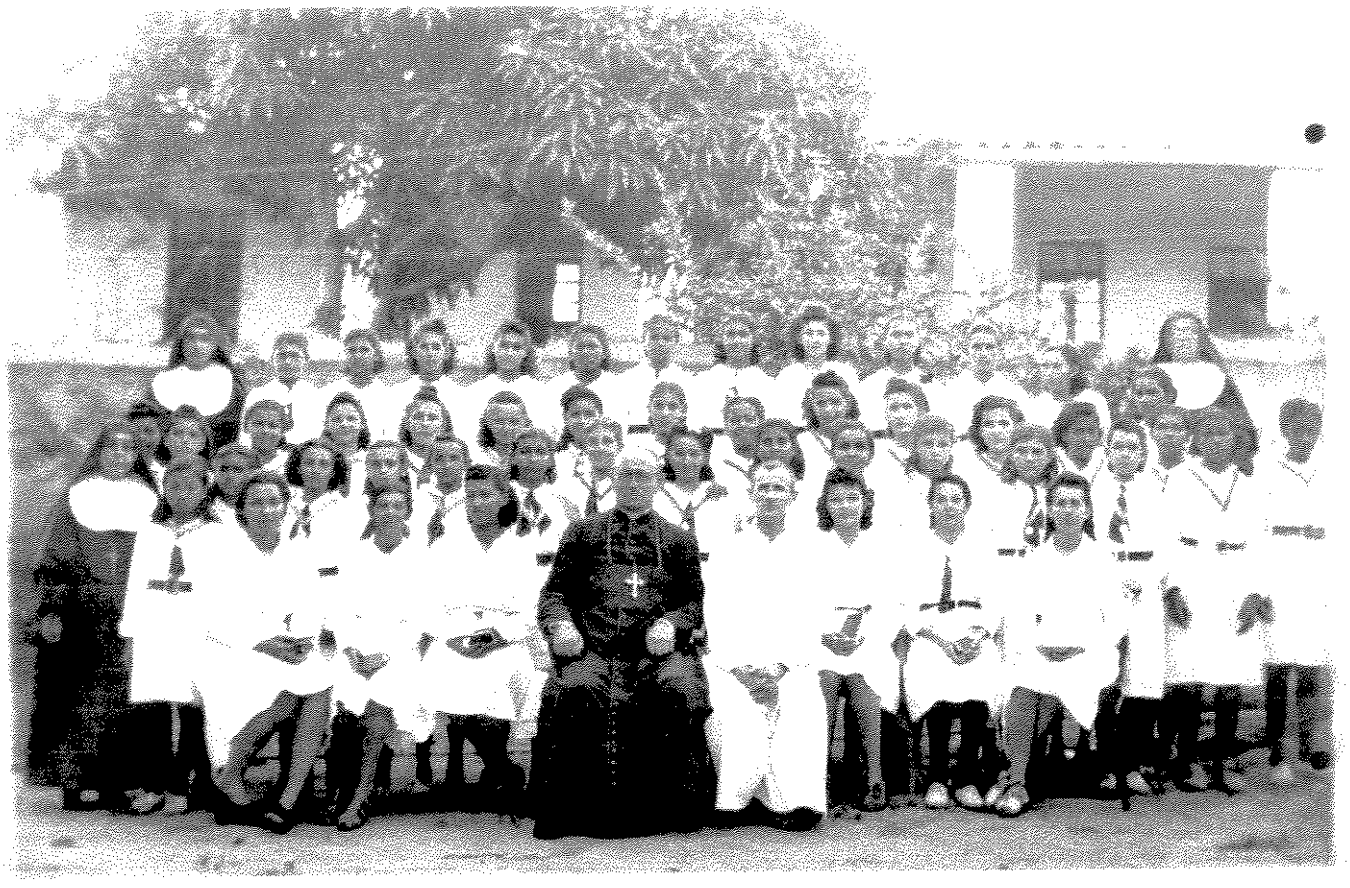
De comum, todavia, os religiosos tinham a manifesta pretensão de educar os jovens pelos caminhos *ilustrados* que, a seu ver, o exercício das encenações teatrais permitia. Espaço de visibilidade privilegiado, ali desejava-se dar cor, tom e forma aos corpos exemplares, pois assim o programa escolar previa com as seguintes palavras:

> O *theatro*, verdadeira aula de civilidade, onde o moço perde o acanhamento natural da idade, toma boa lição e aprende a apresentar-se ao publico, deu frequentemente suas provas á satisfação do que Lageado tem de mais culto.[32]

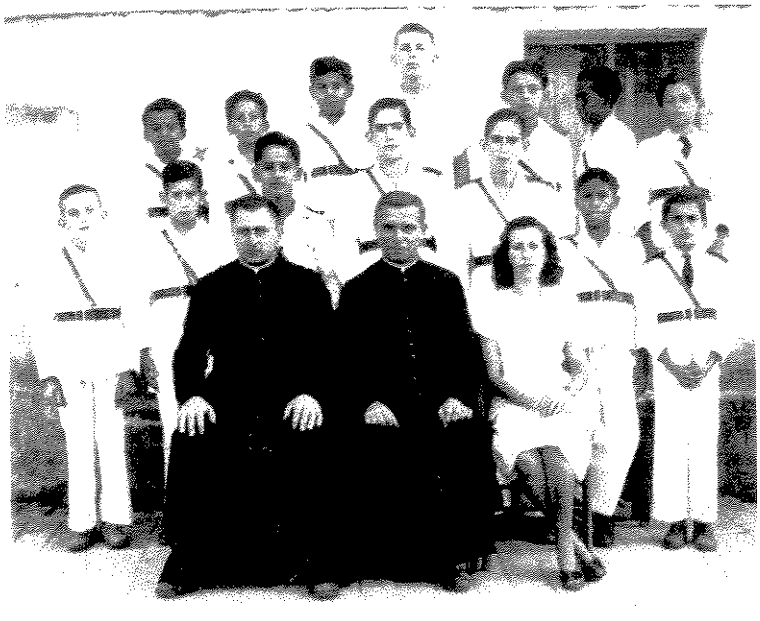
---

[31] *O Araguaia*, 2 de dezembro de 1934.

[32] *O Araguaia*, 11 de novembro de 1934.



Ensino Salesiano - Lageado (fotos de 1940).



Igreja Matriz de São João Batista
Guiratinga - foto publicada no jornal *Novo Mundo*, em 1947.

2.LETRADOS E IMPRENSA LITERÁRIA

GENTE LETRADA - Entre a escola, a família e o restante da sociedade, existiam indivíduos intermediários que, exteriores à rede das instituições de ensino, participavam também da formação e difusão de uma "cultura escrita"; figuras reconhecidas pela população local, pela sua competência na arte da leitura e manejo da escrita. Temos notícias de pessoas que ministravam aulas particulares, assim como de alguns comerciantes (maranhenses) que ensinavam "atrás dos balcões", talvez trazendo uma experiência de velhas práticas urbanas e cumprindo um importante papel na educação e socialização de crianças e adolescentes. Assim, foram acumulados laços de obrigação ou reverência e, mesmo, afetividade, que em parte foram esquecidos, em parte ficaram na lembrança dessa gente das pequenas cidades:

> Primeiramente cursei a escola do mestre José Dreger, escola particular, aliás, mesmo quando cursava o Colégio, tinha aulas particulares. Comecei com o Tadeu Maranhão (fui também seu ajudante de balcão), depois com o Juca Maranhão. Estes dois últimos davam aulas nas suas respectivas lojas para muitos de nós. A do Tadeu era a "Loja Renascença", uma das principais da cidade, cujo prédio está de pé, inteirinho como no meu tempo, até hoje. Não sei bem o que a gente estudava ali, acho que fazíamos leituras, tomávamos explicações, parece que era uma coisa mais oral, apesar de não se descuidar da escrita. Esse povo que veio do Maranhão era todo meio sabido, meio letrado...[33]

E, nesse ponto, novamente aparece a referência à literatura, como parte de uma "cultura urbana", "povo lido"...

> O meu mestre-escola, antes referido, Tadeu Maranhão, era homem culto, bom orador, conhecia bem literatura. Era de Carolina, no Maranhão. Da família Maranhão, como o Raimundo Maranhão, que depois será membro da Academia Mato-Grossense de Letras[34].

---

[33] Depoimento de João Antônio Neto, citado. A escola de José Dréger é a referência para o primeiro ensino primário da cidade. Ver: "Guiratinga - 50 anos de história", *Revista Mato-Grosense*, Ano I, nº 1, agosto/setembro/outubro de 1993, p. 25.

[34] Depoimento de João Antônio Neto.

Acho pertinente relacionar essa estreita imbricação dos *letrados* com o espaço social da cidade, pois a difusão da leitura e da escrita aparece ligada à presença desses indivíduos que propunham maior amplitude do conhecimento, "disseminando o saber", chegando a afligir os clérigos, em sua intenção de monopolizar o ensino (mesmo quando vem à tona a discussão da escola pública, na cidade, foi deles, por exemplo, que partiu a iniciava[35]). Sobressaíam-se, aconselhavam e divulgavam livros e revistas; escreviam sobre assuntos especiais; recitavam poesias e falavam abertamente de escritores. Não queriam o anonimato, emitiam opiniões nos jornais (quando não criavam sua própria tipografia, contando vários casos de endividamento), de fato, desejavam a rua, a praça: o espaço público - onde, somente aí, conseguiam dar sentido a sua existência.

Instaurava-se, assim, um espaço onde se evidenciava um tipo particular de reconhecimento social, aquele que é dado a quem tem o domínio da escrita, à capacidade de leitura e, dentro disso, "poder de entendimento" - saber de caráter universalizante. Os *letrados* eram uma referência para a cidade, nomes que marcaram época:

> Havia pessoas sabidas, com conhecimentos especiais. Tinha o Vivido, que era baiano. O Manoel Cruz era dono de invejável cultura geral, um mulato, mulato do cabelo bom, inteligente, morava perto da nossa casa, usava gravata borboleta, especialmente com bolinhas vermelhas, meio pernóstico, era o "mulato sabido". Um erudito respeitável, conhecia línguas indígenas e estudou a cultura Bororo. Preparava um livro sobre isso... Eu acredito que ele sabia muito mais do que a

[35] *Cf.* "Coisas novas e velhas" (Nicodemus). *O Araguaia*, 28 de janeiro de 1934.

gente pensa[36]. E o Salústio Otávio de Araújo, advogado, genro do Antônio Pires, também era muito competente e ainda agora vivo, com quase cem anos de idade. Figura interessante era o Lauro Melo, um baiano falante, jornalista, sem formação acadêmica, como os outros, mas muito inteligente; dele foi um artigo que compus, como tipógrafo, sobre a morte de um garimpeiro e que guardei como se fosse uma peça extraordinária... O artigo começava assim: "Causou profunda consternação nesta cidade o passamento de..."[37]

Se essa sociabilidade do convívio cultural, em seu sentido mais estrito, por um lado, caracteriza uma esfera privilegiada da vida da cidade, por outro, é reveladora de práticas que direcionam e "educam" hábitos e costumes, entrelaçadas a outras *práticas civilizadoras*. Associação esta que não deixa de estabelecer ligações com a postura dos indivíduos em sociedade, em seu esforço para tornar a cidade *habitável*, fazendo parte da sua história.

De certo modo, a memória da cidade se dilata, desdobra-se em nomes, individualiza-se em imagens-lembranças, em personagens inesquecíveis. Perde o anonimato. Casas e ruas deixam de ser indiferentes: ganham contornos, para nelas abrigar-se gente que age e marca, com sua presença, o mundo da cidade, vivendo soltas em nossa imaginação. São nomes pertencentes à memória coletiva, elos de ligação em uma cadeia que compõe o quadro da cidade.

---

[36] Manoel Cruz foi redator de *O Araguaia* e sobressaía-se com vários artigos publicados nos jornais da cidade, discorrendo sobre a *questão indígena* - os Bororo eram o seu tema. Em um de seus artigos diz com veemência e autoridade de *conhecedor da questão*: "Encerrando a nossa exposição sobre o uso primitivo do ouro, pelos índios bororos, pretendemos demonstrar também que as correrias por elles praticadas e tomada á conta de ferocidade não passavam de revanches aos incalculáveis dos maltratos a que lhes submetiam os civilizados, servindo-os seus braços para os mesteres da lavoura, para o que lhes davam uma alimentação escassa e insuficiente para reparar ás necessidades..." (*O Garimpeiro*, 1938).

[37] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

Salústio Araújo - Advogado que chegou a Lageado em 1932.

Pe. João Duroure - Um dos fundadores
da obra salesiana em Lageado.

Manoel Cruz - Redator do Jornal
O Araguaia, Lageado.

Vista da cidade de Guiratinga.

O NOVO MUNDO - Um pouco mais tarde, já na segunda metade da década de quarenta, Raimundo Maranhão Ayres fundou um jornal literário - o *Novo Mundo* - de grande expressão para a cidade, chegando a manter uma comunicação regular com escritores e jornalistas europeus, americanos (principalmente, latino-americanos), e, por vezes, gregos, até árabes e chineses[38]. A intenção era o "intercâmbio cultural", visto como meio de aproximação mais profunda com os "povos da América", no mundo do pós-guerra - prevalecendo a idéia de "união dos escritores", contra toda e qualquer ingerência na "liberdade de expressão". Nesse jornal, apresentavam-se não só autores de maior reconhecimento nacional e do estrangeiro; porém, fazia-se questão de trazer e difundir poetas mais desconhecidos, destacando, principalmente, os que fossem da terra. E, fundamentalmente, acreditava-se, era uma das formas de tentar superar os limites dados pela experiência da cidade pequena e provinciana. Pretendia-se trazer - fábrica da ficção - o diálogo entre mundos diferentes e a "aproximação por interesses comuns", em um universo político tenso (a guerra fria e o alinhamento aos blocos capitalista e comunista), articulando o discurso de união das Américas.

Todavia, sua prática era pautada pela divulgação cultural de poetas e escritores em geral. Por isso, tinha como princípio acompanhar a premiação de todo e qualquer escritor latino-americano, o que não deixava de ser um artifício para produzir a idéia de "proximidade cultural", ou, na mesma perspectiva, uma maneira de exigir *seu lugar* no esforço conjunto de *fazer cultura*

---

[38] O *Novo Mundo* - "Orgão de intercâmbio cultural em todas as Américas" - foi fundado em março de 1945 por Raimundo Maranhão Ayres. Não se sabe ao certo seu tempo de duração, mas pressupõe-se que tenha existido até finais de 1948. Os números consultados: nº 1 - dezembro de 1945; nº 3 - fevereiro de 1946; nº 4 - março de 1946; ns. 8, 9, 10 - julho, agosto e setembro de 1946; ns. 14 e 15 - janeiro e fevereiro de 1947; ns. 18 e 19 - maio e junho de 1947; ns. 20 e 21 - julho e agosto de 1947; Suplemento do *Novo Mundo*, de junho de 1947; ns. 22 e 23 - setembro e outubro de 1947; ns. 24 e 25 - novembro e dezembro de 1947; Suplemento do *Novo Mundo*, dezembro de 1947. Veja, em anexo, cópia de alguns trechos desse "jornal literário".

(defesa da sua produção artística e intelectual), independentemente das barreiras ou distâncias geográficas. Ponto culminante foi a notícia de premiação de *Pablo Neruda* (para nós, uma preciosidade), participada a todos da cidade. Aclamando entusiasticamente o grande poeta, vale a pena transcrever aqui um trecho do jornal que trazia estas palavras:

> Enquanto Gabriela Mistral conquistou o maior prêmio de Literatura do Mundo que é o Prêmio Nobel, Pablo Neruda, escritor dos mais ilustres, poéta dos mais notáveis de seu país e Senador Federal, no Congresso Chileno, conquistou ha pouco, a distinção máxima concedida em sua pátria a um escritor: o Prêmio Nacional de Literatura para o corrente ano.
>
> Constituiu esse acontecimento, grande vitória para o lider comunista, para esse poeta moço que, aos 41 anos de idade, possue um nome conhecido em todos os Continentes, através de sua cultura polimorfa e de sua inteligência lúcida e brilhante.
>
> Louvado autor de "La Canción de la fiesta", "Crepusculário", "Veinte poemas de amor y una canción desesperada", "Residência en la tierra" e muitas outras obras que lhe deram renome universal. Pablo Neruda é um expoente da cultura americana, uma glória literária dessa terra heroica de Pedro Oña.
>
> Sua vitória repercutiu favoravelmente em todos os países americanos e em especial aqui no Brasil, onde conta com um elevado número de admiradores.
>
> "Novo Mundo" registando esta auspiciosa notícia, envia-lhe as suas congratulações, por tão significativo triunfo."[39]

Paul Verlaine, entre muitos outros, também foi homenageado: quando se anunciou o cinqüentenário da sua morte (janeiro de 1896) - "...condignamente comemorado nas grandes cidades brasileiras, em especial no Rio e São Paulo (...) Autor de tantas páginas admiráveis..."[40]

Chega a ser intrigante o fato da pequena cidade, incrustada em uma zona garimpeira, produzir um jornal literário, como foi o caso do *Novo Mundo*, procurando "participar" dos acontecimentos que mais se destacavam na vida cultural do país - notícias da Academia Brasileira de Letras eram tidas como uma obrigação - e mesmo da Europa (sem se esquecer de todo o seu louvor aos "escritores das Américas"). E, ao se corresponder com outros órgãos de difusão cultural,

---

[39] *Novo Mundo*, dezembro de 1945.

[40] *Novo Mundo*, março de 1946.

solicitava contribuições de escritores para colaborar em suas páginas: das principais cidades do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, cidades do Estado do Maranhão, de Minas, de Goiás e do próprio Estado de Mato Grosso (principalmente Cuiabá), além de outros. É interessante assinalar uma grande participação de mulheres, sobretudo poetas, que colaboravam com a revista e, ao enviar sua produção artística, congratulavam-se com a iniciativa do seu diretor, Raimundo Maranhão (inclusive, recebendo poesias com dedicatórias a sua pessoa). Além da participação com poesias, as escritoras também remetiam para o *Novo Mundo* anúncios de exposição de "livros femininos", publicações de romances e poesias, encontros literários, "mensagens para as mulheres americanas", etc. A maior parte da correspondência com escritoras vinha do Uruguai, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

O *Novo Mundo* chegou a receber correspondência em grego, em chinês, contudo, a maioria aparecia em espanhol e português. Da América Latina, o maior número de contribuições, com os mais variados assuntos do mundo das letras e das artes, era do México e de Cuba, do Chile, da Argentina e do Uruguai. Em uma delas encontra-se, por exemplo, um artigo muito interessante de Santiago Gastaldi, do Uruguai, discorrendo sobre a interação de dois grandes artistas - Balzac e Rodin: "Rodin al crear la estatua de Balzac, siguió luminosamente, transportando la escencia espiritual de la obra del novelista... modelando con la arcilla de sus pensamientos".[41]

Ademais, o jornal ainda trazia inúmeras fotos (que eram enviadas junto com as poesias) de poetas, e até mesmo de recitais de piano em noites de apresentações artísticas - como por ocasião da "Festa dos Artistas", no Rio de Janeiro, em 29 de novembro de 1946, em razão da fundação do

[41] *Novo Mundo*, fevereiro de 1946.

"Curso popular Chiquinha Gonzaga", quando foi publicada foto da atriz Nicete Bruno, sentada ao piano[42] (ver fotos).

Seu diretor confeccionava esse jornal com tanto esmero que, até hoje, os números que restaram guardam um bom visual estético; o empenho era muito pessoal, empregando todos os seus recursos e bens na produção da revista. Sem fins lucrativos, a manutenção da revista era extremamente difícil, pois a colaboração econômica local somente partia daqueles que "compreendiam o seu alto valor cultural", como via e orgulhava-se Raimundo Maranhão[43].

Porém, as ressonâncias de tal iniciativa sempre marcaram a sua vida e a do jornal. Transcrevo aqui, embora longo, mas muito expressivo, um artigo publicado no *Estado de S. Paulo* (de 15.2.1946), de Afonso Schmidt - "Os sonhadores" - que o *Novo Mundo* trazia estampado em sua primeira página:

> Aquele jornalzinho chama-se "Novo Mundo", e o seu título (...) lhe convém. É um quinzenário de oito páginas (...) compensadas pela obra que realiza. Basta lembrar que o seu intuito é o intercâmbio cultural nas três Américas (...) Em suas páginas encontra-se o resumo das atividades literárias e artísticas do país inteiro, incluindo, de preferência, as regiões mais afastadas que, contando escritores de mérito, como Mato Grosso e Goiás, não são lembradas na nossa vida literária (...) Ao mesmo tempo, lá vem o retrato de Hecilda Clark, do Rio, e Eunice Tavares, diretora do periodico "Mensaje", em Salto, no Uruguai, duas figuras femininas que lutam bravamente para que os latino-americanos se conheçam através de suas obras de arte e se estimem (...) O jornalzinho de Raimundo Maranhão Ayres (é esse o nome de seu diretor) está repleto de prosa e verso, tanto de escritores brasileiros, como também de seus colegas de toda a América Latina, com os respectivos endereços, para o caso dos leitores daqui e de alhures desejarem corresponder-se entre si. Nesse elenco internacional encontram-se representados homens de letras argentinos, uruguaios, chilenos, bolivianos, paraguaios, hondurenses, equatorianos e "tuttiquanti". Supõe-se que um periódico disposto a realizar obra tão viva e oportuna tenha a redação no Rio de Janeiro, Recife, Salvador, São Paulo ou Porto Alegre, quando menos pela facilidade de comunicações com o mundo. Esse não. Uma das maiores curiosidades que surpreendem aos

---

[42] Suplemento do *Novo Mundo*, Lageado, dezembro de 1946.

[43] Sua fonte de renda: era encarregado da contabilidade das principais casas comerciais da cidade (dizem, até hoje, que era muito competente).

leitores é o seu endereço: Povoação de Guiratinga, perto da vila de Lageado, Mato Grosso. A correspondência deve ser encaminhada via Uberlândia, Estado de Minas...
Foi lá que o poeta pendurou a lâmpada do seu sonho, para ser vista e compreendida em todos os ângulos da América[44].

De todo modo, as congratulações ao jornal e ao seu diretor chegavam de todas as partes. E não só. Apareciam também condecorações e distinções de diversas academias (pode-se encontrar da Academia de Letras da Bahia, do Rio Grande do Sul, Paraná, da *Academie Palatine de France*) como ainda de várias associações de escritores, da Bélgica, de Nova York, Uruguai, Argentina. Além disso o *Novo Mundo*, foi convidado para colaborar com jornais e revistas literárias tanto de países americanos, quanto europeus.

Resta destacar o número elevado de livros que eram enviados para a sede do jornal, em Guiratinga (ex-Lageado): da América Latina, dos Estados Unidos, de Lisboa, da Espanha, e da Itália, entre outros (relacionados em todas as publicações do *Novo Mundo*, colocados à disposição do público de Guiratinga), bem como de revistas especializadas em literatura. Da mesma forma, a colaboração de escritores de fora era intensa, com pequenos ensaios e críticas literárias, sem contar as poesias, é claro.

Não podemos deixar de ouvir o testemunho de João Antônio Neto, que colaborava com o jornal e chegou a fazer parte de seu corpo redatorial (fato que foi anunciado no número correspondente ao mês de julho de 1947):

---

[44] *Novo Mundo*, março de 1946. É significativo perceber aí a confusão a respeito da localidade sede do jornal: Guiratinga, denominação atual da antiga Lageado. Uma matéria com o mesmo teor foi publicada na *Folha da Tarde* (9/06/46), que o *Novo Mundo* traz nos números (concentrados) de julho/agosto/setembro de 1946.

Sobre a penetração do *Novo Mundo*, o adjetivo apropriado é: incrível! Quando fui secretário de redação, o jornal atingia mais de setenta países (setenta e três, se não me falha a memória) e com todos mantínhamos correspondência. Se, por exemplo, recebíamos uma correspondência em grego ou chinês, não havia vacilação: respondíamos, naturalmente em português, mas dando a entender que tínhamos decodificado a mensagem... O processo era simples: como a base do assunto *só podia ser* literatura, cultura, bastava redigir, em termos mais ou menos invariáveis, desse jeito: "De posse de sua correspondência de... agradecemos as expressões de apoio e simpatia... e aqui continuamos abertos à estimável colaboração de... e sempre sensíveis ao nosso programa e propósitos de fomentar a fraternidade universal...Somos..." Continuamente, nesse teor, estávamos correspondendo a consultas, congratulações, remessas de livros, etc. A colaboração estrangeira, em línguas que não dominávamos, dava um trabalho terrível; os trabalhos tinham que passar por um crivo cuidadosíssimo, pois havia textos em alemão, francês, inglês... até *esperanto*. Havia verdadeiras loucuras. Certa feita o Raimundo Maranhão resolveu "editar" uma obra, em espanhol, de um autor mexicano... A máquina falhou... E ele então, resolveu "editá-la datilograficamente"! Foram batidos doze volumes, de quase cem páginas, tendo sido remetidos meia dúzia ao autor... Aliás o nosso querido diretor faliu, por conta do *Novo Mundo*, no qual investiu tudo que tinha e o que advinha de sua profissão de contador e professor de geografia[45].

Todavia, é preciso considerar o contexto em que se inseria o jornal, em termos da construção de sua auto-imagem, ou de uma vontade para ir além dos limites do seu *mundo*, pensando, talvez, alcançar um *novo* (com um discurso de cunho universalista).

Focalizando o editorial intitulado: "Entre Bororos e a civilização", pode-se ter uma visão da maneira pela qual o seu diretor procurava situar a importância do jornal:

O nosso arrojo ao fazer circular (...) um jornal tendo como finalidade a aproximação continental e a fraternidade entre os povos das Américas, causou certa surpresa nos principais centros do nosso país e do estrageiro (...) tendo-se em vista quão pouco conhecido do Brasil e do mundo é o Leste mato-grossense. Afora algumas notícias sobre Bororos e diamantes, pouco se tem dito...[46]

Bem informada, participante, com alta qualidade de impressão, essa mensagem acima insurgia-se contra os grandes estigmas da sociedade civilizada: que olha para a periferia dos centros

[45] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[46] *Novo Mundo*, março de 1946.

urbano-industriais como terras de *índios* e *cawboys*. Ao mesmo tempo que, sublunarmente, também queria se afastar desses sinais de "atraso":

Infelizmente é ainda a lendária região do Rio das Garças conhecida como o reino dos caciques, onde imperam a flecha e o tacape[47].

E apresentava um outro aspecto, legitimador da vida social: fazer-se conhecido pela produção cultural e pelos valores da sua gente. Oferecia como contraponto a esse desconhecimento, uma outra imagem - que surgia após a fundação e a "evolução" da cidade - a de

... um centro de civilização já bastante desenvolvido - Guiratinga, ex-Lageado - a capital dos garimpos[48].

A produção do jornal era, então, associada a essa etapa de mudanças, em correspondência direta com a presença de *homens esclarecidos* - intérpretes das aspirações coletivas:

Nasceu ele do ideal de uma plêiade voluntariosa, de espíritos inteligentes e afoitos, para servir às aspirações comuns, interpretar o sentimento coletivo (...) Hoje, mesmo entre Bororos respiramos outro ar e divisamos outros horizontes...[49]

Raimundo Maranhão, ligado à Academia Mato-grossense de Letras[50], compartilhava desta concepção de "cultura" como baluarte do *progresso* e elemento imprescindível para a

---

[47] *Idem, ibidem.*

[48] *Idem, ibidem.*

[49] *Idem, ibidem.*

[50] A Academia Mato-grossense de Letras (Centro Mato-grossense de Letras - fundado em 1921), juntamente com o Instituto Histórico de Mato Grosso (1919), tinha em seus intelectuais os artífices da produção de uma identidade mato-grossense, em busca de uma memória heróica e das tradições locais, assinaladas não só pelo mito dos bandeirantes, mas pela figura do "civilizador atual" - desde Rondon, com as linhas telegráficas e a sua "*obra pacificadora*" junto aos povos indígenas, até sua

construção de uma identidade regional, reveladora dos valores mato-grossenses, como os do *leste*; desejava provar, da mesma forma, que a criação artística e a produção de um jornal literário, impresso numa pequena cidade, fundada por garimpeiros, era perfeitamente realizável - obra de *civilizadores*.

Certamente, é com essas idéias e representações que opera o próprio grupo intelectual local, buscando legitimidade, expressando-se nesse jogo discursivo do possível, reivindicando espaço e reconhecimento entre práticas sociais dominantes. Contudo, a ilusão de uma eficácia da produção industrial e de uma *lógica tecnicista* imperavam e acabavam por fazer supor, pensamento dominante, que a criatividade artística e, principalmente, o aparecimento de uma imprensa ativa, de cunho literário, só poderia ser realizada nos laboratórios técnicos dos grandes centros urbanos, *lugar do progresso*.

Todavia, são referenciais que se colocam na ordem de uma experiência citadina, identificada com práticas cotidianas que combinam atividades diversificadas, mas que convergem para uma projeção da cidade enquanto "centro cultural" - sobretudo, na visão dos homens de letras:

> A partir de meados da década de trinta a cidade decaiu economicamente, embora culturalmente não perdesse a sua importância. Acho que pelo fato de Lageado constituir-se no mais importante centro cultural de toda aquela zona. Era chamada de a "Princesinha do Leste", propiciando atividades culturais e de lazer. O ambiente da cidade era até certo ponto refinado: as pessoas liam muito; havia o Colégio; imprensa ativa (jornais semanais, revistas quinzenais, jornal literário, etc.).[51]

---

elite intelectual, representantes dos valores da cultura mato-grossense. Consultar a obra de Virgílo Corrêa Filho, do Instituto Histórico de Mato Grosso, uma das expressões mais significativa desse conjunto de idéias. Ver também o texto de GALETTI, Lylia da Silva Guedes. "Mato Grosso: O estigma da barbárie e a identidade regional" - Brasília, Revista da Pós-Graduação em História da Unb, Vol. 03, nº 02, 1995, pp. 48-81.

[51] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

Até que ponto a população, em geral, percebia a cidade com essas dimensões, é difícil precisar. É quase óbvio que poucos tinham acesso ao caudal de informações culturais trazidas pelo *Novo Mundo* (apesar da pretensão do seu editor, em abrir as portas às pessoas interessadas...), pela própria impossibilidade de seus recursos no campo do saber instituído. Apesar de a cidade ser vista como "centro cultural", na verdade, havia, ali, uma população pobre, em grande parte, envolvida com as explorações nos garimpos, completamente distante do "mundo das letras". Contudo, não se pode esquecer, considerando um quadro social mais complexo, que esse já era o tempo em que todo núcleo urbano abrigava centros escolares, uns melhores (como dos salesianos), outros mais precários, mas a existência de um circuito de ensino formal e informal era realidade (professores que davam aulas em casa e, mesmo, passando temporadas nas fazendas vizinhas), permitindo maior divulgação da leitura e da escrita. Lembrando, ainda, que muitas famílias de migrantes que chegaram a Mato Grosso, desde a década de vinte, como demonstrei no 3° capítulo, haviam passado por experiências escolares, tendo em vista principalmente, a alfabetização dos filhos.

Quanto a essa imagem que aparece sedimentada como *centro cultural*, procuro apreendê-la muito mais nas atitudes dos seus habitantes perante, principalmente, a sua forma de ver e sentir "a vida na cidade" - todo um conjunto de significados mediando as relações entre os que compartilham uma mesma experiência social. Somente aí, mergulhada nesse contexto, é que ganha expressão a idéia, difundida pela sociedade local, de que, a partir dos setores letrados, constituía-se um centro urbano onde se elevava a importância da "cultura", enquanto produção intelectual e artística.

3.LEITURAS, TEATRO, INFORMAÇÕES E ARTES COTIDIANAS

LEITURAS E TEATRO - Considero importante, neste item, destacar a atividade de leitura, deslocada dos espaços restritos dos bancos escolares e do domínio dos *letrados*, disseminada, ainda que, com todas as limitações, pela sociedade local. Em Lageado, através da rede imbricada da escrita, em que se destaca a educação formal, condição sobre a qual a cidade se auto-afirma em modelos culturais, paralelamente, e em ligações essenciais com a decifração da própria escrita, iniciava-se um público leitor de romances e "esmiuçador" de informações em revistas e jornais. Muitos que pouco freqüentaram a escola e continuaram o seu processo de formação em casa, no espaço doméstico, encontravam, por exemplo, na leitura dos romances uma fonte rica de aprendizagem, principalmente as moças.

Do texto escolar aos textos mais vastos dos romances, nas sociedades ocidentais, a leitura sempre foi considerada de seu ponto de vista formador, prevalecendo a idéia da *informação pelo livro* que, segundo as palavras de Michel de Certeau, passava pela pretensão pedagógica "de *informar* uma população, isto é, 'dar forma' às práticas sociais."[52] Essa concepção de aperfeiçoamento cultural apoiava-se na idéia do livro como utilidade social, difundindo comportamentos considerados adequados ao viver em sociedade, isto para não falar da sua "outra face", quando é *mau visto*, "leitura perigosa", veículo de imposturas sociais. Contudo, de qualquer maneira, prevalece o seu caráter modelador e a convicção de que o público é totalmente passivo. Não que a produção da escrita não possa corresponder a essa tarefa de conformar os indivíduos a modelos culturais - o texto inscreve um modo de vida (urbano e civilizado) - mas o fato é que a

---

[52] O autor assinala aí o *mito da Educação*: "...a ideologia das Luzes queria que o livro fosse capaz de reformar a sociedade, que a vulgarização escolar transformasse os hábitos e costumes, que uma elite tivesse com seus produtos, se a difusão cobrisse todo o território, o poder de remodelar toda a nação." *A invenção do cotidiano. Op. cit.*, p. 261.

leitura desdobra-se infinitamente, ultrapassando fronteiras estabelecidas, com o poder de alastrar-se por mundos inimagináveis.

Além de todas as reflexões que se pode fazer do romance enquanto projeção de realidades e produção de desejos e aspirações (interação autor/leitor, ou a leitura e a invenção do leitor[53]) - o que foge aos limites deste trabalho - interessa-me assinalar, sobretudo, misturado a isso, o texto do romance como veículo de leitura e referência cultural para a pequena cidade, contando, principalmente, com a adesão das mulheres.

Todas as moças e "mães de família" da época, que tinham o mínimo acesso aos livros, referem-se a sua experiência com a leitura de textos impressos... histórias e contos, como diz, significativamente, este depoimento:

"...ainda menina, no Maranhão, freqüentei por pouco tempo a escola, as primeiras letras foram em casa. Comecei a ler gaguejando mesmo, pelejando... Forçava! Escrever eu não sabia direito (fazia carta), mas eu lia, lia livros, lia romance, lia uma história...lia um conto... Os vizinhos emprestavam. Falavam assim: eu li um romance bonito, de tal nome, eu tenho ele lá em casa, quer ler? - Quero! Apanhava, lia, era assim... Ali ficava entretida e gostava demais!"[54]

Mas, influências diversas ajudavam a ampliar o círculo de leitura, estimulavam o seu exercício, além da oportunidade que os mais velhos encontravam para ensinar os mais jovens:

O papai gostava que a gente lesse... E acostumamos a ler! Fiquei em casa de um tio (casado com a irmã da mamãe), italiano tinha uma visão muito avançada, uma pessoa da época de hoje, naquele tempo! Era muito inteligente e apreciava romance, acho que ele notou o desenvolvimento da gente, que gostava de ler, e ele procurava pedir um livro emprestado, aqui, ali,

---

[53] Cf. CERTEAU, Michel de. "Ler: uma operação de caça" - *A invenção do cotidiano. Op. cit.*, pp. 259; BORGES, Jorge Luis. *Sete Noites. Op. cit.*; CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos. Op. cit.*; BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte.* Paris, Seuil, 1973. LLOSA, Vargas. *A orgia perpétua. - Flaubert e 'Madame Bovary'.* Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves editora s.a , 1979.

[54] Depoimento de D. Ineizila, citado.

nas casas de pessoas amigas... Levava pra gente ler, líamos junto com ele... ia lendo trechos pra gente... era assim![55]

É importante lembrar aqui, seguindo este mesmo fluxo de informações, a força do *conto infantil*, também instrumento de leitura: um dos livros muito lido por adultos, para depois contar às crianças, era "Contos da Carochinha", de Figueiredo Pimentel[56]. Não se pode deixar de citar, ainda, a *história policial*, um gênero que atraía os adultos num ritmo mais acelerado (os pais passando para os filhos): de Agatha Cristie, Edgar Wallace, Conan Doyle, e as aventuras de Raffles e de Nick Carter, entre os mais citados[57].

De toda maneira, a leitura adentrava os espaços da intimidade. Lia-se, muitas vezes, sob a luz das lamparinas e sob o fôlego das aventuras e paixões narradas (os romances traduzem, de certa forma, as agitações da alma de quem os lê). Sempre mencionam o prazer da leitura dos romances (predominantemente românticos), citam-os, relembram títulos e personagens, romances prediletos, etc.: "...depois que saí do Colégio das Irmãs e voltei para a fazenda, ainda mocinha, a leitura que eu mais fazia era a dos romances que eu arrumava e, depois, que o meu namorado mandava (inesquecível a leitura de Walter Scott, *Ivanhoé*)"[58]. Ou, como diz outra, que viveu sua mocidade entre as localidades de Lageado e Tesouro: "Li muito aquela *Rosa do Adro*, *A Moreninha* e *A Mulher do Realejo* (do Xavier de Montepin); *A Dama das Camélias*, todos eles..."[59]

---

[55] Depoimento de D. Maricota Figueira Balbino (nascida em 1921), que veio ainda menina para Mato Grosso, proveniente de Conceição do Araguaia, por volta de 1924. Chegou a morar, nos tempos de moça, na cidade de Baliza (Estado de Goiás) e em Tesouro e Lageado. Cuiabá, junho de 1993.

[56] Pesquisa de campo, Lageado março de 1993.

[57] *Idem*.

[58] Depoimento de D. Eva, citado.

[59] Os romances mais citados foram: *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; *A Viuvinha*, *Luciola*, *Iracema* e *Senhora*, de José de Alencar; *Inocência*, de Visconde de Taunay; *O Seminarista* e a *A*

Não é difícil imaginar a força desse tipo de leitura, sobretudo os romances, na vida de homens e mulheres dos lugarejos sem maiores condições de acesso às inovações do mundo contemporâneo, que, aliás, aparecia estampada nos livros e revistas. E lembrando um pouco, aqui, das palavras de Vargas Llosa, incitando nossa imaginação - com os ventos mornos ou tempestuosos, mas sempre sedutores da leitura - talvez nos sintamos mais próximos dessa "influência fatal": "... a máxima satisfação que pode produzir em mim um romance é provocar, ao longo da leitura, minha admiração por alguma inconformidade, minha cólera por alguma burrice ou injustiça, minha fascinação por essas situações de deformado dramatismo, de excessiva emocionalidade que o romantismo pareceu inventar porque usou e abusou delas, mas que sempre têm existido na literatura, porque, sem dúvida, existiram sempre na realidade, e no meu desejo."[60]

E assim, vidas atormentadas, aventuras e tramas amorosas saltavam dos livros, atraíam a atenção e acentuavam, particularmente, aspectos privados da experiência humana. Ora, a vida das pessoas comuns e o detalhamento do cotidiano passaram a ser objeto de atenção no romance moderno, isto é, a experiência individual, privada, foi elevada a tema nessa forma de criação literária, reveladora dos desconcertos humanos[61]. Ou, então, como disse Walter Benjamin: "O local de nascimento do romance é o indivíduo na sua solidão, que já não consegue exprimir-se

---

Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães; e, ainda, *Helena*, *A Mão e a Luva*, *D. Casmurro*, de Machado de Assis. De autores estrangeiros: Walter Scott - *Ivanhoé*; Alexandre Dumas (pai) com o *Conde de Monte Cristo* e Alexandre Dumas Filho - a *Dama das Camélias*; Victor Hugo - *O Corcunda de Notre Dame* e *Os Miseráveis*; falou-se ainda em Eugène Sue (*Os Mistérios de Paris*); foram citados também os portugueses Alexandre Herculano (*Eurico, o Presbítero*) e Camilo Castelo Branco (*Amor de Perdição* e *Amor de Salvação*), além de *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis; Pesquisa de campo. Guiratinga (antiga Lageado), março de 1993.

[60] *A orgia perpétua. Op. cit.*, p.16.

[61] Ver, a esse respeito, especialmente, o texto de Erich Auerbach: "Na mansão de La Mole". In: *Mimesis*. *Op. cit.*, pp. 405-441.

exemplarmente sobre seus interesses fundamentais, pois ele mesmo está desorientado e não sabe mais aconselhar. Escrever um romance significa levar o incomensurável ao auge na representação da vida humana. Em meio à plenitude da vida e através da representação dessa plenitude, o romance dá notícia da profunda desorientação de quem vive."[62]

Romperam-se os elos com a tradição oral. Agora o que importa não são as narrativas que emergem das experiências pessoais ou relatadas, como histórias que compõem grandes quadros, ciclos (como em as *Mil e Uma Noites*) e quando contadas convertem-se novamente em experiência dos que as ouvem Pesa muito mais o fato de, como no romance, escrever-se a trajetória pessoal de personagens em sua singularidade irrepetível, seja em busca da "verdade", através da percepção individual, seja acreditando na autonomia de cada um, como esperança de liberdade. Mas espera-se, essencialmente, que haja correspondência entre *vida* e *literatura* e que os "destinos" representados aqueçam as almas em sua fria solidão e ofereçam paisagens com o poder de nos transportar do mundo *aqui* vivido.

Contudo, os atos de leitura podem ser encarados de dois pontos de vista, pensando nessas localidades, distantes dos centros culturais "mais dinâmicos" do país: quer se considere sua função social como veículo de aprendizagem, através de textos que prendam a atenção, como os romances e contos populares, na perspectiva de uma sociabilidade da leitura - circulação de informações, laços de comunicação, convencimento e influência para que a leitura se amplie no grupo social - práticas que abrem espaço para uma experiência partilhada do ato de ler; quer se considere a "invenção do leitor", ou como diz Michel de Certeau - "Um mundo diferente (o do leitor) se

---

[62] "O Narrador": In: *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. *Obras Escolhidas*. *Op. cit.*, p. 60.

introduz no lugar do autor"[63] -, transformando o texto em experiência de quem lê, recolhido na intimidade. Evidentemente, essas considerações estão compreendidas dentro de um mesmo fluxo cultural, marcado por uma pluralidade de práticas que se cruzam incessantemente, ora predominando uma aqui, ora outra ali, ora existindo com igual força. De fato, inscrito no centro da sociabilidade e da experiência individual, o livro sedimenta a importância da *cultura escrita* (difusão da leitura, maior circulação da palavra escrita, progressos da alfabetização).

Neste âmbito, é bom lembrar que os textos impressos que apareciam na cidade (e, também, anunciados nos jornais e revistas) eram de mais fácil acesso, em geral, livros de bolso e encadernações simples, facilitando a sua aquisição pelas pessoas. Apesar de que havia uma troca intensa de livros - prática multiplicadora da leitura: "os livros não paravam em nossas mãos, passávamos de uma para outra..."[64], permitindo sua maior circulação. Mas nem tudo pára aí.

Face a um texto, produzem-se gestos. Ainda apresentando resquícios de ligações com a *oralidade*, a experiência partilhada do ler, ou até mesmo, em um primeiro momento, o ato individual da leitura, mas, depois, o ato de "contar a história" para os outros, desdobrava-se em um "trabalho artístico". Um dos aspectos mais ricos e interessantes que a leitura dos romances proporcionava, aliada ao espírito de inventividade, no ambiente das pequenas cidades, era a sua "adaptação" para peças teatrais. Formavam-se grupos amadores de teatro (por iniciativa das mulheres) e, a partir de algum romance escolhido, encenavam-se as peças: "a gente lia para teatralizar" - no dizer das pessoas, o que não deixava também de funcionar como um instrumento socializador dos grupos que acabavam por se formar na cidade.

---

[63] *A invenção do cotidiano. Op. cit*, p. 49.

[64] Depoimento de D. Maricota Figueira Balbino, citado. Contudo, esta é uma resposta comum a praticamente todas as entrevistadas.

Tecidas ou refeitas pelos corpos, vozes e gestos das pessoas que ali encenavam as peças, as histórias procuravam imitar os romances, mas não deixavam de estabelecer correspondências e ressonâncias com a vida que ali se descortinava, através dos signos que emitiam e de situações que mais se aproximavam de sua realidade: pequenas e grandes intrigas, conflitos de toda espécie, mas também composição de solidariedades. Os ensaios das peças teatrais mobilizavam todo o grupo e as adaptações lidas em voz alta impunham um ritmo próprio aos enredos, como davam movimento aos corpos que ali emprestavam seu espírito aos textos. O entusiasmo com que falam dessas atividades perdura até os tempos de hoje, mais preocupados em nos transmitir a sua "capacidade passada", como se eles mesmos não pudessem acreditar no "fazer de ontem". Vejamos:

"Era o teatro que mais nos agradava. Logo que arrumávamos um certo tipo de peça, eu a copiava toda (fui também diretora) e reunia as moças. Os homens podiam ser diretores... Alguns até montavam as peças.

Mas só mulher participava; vestia-se de homem. Quem fazia o papel de homem eram aquelas mais altas que sabíamos ter mais tipo. Lurdinha, por exemplo, não podia vestir de homem, era uma negação, tinha a cara muito bonitinha! Então tinha que ser mulher, não podia ser homem. A Cidália sempre representava o papel de homem, porque era alta, grandona...

A Maricota trabalhava muito bem, a Maricota era ótima! Fazia mais o papel de mulher, a Mirtes mais de homem, porque a Mirtes também era alta. Eu fazia de homem, mas não ficava muito bem não, porque tinha uma carinha miúda.

Nós arranjávamos peças ótimas! Então fazíamos as reuniões e determinava-se os papéis de cada um. Os ensaios eram lá em casa, todas as noites - uma festa![65]

Espaço de domínio feminino (pois as artes teatrais eram compreendidas como atividades que não se chocavam com a posição feminina tradicional), nesses encontros armavam-se as personagens e produziam-se os vários tipos escolhidos; invertiam-se os papéis e definia-se ali quem se encontrava apto para melhor representá-los: mulher, homem, com todos os predicados imagináveis... e o mundo ia desfilando preconceitos, desejos, sensibilidades, revelando predileções e,

[65] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

por que não, irreverências. É preciso, pois, considerar as artimanhas do momento de adaptar as peças, como eram escritas e passadas, valorizando-se um aspecto aqui, outro ali, adequando-se à leitura que o próprio grupo fazia da história. Tal qual uma peça teatral dentro de outra, não se pode esquecer que o grupo ali também "encenava" aspirações e desejos de homens e mulheres daqueles lugarejos - representações que também são metáforas (crônicas de seu tempo?) - em que muitos se viam interpretados. Mas, por outro lado, o que era posto em cena fugia do cotidiano da platéia, aguçava a imaginação, e trazia paisagens desconhecidas, sonhos, heróis e heroínas. Porém, contando com poucos recursos, na arte da imitação, a astúcia maior estava na improvisação:

De uma vez, em uma das peças, havia uma personagem negra, uma negrinha com algumas características, e fiquei a pensar... Tinha uma moça que trabalhava lá em casa, que andava pedindo para cortar o cabelo dela, falei: - "Maria vamos cortar esse cabelo, realmente está muito feio!". Coloquei um papel para aparar tudo; cortei o cabelo dela bem baixinho - "assim que fica bonita". Depois peguei seu cabelo e fiz uma toca preta, ajeitei bem com cola, mas não tinha cola nesse tempo, eu fiz goma; e não segurava, então fiz uma goma de polvilho que se faz no fogo, peguei um mamão, uma abóbora, não sei mais o que, e botei lá a toca. Preguei os cabelos pixaim tudo lá, de cola, preguei... preguei... tudo muito bonitinho, fiz uma cabeleira, uma peruca linda, e fui lá pra fazer sucesso, botei um lacinho vermelho e tal e quando houve o ensaio geral, a negra já estava toda preparada de peruca e tudo - "Meu Deus - disseram - onde você achou isso?" - "Fabriquei!..."

"Fabriquei!" - era a grande descoberta, gerando um espaço prático, móvel, solto... contrário às asfixias cotidianas e aberto às possibilidades:

Nós fazíamos também os cenários, por exemplo, tinha o mar, então pegava papel de embrulho; ia até a loja, pegava os papéis e colava tudinho, colava... colava... e fazia um enorme cenário. Apanhava tinta de roupa, pintava um barco e fazia um navio; para o trovão, arranjávamos um couro, desses de boi, bem seco, e ficava lá atrás, batendo no couro: tum... tum... era o trovão! O relâmpago era com lâmpada. Tudo se fazia, saía de tudo... Olha, teve um senhor de São Paulo que assistiu uma peça nossa, o homem ficou encantado! - "Meu Deus, como vocês, aqui nesse mundo, que é um buraco, conseguem fazer coisas tão bonitas desse jeito!" E os vestidos! Emprestava vestido daqui, outro dali, só vestidos bonitos!

De outra vez, aconteceu que tínhamos de pintar o cabelo da mulher de velha - talco, mas na hora esqueceram o talco, e o que fazer? A personagem era velha! Só sei que alguém pegou cal e

encheu a cabeça da pobre de cal, a Maria do Valdivino. E quando acabou a apresentação ela disse - "Gente, mas minha cabeça tá coçando... tá ardendo!" Dissemos: - "Ah não trouxemos talco, então botamos cal!" E esse povo da roça não lavava a cabeça à noite, porque faz mal, meu Deus que sufoco foi ter que lavar a cabeça da Maria do Valdivino!

De uma vez, fizemos um bale. O João Antônio que organizou, a coisa mais linda, bailarina vestida de godê duplo e bailava... bailava...! Depois, quando fechava o pano, estava todo mundo voando, só se vendo as nossas bailadas...

O João Antônio inventava cada coisa! Ele fez uma bandeira que, ao puxar um fio, ela se abria toda e caía do seu centro um monte de pétalas... Fazíamos cenários dificeis e encantadores e botava tudo no palco... As salas, as janelas, as coisas todas, arrumávamos direitinho; trabalhávamos que não era brincadeira, mais saía tudo bonito! O público pagava ingresso, tinha o puxador de pano...Tinha tudo![66]

A depoente apresenta-se mais interessada em descrever a operação do "fazer teatro": a invenção dos cenários, a produção dos acessórios, a organização das apresentações. Tudo era visto como se não existissem limites para a criação: "parecia que tudo era possível", "fazíamos de tudo", "tínhamos de tudo", frases que falam de uma auto-suficiência para colocar à prova a capacidade do grupo. Tal habilidade se apoiava ora na inventividade, em que combinavam mil astúcias e oportunidades, ora numa espécie de auto-afirmação social, como que querendo dizer - "estamos aqui no fim-do-mundo, mas somos capazes!" Não deixava de ser, portanto, uma apresentação/ demonstração de "cultura", concordavam todos. D. Maricota, por exemplo, ainda diz - "éramos tão sabidas, fazíamos tudo com tanto apreço, diferente dos dias de hoje, em que não se tem tanto cuidado". E continua nos falando das peças famosas que encenou, inclusive na cidade de Baliza - "A borboleta e a abelha" (que trazia duas irmãs, de personalidades opostas); das "peças cantadas" e dos ensaios criteriosos que faziam (os ensaios chegavam a demorar uns três meses), e conclui: "líamos muito poesias e romances (chegávamos a encomendar livros para presentes de aniversário), e

[66] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

adorávamos encenar!"[67] Nesse clima, ainda, pode-se imaginar o alvoroço que causavam na cidade os grupos de teatro que apareciam de fora, trazendo artistas, representando peças inesquecíveis... Momentos que magnetizavam a população, não deixando nunca de estar presente, aplaudindo vivamente todos esses que a visitavam, conforme foram anunciados no jornal: a *troupe* "João Caetano" apresentando o "apreciável drama moral" - Rosa de Tannemburgo - e, ainda a *troupe* Tra-lá-lá, com a atriz Marilita Pazzoli, que "agradou muito a todos"[68].

Todavia, o que era realmente possível para Lageado, palpável às suas mãos, consistia na existência de uma tipografia (de J. J. Almeida), que funcionava como uma espécie de livraria e anunciava a venda de romances (dirigindo-se ao público feminino):

"Encontram-se à venda nesta TYPOGRAFIA, para moças, livros de aventuras, literatura, sociologia, política, etc., para leitores de todos os gostos, de autores de renome universal".[69]

E apresentavam, além disso, os figurinos que diziam ser os mais famosos, entre outras revistas: *Belle Parisienne; Femme Elegante; La Mode Favorite; Grand Chic; Stella; Smart;Vida Doméstica; Moda e Bordado; Arte de Bordar*, além de oferecerem *folhinhas* e *almanaques*[70].

Configura-se, nesse ponto, um lugar entre revistas, romances, jornais, articulando informações de todo tipo, e que remetem a certos objetos e padrões culturais dados. Em meio a isso, os testemunhos, quando nos falam desse tempo, passam uma impressão de que tudo era

---

[67] Depoimento de D. Maricota Figueira Balbino, citado.

[68] Cf. *O Araguaia*, 26 de agosto de 1934.

[69] *Cf.O Araguaia*, 1934.

[70] *Cf. O Araguaia*, números correspondentes ao ano de 1934.

retirado dos livros e das revistas que chegavam de fora: "...queríamos viver como as heroínas dos romances, chorar como elas; também sonhávamos em conhecer os artistas que apareciam nas revistas, copiávamos os modelos dos vestidos das artistas, o cabelo e até os sapatos!"[71] Através da ficção romântica e das ilustrações difundidas pelas revistas, descortinava-se um mundo quase cinematográfico. Importa contudo, interrogar a respeito das maneiras de lê-las e como operavam no pensamento das pessoas, lembrando aqui Machado de Assis, para quem a imaginação era mais importante que a "precisão" da realidade, pois, se assim não fosse, a arte seria inútil[72].

Os figurinos e revistas de modas, principalmente aquelas que apresentavam uma maior abrangência, ou variedade de assuntos, anunciando em suas páginas filmes (sempre comentando sobre os artistas), peças teatrais e romances, divulgavam, essencialmente, um estilo de vida. Revistas como a *Vida Doméstica* (inspirada nos *magazines* franceses)[73], por exemplo, tinham a pretensão de atingir um público mais vasto e *popular* - "órgão de informação ilustrado e popular" - infiltrando-se no cotidiano das cidades, publicando contos, poesias e comentários sobre romances (a literatura era a face mais refinada de revistas desse tipo).

Porém, de fato, procuravam aproximar-se da intimidade familiar e funcionavam como verdadeiros guias de consulta, distribuindo conselhos a respeito de beleza, etiqueta, culinária, elegendo certos temas, como o namoro, o "amor maternal", "educação sexual", etc. Dentro desses parâmetros, a *Vida Doméstica* era a principal revista nacional a que a população do interior de Mato Grosso tinha acesso:

---

[71] Depoimento de D. Maricota Figueira Balbino, citado.

[72] Machado de Assis, *Crítica Literária*, Rio de Janeiro, 1955.

[73] *Vida Doméstica* - Revista do lar e da mulher, Rio de Janeiro. Magazine Mensal. Foram consultados os exemplares que se encontram no Arquivo Edgar Leuenroth, UNICAMP, Campinas.

A "Vida Doméstica" era uma revista de moda que não é como hoje, ela era completa, tinha modelos de todo tipo; não era figurino que tem um vestidinho, outro, não, a "Vida Doméstica" era ótima...[74]

Ela era importante por várias razões. Não só ensinava a "andar na moda", com os novos modelos importados da Europa - vestidos, sapatos, penteados e cortes de cabelo - como sempre fazia um balanço das notícias e das personalidades de maior destaque do mundo atual, mas, fundamentalmente, orientava o público feminino a se comportar (até a sentar-se nos cinemas), nos modos e no trato social, tecendo comentários sobre o *mundo civilizado*.

Lendo, conversando, costurando, bordando, cozinhando... Era nos interstícios das atividades desenvolvidas no espaço doméstico que as moças encontravam algum momento para a leitura, para folhear as revistas, segui-las como guias de costura e bordado, onde as fantasias acompanhavam o movimento e os desenhos dos trabalhos manuais. Trocavam informações, conversando sobre artistas, moda, etiqueta, e faziam reflexões a respeito da vida, do casamento (muitas vezes, tirando dos romances os "melhores exemplos"...), etc. Na verdade, acontecia que os pais retiravam suas filhas muito cedo da escola, considerando que a última série do primário (quinta) bastava para a sua formação, ou, então, quando já saíam antes mesmo de completar o primário, para casarem-se.

Casamento antigamente era uma coisa muito importante. Papai achava assim: tinha seis filhos homens e duas mulheres, os homens é que tinham que estudar, as mulheres tinham que aprender a costurar e a bordar. Era essa a mentalidade.[75]

---

[74] *Idem*.

[75] Depoimento de D. Didi Antunes.

Afinal, procuravam ocupar as moças de qualquer jeito... "A mulher feita para o lar!" - em uma prática cotidiana com mil ocupações domésticas, contando com a persuasão da mãe:

A mamãe para me consolar dizia assim: - Menina você vai aprender trabalhos manuais, seu pai tem muitos filhos... E tinha mesmo, não era? Seis para educar e eu como sempre muito conformada com as coisas e ainda gostava de aprender, então me joguei a aprender tudo, e a mamãe colaborava também. Fiz tricô e tudo quanto foi trabalho manual que aparecia, além de aprender a costurar.[76]

Ora, a educação da mulher voltava-se não para a vida profissional, pelo contrário, prevalecia a idéia de "competência doméstica" - experiência da "mulher prendada". Mulheres como D. Didi eram preparadas para comandar o espaço da casa, ensinando os filhos, aguardando os maridos, aprendendo tudo que permitisse um bom funcionamento da vida familiar. Quando seus pais se mudaram para uma outra cidadezinha, de recursos mais precários, próxima a Lageado, a depoente revela aqui os desdobramentos infindáveis das suas atividades:

Quando fui para o Tesouro estava preparada. Porque eu sabia trabalhos manuais. Fui dar aula lá, de tricô, de bordado... de tudo! Lá em Tesouro, quando havia festa eu enfeitava a Igreja toda, fazia as flores; pintava e bordava os panos do altar... De tudo eu entendia, organizava também as festas... Se morria um menino, iam me chamar porque o menininho tinha que ser enfeitado; o povo achava que tudo tinha que ser enfeitado, eu enfeitava o defuntinho todo! Se casava uma moça, eu tinha que fazer a grinalda, o buquê, e tudo o mais da noiva, tinha que fazer tudo! Achavam que eu era sabida. E o papai cooperava, encomendava os figurinos de Cuiabá, através dos caixeiros-viajantes... Eu era a consultora em todos os sentidos, estava preparada até para enfermagem, dava injeção, porque eu procurei me preparar já que não estudei... mas formei várias moças! Fiz grupos de tricô e costura, tinha até formatura, tirava fotografia...[77]

E, nesse ponto, as revistas ocupavam seu espaço, privilegiando interesses comuns da vida cotidiana. Eram lidas vorazmente, disputadas e colecionadas, trazendo para as pequenas cidades um mundo de informações que só tinha sentido se mergulhado na vida social:

---

[76] *Idem.*

[77] *Idem.*

Eu lia, passava adiante e, depois, guardava. Então a turma dali toda copiava, pois ensinava de tudo, tinha que dar um jeito nas pessoas! Elas eram muito atrasadinhas, porque aquele povo que foi para lá, era aquele povo da Bahia, era mesmo atrasado, era mesmo pobre, rico não ia! Uns que vinham do Maranhão, outros de Goiás, era um pessoal pobre, gente sem costume de uma vez![78]

As moças que, na cidade, tinham acesso a revistas e figurinos, distinguiam-se pelo *bom gosto*, considerado uma verdadeira obrigação social, reproduzindo "modelos" e obtendo, dessa maneira, projeção social, diferenciando-se entre as moças do lugar. E, como D. Didi, muitas interessavam-se por corte e costura que, pelo visto, tornou-se uma prática corrente (inclusive, moças das fazendas iam para a cidade, por um curto período de tempo, para passar por essa aprendizagem). E, assim, procuravam alterar os costumes introduzindo novas peças no vestuário e mudando o "estilo" das roupas.

Costurava para essas moças (muita gente caipira), eu era uma costureira muito importante na cidade. Tinha os figurinos... conhecia o que se usava![79]

A cidade *fazia-se* cotidianamente entre "iniciativas próprias", improvisações e reapropriações de modelos, práticas diversas, que eram o suporte para a sedimentação de comportamentos e condutas sociais normalmente aceitas. As informações mais variadas, os livros, as revistas e os próprios jornais da cidade articulavam as *novidades* - imbricadas no mercado - e contavam com o auxílio valioso dos comerciantes, principalmente os caixeiros-viajantes, que chegavam das viagens abarrotados de encomendas. Mesmo quando alguém conhecido viajava, pediam-se as *novidades*, que muitas vezes eram sacrificadamente copiadas pelas "modistas" e sapateiros do lugar. E até D. Didi, com a oportunidade que teve de visitar o Rio de Janeiro, em

---

[78] *Idem*.

[79] *Idem*.

1944, lá ficando encantada com os maios, não teve dúvida: trouxe uma peça de feltro e com ela fez vários deles para as moças da cidade. Foi um sucesso! (ver foto). Mas, mesmo diante destas experiências, constata-se, sobretudo, um conjunto de imposições culturais - a vida em família, valores morais e religiosos, novas maneiras de organizar a vida e o trabalho, de gerir a economia - que acabam por estimular operações efetivas, voltadas para tornar a cidade "habitável".

E, certamente, as pessoas queriam ler, comentar, informar-se, circular, etc. Contudo, nesse conjunto de informações e *inovações*, que sempre apareciam "adquiridas de São Paulo ou do Rio de Janeiro", o rádio começava a ocupar espaço. As referências que tenho são das primeiras manifestações de curiosidade e surpresa em relação ao aparelho e a certos programas (as pessoas, em geral, lembram-se do rádio já incorporado à vida diária, como se tivesse existido desde sempre). Mas alguns fragmentos de primeiras impressões, nos lugarejos, foram gravados da seguinte forma:

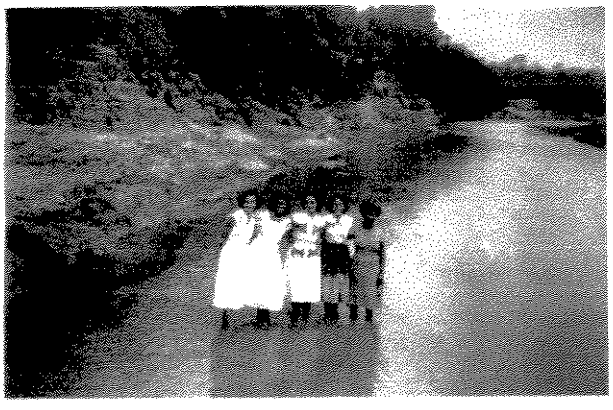
"Já existia rádio em Tesouro. Papai, foi ele quem teve o primeiro rádio lá ... adquiriu em São Paulo! Eu acho que lá em casa era o único lugar que tinha rádio, não sei se tinha outro... Talvez tivesse lá na D. Amália também. Não me esqueço do programa de Jararaca e Ratinho...esse aí ficou na minha memória! E ficava tanta gente escutando o programa de rádio do Jararaca e Ratinho na porta! Porque a nossa casa era recuada, então ligava o rádio... era meio chiado, porque era rádio distante, do Rio e São Paulo, e aí existia o programa do Jararaca e Ratinho, aquelas piadas, aquelas coisas... Eles criticavam muito Getúlio Vargas, tudo deles era criticando Getúlio Vargas![80] Então ficava aquele horror de gente na janela da nossa casa! A gente ficava ali escutando o rádio ligado na sala de visita. Só ligávamos o rádio à noite, porque não havia rádio a pilha, de dia não tinha energia elétrica; o povo ficava ali na porta e nas janelas. Chegava gente e perguntava: - "Deixa eu olhar aí atrás, de onde é que o pessoal está falando?" Eu tinha uma comadre que fazia isso - " Deixa eu olhar atrás pra ver..." E olhava por detrás do rádio e perguntava: - "Se vê? Onde bota querosene aqui?" Também quando via a lâmpada pendurada, luz elétrica, perguntava se botava querosene... Tinha luz elétrica, sabe? Foi um italiano, o Gino Trazzi, quem instalou lá em Tesouro a usina de luz elétrica. Lá tinha esse italiano, que ajudou muito também![81]

---

[80] Ver a respeito dessa dupla: Alcir Lenharo. *No fim da estrada: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart no tempo dos cantores do rádio.* Campinas, SP, 1995.

[81] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

"Maios de feltro" confeccionados por Didi - Tesouro. Rio das Garças.



Passeio às margens do rio das Garças.

Os irmãos João Antônio e Didi em visita ao Rio de Janeiro - 1944.

Teco-teco no aeroporto de Guiratinga - anos 40.

E todos se recordam também que, após a década de quarenta, ouvia-se muito o rádio "para ensaiar as músicas de carnaval que a gente escutava, através das rádios de São Paulo e do Rio". O rádio, dessa maneira, pode-se imaginar, servia para colocar as pessoas a par não só dos acontecimentos que "iam pelo mundo", mas também permitia usufruir de músicas que comandavam as diversões prediletas: aboliam as distâncias. Se, como ainda diz E. Hobsbawm, o rádio operava transformações importantes no ambiente das mulheres pobres, "presas ao lar", na solidão de seu trabalho diário[82], o que pensar de sua influência nesses lugarejos, da sua interferência no cotidiano das pessoas, onde todas as inovações chegavam por vias indiretas (apesar do "realismo" das fotografias)?[83] Mas, pode-se imaginar, pela primeira vez havia uma comunicação direta, aos ouvintes eram chamados a atender aos apelos das rádios, propagandas, músicas, artistas... E há que se considerar a imagem mais forte de tudo isso: "Trazia o mundo a sua sala"[84]. E assim, nesse contexto das *inovações*, o cinema também fazia suas primeiras aparições nas pequenas cidades: grandes galpões, salas improvisadas, ou exibições em praça pública[85], com um alto-falante sempre anunciando os filmes. A energia elétrica, para que se pudesse viabilizar as "modernas aparelhagens", era almejada por todos. Geralmente pequenas usinas cumpriam esse papel, e a energia elétrica só podia ser fornecida em determinados horários, enquanto isso, visando a iluminação, várias

---

[82] *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995, p. 194.

[83] Não foi possível recolher dados suficientes para uma análise da influência do rádio na vida ordinária dessas comunidades aqui em foco. A partir de uma visão panorâmica sabe-se que, em finais dos anos trinta, muito poucos tinham condições de adquirir um aparelho de rádio; mas após a segunda metade da década de quarenta o rádio já podia ser visto, de forma mais comum, fazendo parte do mundo cotidiano das povoações e cidades da *zona garimpeira do leste*. Aliás, como já disse mais atrás, terá uma função muito importante para todos aqueles que trabalhavam com os garimpos, devido a fixação do preço do diamante, em dólar.

[84] *Idem, ibidem.*

[85] D. Diouro assistia a filmes em praça pública, quando morou em Cassununga (localidade diamantífera do *leste*), na década de trinta. Entrevista em Cuiabá/junho de 1995.

iniciativas eram tomadas. Tenho a descrição curiosa de um morador de Baliza, mostrando diversas maneiras ou as invenções locais dos habitantes para ter "iluminação própria" em suas casas:

> Naquele tempo, você para alumiar, por exemplo, fazia um cordão (esse fio, muitas vezes, era tecido de algodão no fuso), enfiava numa cêra derretida de abelha e formava um rolinho, botava fogo e ele acendia. Alumiava a noite toda, cinco ou seis rolinhos daqueles, nos cômodos todos, ia queimando e desenrolando, alumiava a casa inteira, era assim!
>
> Todo mundo fazia uso disso. As casas quase nunca tinham querozene; e também eram poucas as fazendas que tinham querozene, já era coisa de gente mais abastada, gente mais de recurso. Senão, a gente fazia também a vela, derretia o sebo da vaca, colocando-o nas forminhas feitas de flande; botava um pavio com um pauzinho atravessado e despejava o sebo derretido ali dentro; era mexido n'água e já saía dali a vela. Ou ainda havia, para alumiar, e isso era a maior parte, na casa do meu sogro mesmo eu conheci, o que se chamava de candeia. A candeia é um arco de ferro, soldado em baixo, com um biquinho; ali botava o sebo derretido, ou botava o azeite de mamona, botava o fio com o bico para fora e acendia. Também ficava servindo de vela, chamava candeia de azeite[86].

Por um lado, os habitantes dessas pequenas cidades utilizavam de mil estratégias para enfrentar sua vida diária com as condições materiais ali disponíveis - "... que colocam em jogo uma *ratio* 'popular', uma maneira de pensar investida de uma maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar"[87] -; por outro, o impacto das *inovações* (visíveis e audíveis), diante das profundas diferenças, era sentido de forma particular, como, por exemplo, os pequenos aviões, que impressionavam a todos. Saíam às ruas (quando não abandonavam os banhos de rio, as pescarias...), agitavam lenços, acenavam as mãos e corriam até as pistas de pouso para vê-los: expressão maior da tecnologia avançada. Mas, nos registros que fiz dessa época, através dos relatos, os aviões aparecem focalizados, de forma especial, na imagem dos seus pilotos: assemelhavam-se a heróis. Estes estavam mais para um tipo de *play-boy dos trópicos*, que chegavam com seu quepe branco, imagem novelesca, acenando para as moças do lugar:

---

[86] Depoimento do Sr. Berorocã Figueira, citado.

[87] CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. *Op. cit.*, p. 42.

Quando os aviadores chegavam com seu quepe e sua roupa branca, fazendo acrobacias no centro da cidade, eram o máximo![88]

Tanto é que uma das grandes paixões de D. Lourdinha foi um "aviador", que só não deu certo "porque houve inveja" (a mãe de uma amiga inventou uma estória para afastá-la, porque o queria para a própria filha). E ela conta isso com toda a força das recordações antigas, paixões vividas e perdidas.

Mas, de certa forma, os pilotos representavam os "rapazes que vinham de fora, " trazendo consigo, incorporado à sua figura, os símbolos do "homem moderno", e, bem mais que isso, sinalizavam, através de suas roupas, do jeito de falar, do modo de olhar, a emergência de outros mundos. E as fantasias ficavam a bailar na cabeça das moças que ali se encontravam. Contudo, é bom lembrar que os "belos moços" que realmente se estabeleciam na cidade eram, em sua maioria, aqueles que iam a procura de espaço de trabalho, como dentistas práticos, professores, negociantes, e mais tarde os *bancários*.

Entretanto, a vida cotidiana da pequena cidade, mesmo contando com as inovações que ali chegavam aos poucos, transcorria dentro de cenários *quase* previsíveis (apesar dos acasos sempre atordoantes que marcam os destinos humanos), dependendo muito da iniciativa das pessoas e da sua criatividade para agir e, quem sabe, abraçar a aventura... Em todo caso, focalizando mais especificamente as mulheres, muitas delas procuravam utilizar as rachaduras do espaço doméstico, do confinamento dos trabalhos manuais - alianças microscópicas - para participarem do espaço mais aberto das ruas, do teatro, da fundação de *clubes* etc. Logo manifestavam seu desejo de participar do mercado de trabalho e estudar, mas, a maioria se casava ali mesmo e se tornava personagem

central da família nuclear, fechando-se nos limites das pequenas cidades. Porém, na perspectiva aberta pela utopia da "cidade grande", ideal de muitas mulheres, principalmente das que tinham alguma instrução, o pêndulo oscilava entre os aprisionamentos do dia a dia e a louca vontade de partir em busca de *novos tempos* (D. Didi, uma das entrevistadas, acabou realizando seu sonho: concluiu o "curso de comércio", em Goiânia, aos quarenta anos de idade e, hoje, reside na cidade do Rio de Janeiro).

4.FESTAS: ESPAÇOS DE SANTOS E DE HOMENS

As festas religiosas, em seus dias mais importantes, eram um grande acontecimento e tomavam conta das pequenas cidades. O calendário cristão era estritamente observado (chegando-se a identificar as pessoas pelos hábitos religiosos), elo essencial entre as *datas rituais* e as *maneiras de fazer*, criando espaços de convívio muito especiais, além de, costumes à parte, trazer em si a esperança para quebrar a monotonia da vida que se desenrolava ali, cotidianamente, permitindo as diversas festividades e a possibilidade dos encontros.

Conforme é amplamente reconhecido, o calendário, como objeto científico e cultural, está muito mais ligado a crenças do que a observações astronômicas, em que estas dependem mais da dimensão cultural das sociedades do que o contrário[89]. O calendário, com esta abrangência, marca

---

[88] Depoimento de D. Lourdinha de Sá Porto, citado.

[89] LE GOFF, Jacques. "Calendário". In: *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... (et al) 2. ed. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1992, pp.485 - 533. Nesse texto o autor trabalha a interelação entre

os *dias de recordação*. As festas cristãs encontram aí seu repouso e sua ressurreição de todos os anos; cada uma a seu tempo, na revolução da terra ao redor do sol, trazendo a vida e a morte das estações.

Walter Benjamin distingue o tempo marcado pelo calendário do tempo registrado pelo relógio: "No fundo, é o mesmo dia que retorna sempre sob a forma dos dias feriados, que são os dias da reminiscência"[90]. Nesse sentido, salienta que o tempo do relógio é estranho ao tempo da memória, sendo este o tempo da experiência - que guarda as tradições - e aquele o "tempo homogêneo e vazio", apenas acumulativo e inerte. O que mais importa nessa concepção é que o tempo do calendário, dotado de significações, retorna sempre como "... dias rituais, a celebração de ritmos gerais de um passado coletivo, cuja mais evidente elaboração é o calendário dos dias de festa..."[91]. Os "dias de recordação" têm seu poder próprio sobre o tempo - paralisam-no e trazem-no atualizado: "Nestes dias as coisas relembradas subitamente se tornam 'atuais', retornam à existência 'nos momentos de recordação'. Este é o caráter diferencial do tempo histórico; não a badalada regular do relógio que nivela todas as ocorrências em um contínuo indiferente, mas a pausa súbita do colecionador; não o frio avanço do processo infinito, mas sua transgressão."[92]

---

o tempo do calendário e o tempo submetido às leis do universo, mostrando como o primeiro está totalmente entranhado na história cultural dos povos, manifestando-se em sua forma religiosa.

[90] "Sobre o Conceito de História" (tese nº. XV). In: *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. *Op. cit.*, p. 230.

[91] MATOS, Olgária C. F. *Os Arcanos do Inteiramente Outro - A Escola de Frankfurt, a Melancolia e a Revolução*. *Op. cit.*, p. 31. Ver também LE GOFF, Jacques - chamando a atenção para as manifestações de resistência da população francesa quando da vigência do calendário imposto pela Convenção, ressaltando que além das questoes religiosas atadas ao calendário tradicional, "o que o fez explodir - o calendário revolucionário - foi sobretudo a supressão brutal das tradições ligadas ao calendário. Toda a vida cotidiana, afetiva, fantástica, de uma sociedade depende do seu calendário." - "Calendário". In: LE GOFF, Jacques. "Calendário". In: *História e memória*. *Op. cit.*, p. 492.

[92] MATOS, Olgária. *Op. cit.*, p.32.

As organizações festivas, de caráter religioso ou não - sem que seja possível delimitar tais fronteiras, considerando, principalmente, o contexto das pequenas cidades - têm o poder de funcionar como força aglutinadora da experiência social e, por isso, são fundamentais à teia da construção da memória coletiva, oferecendo ligações efetivas que abrem fecundas possibilidades de abordagens do passado: "Os cultos, com seus cerimoniais, com as suas festas (...) realizavam continuamente a fusão entre esses dois materiais da memória (passado individual e passado coletivo). Provocavam a lembrança de épocas determinadas e continuavam como ocasião e pretexto dessas lembranças durante toda a vida"[93]. O que vem afirmar essa dimensão da experiência social; tradição e consolidação da experiência coletiva - lugar de onde ecoam elementos de um tempo ancestral.

Diante disso, ao investigar práticas cotidianas ligadas a festividades, procuro reunir em torno das "datas da lembrança" o que se poderia chamar de um fluxo da memória das povoações, colhendo as experiências individuais que se projetam na experiência social, ou dão substrato a ela. No âmago das coisas, é o tempo das reminiscências revelando a vida.

FESTAS DE SANTOS - As datas religiosas, benvindas por também trazerem os momentos de pausa ao movimento regular e tenso do trabalho de todo dia, ocupavam o centro das festividades nas cidades: motivavam verdadeiros espetáculos nas ruas, com as procissões, as ladainhas, as ruas enfeitadas e o desfile dos santos. Toda a cidade cantava, ouvia, acompanhava, rezava... Em Lageado, particularmente, sobressaíam-se as festas de São João Batista, de Dom Bosco, do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora Maria Auxiliadora, de São Sebastião... As de São João Batista,

---

[93] BENJAMIN, Walter. "Sobre Alguns Temas em Baudelaire". In: "Obras Escolhidas ,III. , *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo.* São Paulo, Brasiliense, 1989, p.32.

por exemplo, apareciam com fogueiras nas ruas, nas portas - "todo mundo obrigatoriamente fazia fogueiras, a cidade virava uma fogueira geral"[94]. Podemos ver também como o jornal descreve essas festividades de S. João Batista:

> Festa de S. João
>
> Decorreram numa magnitude, sem precedentes nos annaes religiosos dessa villa, as sensacionaes festas populares promovidas em louvor ao grande apostolo São João, nosso padroeiro. Fogos estonteantes de salão e outras maravilhas da arte pyrotechnica, denegriu de fumo sulfuroso o ceu lageadense durante a noitada festiva e brilhantíssima.
>
> Em frente a innumeras casas de todas as ruas da villa notava-se a tradicional pilha de lenhas ardendo com incandescência encimada pela arvore fructífera symbolica, herança herdada dos tempos festivos dos vice-reinados que não mais voltarão.
>
> Contribuiu para maior succeso da noite de São João, o bando das bahianinhas em trajes característicos, organizado pela prendada senhorita Edith França.
>
> Cantaram alegremente pelas ruas e bailaram nas principaes casas, onde lhes era offerecido, manjar, canjica, mucunzá, confeitos e licores.
>
> A meia noite, teve lugar a ceia ao ar livre offerecida pelo estimado cavalheiro Abrahão Karabolad, prolongando-se até ao romper d'aurora o baile final que deixou doces recordações.[95]

Este conjunto de imagens exprime o caráter público e popular das *festas dos santos*: um espaço festivo que integra ruas e casas abertas a todos, a visitações, com as comidas típicas, as orações, as promessas, as brincadeiras, os pedidos, as simpatias, etc. Mistificações de toda espécie, vestimentas apropriadas, representações do *antigo* e do *novo*, são algumas de suas características que mobilizavam a população.

Todavia, apesar de todo o encanto da festa de São João, a festa principal - a dos preparativos mais longos - era mesmo a de Nossa Senhora Auxiliadora, no mês de maio. Diziam ser as mais belas e que empolgavam os habitantes... Já desde o começo do mês, iniciavam as novenas e as comemorações de todo dia; o povo ia às rezas das seis, sete horas da noite, e enchia a igreja para

---

[94] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[95] *O Araguaia*, nº 110, 1º de julho de 1934.

assistir à *coroação* de Nossa Senhora pelas alunas, pelas mulheres e meninas[96]. Ali prestavam-se homenagens; faziam-se agradecimentos à *mãe de Deus* e aos santos; rogavam bênçãos e deixavam pedidos; mas também, para além dos mistérios que emanavam de toda essa atmosfera sacra, apareciam as paixões profanas e os olhares furtivos - "foi numa destas ocasiões que conheci, pela primeira vez, a Dalva, nos meus doze, treze anos... coroando a Nossa Senhora!"[97] - e, com certeza, um espaço de convívio permitido, embora vigiado.

É importante considerar que as fazendas e povoados próximos integravam-se a esse espaço das festividades, estabelecendo-se uma forte relação entre eles, valorizando-se, por exemplo, as "festas de todo ano" nas fazendas, vistas como "tradicionais"[98]. Tanto das fazendas para as cidade ou vice-versa, os "grupos de conhecidos" (amigos e parentes) iam a cavalo, e, como dizem as pessoas, "o percurso já era um prelúdio da própria festa, antes de qualquer coisa, uma aventura!"[99].

Treze de dezembro, dia de Santa Luzia, era comemorado de forma especial no pequeno povoado de Tesouro, à beira do rio das Garças[100]. Todos os anos, havia a subida ao morro de

---

[96] Baseado em depoimentos das mulheres, pesquisa de campo - março de 1993,

[97] Depoimento de João Antônio Neto, citado.

[98] No capítulo II faço referências às festas das fazendas.

[99] Depoimento de D. Tina Balbino Milagres, filha do fazendeiro Juca Balbino.

[100] A população de Tesouro, pelas décadas de trinta e quarenta, parece mais um "prolongamento móvel" da população de Lageado, isto é, muitas famílias ora moram em Tesouro, ora mudam-se para Lageado, seguindo as variações tanto do comércio local, quanto as da exploração dos garimpos, sendo que muitas delas, depois, vão se fixar definitivamente nesta última. Isto não quer dizer, evidentemente, que não há uma população estabelecida em Tesouro, mas que passado o auge da exploração diamantífera, a cidadezinha encolherá de tamanho, seguindo tantos outros exemplos das povoações que surgiram em função da mineração.

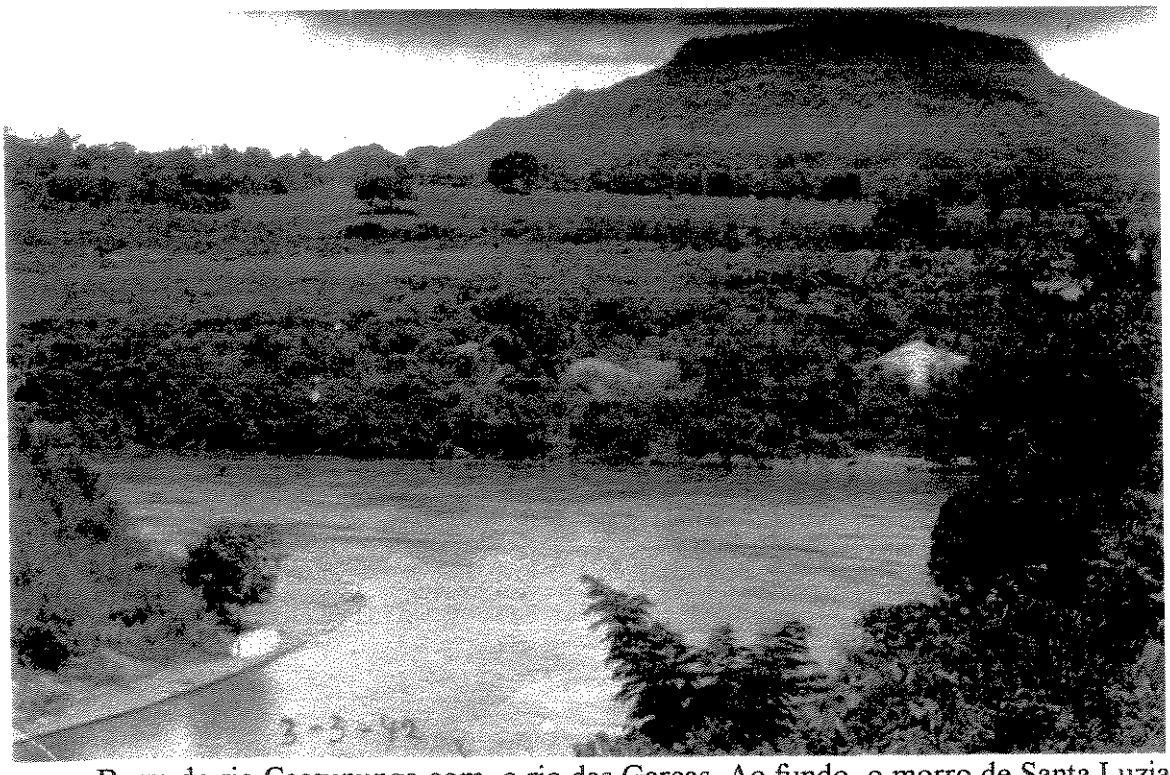
Santa Luzia, atraindo a Tesouro fiéis de povoados e fazendas da redondeza, que iam para pagar suas promessas e participar das festividades.

D. Didi Antunes, moradora dos bons tempos de Tesouro (maior produtividade diamantífera), comentando sobre as festividades religiosas que se desdobravam pela cidade, conta:

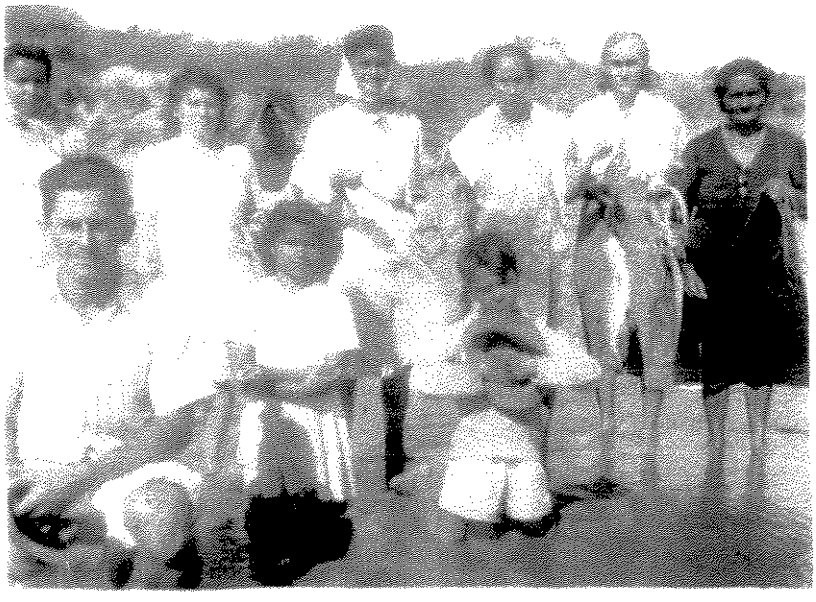
"Dia 13 de dezembro fizeram uma promessa na cidade, e puseram uma santa no morro de Santa Luzia para todo mundo ir lá rezar. Era um morro muito alto, o começo não tão alto, mas o último topo era ruim, tinha que segurar nas galhas para poder acabar de subir, e nós íamos, sabe? E era alto o morro! E nós íamos... mas não era mesmo tanta devoção da gente ir lá! Porque também iam os namorados, combinávamos todos para subir. Aquela folga! Porque as mães não davam essas folgas para a gente namorar de qualquer maneira e, assim, ninguém podia perder essas ocasiões; havia uns flertezinhos, então nós íamos, e todo mundo ia! Ah Santa Luzia! Vou rezar para Santa Luzia!...Se o ano que vem eu tiver casado, trago o marido nas costas! Naquele tempo a gente era garota, era aquela ilusão..."[101]

Elegia-se uma colina para simbolizar "o morro de Santa Luzia" e, no clima das comemorações, a população se reunia, divertia-se e acabava ultrapassando o significado religioso da festa, isto é, tudo era motivo para unir a comunidade em torno dessas festividades, deslocando-se do espaço sagrado para o profano. Era a *festa popular*, em que todas as pessoas, de uma maneira geral, relacionavam-se, revelando-se um tempo de ousadias, com a força da sua espontaneidade (apesar de todo um jogo de reacomodação das regras sociais, elemento constante). Contudo, é significativa a importância que os "novos núcleos urbanos" davam às suas "festas tradicionais". Se por um lado, procuravam criar uma aparência de vida passada - representando uma tradição a cumprir (lastro social) - por outro, buscavam revigorar um passado efetivamente vivido, isto é, através das reminiscências, podiam trazer experiências passadas e manter vivos certos elos afetivos,

[101] Depoimento de D. Didi, citado.



Barra do rio Cassununga com o rio das Garças. Ao fundo, o morro de Santa Luzia.



Pescaria no rio das Garças.

com lugares e pessoas (memória do migrante). Assim, a ritualização da festa, de um certo ponto de vista, não deixa de ser uma *simulação*, tanto do passado quanto do futuro.

De qualquer maneira, no relato anterior, expressa-se de uma só vez a necessidade da população se reunir em torno dos eventos religiosos, transformá-los em acontecimentos, marcá-los nos calendários - encontro marcado com uma vida anterior - e ampliar o seu alcance social, colorindo-o em tons próprios. Além do mais, para o povoado, tornava-se muito importante, como sinal de proteção, ver-se rodeado de símbolos religiosos. Era o "morro de Santa Luzia" ao longe, ali representando não só a fé, guia das promessas para a proteção dos olhos, mas também significando esperança para a concretização de outros pedidos, como o de "arranjar marido", pois ficar "solteirona" causava verdadeiro terror às moças do lugar. A gratuidade festiva foi, também, sempre marcada pelos acasos e, talvez, resida aí o substrato da esperança - fazendo com que as moças achassem que tudo podia acontecer.

Em Tesouro, havia ainda outras festas que eram muito conhecidas e marcavam o ano, principalmente a de Santa Teresinha, a do Divino Espírito Santo e a de São João:

"As festas de São João... em Tesouro, não existiam iguais! Eram bem organizadas, bom demais! Tudo de caipira mesmo... e minha mãe tinha um figurino de 1920, de quando ela casou! Eu usava esse figurino e fazia aquelas modas! Num dos anos, preparamos um carro-de-boi e os noivos caipiras. O Natal, meu irmão, "o noivo", que era muito engraçado, chegou a tirar um dente para ficar mais caipira. O juiz estava lá na hora; o pai vinha e obrigava o noivo a casar com a filha dele; o noivo "não queria" , então o pai puxava o facão! Era o casamento caipira; depois vinha a festa e o baile ia até o amanhecer! Vinha muita gente de Batovi, Cassununga (povoados próximos), e o pessoal das fazendas. Meu pai gerenciava todos aqueles fregueses, conhecia toda essa turma das fazendas. Mas era quase tudo família, de um, de outro, por isso é que Tesouro era uma grande família"[102].

[102] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

A comunidade toda se envolvia com a organização das festas - comerciantes, garimpeiros (com dinheiro) e certos profissionais liberais - cuidando da sua de forma "familiar" (resguardando as condutas), escapando do espaço da igreja e tratando de agrupar as pessoas em torno das festanças:

Do Divino era em maio e a de Santa Teresinha em outubro. Mas, a mais animada era a do Divino Espírito Santo. Nestas festas havia leilões, bailes, as barraquinhas muito animadas... Coletávamos o dinheiro para ajudar a igreja. Os leilões eram animadíssimos. Existiam os festeiros - cada dia, um era o responsável pelo leilão, pela prendas - pediam nas casas dos comerciantes; faziam bolos, enfeites e qualquer outra coisa. E, ainda, os noveleiros que trabalhavam em cada noite. Arranjavam as prendas, faziam as bandejas, leitoas, galinhas assadas, 'aquelas bandejas'! Procuravam fazer o máximo. Os mais endinheirados começavam a dar um lance alto, para ficar cada vez mais caro e depois que se arrematava, ia-se comer em casa de quem havia dado o lance vencedor e, ali, virava outra festa. Bebiam, comiam, e toda as noites convidava-se para uma festa, e eram nove dias! Nove dias de novenas, leilões e festas. Era animadíssima.[103]

Os divertimentos mais comuns ligavam-se entre si, invadindo o espaço social, onde as brincadeiras e os jogos saíam das ruas e adentravam as casas, distinguindo os "mais endinheirados", multiplicando as diversões. No final, preparavam-se para a vinda do padre, legitimação da "festa de santo":

No último dia tinha a missa solene, cantada! Eu fazia parte do coro... missa cantada e o padre vinha de Guiratinga. Lá em Tesouro não tinha padre, não tinha colégio de freira, não era como Guiratinga (Lageado), que arrumaram o Colégio. Nos dias comuns, nós é que nos reuníamos e fazíamos um terço na igreja. Inclusive, quando morria alguém, enterrava assim mesmo, dizia-se algumas coisas... Assim mesmo! Assistia-se a enterros muito interessantes por lá. Era a filha de uma baiana, a menininha morreu e saiu a música, tocando em uma sanfona, cantando a 'Jardineira': 'Oh jardineira por que estás tão triste...' e lá vai, e o foguete comendo!... e mais foguete...!"[104]

Observa-se também que, para além da festa, é como se esses pequenos povoados ainda ensaiassem os últimos acordes da morte - exposição anunciada, passando pela transição da morte espetáculo e exemplar, que caracterizava as sociedades que antecederam a era moderna, para a

[103] D. Didi Antunes, citado.

[104] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

morte abreviada e reservada, afastada dos olhares dos vivos, "purificando os espaços públicos". Por outro lado, a relação da festa com a morte já foi amplamente analisada: "A morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa. E foram precisamente esses momentos - nas formas concretas das diferentes festas - que propiciaram o clima típico da festa."[105] E, depois, nessas pequenas comunidades, onde todos se conheciam (e quase tudo conheciam da vida de todos) a morte era, em regra, compartilhada, assim como o lazer e o convívio com a família, além do próprio trabalho. Pelo contrário, a relação entre elas era intensa, coexistindo ou estabelecendo comunicações múltiplas. Nesse meio, é que as festas de santos ganhavam maior expressão, entrelaçando-se com as festas dos homens.

FESTAS DOS HOMENS: O CARNAVAL - Não se pode deixar de falar da festa que mais movimentava as pequenas cidades, das fantasias e máscaras, aos desfiles de rua: o carnaval! O jornal dá notícias das suas manifestações mais entusiásticas (novamente aparecendo a necessidade - recorrente - de mostrar a cidade em condições de se equiparar aos *centros civilizados*):

> Podemos afirmar, sem receio de errar, que os folguedos carnavalescos em Lageado, este ano, excederam, realmente, á expectativa geral. Decorreram os três dias consagrados a Momo entre festas caprichosamente organizadas e executadas com brilho ainda não alcançado nas festas carnavalescas dos anos passados. Não será exagero dizer-se que, dadas as suas condições de cidade pequena, nova, distanciada dos grandes centros, Lageado teve um carnaval que podia se emparelhar, sem desdomo, com o de qualquer cidade culta de Mato Grosso.[106]

---

[105] BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Op. cit.*, p. 8.

[106] *O Araguaia*, nº 105 (13 de fevereiro de 1934).

Resumidamente, descrevem-no:

Domingo ultimo vieram para as ruas, à tarde, os bem organizados "Grupo do Amor e Amizade", "Malandrinhas Sertanejas" e "Vem Comigo", o primeiro dividido nas suas ruidosas "Ala do Amor" e "Ala da amizade", composta dos melhores elementos da sociedade masculina local, e os dois últimos formados por senhoritas da sociedade ...[107]

Destacam as batalhas de confete, os desfiles de máscaras e fantasias, desfiles de blocos e cordões que tomavam conta das ruas... Apontavam os blocos de meninos ("Panificação Recreio") fazendo travessuras pela cidade; e as visitas dos diferentes blocos por todas as casas... Era de praxe, na noite de segunda-feira, os blocos anunciarem, de casa em casa, as folias da terça e, principalmente, o *grande baile* do último dia (convocado, inclusive pelo *Zé Pereira*)[108].

Em toda a *zona garimpeira do leste*, as organizações festivas eram muito semelhantes, considerando sua própria natureza histórica, as condições do povoamento, o contigente migracional, etc. Imprimia-se um colorido próprio, que se pode constatar nas descrições dos blocos, no carnaval de rua, na integração do espaço doméstico a ruas e a praças públicas, mobilizando as pessoas, mesmo antes, com os "avanços carnavalescos". Em Tesouro, por exemplo, os ensaios antecipavam as brincadeiras do carnaval - o riso festivo - e os preparativos já eram especiais:

Os ensaios para o carnaval, em Tesouro, também eram o máximo! Nós saíamos em turma, de casa em casa, convidando para um baile de carnaval (ou um avanço carnavalesco). Várias festas que fazíamos, eram todas para organizar os carnavais... O que mais gostávamos! A gente copiava da cidade grande, os desfiles, as fantasias, etc. E havia os corsos... Nós não tínhamos carro, mas a gente saía em cordões, fazíamos aqueles enormes cordões, dançávamos! Papai segurava a bandeira, entrava no salão do baile com a bandeira na mão, dançando...[109]

---

[107] *Idem.*

[108] *Idem.*

[109] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

Em Cassununga, onde os foliões eram também muito animados, pode-se encontrar descrições muito próximas de outras que trago aqui:

> Realizou-se nesta localidade, com todo entusiasmo, a festa do Carnaval.
> A Comissão encarregada de enfeitar as ruas não mediam sacrifício para desempenhar esta missão, ornamentando-as com bandeirolas, flôres e serpentinas, traduziando um verdadeiro ambiente de festa, paz e alegria.
> A organização do bloco "A Vida é Bôa", apesar de ser quase improvisada, composto dos melhores elementos da nossa sociedade causou sucesso. Ás 16 horas do dia 12, o bloco devidamente fantasiado e acompanhado de um afinado "jazz" organizado pelo "Grupo 13 de Maio", percorreram as ruas desta Povoação cantando as marchas carnavalescas "Lourinha", "Não Tinha Nada" e a "Lua", de quando em vez travavam serios combates de confetes e lança perfumes. Ás 20 horas teve início o baile em casa de residencia do Sr. João de Aguiar (...) que com toda a alegria dançaram até alta madrugada. Ás 16 horas do dia 13, o bloco "A Vida é Bôa" visitou diversas casas aonde foram carinhosamente recebidos.[110]

Os festejos realizavam-se nas ruas, com desfiles, blocos mascarados, cordões carnavalescos e, depois, culminavam em bailes animadíssimos em casas de família (improvisando-se grandes salões). Mas, com as máscaras, os grupos provocavam, mexiam, amedrontavam, satirizavam, incomodavam, brincavam... Lembrando aqui das análises de Mikhail Bakhtin, em seu estudo sobre Rabelais -, instaurava-se aí um *tempo alegre*, ainda que provisoriamente, imperando uma linguagem informal, cheia de expressões inconvenientes[111]. Todos se referem às explosões de alegria, recordando-se do barulho enorme que faziam; as mulheres ficavam com ciúmes de seus maridos, algumas "maledicências" vinham à tona, as solteironas se arriscavam e parecia que naqueles dias o mundo ia virar de ponta-cabeça.

---

[110] *O Araguaia* (nº 106) 25 de fevereiro de 1934.

[111] *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Op. cit.*

Em Lageado também eram famosos os blocos de mascarados irreconhecíveis que, durante o dia, - todos de preto e encapuzados - percorriam as casas das pessoas. Estas abriam suas portas, dançavam, brincavam, bebiam ... Os mascarados cochichavam - diziam "verdades" - e faziam muitas brincadeiras a respeito do que acontecia na cidade; era permitido abraçar, dizer coisas de forma bastante inconveniente e familiar... extravasamentos afetivos e sexuais podiam ser, nesses dias, "normais". Contudo, é importante estarmos atentos às palavras de Natalie Davis, quando diz que é um exagero compreender o carnaval como mera "válvula de escape", pois: "... a estrutura da forma carnavalesca pode evoluir de modo a servir tanto para reforçar quanto para sugerir alternativas à ordem existente."[112] Observa-se que, na prática, além dos *desvarios* - um espaço de permissividade - havia uma grande preocupação das pessoas com o "ambiente familiar" do carnaval, realizando-se os bailes de "fechamento" das folias em casas de famílias conhecidas (na falta dos *clubes*), com direito à apresentação de blocos, de fantasias, etc. Ora, nos relatos impressos e orais, os carnavais estão sempre ligados a uma eliminação temporária de certas regras e tabus vigentes - contato livre, solto, em clima de festa - mas nunca dissociados dos interesses que preservam a *ordem familiar*, considerando que essas manifestações festivas "...permanecem em íntimo contato com a realidade da comunidade e do casamento."[113] Isto aparece bem marcado no próprio caráter ambivalente das festividades carnavalescas: a utopia da transgressão - a suspensão do tempo - contraposta à vida ordinária, imbuída de seriedade, sem tempo para o riso.

---

[112] "Razões do desgoverno". In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p.106.

[113] *Idem*, p. 106.

ESPAÇOS DE LAZER - Existiam também outros programas de lazer, muito estimados, que as pequenas cidades inventavam para si mesmas:

"Eram os piqueniques, as berlindas, as pescarias (de canoa), e os banhos de cachoeira (que sempre vinham depois). E havia umas praias lindas no rio das Garças! Apesar de algumas correntezas, que davam muito medo, mas era lindo! Em uma de suas praias, tinha uma gameleira famosa, e a gente fazia piquenique debaixo dessa gameleira, ia quase toda a população... Mas era uma coisa imensa, o piquenique da gameleira era famoso, todo ano nós fazíamos o piquenique da gameleira!"[114]

Quando não criavam outras situações, deslocando-se para as fazendas ou chácaras próximas:

Havia um piquenique lá numa chácara de uma senhora, chácara que se chamava Corcovado, mas era uma coisa linda! Rio Cassununga! A gente saia cedo, assim com o céu ainda todo estrelado (como a noite), saíamos madrugadinha para ir até lá, porque era longe, à pé, e era longe! Ia uma turma grande. Mas grande!... Moças, rapazes, senhoras, e a gente levava coisas para fazer lá ... os donos da casa eram muito simpáticos, a mulher alegre e a gente chegava e ela dançava... começava a pedir licor que fazia para nós. Eu comandava sempre a festa; organizava o piquenique... O povo não sabia cozinhar direito! Ninguém sabia fazer nem macarrão! Tinha um trabalhão danado com esses piqueniques. E eu tinha que dançar![115]

Certamente, nesses encontros, em que se reunia grande parte da população, armavam-se laços de convivência fundamentais à existência dos povoados. Natalie Z. Davis assinala, nas pesquisas que compõem seu livro *Culturas do povo*, que não se limitou a buscar menções dos artesãos e dos pobres nos arquivos e bibliotecas, mas "se tornou também uma questão de reconhecer que as formas da vida associativa e do comportamento coletivo são artefatos culturais",

---

[114] *Idem.*

[115] Depoimento de D. Didi Antunes, referindo-se ainda às atividades de lazer de Tesouro.

e certamente apontam para estratégias de sobrevivência cultural dos grupos[116]. Esse ponto deve ser ressaltado, pois considere-se, pelo que já foi visto, a importância que tinha para o povoado as reuniões coletivas, em que comparecia "quase toda a população". Esta adaptava-se, apontava alternativas, criava condições específicas de relacionamento social, ora fechando-se, ora oferecendo aberturas e saídas.

A vida transcorria em contato direto com os rios, com a mata - um mundo enquadrado em determinados limites naturais -, facilitando um tipo de lazer que ali estava dado em meio aos recursos físicos e sociais de que dispunha. As lembranças só existem entranhadas desses elementos em que se tecem os destinos humanos, misturados aos rios, aos morros, às gameleiras, reunindo-se moças e rapazes, num tempo marcado pelo ritmo mais lento do lugar. Pelos relatos, aparecem ainda notícias de certos hábitos alimentares, que nos informam sobre a origem da população: "Não sabiam nem fazer macarrão" - revelando certos hábitos relacionados a um tipo de vida anterior dessas populações que vinham "da farinha e da rapadura", "do beiju" ; e ainda não se pode esquecer dos licores que faziam parte do tipo de bebida que toda família tinha em casa, como sinal de educação e boas maneiras - parte distintiva da vida doméstica.

DIVERTIMENTOS DE OCASIÃO, ENCONTROS E JOGOS - Não só de "grandes festejos" vivia a população, pois, ao mesmo tempo, inventavam-se as "reuniões menores", comuns à vida cotidiana, em que se praticavam espaços de sociabilidade mais restritos a grupos distintos - "os conhecidos" (amigos e familiares). Trata-se de perceber aí formas de agir reveladoras de escolhas, de invenções e de estratégias de um viver que talvez lancem mais luz sobre a natureza dos

---

[116] *Culturas: do povo: sociedade e cultura no início da França Moderna, oito ensaios*. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1990, p.8.

acontecimentos em curso, que afetaram ou sublinharam a linha mais forte do destino das pessoas e que, por outro lado, pressionaram a emergência de um mundo de conflitos, impossibilidades e aprisionamentos. As reuniões mais restritas e selecionadas eram promovidas insistentemente pelos mais jovens, sob o olhar cuidadoso dos mais velhos. De qualquer forma, constituía-se, claramente, numa das estratégias utilizadas para provocar amizades mais sólidas, namoros e, principalmente, os "casamentos desejáveis", prevalecendo os interesses do grupo social. Mas, não só isso, exercitavam-se aí maneiras de se relacionar, uma aprendizagem da vida social, em que as regras deviam prevalecer sobre os ímpetos pessoais, ou atitudes impensadas, ou seja, ainda não enquadradas em códigos de conduta. As brincadeiras e as berlindas expressavam características desse jogo social:

"Nas noites de luar a gente botava as cadeiras no pátio da casa, ou então na rua e reunia as moças, convidávamos para a berlinda: - "hoje vai ter berlinda!" Convidávamos moças e rapazes!... Aquilo era uma aproximação, porque a gente não tinha como namorar! Conversávamos com os rapazes, chamava-os para sentar perto da gente: - "Minha direita está vazia, quem senta?" Se a moça tinha namorado ela chamava o seu número e se não, a moça chamava o número daquele em que ela estava interessada. E quando mais de uma queria o mesmo? Aí virava aquela disputa, *mas era para isso mesmo*, aquela brincadeira! Mas também brincávamos de postos de soldados, de militar... não me lembro muito bem como eram os postos, mas tinha cozinheiro, soldado, sargento, tenente, capitão, major, tenente coronel, coronel e aí vai indo... Marechal... - "Passei em revista o meu batalhão!"... Tinha sempre um que comandava a berlinda: - "Passei em revista o meu batalhão e faltou o tenente!", e aí o tenente tinha que gritar: - "O tenente não falta, quem falta é o coronel", e assim por diante! Mas se alguém não respondesse, tinha que ir para a cozinha, e aí era a maior gritaria: - "Ah cozinheiro coronel (por exemplo), rebaixou, rebaixou!". Algumas vezes a pessoa não queria ir e ficava zangada e dizia: - "Eu falei sim!" E os outros: - não falou... vai para a cozinha!...Coronel vai cozinhar!" -"Subindo!". Então o que era cozinheiro passava a ser soldado... O que a gente queria era derrubar, subir de posto, que era para derrubar os mais altos, era aquela luta para derrubar...para subir... era animado demais![117]

[117] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

E o relato continua a falar das exigências que não hesitavam em fazer. Um jogo de disputa acirrado em que, certamente, não só na ficção, derrubava-se alguém de algum posto... Situações reveladoras do comportamento de um e de outro, das habilidades ou do maior controle de alguém por alguém. Ali emitiam-se signos: do mais inteligente, do mais tolo, do mais lento, do mais perspicaz... da moça mais dócil - mais feminina e educada - mais indicada, portanto, para o casamento; do rapaz mais impositivo, crítico, veloz - qualidades masculinas.

Em outros termos, "abre-se a cortina" e cada um, em seu papel, é reconhecido nesse espaço (visibilidade), no qual as pessoas ficavam literalmente, na *berlinda*, um verdadeiro ensaio para as difíceis posições sociais:

> Ah, noite de luar! Era coisa muito linda! Na berlinda tinha também a brincadeira em que se pagava prenda. Alguém ficava com o chapéu ou qualquer coisa e decidia a prenda da pessoa. Se essa mesma pessoa não fizesse o que se queria, pagava a prenda, recebia um castigo! E então, quem a havia mandado pagar a prenda perguntava: - " que castigo você dá para a fulana, a dona dessa prenda? Ela vai cantar? Ela vai pular como sapo? Ela vai recitar? Ela tem que pular como sapo ou tem que fazer igual a um jumento? Tinha que saber fazer! Latir, tudo...! Assim é que eram as brincadeiras nas noites de luar!"[118]

Incitando respostas, as provocações de todo tipo - procurando ridicularizar - exigiam esperteza dos envolvidos, que podiam representar os papéis de maneiras engraçadas, espirituosas, desfrutando das simpatias do grupo. E, não se pode deixar de dizer, os jogos têm sempre uma relação com o tempo, com o *futuro* - algo essencial que coloca os destinos em jogo. Nada, portanto, era tão inocente... É claro que as "brincadeiras" nesses encontros informais - a competição nas berlindas - acirravam as disputas, formavam imagens das pessoas, criavam alianças e desavenças, mas, depois, vinham as devidas acomodações. Tudo isso, na verdade, demonstra o

---

[118] *Idem*.

Encontro de moças - Tesouro (final dos anos 40).

Festa Junina - 1953.

Família da cidade de Baliza - GO. - 1949

Moças na praça - Lageado.

Em uma rua de Tesouro...

Grupo de moças de Tesouro.

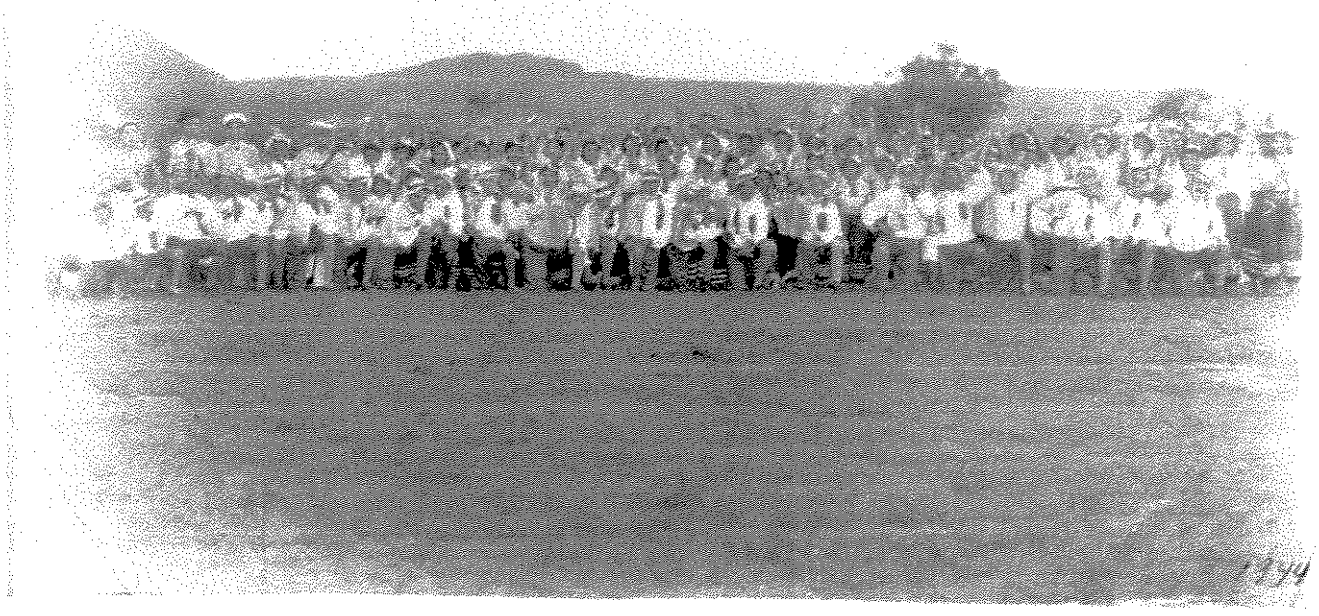
Grupo de rapazes de Tesouro.

Passeio de caminhão - Lageado

Baile a rigor. Tesouro - 1946.

Grupo de moças - Tesouro e Lajeado - 1946.

Fantasias de carnaval - Guiratinga. (Início dos anos 50).



Grupos carnavalescos - 1944 - Tesouro MT

Piquenique na cidade pequena - Tesouro MT

empenho dos grupos em ordenar a vida na cidade, no sentido de disciplinar e selecionar as pessoas, além de dar coesão àquelas que ascendiam na escala social.

As festas mais restritas geralmente tinham esse caráter: eram comandadas por grupos de amigos e familiares, não se esquecendo do papel dos habitantes das fazendas que se articulavam com os da cidade, através de casamentos e bailes de todo tipo. E com a chegada das férias de final de ano, os divertimentos ganhavam maior expressão: muita gente saía dos colégios sob regime de internato, moças e rapazes que estudavam fora, etc. Em "época de férias" a cidadezinha ganhava um brilho diferente, com a chegada dos que estavam ausentes.

O calendário guiava as comemorações santas e, a partir dele, organizavam-se as festas mais importantes, que envolviam os grandes agrupamentos coletivos, mas sempre que houvesse brecha, nos interstícios das festas principais, as reuniões informais estavam a preencher a vida. Não só "jogos de brincadeira", mas ensaios de teatro, saraus, com leituras dos poemas preferidos e apresentações musicais (o violão era muito apreciado) que davam a tônica aos espaços de sociabilidade.

Com o passar do tempo, aumentava o grau de complexidade social e como efeito das atividades do grupo mais seletivo, aparecia a necessidade de um lugar próprio para as atividades de lazer. Sob esse véu, "um lugar mais apropriado", escondiam-se conflitos latentes:

"O motivo maior do clube era selecionar, porque nas festas entravam garimpeiros, misturava tudo! Nós não queríamos que entrassem garimpeiros, até que alguns podiam, mas a maioria não! Algumas festas quase não saíram, por causa de briga na porta. E dizíamos assim: - "Entrar garimpeiro aqui, homens mal arrumados, mal vestidos - de garimpeiros mesmo - fedidos, de pés no chão, não! A gente não queria se misturar, ainda mais que era fim-de-ano, com os estudantes de fora, de Uberlândia, São Paulo, Rio de Janeiro, queríamos era uma seleção... Agora, algumas vezes acontecia da gente fazer 'olho comprido' para o lado de algum deles, mas aí tinha de ser bem

de longe, para ninguém ficar sabendo que era garimpeiro, pois existia uma repressão. Mas os garimpeiros não conviviam em nosso meio, ficavam nos garimpos.[119]

Os clubes (associações recreativas) eram o lugar próprio de práticas de exclusão dos mais pobres - visibilidade das regras sociais - quando os espaços familiares (domésticos) já não bastavam; era preciso estabelecer locais apropriados para as reuniões e folguedos, funcionando como um lugar de representação de classe, inclusive com a exibição dos *concursos* de beleza. E de forma mais interessante, os clubes também centralizavam as atividades esportivas. Organizavam times de futebol para os homens que, devido às suas regras simples e fascinantes, podiam ser praticadas nos diversos espaços abertos; para as mulheres criavam-se os times de vôlei - considerado um esporte "adequado" ao *estilo feminino*.

Mas, para a maioria, a diversão se completava mesmo com os torneios entre os povoados e cidades próximas. As disputas nos jogos, em que se enfrentavam os times de Tesouro, Guiratinga (Lageado) e Poxoréo, ficaram famosos, criando rixas inesquecíveis. Mas, no final das contas, quando convidavam uma cidade para jogar, era comum finalizarem com um baile, terminando ou "continuando" com as desavenças: "... tínhamos que aproveitar a ocasião", dizem as mulheres. Tesouro saía à frente:

> Quando inauguramos o campo, em Tesouro, convidamos uma cidade para jogar e foi uma festa! Um sucesso, um espetáculo! O povo de Guiratinga ia sempre lá jogar. Para o vôlei, encomendamos roupas do Rio de Janeiro. Era um calção fofo por baixo e uma saínha pregueada por cima, porque seria um escândalo jogar de bermudinha (ver foto). Existia o time do Corintians (com o emblema vermelho e branco) e o time do Riachuelo (azul e branco). O vôlei era para as mulheres, mas havia o time masculino, só que era de futebol (cheguei a ser rainha do time de futebol). Iam times de outros lugares jogar em Tesouro, assim como nós íamos a outras localidades[120].

[119] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

[120] Depoimento de D. Didi Antunes, citado.

Time de futebol de Tesouro - anos 40.

Time de voleibol feminino - Tesouro.

As disputas esportivas davam a tônica aos intercâmbios *culturais* entre os núcleos urbanos do leste, que se percebiam, assim, ligados ao circuito de influências da "vida moderna". Na realidade, os jogos, as festas, os encontros, promoviam as cidades - cada qual procurando sobressair mais que a outra, esperando ampliar seu raio de ação. Destaca-se aí, um quadro de "rivalidades" característico da vida interiorana.

Mas, nesse universo microcósmico da cidade pequena, diferenciam-se ou aparecem iluminadas de uma imensa zona de sombra os gestos teatrais de homens e mulheres, uns com a sua medíocre trajetória, própria daqueles que consideram a vida uma travessia sem turbulências (vigoroso pedantismo), outros que, filhos da astúcia, sabem imaginar e dispensar os caminhos que se mostram dispendiosamente seguros. Certamente, entre estes encontram-se aqueles que, como Hamlet ("se não fossem os maus sonhos..."), por força diriam: "Eu poderia estar fechado numa casca de noz e considerar-me rei dos espaços infinitos ..."[121]

[121] SHAKESPEARE, William. *Hamlet.* Tradução de Ricardo Alberty e Sebastião Maldonado Centeno. Lisboa, Ed. Verbo, 1975, p. 83.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *O engenho anti-moderno. A invenção do nordeste e outras artes*. Campinas, Tese de doutoramento, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1993.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. "Movimentos Sociais na Amazônia". In *Amazônia: Mito e Desencanto*, Revista Debate, Publicação CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), Salvador, Bahia, Janeiro de 1995.

ANZAI, Leny Caselli. *Vida cotidiana na zona rural do município de Goiás - 1888-1930*. Goiânia, Dissertação de mestrado, ICHL - Departamento de História - Universidade de Goiás, 1984.

ARENDT, Hannah. "O conceito de história - antigo e moderno". In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, Rio de Janeiro: Salamandra, São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1981.

ARENDT, Hannah. *Da Revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Editora Ática, 1988.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza, Coleção *Os pensadores*, volume Aristóteles, Abril Cultural, São Paulo, 1973.

AUERBACH, Erich."A cicatriz de Ulisses". In: *Mimesis*. 2. ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987.

AUERBACH, Erich. "Na mansão de La Mole". In: *Mimesis*. *Op. cit.*

AUDRIN, Frei José M. *Os sertanejos que eu conheci*. Livraria José Olympio Editora.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Hucitec, 1987.

BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris, Seuil, 1973.

BAXTER, Michael. *Garimpeiros de Poxoréo*. Prefeitura de Poxoréo/Brasília: Editora Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

BENJAMIN, *Walter. Obras escolhidas*, Vol. I. *Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. "Sobre Alguns Temas em Baudelaire". In: *Obras escolhidas*, Vol. III. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

BORGES, Jorge Luis. "A Poesia". In: *Sete noites*. São Paulo, Editora Max Limonad Ltda., 1983.

BOSI, *Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, reimpressão 1983.

CALVINO, Ítalo."Jorge Luis Borges". In: *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Cia. das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito. 3. Ed.* São Paulo, Duas Cidades, 1975.

CÂNDIDO, *Antônio. Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

CERTEAU, Michel de*A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger."O passado composto. Relações entre filosofia e história". In: *A história cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.

CHARTIER, Roger . "Textos, impressos, leituras". In: *A história cultural - entre práticas e representações*. *Op. cit.*

CORRÊA FILHO, Virgílio, *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1969.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *À cata de ouro e diamantes*. Emp. Graphica Editora - Paulo Pongetti & Cia, Rio de Janeiro, 1926.

CUNHA, Boaventura Ribeiro da. "Índios Carajá e Javaé". In: *Índios do Brasil - Cabeceiras do Xingu - Rio Araguaia e Oiapóque*, Vol. II. Direção do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1953.

DAVIS, Natalie. "Razões do desgoverno". In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

DELEUZE, Gilles. "Sobre Leibniz". In: *Conversações* - 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. "Dúvidas sobre o imaginário". In: *Conversações* - 1972-1990. *Op. cit.*

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

DELEUZE, Gilles."Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir)". In: *Foucault*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988, pp. 33-53.

DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214.* Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1993.

DUBY G. e LARDREAU G. *Dialogues*. Paris, Flammarion, 1980.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIOT, T. S. "Prelúdios". In: *Poesia*. Tradução de Ivan Junqueira, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1981.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1988

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir.* Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a Genealogia e a História". In *Microfísica do Poder*, organização e tradução de Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 1979

FURET, François. *A oficina da história.* Tradução Felipe Jarro. Lisboa, Gradiva, s.d.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. "Mato Grosso: O estigma da barbárie e a identidade regional" - *Revista da Pós-Graduação em História da Unb,* Vol. 03, nº 02, Brasília, 1995.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde*. Campinas, Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1986.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo, Ed. Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 3º ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 2º Ed., São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1976.

IANNI, Otávio. *A luta pela terra*. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1978.

KRAMER, Lloyd S. "Literatura, crítica e imaginação histórica: O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra". In: *A nova história cultural* (org. Lynn Hunt). São Paulo, Editora Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. "Calendário". In: História e memória. Tradução Bernardo Leitão... (et al) 2. ed. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1992.

LE GOFF, *Jacques. O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Lisboa, Edições 70, 1985.

LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente oeste de colonização*. Cuiabá, UFMT-Imprensa Universitária - PROEDI, 1982.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, SP, Ed. Papirus, 1986.

LENHARO, Alcir. *No fim da estrada: a trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart no tempo dos cantores do rádio.* Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1995.

LLOSA, Vargas. *A orgia perpétua. - Flaubert e 'Madame Bovary'.* Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves editora s.a , 1979.

MACAULAY, Neill. *A Coluna Prestes.* R.J., Difel, 1977.

MACHADO, Roberto. *Deleuze e a filosofia.* Rio de Janeiro, Graal, 1990.

MATOS, Olgária C. F. *Os Arcanos do Inteiramente Outro - A Escola de Frankfurt, a Melancolia e a Revolução.* São Paulo, Ed. Brasiliense, 1989.

MICELI, Paulo. *O ponto onde estamos - viagens e viajantes na história da expansão e da conquista.* São Paulo, Scritta, 1994.

MORAIS, Walfrido. *Jagunços e heróis: a civilização do diamante nas lavras da Bahia.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.

PÓVOAS, Lenine C. *História de Mato Grosso.* Cuiabá, Instituto Histórico de Mato Grosso, 1985.

PRADO, Maria Lígia Coelho e CAPELATO, Maria Helena Rolim. "A borracha na economia brasileira da primeira república". In: *História geral da civilização brasileira, Tomo III - O Brasil Republicano, 1° volume - Estrutura de poder e economia (1889-1930).* São Paulo, Difel, 1975.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann.* São Paulo, Ed. Globo, 1990.

PROUST, Marcel. *Tempo redescoberto.* 10° ed., São Paulo, Ed. Globo, 1990.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 - 1930.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, Luís Felipe Sabóia. *Caçadores de Diamantes.* Rio de Janeiro, EPASA, 1945.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, tomo 1. Campinas, SP, Ed. Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, tomo II. Campinas, SP, Ed. Papirus, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* São Paulo, Abril Cultural, 1983.

SILVA, Hermano Ribeiro da. *Garimpos de Mato-Grosso.* São Paulo, Impressora Commercial, 1936.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *O processo histórico de Mato Grosso.* Cuiabá, UFMT, 1990.

STRAUSS, Lévy. *Tristes Trópicos.* Lisboa, Edições 70; São Paulo, Martins Fontes, 1979.

VARJÃO, Valdon Varjão. *Barra do Garças no Passado.* Brasília, Centro Gráfico do Senado federal, 1980.

VEYNE , Paul M. *Como se escreve a história*. Lisboa, Edições 70.

VEYNE, Paul M. *Foucault Revoluciona a História*, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

VIERTLER, Renate Brigitte. *A Duras Penas: Um histórico das relações entre índios Bororo e "civilizados" no Mato Grosso*. São Paulo, FFLCH/USP, 1990.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*, Rio de Janeiro, ed. 34, 1993.

WHITE, Hayden. *Meta - história: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo, Edusp, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

JORNAIS E REVISTAS

Araguaia, Lageado, 1934.

Garimpeiro, Lageado, 1937 - 1938.

O Jornal, Rio de Janeiro, 1924.

Novo Mundo, Lageado, 1945 - 1948.

Vida Doméstica, Rio de Janeiro, 1937 - 1940.

Revista Mato-grossense, 1983.

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Arquivo Público do Estado de Mato Grosso (AMT) - Caixas 1890 - 1934.

Arquivo Edgar Leuenroth - UNICAMP.

Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional - UFMT.

Biblioteca Geral da Universidade Federal de Mato Grosso.

Biblioteca Particular de João Antônio Neto.

ANEXOS

Sr. Dr.
JOÃO ANTONIO NETO
Rio de Janeiro - Df.

NOVO MUNDO

— ORGÃO DE INTERCÂMBIO CULTURAL EM TODAS AS AMERICAS —

ANO II — Direção e Orientação de - RAIMUNDO MARANHÃO AYRES — Nos. 20 e 21

GUIRATINGA (ex-Lugarejo) - Mato-Grosso - BRASIL - JULHO AGOSTO de 1947

Martins Fontes

Martins Fontes

Transcorreu em Junho passado, o 63º aniversário de nascimento e o 10º de morte, do grande sonhador e poeta excelso que foi Martins Fontes. Apesar dos anos do seu desaparecimento prematuro, pois ainda se encontrava em pleno estado de beleza espiritual, o saudoso bardo santista, ainda continua admirado pela perfeição dos seus versos, pela subileza de suas rimas, pelo esplendor de sua poesia encantadora e inesquecivel.

A poesia de Martins de Fontes, cheia de sensibilidade, ternura e emoção, reflete em laivos envoltos de inspirações magistrais, o seu espirito bom, fraterno humano e, fulgurante: Poeta e Medico. Prosador admiravel e orador eloquente. Artista em toda a extensão do vocábulo. Alma fidalga e generosa.

A sua vida registrou algo de original e de incomum em face das outras, porque palpitava acima de tudo, dentro do seu coração bondoso e amigo, a verdadeira poesia, a poesia da vida, a poesia do mar junto ao qual ele nasceu e morreu.

Fôra positivamente amigo da humanidade. E na sua clinica, só espalhou o bem, só semeou virtudes. Só praticou a fraternidade, porque era do seu feitio, era do seu temperamento, era do seu instinto.....

Como disse Chiquinha Neves Lobo: — "amou o belo em todas as suas expressões; na arte, nos sentimentos, na compaixão e no culto dos mais nobres ideais. "Passou pela vida semeando bondade, irradiando alegria, cultuando amisades. "Estava sempre pronto a acudir aos aflitos ou a confortar moral e materialmente os enfermos, sem distinção de categorias como a verdadeira e pura caridade deve ser praticada".

Originais de
Raimundo MARANHÃO AYRES
Da Academia Matogrossense de Letras

Martins Fontes — foi por todas as virtudes de seu estro e de sua poesia admiravel, um poeta que jamais será olvidado. A sua vida foi de benemerências. A sua arte — de grande esplendor e que comprova uma existência fecunda e grandiosa pelas páginas transbordantes de lirismo e beleza que deixou representa os retalhos de su'alma, através dos seus sentimentos puros e magnânimos.

Foi boêmio com Paula Ney, Bilac, Oscar Lopes, Coelho Neto, Anibal Teófilo e tantos outros de sua época, cultivando com esmero o verso alexandrino, bem acabado, perfeito, maravilhoso!

A sua grande bagagem literaria, deu-lhe um nome imorredouro, embora não tivesse pertencido à Academias. Muitas são as suas obras ainda lidas e louvadas. De "Verão" ao "Sol das Almas", de "As Cidades Eternas" a "Nós, as Abelhas", de "Terras da Fantasia" a "Guanabara", palpita em todas as páginas, o primor do artista, o esplendor do poeta, a beleza comovedora dos seus sentimentos nobres.

Martins Fontes — foi um grande cantor. E a sua lira harmoniosa, harpejou sempre acordes sonoros e melodiosos, como este "Soluço":—

"Se eu tiver de cumprir alguma pena,
Sentir a agrura de um castigo atroz,
Se a flôr o destino me condena
A vida inteira imovel, e sem voz;

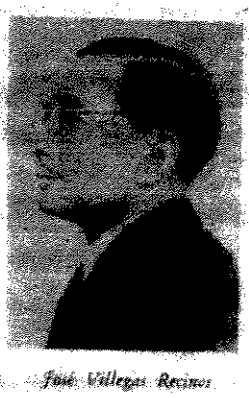
Entre as urzes, os cardos e os abrolhos,
Todas as dôres saberei sofrer,
só peço a Deus que me conserve os olhos
Para que eu possa ver-te, até morrer!!!..."

UM POETA SALVADOREÑO

JOSÉ VILLEGAS RECINOS

Desde que começou circular este periodico, José Villegas Recinos, êsse grande poeta da republica centro-americana, El Salvador, tornou-se um dos seus mais festejados colaboradores. Ligado espiritualmente ao nosso país, através de suas amisades e admiração que devota à nossa pátria, Villegas Recinos, tornou-se tambem estimado e louvado pelo seu talento e pela sua brilhante cultura.

Na cátedra à frente da "Escola Salvador Diaz Roa" em Soussonate, no Salvador, ou na dedilhar a sua lira maviosa, tem prestado o seu nome e a sua obra.



José Villegas Recinos

Na próxima edição divulgaremos belas páginas de sua autoria.

Um novo Redator de "NOVO MUNDO"

POETA JOÃO ANTONIO NETO

Passou a fazer parte do corpo redatorial desta publicação, nosso ilustrado confrade, o intelectual e poeta João Antonio Neto, espirito dos mais brilhantes de sua geração e um dos valores mais expressivos do movimento moderno do Brasil novo. Assinando trabalhos de critica e impressões de leitura de obras que gentilmente nos enviam editoras e autores, João Antonio Neto, inicia nesta edição, o seu trabalho, apreciando o livro de versos de Stella Ream — SINFONIA DE BRUMAS.

Outros trabalhos virão a seguir, em tudo agradavel e imperecivel.

João ANTONIO NETO

"Novo = Mundo"

ORGÃO DE INTERCÂMBIO CULTURAL EM TODAS AS AMÉRICAS

Direção e Orientação de - RAIMUNDO MARANHÃO AYRES

ANO - I — GUIRATINGA - (ex-Lageado) - Mato-Grosso - BRASIL - MARÇO 1946 — Nº - 1

ENTRE BORÓROS E A CIVILIZAÇÃO

O nosso arrojo ao fazer circular, nesta cidade, um jornal tendo como finalidade a aproximação continental e a fraternidade entre os povos das Américas, causou certa surpresa nos principais centros do nosso país e do estrangeiro.

De algum modo foi justa a surpresa causada, tendo-se em vista quão pouco conhecido do Brasil e do mundo é o Léste matogrossense. Afora algumas noticias sobre Boróros e diamantes, pouco se tem dito desta região e dos seus habitantes. Infelizmente é ainda a Lendaria região dos Rio das Garças conhecida como o reino dos caciques, onde imperam a flexa e o tacape.

Boróros dansando o "Bakoukurù"

Vivemos de fato numa zona em que ainda habitam indios Boróros e até bem pouco dominavam o trabuco e o S. W. 38. Mas, que hoje em dia, amplamente modificada pela a infiltração do garimpeiro - o bandeirante moderno, audaz e destemido, - tudo enfrentando em busca de melheres dias, apresenta-se um centro de civilização já bastante desenvolvido - Guiratinga, ex-Lageado - a capital dos garimpos.

E é desta novel cidade que nos lançamos ao empreendimento que a tantos surpreendeu. Nasceu ele do ideal de uma pleiade valuntariosa, de espiritos inteligentes e afoitos, para servir as aspirações comuns, interpretar o sentimento coletivo, ser util ao nosso país e estreitar os laços de amisade que nós unem aos povos vinculados pelos mesmos anseios de união continental. Surgiu trazendo uma finalidade altruistica e a vem cumprindo dentro de suas possibilidades.

Hoje, mesmo entre Boróros respiramos outro ar e divisamos outros horizontes. E, nesta oportunidade enviamos aos povos do Brasil e das três Américas, através deste porta voz, a mensagem de nossa confiança na amizade continental, na esperança de que seja estabelecida, de que seja fortalecida a fraternidade pan-americana e de que sejam vitoriosos os desejos comuns de todos os povos: Liberdade e união para a grandesa Universal!

OS SONHADORES

AFONSO SCHMIDT

(O Estado de São Paulo" de 19-2-946)

Aquele jornalzinho chama-se "Novo Mundo", e o seu titulo, ao contrario do que tem acontecido com outros periodicos, não representa figura de retorica, mas o nome que rigorosamente lhe convem. É um quinzenário de oito paginas, medindo palmo e meio de alto por um palmo de largo, mas as modestas dimensões são sobejamente compensadas pela obra que realiza. Basta lembrar que o seu intuito è o intercâmbio cultural nas três Américas.

Leitores meus que se picam de atiladós estarão agora pensando que esse vasto programa foi talvez adotado com a prévia certeza de que não seria jamais cumprido... Quem assim cuidou só tem uma coisa a fazer: pedir desculpas.

Se não, vejam. Em suas paginas encontra-se o resumo das atividades literárias e artisticas do país inteiro incluindo,de preferência, as regiões mais afastadas que, contando escritores de mérito, como Mato Grosso e Goiás, não são lembradas na nossa vida literária com a frequência a que têm direito.

Ao mesmo tempo, lá vem o retrato de Hecilda Clark, do Rio, e Eunice Tavares, diretora do periodico "Mensaje", em Salto, no Uruguai duas figuras femeninas que lutam bravamente para que os latino-americanos se conheçam através de suas obras de arte e se estimem, porque são irmãos, porque devem sentir-se solidarios nos seus elevados destinos.

O jornalzinho de Raimundo Maranhão Aires (é esse o nome do seu diretor) está repleto de prosa e verso tanto de escritores brasileiros como tambem de seus colegas de toda a America Latina, com os respectivos endereços, para o caso dos leitores daqui e de alhures desejarem corresponder-se entre si. Nesse elenco internacional encontram-se representados homens de letras argentinos, uruguaios, chilenos, bolivianos, paraguaios, hondurenses equatorianos e "tuttiquanti".

Supõe-se que um periódico disposto a realizar obra tão viva e oportuna tenha a redação no Rio de Janeiro, Recife, Salvador, São Paulo ou Porto Alegre, quando menos pela facilidade de comunicações com o mundo.

Esse, não. Uma das maiores curiosidades que surprecendem aos leitores è o seu endereço: Povoação de Guiratinga perto da vila de Lageado, Mato Grosso. A correspondência deve ser encaminhada via Uberlandia, Estado de Minas.

Foi lá, tão longe, que o poeta pendurou a lampada do seu sonho, para ser vista e compreendida em todos os ângulos da América. — Af.

Associação de Intercâmbio Cultural

RAIMUNDO MARANHÃO AYRES

Festejou em 15 de novembro passado, o seu primeiro ano de existência, a "Associação de Intercâmbio Cultural", desta cidade, fundada e dirigida pelo nosso diretor Raimundo Maranhão Ayres.

Trazendo um largo programa á executar, baseado no intercâmbio espiritual, fraternidade e difusão da cultura, a A. I. C. tornou-se uma instituição de renome e projeção, conhecida e admirada no Brasil, nas Américas e Europa.

Já conta com várias centenas de associados, espalhados pelo Velho e Novo Mundo, cuidando, de propagar os valores, promover a aproximação entre os que escrevem e distribuir livros nacionais no exterior e os estranjeiros em nosso país, estabelecendo assim uma ligação direta entre poetas e escritores de qualquer nacionalidade.

Mantem em circulação contínua sob as maiores dificuldades, o seu orgão NOVO MUNDO, amplamente distribuido e lido, com interesse por todos os povos americanos e europeus.

O seu primeiro aniversário, constitue uma grande alegria para todos os que se dedicam ás letras e trabalham pela maior expansão de nossa literatura em terras estranhas.

No transcurso dessa efeméride, foi renovada a sua Diretoria, tendo ficado, assim constituida: - Presidente Raimundo Maranhão Ayres; Vice-Presidente - Dr. Humberto Marcilio Reynaldo; 1º Secr Sallustio O. de Araujo; 2ª Secretaria - Snra. Inêz Balassa Silveira; 1º Tesoureiro - Pedro Ferreira Filho; - 2º Tesoureiro - Genesio Araujo; 1ª Bibliotecária - Ivone Ayres Maranhão; 2ª Bibliotecária - Alenir Amorim.

Após o ato da nova eleição, ficou marcado o dia 25 de Dezembro, dia de Natal, para a posse da Diretoria recem-eleita, com um solene programa comemorativo do primeiro ano de sua fecunda e benéfica existência em prol da cultura, da paz e confraternidade.

Noticias Diversas

José Esteve Edo - escultor espanhol, radicado em Valencia laureado com o prêmio P A X - Primeiro Prêmio Nacional - num grande concurso de trabalhos esculturais, celebrado em Madrid, deseja fazer oportunamente, uma exposição de seus trabalhos em bronze e madeira, em nosso país, possivelmente no Rio de Janeiro ou São Paulo.

— — —

Tem constituido grande êxito literário, o livro de poesias - LAMPADA SUSPENSA - de autoria do grande bardo pernambucano Lycio Neves.

— — —

Aparecerá nos primeiros mesês de 1948, o novo livro de Raymundo Maranhão Ayres - "JOHN DOS PASSOS E A TRILOGIA U. S. A." - que já foi traduzido para o espanhol pelo prof. Braulio Sánchez Sáez.

— — —

Está fazendo grande sucesso, o novo livro de Olyntho Sanmartin - MENSAGEM - Temas literários, no qual focaliza de preferência a literatura do Rio Grande do Sul, seu Estado natal e da qual é grande conhecedor. Essa obra de grande expressão literária, reafirma o valor de seu festejado autor, porporcionando maior projeção aos literátos gaúchos, tão bem estudados e analizados nesse volume. Outros assuntos são tratados com carinho e amplitude de conhecimentos, nessa elegante brochura.

ABRAÇO DE PORTUGAL

1º Congresso Luso Brasileiro de Folclore

JOÃO AFONSO CORTE REAL

LISBOA - Portugal

Encontram-se em Portugal os senhores professores Drs Luiz da Câmara Cascudo e Luiz Heitor de Azevedo respectivamente presidente da Sociedade Brasileira de Folclore e professor de estudos folclóricos do Conservatório do Rio de Janeiro. Da comissão executiva do mesmo Congresso que em 1948, se realizará na cidade de Lisbôa, fazem parte os Snrs. Drs. Luiz Chaves, Gastão de Bettencourt, Luiz Silveira, Jaime Lopes Dias e João Afonso Côrte-Real, este último representando a Sociedade de Geográficos de Lisboa e os outros de cima para baixo estão como delegados do Instituto Português de Arqueologia, Historia e Etnografia, Secretariado Nacional de Informação, Junta das Missões, Câmara Municipal de Lisboa.

Aguarda-se a chegada, por estes dias do Dr. Renato de Almeida do Itamaratí, que também, pertence á referida Comissão.

Os folcloristas têm sido alvo de justificadas homenagens pelo seu valor e, ainda, simpatia que á sua volta conseguem prodigalizar.

Os estudos do folclore estão em franco desenvolvimento em Portugal.

CORREIO POPULAR

Comemorou em 4 de Setembro último, o seu vigésimo ano de lutas, o conhecido diário "CORREIO POPULAR" — de Campinas — São Paulo, fundado pelo saudoso Alvaro Ribeiro e hoje dirigido por Luso Ventura e José de Oliveira Santos. No seu corpo redatorial formam valores como Julio Mariano e A. J. Hermenegildo Filho que muito têm cooperado para a maior projeção desse importante jornal.

O número correspondente ao seu 20º aniversário, com 80 páginas, amplamente ilustradas, trazendo magnifica colaboração e vasto noticiário histórico da cidade e informativo, revelam a capacidade dos seus operosos dirigentes e dos seus inúmeros colaboradores. Agradecemos a gentileza do envio, desse precioso exemplar e formulamos votos de vida longa e proveitosa ao ilustre colega campineiro, um dos jornais de maior circulação no interior paulista.

EMILE SCHAUB KOCH

Ao estamparmos hoje, o clichê do emérito Prof. Emile Schaub Koch, prestamos simultaneamente u'a homenagem ao seu culto país- a Suissa e tambem á cultura europeia, onde goza de grande projeção, através de sua erudição, do seu talento polimôrfo.

Autor de mais de 250 obras de história sobre a arte, críticas de arte, estética, filosofia, crítica literária, ciências e sexuologia, etc. Afora essa obra fecunda e intensa, o seu labor jornalístico é dos maiores, divulgando através de grandes publicações, milhares de artigos anualmente. Seus trabalhos têm sido consagrados, pelos expoentes da crítica e sabios de quasi todos os países do mundo. Pertence á centenas de instituições culturais, artísticas e cientificas, de todos os Continentes. Ja recebeu dezenas de condecorações, pelos seus trabalhos valiosos e admiráveis.

Emile Shaub Koch - é um nome universal e como nós, cuida da fraternidade humana, estando sempre em contacto com a nossa obra. Um valor imperecivel e extraordinário!

Nicette Bruno

— Rio de Janeiro —

Associação de Intercambio Cultural

—— ELEITA A SUA NOVA DIRETORIA ——

A "Associação de Intercâmbio Cultural", comunica á todos os seus associados, que a sua nova Diretoria, após a eleição verificada em 15 de Novembro passado, ficou assim constituida para o período de 1947 até Dezembro de 1.948.

Presidente — Raimundo Maranhão Ayres
Vice-Pres. — Dr. Humberto Marcilio Reynaldo
1o. Secretário — Ad. Salustio Otavio Araújo
2o. Secretário — Dra. Inéz Balassa Silveira
1o. Tesoureiro — Pedro Ferreira Filho
2o. Tesoureiro — Genésio Araujo
1o. Bibliotecário — Srta. Ivone Ayres Maranhão
2o. Bibliotecário — Srta. Alenir Amorim.

Homenagem de "Novo Mundo" - aos seus colaboradores

Dr. Claudio de Souza
Rio de Janeiro

Nélida Cherara
ARGENTINA

Mauricio G. Obelar
URUGUAY

Alejandro Magrassi
ARGENTINO

Curso Popular "CHIQUINHA GONZAGA"

Consoante noticia recebida da poetisa e escritora Hecilda Clark, do Rio de Janeiro, foi fundado na capital federal, o "CURSO POPULAR CHIQUINHA GONZAGA", funcionando á rua Riachuelo 407, apto. 24. Iniciando as suas atividades, foram inaugurados os cursos de música e letras, com a realização em 29 de Novembro passado de sua anunciada FESTA DOS ARTISTAS, em homenagem á festejada "diseuse", poetisa e pianista Nicette Bruno e aos artistas que colaboraram eficientemente desde os primórdios da obra, que está sendo prestigiada por elementos de destaque nas artes e letras.

Essa bela festa, teve lugar no salão nobre da "Associação Cristã de Moços", com participação de dezenas de artistas de renome e projeção em nosso país, incluindo-se artistas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Seguiu-se um belo programa litero-artistico, que a todos empolgou.

Usaram da palavra nesta inesquecivel festa, o General Damasceno Vieira, a poetisa Nicette Bruno e a escritora Hecilda Clark, que depois de agradecer a presença de altas autoridades, ressaltou a necessidade de se levar a efeito, periodicamente, festas como esta, em benefício da obra, tendo recebido logo o apoio da classe intelectual e artística, livros e telas de autores de renome.

A instalação do "CURSO POPULAR CHIQUINHA GONZAGA", constitue um dos mais expressivos e lembrados acontecimentos artísticos deste fim de ano.

Será Febre Amarella a doença de Capim Branco ?

Snr. Redactor, a curiosidade de um medico da roça leva-o a pedir acolhida nas columnas do seu conceituado jornal para as pequenas considerações seguintes:

Será febre amarella a doença de Capim Branco? Admittemos que sim. Acceitemos o diagnostico anatomico pathologico do figado enviado apresentando, como diz o telegrama, caracteristicos de febre amarella, si bem que as lesões anatomo pathologicas do figado no mal amarillico não sejam pathognomonicas, descoramento e friabilidade do orgão, degeneração gorda e focos de necrose, são lesões communs a muitas intoxicações. As formulações oxychromaticas de Margarino Torres tambem não são pathognomonicas e não sei se foram pesquisadas.

A Saude Publica de M. Grosso não remetteu o rim do doente para a verificação da nephrose muito similhante a provocada pela intoxicação mercurial, entradiça nos rins amarillicos (Lins). Não sei se foram encontrados em Capim Branca (atentemos que Capim Branco é logar alto) mosquitos transmissores da doença, como o Aedes Aegypti, serratus, toeniorrhinchus e outros; si esses mosquitos foram capturados; se fizeram experimentações «in anima vile», como Macacus rhesus, no macacus especiosus e outros. Não conheço nenhum caso de Capim branco e como a clinica pouco pode elucidar no caso presente sem o auxilio de laboratorios anatomo-pathologicos e experimentaes. Emfim, como a Saude Publica e a Missão Rochefoucauld nos explicarão o apparecimento do typho amarello em Capim Branco? Sabido como é que a incubação da doença leva no maximo oito dias; que a doença só é transmissivel pelo mosquito na sua phase endemica, isto é, nos primeiros dias depois do periodo inarbatorio; depois que o doente curado não transmitte o mal; que no Matto Grosso não havia febre amarella; que nenhum individuo picado por um mosquito infestado, ou mesmo percevejo (Lemos Monteiro); sahido de um foco onde o mal exista endemicamente poderia chegar a Capim Branco em oito dias ou menos. Todos esses factos foram provados pelas Comissões Americana, Brasileira, (Ribas, Lutz, Barreto e Rodrigues) e Franceza, e bem assim por todos aquelles que se têm preoccupado com o estudo do typho americano, estes formam uma pleiade de extrangeiros e brasileiros desde Osvaldo Cruz e Clementino Fraga, alem dos novos. Entre estes citaremos Aragão, Moses, Costa Lima, Marques da Cunha, G. Travassos, Sluval Lins, Costa Cruz, Julio Muniz, Area Leão e muitos outros.

Como nos será explicado esse surto amarillico de Capim Branco? Terá havido pequenos surtos epidemicos no trajeto do foco inicial até C. Branco?

Será possivel que isso tivesse passado despercebido? pois não seriam poucos, a distancia é muito grande. Ou terá chegado a doença em Capim Branco atravez de infecções na infancia onde o mal é muitas vezes benigno?

Ter-se-ha procurado fazer o diagnostico differencial entre o mal de Capim Branco e as outras doenças que se assemelham a febre amarella? como a doença de Wiel, por exemplo. A minha pergunta não é feita por simples indescripção, nem tão pouco por méra curiosidade, por isso penso que merece resposta para que não pese, para futuro, sobre Matto Grosso a pecha de um foco amarillico sem prova, o que trará sob o ponto de vista economico serios prejuizos para o Estado e sua administração.

Pela publicação fica muito agradecido o seu constante leitor

Dr. Oscar Lecerda

Leçoedo. 26-6-34.

SABONETE

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO

RECUSE IMITAÇÕES

Crianças com Perebas

Crianças fracas ou cujos Pais ou Avós tiveram Sifilis?

LACTARGYL

Especifico infantil Vitaminoso e sem alcool

Resultados seguros

LAB. RAUL LEITE

RIO

O ARAGUAIA

Orgão Litterario e Noticioso

Diretor: S. BEZERRA — Gerente: J. R. ALMEIDA — Redator: M. CRUZ

NUM. 111 | Estado de Matto Grosso — CACERES, 6 de Julho de 1934 | ANO 3

São Pedro

São Pedro teve no céu um dia de grande jubilo abençoando os filhos lageadenses que promoveram scintillantes festividades em sua honra. Lindo estava o firmamento.

A maravilhosa Diana, desta feita esparzia luzes alabastrinas sobre os maravilhosos horizontes lageadenses; a crepitante fogueira transformava o ambiente atmospherico; o espancar das girandolas e buscapés, se confundiam com os sons altisonantes do jazz mavioso e febricitante e a cantarola viva de pares que revoluteavam no salão da residencia do cel. Pedro Ferreira em animadas danças em louvor á noite consagrada ao Portaleiro Eterno do reino do céu. As festividades se prolongaram até alta madrugada com raro brilhantismo.

Mercado Publico

Sem procurarmos encarecer a grandeza da iniciativa que a população na sua marcha pelo progresso reclama como um imperativo de suas necessidades, temos a satisfação de fazer sciente aos nossos leitores que pelo Prefeito Municipal foram iniciados, nesta semana os serviços do Mercado Publico.

A construcção está localizada no Largo denominado Largo do Mercado, no bairro Goyaz, em terreno já reservado pela administração do dr. Juliano José da Silva, para esse fim.

E uma obra de arte, que virá falar, por certo, altisonamente, da capacidade de trabalho do novo administrador municipal.

Será tambem uma opportunidade para que a Prefeitura imponha um novo traçado, de modo á que a Rua 9 seja prolongada até se bifurcar na Avenida 3, que sendo levado a effeito dará um aspecto novo ao centro da cidade, embellezando tambem a frente do Mercado, o Largo da Matriz e a Avenida n. 1.

Massas alimenticias

Sómente da

Panificação Progresso

de

Odilon Fontes

Os melhores e mais saborosos productos desta cidade

O ARAGUAIA

Orgão Literario e Noticioso

Director: S. BEZERRA — Gerente: J. B. ALMEIDA — Redactor M. CRUZ

NUM. 105 | Estado de Matto Grosso — LAGEADO, 18 de Fevereiro de 1934 | ANNO 3

SOCIAES

Senhorita Durica de Albuquerque

Realisa-se a 24 do andante o enlace matrimonial do jovem João França, sobrinho do cidadão Jovino Lopes, com a senhorinha Durica de Albuquerque, sobrinha de d. Emeteria Fraga, elementos de real destaque da nossa melhor sociedade.

Cel. Marcondes de Godoy

Em 9 do corrente transcorreu a data natalicia do exmo. snr. Cel. Marcondes Godoy, ex-deputado pelo sudoeste goiano, onde teve de incontestavel prestigio politico.

Atualmente coordenado na cidade de Jataí, onde exerceu o cargo de Prefeito Municipal, s. exa. Cel. Marcondes de Godoy dá testemunho eneguivoco de elevado espirito de patriotismo revelando-se um administrador modelar, a quem muito cede a rainha do sudoeste goiano.

Atualmente residindo nesta cidade s. exa. Cel. Marcondes de Godoy viu cercado da mais justificada estima e consideração, que faz jus as bôas qualidades do iminente politico.

O «O Araguaia» felicita-o pela passagem do seu aniversario.

CARNAVAL.

(Carnaval, ai de ti, Lageado, esta noite ainda te hão-de chamar Troya!)

desfile de mascaras e fantasias avulsas. A' noite, apesar do mau tempo reinante, percorreu a cidade em furioso Zé Pereira, convocando á folia de Terça-feira os briosos adoradores de Momo.

Terça-feira, ultima dia de Carnaval, desde cedo foi movimentado. Houve corso de automoveis, desfile de blocos e cordões, criticos, etc. até o anoitecer. A seguir houve o ultimo baile á fantazia, ainda na residencia do sr. Felipe Mamed, excedendo esta ultima parte dos folguedos de Momo a todas as demais. Neste baile que terminou já madrugada obtiveram destaque as «Damas das Rosas», o que allamamos sem esquecer que «Malundrinhas Sertanejas», «Vem Comigo» e «Amor e Amisade» mantiveram-se na altura dos proprios merecimentos pela graça e originalidade com que se a presentaram, desde o primeiro dia.

Soubemos que os foliões estão treinando para uma formidavel «Mi carêmes».

A nota digna de encomios, das festas de Momo, cabe indiscutivelmente ao povo de Lageado, pois, reafirmando sua nobreza, sua altura e seu amor a ordem, nenhum só fato registrou-se nestes dias de festas que lhe desabonasse os fóros de povo bom.

Não podiamos encerrar esta noticia sem os nossos aplausos ao bloco «Panificação Recreio» formado de pequitas e inteligentes meninos, que muito nos divertiram com a visita á nossa redação.

A' policia cabe tambem nossos elogios pela forma ajuizada e ducada com que desobrigou-se de sua ardua missão, nos tres dias da loucura carnavalesca.

Madame Eugeny Izaac

Senhora habilitada, com brilhante curso de Philijan, realizado no extremo Oriente, antevê o passado e prevê o futuro

Aquele que por ventura tiver o desejo de consultar a vidente, que se apresenta no Salão Brasil - Comercial - Senhoras - Senhoritas - Infantil o Salão Brasil

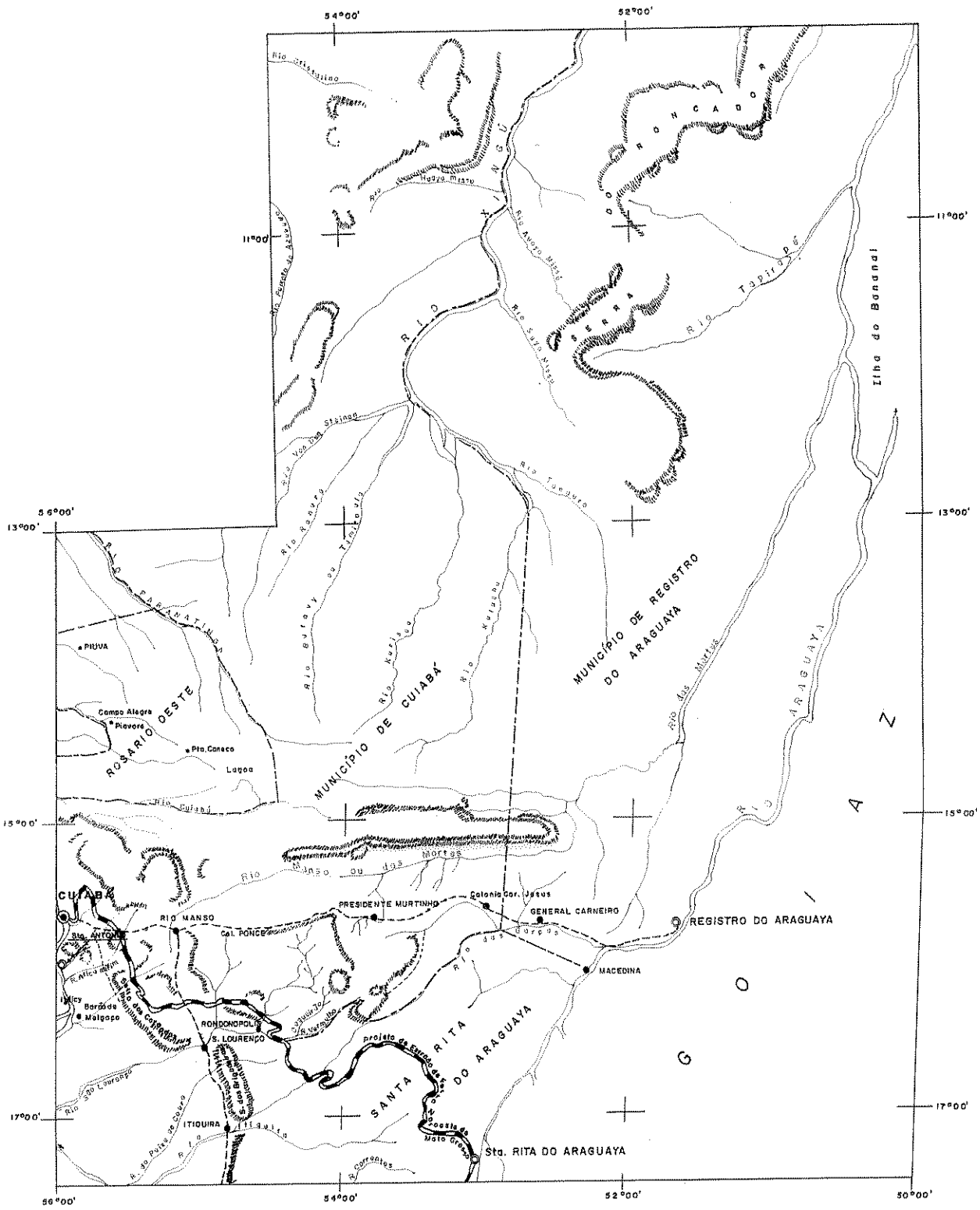
IMPOSTOS MUNICIPAES

O Conselho Consultivo deste municipio aprovou, com ligeiras restrições, a proposta de orçamento apresentado pelo Prefeito Municipal de Lageado, para o exercicio corrente, de modo que o dito orçamento está em plena execução, tendo-se moldado no mesmo, o lançamento dos impostos municipaes para 1934, já publicado em editaes afixados nos logares publicos.

Sabemos que a Prefeitura tem deante de si, no ano que corre, vultosos problemas a resolver, dispendiosos alguns e inadiaveis todos. Sabemos tambem que a mesma Prefeitura tem um alto montante de debitos a solver em parte vindos de anteriores administrações. Isto tudo é de molde a autorisar e até a impor uma certa majoração de taxas municipaes, pelo criterio de conseguir fundos para ocorrer ás necessidades do erario publico, sem constituir gravame despropositado aos contribuintes, nesta epoca de crise em que nos encontramos.

Em que pése a sabia orientação da Administração Municipal e o não menos avisado porteamento do Conselho Consultivo, deante dos editaes de lançamento dos impostos da Prefeitura, somos obrigados a manifestar nossa surpreza, pois se nos figura demasiado alta a majoração das taxas, de molde a causar fundo embaraço ás atividades dos municipes, já onerados com a vida carissima desta região, a diminuição dos lucros de todos negocios e industrias menos, sem esquecer-se o contrapezo dos fiscos estadoal e federal. Vimos talões de exercicios passados que confrontados com o texto do atual lançamento, mostram que os seus portadores foram sobrecarregados neste exercicio, em porcentagens que se elevam de 20 a 100%, a mais que em anteriores periodos.

Ora, o povo desta bôa terra, que muito tem se sacrificado pela obtenção para ela de melhor logar entre as localidades de Matto Grosso, isto pelo proprio esforço, certamente não furtase a mais esta prova que a Prefeitura está a exirgir-lhe, feliz em poder demonstrar que um esforço a mais pelo bem de Lageado, não lhe esmorecerá o animo. Mas, força é confessar que não deve e nem pode ser assim. A Prefeitura precisa de numerario para ocorrer ás exigencias do exercicio em curso, mas deve obte-lo com alguma suavidade, de modo que o Povo concorra sem constrangimento, cada contribuinte na medida de suas possibilidades.


54°00'
52°00'
11°00'
13°00'
15°00'
17°00'
56°00'
50°00'
Rio Paraguai
Rio Vermelho
Rio Araguaia
Rio Garças
Rio Taquari
Rio Sangue
Rio Cuiabá
Rio Manso ou dos Morros
Rio Itiquira
Rio Correntes
Rio Arinos
Rio Sepotuba
Rio Jauru
Rio Paraguai-Mirim
Rio Piquiri
Rio Arica
Rio Sucuri
Rio Tapirapé
Rio Araguaia
Rio das Mortes
Rio Kuiabo
Rio Burity ou Tamboril
Rio Arinos ou Tapirapé
Rio Sepotuba ou Jauru
Rio Paraguai-Mirim ou Vermelho
Rio Piquiri ou Itiquira
Rio Correntes ou Piquiri
Rio Vermelho ou Garças
Rio Sangue ou Taquari
Rio Cuiabá ou Paraguai
Rio Manso ou dos Morros
Rio Araguaia ou das Mortes
Rio Araguaia
Rio Garças
Rio Taquari
Rio Sangue
Rio Cuiabá